

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ALUÍZIO ROSA PRATA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – História da pesquisa em Doença de Chagas

Entrevistado – Aluizio Rosa Prata (AP)

Entrevistadoras - Nara Azevedo (NA) e Simone Kropf (SK)

Data – 04/12/2000 e 05/12/2000

Duração – 9h06min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PRATA, Aluizio Rosa. *Aluizio Rosa Prata. Entrevista de história oral concedida ao projeto História da pesquisa em Doença de Chagas*, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 253p.

Data: 04/07/2000

Fita 1 - Lado A

AP - ...não sei se interessa. Interessa essas coisas que eu sei.

NA - Não, não interessa sim. Antes da gente chegar em Chagas tem muita coisa pra andar ainda. É... Eu queria declarar nessa entrevista a nossa satisfação de estar aqui, entrevistando o Dr. Aluízio Prata, que é uma pessoa que há muitos anos eu tenho vontade de entrevistar, que me foi assim aparecendo pela... pela voz e pela memória dos seus companheiros, né, dos seus colegas de trabalho. E... eu sempre fiquei muito curiosa de entrevistar o sr. Então eu quero declarar que eu tenho a maior satisfação de estar fazendo essa entrevista. Hoje é dia 4 de julho de 2000, nós estamos em Uberaba NA Faculdade de Medicina, não é isso? E a gente vai começar essa entrevista perguntando o seguinte, Dr. Aluízio, eu queria que o sr. contasse onde o sr. nasceu, um pouco da sua infância. Onde o sr. nasceu, em que ano o sr. nasceu, falasse alguma coisa sobre o seu pai, o que ele fazia, sua mãe... Né? Um pouco essa memória mais remota da sua vida.

AP - Um pouco a contragosto. Porque acho que eu acho que eu não tenho importância nessa história. Tem importância as coisas que eu me lembro, isso aí eu sei que algumas têm importância. Mas realmente, se é seu desejo não me custa falar. Eu nasci aqui, nessa cidade.

NA - Ah, é?!

AP - É.

NA - Quer dizer então que voltou...

AP - Eu voltei. Eu sou muito feliz na minha vida. Inclusive fui fazendo as coisas todas que eu tinha vontade. Então, eu comecei aqui e voltei aqui. Então é uma coisa que eu acho muito bom estar aqui outra vez, onde eu sempre andei, onde eu andava...

NA - Onde cresceu...

AP - Quando eu saí daqui essa cidade tinha 30 mil habitantes. Fui para o Rio de Janeiro estudar, em 1937. 1º de fevereiro de 1937, que eu saí daqui. Eu... eu... morava, sempre morei aqui. Meus pais estão... estavam aqui há muitos anos. Minha família veio para cá no século passado. Eu tenho um documento de 1850 em que eles delimitam as terras que tinham aqui e dividem. Eu tenho esse documento original...

NA - E essa região era de quê? Economia de quê?

AP - Essa região daqui ela não... ela se chamava Sertão da Farinha Podre. Não tinha quase nada aqui. Se leu o Saint-Hillaire, Auguste de Saint-Hillaire – “Viagem às nascentes do São Francisco” e “Província de Goiás” – ele conta a passagem dele aqui em 1816. Em que ele diz que tinha umas oito ou dez casas, aqui. Então eram umas palhoças que tinha aqui, né? Então isso começou em 1800 e tanto. Havia aqui antes uma outra cidade, um outro julgado, um lugarzinho chamado ‘Desemboque’. Era

Desemboque e Araxá. NA Dona Beja conta sempre a história de Araxá, né? Mas Desemboque é mais antigo ainda. Que é um lugar que fica aqui perto da Serra da Canastra, onde nasce o São Francisco. Ali desemboca, desembocava no Triângulo Mineiro, que era o Sertão da Farinha Podre. Ali é que moravam os índios, os caiapós. Eles cobravam pedágio aqui quando passavam. Por isso que o Anhanguera ficou com o nome NA história, o Amadeu Bueno, porque abriu essa picada e acabou com essa história de pagar pedágio, que pra vir de São Paulo até Goiás essa estrada de Anhanguera tinha que ter. Pois bem, então meus pais vieram pra cá procedentes de... da região de Tamanduá, dali de Oliveira... era onde o Chagas morava! É, daquela região dali também...

SK - Ah! Dessa região é?!

AP - Aquilo do mesmo jeito, quando eu li o Carlos Chagas, meu pai, eu lembrei muito das coisas que era, daquele... que ele conta da infância dele, era mais ou menos isso...

SK - Aquela região de Oliveira, né?

AP - Daquela região de Oliveira. Vieram dali da estrada de Tamanduá. Vieram pra cá por causa do gado, porque as terras eram férteis e então vieram abrir fazendas... naquela época não valia nada a terra. Você trocava um boi por duas, três, quatro fazendas. Não tinha valor. Então eles vieram pra cá, por parte de meu pai. Esses são pessoas de origem é...

NA - O seu pai, o nome dele, qual era?

AP - ...João Prata Júnior. Conhecido como João Prata. Morreu há poucos anos atrás, 97 anos e tanto. Então, ele veio pra cá, eles vieram pra cá e sempre moraram aqui nessa região como eu disse. Eram pessoas de classe média é... talvez classe média... posso até chamar mais baixa um pouco. Porque levavam uma vida simples embora o meu avô tinha sido o primeiro a trazer carga pra essa região, mas eram pessoas de pouca instrução. Meu pai estudou no primário e meu avô também. Por parte da minha mãe aí as coisas eram diferentes um pouco. Porque o meu... o meu avô, Antônio Tobias Rosa, esse tinha um jornal: “*A Gazeta de Uberaba*”, que existe até hoje. E conta então a passagem do Conde D’Eu por aqui pra retirar da Laguna, que conta episódio daqui da escravidão... ele conta nesses jornais que existe, era o primeiro jornal periódico que tinha aqui nessa região. Esse era meu avô. Minha avó, devido a isso, meu avô era um homem de letras embora tenha feito só o ginásio. Estudou com um jesuíta lá em Campo Belo, um colégio muito bom que existia lá... E veja como era antigamente, você via os artigos que ele escrevia NA Gazeta, os editoriais. Pois bem, a minha avó então conviveu com ele, com pessoas que passavam por aqui, que sempre iam se hospedar NA casa dele... As letras vieram por aí, porque ele educou bem as filhas todas, sabiam tocar piano, eram moças que conheciam bem, inclusive minha mãe. Minha avó então estimulava as meninas, ela me falava assim: (*inaudível*)

SK - Qual era o nome da sua avó?

AP - Zulmira Ribeiro Rosa. Pegava na mão...

SK - Ribeiro Rosa.

AP - Ribeiro Rosa. O meu avô... o pai dela se chamava Ribeiro e Rosa era o meu avô. Tobias Antônio Rosa. Ela ficou com o nome de Rosa. E naquela história de sempre...

SK - E a sua mãe, o sr. não falou dela, né?

AP - Délia. Délia “Nikinha”.

SK - Dona Délia.

AP - É. Uma mulher enérgica, muito importante na minha vida.

NA - O sr. tem muitos irmãos? Não.

AP - Eu tenho cinco irmãos, seis comigo. Estão todos vivos. Perdi uma menina, pequena, ela estava...

NA - E essa família estava radicada aqui?

AP - Essa família tá aqui, toda! Tá aqui toda. Meu irmão foi prefeito aqui. Ele está vivo, está aí. Foi deputado. Foi... secretário de Agricultura do Tancredo Neves, quando era governador de Minas. Mais atrás um pouco eu tive um... eu disse que minha família... minha família até diziam que tinha um grupo que era mais, menos preparado. Mas tinha um grupo que se dava mais às letras um pouco, por parte do meu pai. Esse, um deles – que você vai conhecer – que foi prefeito do Rio de Janeiro, Alaôr Prata.

NA - Ah, é?!

AP - É.

NA - Ah, é seu tio?

AP - Não é tio, ele é parente próximo.

SK - Parente próximo.

AP - É, Alaôr Prata. Ele saiu daqui e foi pro Rio de Janeiro na época do Arthur Bernardes. A família era muito a favor do Arthur Bernardes, gostava muito do PRM, em Minas. Então foi... fui criado aqui...

NA - Seu pai era do PRM. Mas ele era filiado?

AP - Meu pai... ele era filado, ele gostava do PRM. Era, sempre, a vida dele toda... gostava muito do Arthur Bernardes. Quando eu era estudante no Rio de Janeiro, ele foi lá um dia, ele falou: “Vamos visitar o Bernardes.” E eu fui visitar o Arthur Bernardes com ele lá na Tijuca, não me esqueço disso, uma casinha simples, um homem simples... recebeu meu pai de roupão, sentou na sala... eram 8, marcou às 8 horas da manhã, fomos cedo lá, ele sentado na cadeira, conversou... Um homem, gostava de austeridade, o Arthur Bernardes, famoso por isso, né? E eu me lembro, e me chamou a atenção a casinha simples em que ele morava lá na Tijuca, um homem que não tinha posses, não tinha nada.

NA - Já era presidente?

AP - Foi presidente da República.

NA - Não, ele já tinha sido nessa época...?

AP - Já tinha sido presidente!

NA - Já tinha sido. Na época que o sr. teve lá.

AP - Já teve! Isso eu falei muitos anos depois. Ele foi presidente na década de 20...

NA - Ele? 22!

AP - É, 22 a 26. E eu visitei ele em 37. Ele era senador, parece. senador, deputado... Morava no Rio de Janeiro.

NA - Mas na sua família tem algum outro político? Não.

AP - Na minha família...

NA - O seu pai era político...!

AP - Meu pai era político, mas assim, nunca foi...

NA - Ele era um...

AP - Não, ele era... ele era... o meu avô gostava de política...

NA - Paterno.

AP - Paterno. Gostava de política. O meu pai também. Essa política regional, nunca saíram daqui, né?! Política regional.

NA - Ele nunca teve nenhum cargo assim...?

AP - Não! Nunca teve cargo e era um homem de pouca... instrução, meu pai. Nunca estudou no ginásio aqui, só no primário.

NA - Bom, mas muitos políticos não tinham instrução... (*falando baixo*)

AP - É. Meu avô também estudou aqui só. Mas esse já tinha sido... teve mais influência aqui na cidade. Bom, ...

NA - E o sr. estudou aqui no Ginásio Diocesano...

AP - Eu estudei aqui no Ginásio Diocesano. Os Maristas, Ginásio Diocesano que está aqui até hoje. Professores franceses, os padres eram franceses, eu me lembro deles todos. Tinha... alguns brasileiros, mas foram franceses, dedicação exclusiva. Ficava o dia inteiro no... no colégio. Me lembro deles de batina, batina preta, uma cruz grande aqui. Essa ordem criada pelo Marcelino Champant, agora foi...

NA - O Brasil inteiro foi...

AP - E que agora foi canonizado...

NA - Canonizado, é!

AP - ...pelo Papa. Marcelino Champagnat. E... e professores muito bons. Eram homens muito...

NA - O sr. aprendeu francês com eles?

AP - Aprendi francês com eles! Depois é que eu fui descobrir que eu sabia francês porque eu... perdi o treino, depois é que quando eu fui pro Rio estudar, eu vi que eu lia francês e depois vi que entendia também. Mas...

NA - Porque ele falava francês?

AP - Não, eles falavam português, mas tinha muita aula de francês, muita história da França... E sempre ouvia muita coisa sobre a França.

NA - Cultura francesa vinha...

AP - Cultura francesa vinha dali, tudo... lia trecho, '*Vive la France!*'... tinha uma porção de coisas. Fábulas de La Fontaine... isso tudo, eles é... passavam pra nós...

NA - E o sr. ficou estudando com eles até o quê?

AP - Eu estudei aqui. Fiz até 1930 e... 6. Terminei o ano em 36.

NA - O ginásio.

AP - O ginásio. Que eram 5 anos de ginásio. E esses... esses irmãos eram educadores muito bons, porque eles dedicavam o tempo todo, dedicação exclusiva. Eles não faziam outras coisas. E... pessoas muito boas, eu me lembro deles. Me lembro de um deles, o irmão D'Lambert, esse... foi a primeira vez que eu vi um homem influir muito, falou muito no país, que o indivíduo devia ser útil à comunidade... A primeira vez que um homem, que eu via uma pessoa falar, e eu nunca me esqueci mais desse homem falando sobre o Brasil, falando que tinha riquezas, que precisava...

NA - Ele era francês?

AP - Ele era francês.

SK - Radicado aqui.

AP - Radicado aqui. Irmão D'Lambert. Eu me lembro dele falando isso comigo e eu nunca esqueci essas coisas. Me lembro dele dizendo que devia ser útil ao país, que o país era rico, que era só explorar direito...

(tosse). Me lembro desse homem. É importante às vezes uma pessoa assim, né? Bom, aí em 37 eu fui pro Rio de Janeiro estudar...

SK - O sr. nasceu em...?

AP - Nasci aqui, no dia 1º de junho de 1920. (ri)

SK - 1º de junho.

AP - De 1920. Saí daqui com 17 anos...

NA - Foi pra Faculdade de medicina?

AP - É.

NA - O sr. foi direto?! Como é que é? O sr. ...

AP - Fui pra Faculdade de Medicina, não...

NA - Nesse momento entrava direto...?

AP - Não, não entrava não. Pra Faculdade de Medicina você... Eu não era bom aluno aqui. Era um aluno ruim.

NA - Por quê? O sr. não gostava de estudar...?

AP - Porque não... eu não estudava direito, eu gostava muito da fazenda, eu era louco pela fazenda, pra ir lá pra fazenda...

NA - Sim, o senhor me contou. O seu pai tinha uma fazenda fora daqui...

AP - Fazenda aqui, tanto que até hoje...

NA - Tá lá.

AP - ...tá lá. Eu ... uma parte dela é minha, ele dividiu por seis ...

NA - É de gado.

AP - É de gado.

NA - São de gado.

AP - De gado. Eles sempre mexeram com gado...

NA - Mas eles tinham uma casa na cidade...

AP - Tinha uma casa na cidade e tinha a na fazenda.

NA - Mas o sr. ficava aqui, na cidade. A família ficava aqui.

AP - Eu aprendi a estudar na fazenda, eu fui alfabetizado na fazenda.

NA - Ah, sim?! Por quem? Por quem?

AP - Lourival Balduino do Carmo. Um sujeito chamado 'Barão', 'Seu Barão'. Professor.

SK - Lourival...

AP - Lourival Balduino do Carmo.

NA - Mas nesse caso ele era professor...

AP - O apelido dele é 'Barão'.

NA - É um professor...

AP - Era um homem culto! Pra ver como esse homem era culto....

NA - Ele era um professor de...

AP - Ele era um homem culto. Aqui tem uma música muito bonita do time de futebol (*inaudível*). Ele que compôs a letra. Bonita, a letra da música! Pois bem, esse era o homem que me ensinou a ler na fazenda, no pouco tempo que ele teve lá. Eu e minha irmã. Depois ele ficou lá e depois não foi. Aí eu fui, vim pra cidade interno. Foi uma época de grande sofrimento! Eu vim com 8 anos interno nesse colégio aqui. Então meu pai me deixava aqui interno e foi pra fazenda. E eu ficava aqui o dia inteiro.

NA - O que houve?

AP - Ah, eu chorava o dia inteiro e `a noite! Não obedecia as coisas do colégio, eu não sabia qual era a finalidade daquilo, eu não entendia o que é que eu tava fazendo ali! Eu andava nos lugares que eu não podia! Eles saíam, eu ficava escondido na área privada, eles iam à procura. Depois eu ficava andando, mexendo nas coisas que eu não devia mexer. Coisa de menino que não tinha idéia de nada que tava fazendo, eu não estava adaptado àquilo. E aí fiquei lá. Um dia por um incidente lá que eu não... não... até não foi... eu fiz um rabisco muito mal feito no desenho, e o padre Don Luis Gonzaga, pregou no vidro assim. E quando eu cheguei do recreio, os meninos estavam rindo e eu batendo pra tirar aquilo, quebrei o vidro, sem querer. Aí foi um desastre! Isso foi em junho. Daí eu... dois dias a minha mãe veio pra me tirar pro aniversário do meu avô, que era aqui perto, ele morava numa chácara e o padre disse que eu não podia ir.

SK - Ficou de castigo.

NA - Castigo.

AP - É. E minha mãe era extremamente enérgica. Nessa ocasião ela mandou que eu pedisse perdão.

NA - Ela concordou com o padre.

AP - Na mesma hora. Nunca dava razão. Concordou que eu pedisse perdão. Ela: “Ajoelhe e peça perdão.” Aí eu falei: “Não vou fazer isso. Não faço!” Aí falei na hora pra ela que não fazia. Mas ela era uma mulher extremamente enérgica. Decidida. E ela falou comigo na hora: “Se você...” Levantou e... Me lembro.

NA - E o sr. fez... acabou fazendo, pedindo perdão.

AP - Pedi.

NA - Também não tem jeito com uma mãe assim, não tem jeito, né?! E o sr. é... que lugar na família o sr. tem? Nos irmãos.

AP - Sou o mais velho.

NA - É o mais velho? Ela não ia lhe perdoar nunca porque o mais velho...

AP - Ela falou comigo: “Você não... você não... se você não fizer isso eu não sou sua mãe!”

NA - Ah, imagina! Não tem jeito. Tinha que fazer.

AP - Decidida. (*breve pausa*) O mundo veio a baixo!

NA - Eu imagino.

AP - Naquela situação ali, com dificuldade no colégio, sem saber o que era...! Então não tive jeito (*chora*). Me lembro disso, coitada. Bom, esse é um detalhezinho, não tem...

NA - Não é um detalhezinho não. Isso é muito importante...

AP - O importante realmente, sem dúvida, ...

NA - Eu imagino. Eu imagino.

AP - ...Na vida foi porque eu...

NA - Isso ficou...

NA - É! Nunca, nunca me esqueci. Daí ela foi embora com os outros netos. Agora imagina hoje, coitada, ela lá, no aniversário do avô...

NA - As crianças de hoje, né?! (*ri*)

AP - E eu não pude ir, porque fiquei no colégio. O padre disse que não aconselhava que eu fosse.

NA - E o sr. ficou.

AP - Pedi perdão e continuei lá interno. E ela foi sozinha pra... Hoje a gente acha isso até um absurdo, mas não sei se foi! Não sei se foi! Disciplina a pessoa, né? Aprende. Bom, e ela sempre foi assim enérgica na vida, mas boa demais...

NA - Ela era carinhosa com o Sr.?

AP - Demais até! Tudo! No Rio mandava as coisas. Mandava laranja, mandava frutas pra mim lá. Eu ia buscar ali.

NA - Como é que o sr. decidiu ser médico?

AP - Era dessas... primeiro a avó, né? Minha avó falava isso. Como eu lhe disse que é... “Quando é que você vai fazer uma receita pra sua avó, com essa mão bonita...?”, pegava assim... Essa coisa de menino, vai colocando na cabeça – penso eu, que depois, anos depois é que eu vi isso. Tanto é que quando eu me formei, a primeira receita eu fiz pra ela.

NA - Pra ela. *(ri)*

AP - É. Então eu vejo hoje que isso teve importância. Mas aí foi, quando chegou no fim do ano eu... teve aqui um primo meu que estuda medicina – que hoje está morando aqui – Alberto Prata, ele estudava no Rio de Janeiro em Niterói.

NA - Já estudava. É mais velho que o sr.

AP - Já! É mais velho do que eu. Ele tem 90 e... 90 e... 90 anos, 90 anos.

NA - O sr. já tinha referência lá...

AP - Não. Ele era... eu me lembrava dele aqui, ele era companheiro meu daqui do ginásio... era uma pessoa que morava aqui... O pai dele era... a mãe dele era... a mãe dele era irmã do meu pai, ele morava perto lá de casa, numa fazenda perto. E ele morava no Rio de Janeiro e ele veio estudar aqui. Aliás ele estudava em Niterói. Aí ele veio no fim do ano, nas férias, trabalhava nos Correios lá e aí quando veio nas férias, ele começou a conversar comigo aqui e eu... tendo terminando o ginásio, achei que eu tinha que começar alguma coisa na vida, que eu tinha que fazer.

NA - Não, mas era uma coisa meio natural o sr. imaginar poder ficar na fazenda, trabalhar lá, né?

AP - Era uma possibilidade, de eu ficar na fazenda.

NA - O sr. gostava também.

AP - É, eu gostava, mas eu achei que ali na fazenda talvez não... com esse primo que eu conversei um pouco, eu tive entusiasmo de ir embora pro Rio de Janeiro, com ele. Aí falei com ele e tal e fiquei entusiasmado, mas eu só tinha receio de não estudar, de eu ir no Rio. Era... se olhasse a minha vida como era e se olhasse hoje, eu diria: “Isso não vai virar nada na vida!” *(risos)* Porque eu não... eu era o

que se chamava hoje, podia chamar hoje, não era um bom elemento, entendeu? (*risos*) Porque fazia uma porção de coisa que não devia... Era um menino... levado! Fazia coisas...

NA - Então a sua mãe tinha razão, né?

AP - É. A minha mãe tinha! Se ela não fizesse as coisas direito eu não sei o que teria, que rumo eu teria tomado na vida não. Mas aí então eu...

NA - O sr. foi pro Rio, começou...

AP - Fui com ele, aí eu...

NA - O sr. não tinha parentes lá no Rio.

AP - Não, não tinha. Fui pra uma pensão. Pensão da dona Risoleta. Olhe comia o Laranja! Laranja, aquele Francisco Laranja, famoso, da doença de Chagas. Rua São Salvador, número 22.

NA - Ah, ali na...!

AP - Ali na rua São Salvador, número 22.

NA - Catete. Catete.

AP - Catete. Eu pegava o bonde Praia Vermelha ali, dali eu ia pra Praia Vermelha. Catete, ali. Então eu fiquei ali na rua São Salvador, 22. Numa pensão ali, juntamente com outro primo que já morava lá, que estudou engenharia, o Armando. Mas porque não fui pra, com esse daqui. Eu fui, mas esse morava em Niterói.

NA - Ah, longe!

AP - É. Eu fui daqui com meu tio. Um tio que tinha... era dois anos mais velho que eu e também formou-se em medicina. Esse é que era meu companheiro aqui no ginásio. E esse também foi: “Não, não vamos ficar em Niterói não. Vamos ficar por aqui e tal.” Então ele ficou morando lá comigo. E depois ele foi, tomou outro rumo, foi pra outro lugar, mas eu continuei lá na, nessa pensão durante algum tempo.

NA - Mas aí o sr. chegou e pra fazer tinha que fazer o... como é que se chamava nessa época? Preparatória? Preparatória?

AP - Preparatória se chamava ‘Pré-médico’. Aí eu fui fazer o Pré-médico. Fiz o Pré-médico, primeiro ano de Pré-médico. Os meus professores eram os professores da faculdade: Aloísio de Castro, Pedro Pinto...

NA - Ah, é?!

AP - ...Barbosa Viana, José Oiticica. Professor de desenho... Eram excelentes os professores! E eu tinha aulas li no... no... na rua Santa Luzia, ali no Instituto Acadêmico... ali onde era... na frente da Santa

Casa, na virada ali, tinha o... Ali era a Faculdade de Medicina, depois ficou o Anatômico. Ali... – Sabe onde é?

NA - Sei sim!

AP - Ali era... era... a anatomia era dada ali. E eu fiquei ali, tendo aulas ali. Ali é que eu tinha aula.

NA - O Preparatório.

AP - O Preparatório. Fiz um ano de Preparatório. Quando eu saí daqui meu pai, eu não sei se ele tinha certeza se eu ia ficar, ele: “Não, você vai!” Meu pai era um homem bom também, um homem... me manteve no Rio. Nunca houve – hoje eu vejo a dificuldade, coitado – nunca faltou uma mesada. Todo mês mandava certinho aquilo. Hoje quando eu olho, vejo a dificuldade da vida, imagino. Ele me disse: “Olha, você vai, fica lá seis meses, se você não gostar, vem e nós vamos negociar aqui.” Aí eu fui pra lá. E aí comecei a amadurecer, comecei a ver as coisas, comecei... Primeiro eu queria ver se eu era capaz de estudar. Eu pensei, meu receio era eu não estudar. E eu disse: “Eu não vou ficar no Rio sem estudar. Se eu não conseguir estudar, eu volto”. Porque eu achava que eu não ia estudar direito. Mas aí tinha as aulas, tinha dificuldade em compreender as aulas ali, embora tenha tido uma educação boa aqui como eu lhe disse, basicamente. Aprendi muita coisa que eu hoje vejo. Mas lá com aquela vida lá diferente, não tinha dever, não tinha nada. O professor chegava, dava a aula, ia embora, eu tinha que tomar nota... Quando fui lá, me lembro que eu peguei um livro, ‘Mineralogia’ do Waldomiro Potsh, comecei a estudar mineralogia, que não era uma coisa importante. Mas aí eu vi que eu era capaz de estudar, que eu era capaz de compreender...

SK - O sr. tinha algum amigo, pra estudar junto? Tinha alguém com quem o senhor estudava nesse período?

AP - Eu tinha... Eu era meio... No início pouco, pouco. Pessoas que eu conhecia, mas amigo assim mesmo, não tinha. Eu era tímido, retraído. Muito tímido. Por dentro pensando muito, muita coisa, mas sempre achando que os outros meninos podiam ser mais dotados... Mas engraçado, o estudo foi muito importante pra mim na vida, porque eu fui me libertando de todas as coisas. Eu hoje não tenho nenhum complexo de nada. Através do estudo eu fui vendo que eu podia ia fazendo as coisas, que eu podia ter um lugar nas coisas. Então o estudo, eu fui entendendo a importância do estudo na minha vida.

SK - Na vida de todo mundo, né?

AP - É. E nunca precisei de pedir nada, nunca precisei... E nem com os meus filhos eu não peço (*inaudível*) porque é sempre essa parte assim, é mais fácil você ensinar, você estudar. Mas aí eu fui pra lá pro Rio...

NA - Foi em 37, né?

AP - 37.

NA - O sr. ficou lá fazendo o preparatório. E aí...

AP - Fiz preparatório pra fazer o exame no... fazia um ano de preparatório. Chamava-se Pré-médico, esse fez o primeiro ano. No ano seguinte...No ano seguinte eles criaram o chamado Colégio Universitário. Esse colégio Universitário, ele funcionava... Ah, esse aí já era uma coisa mais, que já não tava tanto dependendo da Faculdade de Medicina. Ainda tinha os professores da faculdade, mas funcionava ali naquele Instituto de Surdo e Mudo, ali na Praia Vermelha. Ali funcionava o colégio Universitário. E eu fiz ali o segundo ano do Colégio Universitário e prestei vestibular. Prestei vestibular e não passei no vestibular.

NA - Na primeira vez.

AP - É. Perdi o vestibular...

NA - Mas era até Natural, né?

AP - Perdi o vestibular na Praia Vermelha. Mas aí resolvi que ia estudar mesmo. E passei um ano estudando muito. Aí, nessa altura, eu já tinha um amigo lá, Osmar Teixeira Costa. Que hoje é da Academia, é professor lá do UNIRIO, professor de obstetrícia. Osmar Teixeira Costa. Então eu estudava muito com o Osmar e que... que... é...

NA - Era de lá.

AP - ... tinha perdido... Esse era de lá. A família daqui de Uberlândia, o Osmar era de lá. Morava na rua Ipú, 24. Ali em Botafogo, perto da Real Grandeza. (*ruído*) Aí fiz esse vestibular, não passei. Fiquei um ano estudando firme...

NA - 38.

AP - É.

NA - 38, né?

AP - Um ano estudando firme e passei num dos últimos lugares do segundo vestibular. Entrei por sorte, porque... bem, agora eu vou falar uma coisa que eu ouvi na época, mas que eu não tenho certeza. Havia 100 vagas. E... a 108, o que entrou em 108, era o sobrinho do Carlos Chagas. (*risos*) Então eu ouvi falar que iam ser aproveitadas... 108! E eu era o 106 ou 107. então eu entrei... (*risos*). Mas eu não sei se é verdade isso. Mas que eram 100 vagas eram! Eram 100 vagas quando eu entrei. Mas aí nessa turma entrou 108. Entraram 108. E o 108 era o Alberto Lobo Machado.

NA - Sobrinho do Chagas.

AP - Sobrinho que fazia a ... essa reação... ele tinha um, ele sabia fazer... eu acho que ele... fazia aquela Peste da Manqueira. Ele é que fazia aquilo. Até há pouco tempo! Eu não sei se o Alberto faleceu.

NA - Vacina? A vacina?

AP - Fazia... ele é que tinha, que sabia fazer aquilo. Então ele, uma vez por semana... O Alberto era um *lord*, uma pessoa de uma educação, vestia muito bem, um bom amigo, depois eu conheci. Mas assim

entrei na faculdade. Entrei e comecei a procurar estudar, estudar e interessante, eu fui tomando gosto. Fui tomando gosto...

SK - O sr. entrou em 39, né?

AP - Entrei em 40. Eu perdi um ano, aí entrei em 40. Perdi um ano, aí entrei em 40.

NA - Ah é. Não, é que minha conta aqui estava errada. O senhor entrou em 37...

AP - Não. 37, 38. fiz o vestibular no início de 39, aí perdi. Aí estudei em 39 todo...

NA - Ah, 40...

AP - Aí entrei em 40.

NA - Tá. Entendi.

AP - Aí fiz o... fui... fui...

NA - Na Praia Vermelha.

AP - ...tomando gosto. Na Praia Vermelha.

NA - O sr. tava na Praia Vermelha.

AP - Na Praia Vermelha. Não quis fazer em outro lugar. O meu, esse tio meu, foi fazer uma escola outra lá: a Hannemaniana ... Mas eu não quis. Eu quis na Praia Vermelha. E... e... e realmente eu tomei gosto mesmo com o Olympio da Fonseca, eu me lembro de eu ter uma aula com ele de parasitologia, achei muito interessante. Eu comecei a ver mesmo como é que as coisas eram, que depois com o 4º ano, aí eu tomei gosto. Quando eu comecei a mexer com doenças semióticas, eu aí comecei a estudar. Daí pra cá eu passei a estudar muito e estudo muito, até hoje. Leio muito, acompanho, procuro através...

NA - Mudou completamente.

AP - Mudei completamente.

NA - Por quê? Por que é que o sr. acha que foi isso?

AP - É engraçado, eu fui...

NA - Foi cativado?

AP - É a educação básica do colégio... aquilo fica na cabeça. O exemplo que eu sempre tive em casa, das coisas direitas, das coisas corretas... que o sujeito tinha que fazer as coisas. E... logo que eu entrei na... na escola, a primeira coisa que eu fiz foi mudar pra Copacabana. Eu fui pra Praia de Copacabana. E aí...

NA - Devia ser uma beleza!

AP - Uma beleza! A praia de Copacabana, eu e um rapaz daqui. E eu achando um mundo. Mas logo, logo eu vi a futilidade daqueles amigos que eu tinha ali. Como eles eram pessoas maus caráter e... pessoas que não tinham objetivo nenhum da vida. Ficava contando sempre como é que dava golpe no pai, como é que fazia o que não devia... fazendo só coisas erradas... E eu olhei ali, eu... eu pensei comigo, né, falei: “Não, eu sou melhor que esses sujeitos!” Eu não tenho nada, eu achava eles uns ídolos assim, fantásticos! Ídolos, fortes, correndo na praia, aquelas moças... Então eu logo vi que aquilo não tinha nenhum interesse. Que aquilo não era... que não era importante ter aquilo na vida e que eu tinha, que eu achava que tinha coisas mais importantes na vida. E aquilo que era uma coisa que eu achei, logo eu saí dali, ia vir pra cidade. E aí eu me vacinei contra aquela parte de... Mas ia a muita festa à noite ali, muita coisa...

NA - Copacabana devia ser uma beleza.

AP - Era uma beleza. Morar na Avenida Atlântica, no Posto Três, ao lado de um bar chamado Alvear...

NA - Ah, eu sei!

AP - Então tinha o Alvear. Quando apareceram aquelas eletrolas, a gente botava uma moeda e tocava. E ali eu morava numa pensão de um sujeito chamado Caribé. Tinha uma casinha afastada assim, imprensada entre a rua República do Peru, que era o bar... bar, o Alvear... o Alvear e o Wander Bar, parece. Não me lembro do nome do outro agora. Eu sei que tinha uma casinha, um chalé, afastado – e eu digo isso porque ali eu tinha uma jangada. E eu atravessava a praia de Copacabana, areia ali e eu botava essa jangada... era dono, era um cearense, o dono dessa... Ele tinha uma jangada, e eu punha essa jangada, eu e meu amigo assim. Uma jangada comprida... e eu pegava aquela onda e passava com a jangada ali e ficava de jangada ali em Copacabana.

NA - A água limpíssima.

AP - Água limpinha, Copacabana, eu pisava no chão, fazia: ‘cri, cri...’!

NA - A areia.

AP - Aquela areia limpa, mas limpa...

SK - Hoje não é assim.

AP - Ah, sei tudo! O mar não era ali, era lá na frente.

SK - Era.

AP - O mar era lá na frente. Eu lembro dele ali. De vez em quando pegava uma ressaca, jogava cá na casa! Quando fizeram aquilo, eu dizia: “Olha, vai ter dia...” E é verdade, tem dia que ele joga. Aí... comecei a ...

SK - O sr. se formou quando?

AP - Me formei em 45. 1945. Bom, antes eu fui convocado pra Guerra.

SK - Ih, pois é! Teve a época da Guerra.

AP - Fui convocado pra Guerra em 1942.

SK - O sr. tava em que ano? No 2º?

AP - Eu estava no 3º ... no... 3º ano... 3º ano?

SK - O sr. já estava com quantos anos aí? O sr. chegou ...

AP - Eu estava com 22 anos...

SK - 20 anos... 20 anos.

AP - 22 anos. Os navios brasileiros foram afundados.

NA - Nesse período aí.

AP - E eu fiquei muito preocupado porque eu sempre acompanhei muito, eu lia jornal todo dia. Mesmo aqui de Uberaba, eu lia todo dia o Correio da Manhã. Meu pai...

Fita 1 - Lado B

SK - Pode... pode falar.

AP - Mas aí eu sempre acompanhava muito...

NA - Só lia o Correio da Manhã, né?

AP - É. Lia e folheava... do Rio de Janeiro eu acompanhei muito, até eu acompanhava muito a política, eu lia... todo dia eu lia o Diário de Notícias, que era um jornal contra o Getúlio. Eu era muito contra o Getúlio...

NA - O sr. era anti-Getulista?

AP - Era muito contra o Getúlio.

NA - Ah, é?!

AP - É.

NA - O sr. chegou lá quando houve a Revolta Integralista, não foi em 37?

NA - Em 37. Eu assisti a Revolta. Depois assisti a Integralista. Eu morava ali no Flamengo! À noite quando... eu tava ali à noite! Quando houve esse outro episódio, eu lembro de coisas deles ali na Paissandu falando tupi, timbira, tamoio (*risos*) onde houveram coisas ali. Bom, mas... é... Me lembro o Getúlio quando, mas... mas quando os navios foram...

NA - Seu pai era anti-Getulista também?

AP - Meu pai era do Bernardes. O Bernardes não era a favor, no início era a favor de... Não! Na revolução de 30, aqui foram a favor do Getúlio...

SK - Quando?

AP - De 30. Aqui era a favor do Getúlio.

SK - Ah, foi?!

AP - De 32, a Revolução constitucionalista de São Paulo, já... mais ou menos, não era muito. Mas depois não eram muito a favor do Getúlio mais. O Getúlio aí cansou. Em 34, em 37 fechou a Câmara – eu me lembro quando fechou e tudo.

NA - O sr. chegou no Rio nesse período, né?

AP - Cheguei no período, vivi isso tudo! Aqui mesmo, na de 32, eu lembro do avião, sobrevoar aqui, um avião de São Paulo...

NA - Ah, é?!

AP - ...jogando boletins, etc.

NA - Um avião de São Paulo.

AP - É. Eles com medo aqui da invasão... de São Paulo. Bom, mas isso é uma história outra. Mas aí lá o Getúlio... aí afundou os navios e eles foram na presença do Getúlio. Eu me lembro desse companheiro meu, o Adelmo, daqui de Uberaba, junto e me contando as reações do Getúlio... eles falando com o Getúlio Vargas pra declarar guerra. E o Getúlio Vargas falou com eles, palavra dele: “Olha menino, você sabe o que é guerra! Guerra não é coisa...” “Não, nós queremos guerra!” Aí o Getúlio falou: “Mas olha, guerra é ruim!” “Mas queremos!” Aí o Getúlio falou: “Se vocês querem guerra, então nós vamos ter guerra.” Claro que o Getúlio não foi por causa disso... (*risos*) Getúlio já devia estar sabendo que ia declarar guerra. Mas eles falaram assim! O Getúlio falou, ele saiu-se assim. Chegou em casa contando na pensão e eu achei muito ruim. Falei: “Mas isso é muito triste.” Uma semana depois... ele tava convocado, esse que foi pedir de guerra, e aí arranhou um atestado pra não ir. (*ri*) E eu fui convocado também logo em seguida. Aí eu me apresentei. Aí servi ali no Exército...

NA - Mas o sr. foi convocado lá?!

AP - Fui convocado. Fui convocado pro Forte São João. Eu morava no Rio! Fui convocado pra o Batalhão Expedicionário. Fui pro Forte São João. Trabalhei no Forte São João, ali. Ali no Forte São João, eu fiz uma prova pra cabo. Passei a cabo. Aí fui pro Forte Copacabana. Lá no Forte Copacabana eu atirava com aqueles canhões do Forte Copacabana! Dentro da câmara lá do Forte Copacabana. E eu treinando pra ir. E fiz um concurso pra sargento e fui aprovado como sargento. E eu ia como sargento pra... pra Força Expedicionária. Mas acontece que antes disso, quando eu vi essa história de guerra, que o Brasil ia ter guerra, eu vi que ia ter uma guerra e que era melhor eu ir numa guerra como oficial do que eu ir como soldado. Eu pensei. Em mim mesmo. E fiz concurso pro CPOR. Quando eu estava como sargento, eu já pra ir pra Força Expedicionária, eu recebo uma convocação para ir fazer o CPOR. Aí eu fui desligado e fui aprovado no concurso pra CPOR. Eles podiam não ter deixado!

NA - Mas isso tudo junto com a faculdade.

AP - Eu parei! Eu saí da escola!

NA - Ah, o sr. saiu?!

AP - Eu saí da escola dois meses. Eu não fui à aula. Eu era soldado, eu era soldado.

NA - Quando o sr. foi convocado, o sr. teve que deixar a faculdade?

AP - Deixei a faculdade! Eu ia o dia inteiro pro batalhão. Fazer exercício, mexer com arma, lutar com faca na mão. E me desagradava aquilo, eu não achava bom fazer.

NA - Isso foi em 42?...

AP - Fui em 42.

NA - A convocação.

AP - Eu tenho retrato meu com o... Aí eu fiz um grande amigo: Dr. Adalberto Corrêa Café, que fez aquele Hospital Marcílio Dias no Rio de Janeiro. Foi almirante da Marinha e aí esse eu conheci na época da convocação, era meu colega de turma. E aí ficamos fraternais amigos, até hoje ele está no Rio agora com uma leucemia, em Brasília. De vez em quando eu vou lá vê-lo. Aí foi um grande amigo que eu tive na vida, que estudávamos juntos, morávamos juntos, na época de estudante.

NA - Como é que era possível? Saía da faculdade, parou a faculdade?

AP - Eu saía da faculdade. Saí da faculdade, passei por decreto depois.

NA - Foi isso?!

AP - É.

NA - Porque o sr. teve...

AP - É porque eu não fiz o exame....

NA - Não fez ou não conseguiu fazer porque tava...?

AP - Eu saí da faculdade! Eu saí! Eu fiquei uns... dois ou três dias ou mais, fora da faculdade.

NA - Nessa escola do Exército. Era cabo...

AP - Levantava de manhã cedo, tinha que me apresentar lá às 5 horas da manhã. No Exército fazia tudo cedo! E às 5 horas eu me apresentava lá e aí ia fazer exercício ali na praia, andava...

NA - Mas esse negócio do CPOR, o concurso, foi quando?

AP - Não, o concurso. Eu fiz o concurso, quando eu entrei e até me lembro que quando eu entrei pra... foi concomitante, quando eu fui convocado, eu fiz concurso pro CPOR. E o concurso não... ficou por lá esse resultado. E eu fui como, esqueci do CPOR...

NA - Ficou fazendo esse negócio do cabo, sargento...

AP - É. Fazendo aquilo tudo por... E muito preocupado, muito preocupado. Não tinha, engraçado, nessa época eu não tinha, eu gravei... apareceram aquelas gravações e eu gravei uma fitazinha e mandei essa fita aqui para os meus pais. Outro dia mexendo nas coisas...

SK - O sr. encontrou?

AP - Encontrei a fitazinha com o menino, falando que tava convocado... que eu ia pra guerra... que estavam me convocando... que o Brasil... que eu teria que ir ... Mas o que me desagradava era ter que matar pessoas, né? Eu pensava isso. Eu sou médico, vou ser médico. Como é que eu vou matar uma pessoa que eu não conheço? Isso me desagradava muito! E eu tinha na minha... idéia a esperança de ser enfermeiro. Então eu chegando lá eu vou... vou falar com eles que eu que posso ser melhor como enfermeiro, ia pensando...

NA - Do que com uma arma na mão.

AP - É! Eu pensava, me desagradava eu... eu matar uma pessoa. Eu ter que matar uma pessoa, o que me preocupava era isso, entendeu? Não era tanto de sofrer uma dor. Menino não pensa tanto! Mas eu pensava nisso: matar uma pessoa, eu vou ser médico... Como é que eu vou fazer? Matar uma pessoa é horrível, né?! Foi nessa época que eu fui pro CPOR. Bom, aí no CPOR, eu fui desligado e aí fazia o curso como aluno do CPOR. Eu saía de manhã cedinho, fardado...

NA - Hum, e ia pra faculdade.

AP - ...ia pro CPOR, às 5 horas da manhã. De 5 até às 7 horas. Às 7 horas eu era liberado, aí eu vinha pra escola. Eu morava ali na Praça da Cruz Vermelha, na rua Henrique Valadares, nessa ocasião. E passava ali o Alípio Augusto Camelo, que foi professor titular da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que também era do CPOR, que é meu companheiro da Academia Nacional de Medicina. Pois bem, o Alípio passava ali numa motocicleta...

NA - E o sr. pegava uma carona.

AP - ...e eu pegava carona do Alípio e ia pro CPOR com ele. De carona da motocicleta, às 5 horas da manhã. E fiz o CPOR ali, depois então...

NA - Quanto tempo? Um ano?

AP - Dois anos. O CPOR por dois anos. Nessa época acabou a guerra. Quando eu acabei o CPOR acabou a guerra.

NA - O sr. nunca chegou a ir também.

AP - Na guerra não! Mas... eu... eu consta como eu tendo guerra.

NA - Ah, é?! Como o sr. tendo participado, embarcado, pra guerra?

AP - É, como... Não! Como eu tendo embarcado não. Mas eu tenho é... eu tenho...

SK - Documento.

AP - Nas minhas coisas consta que eu fui porque eu servi na área da costa. Naquela época era zona de guerra, entendeu? Então servi ali naquele Forte de Copacabana (*batendo na mesa*) ...

NA - Constatou como se o sr. participava mesmo.

AP - Como eu tendo participado da guerra. Não é verdade, mas consta isso.

NA - Bom, mas e aí? A faculdade, como é que ficou?

AP - Não, a faculdade eu deixei esse tempo! Também me amolava muito isso, eu deixar a faculdade! Que eu não podia ir mais na faculdade, eu saía lá de tarde! Tinha acabado as aulas! E aí...

NA - Isso já era o quê? 45.

AP - Não! Isso aí foi 42. Nesse ano eu aí, no fim do ano, enfim... eu sei que as... foram dadas, abonadas as faltas e... eu não me lembro como foi, né? Eu sei que eu retomei o estudo...

NA - O sr. voltou à faculdade.

AP - Aí eu voltei à faculdade. No 4º ano, eu me lembro de eu tendo aula de semiótica, semiologia, já fardado. Eu me lembro de eu fardado na aula, botava o avental por cima, eu e mais algum e tendo aula.

NA - O sr. já tava no CPOR.

AP - Eu já tava no CPOR. Me lembro disso ali no São Francisco, eu tinha aula ali no São Francisco, fardado, no Moncorvo e só depois eu ia em casa, almoçava e de tarde é que eu vinha sem farda. Com bota, botina, polaina, tendo aula ali.

SK - E como, é que era aquela rotina militar? O sr. gostava disso?

AP - Eu fui pra cavalaria, né, porque eu mexia aqui com cavalo, então eu fui pra cavalaria. Não, eu ia pra lá de manhã e andava a cavalo, né? E fazia umas cavalgadas ali em Manguinhos, ali onde é a refinaria, no estádio do Vasco, ali onde é o Maracanã que era o Derby! Eu cansei de andar a cavalo por... atropeliei andando a cavalo... (*risos*) fazendo carga como eles mandavam fazer, com lança na mão e colete. No CPOR eu... eu sabia mexer com cavalo, fui criado nisso aqui.

NA - Mas não existiam exercícios específicos pra guerra de armas e não sei que e tudo? Não teve não? O sr. tava convocado pra guerra!

AP - Pra guerra. Não, lá... eu não disse que atirava com canhão do Forte de Copacabana!?

NA - Então teve treinamento de arma, tudo.

AP - Eu tive muita coisa militar na minha vida! Olha, quando eu cheguei no Rio de Janeiro em 37, eu não tinha tido o Tiro de Guerra. Eu fui fazer o Tiro de Guerra. Aí eu fiz o Tiro de Guerra um ano ali no Rio de Janeiro na Esplanada do Castelo, que era fechado, não tinha comunicação da Avenida Rio Branco com a Esplanada ali, o Castelo. Ali era fechado. naquela, na rua São José, ali fechava! A Nilo Peçanha era fechada!

NA - É. Não se passava de um lugar pro outro.

AP - Não tinha aquele bloco, o Ministério da Fazenda, nada daquilo! Já tinham demolido o Morro do Castelo e eu fazia exercício à noite ali, naquele espaço ali atrás da Academia de Letras. Eu fazia exercício ali do CPOR. Às vezes de noite. Matriculei numa...

NA - CPOR não, Tiro de Guerra.

AP - O Tiro de Guerra! Matriculei-me numa... em datilografia, pra poder ser aluno numa escola que tinha ali na rua São José e com isso fazer parte desse Tiro de Guerra. Então eu comecei a mexer com isso aí, fiz esse Tiro de Guerra. Aí pensei: “Bom, agora acabei.” Nada! Daí a uns anos convocado para o Ministério, pra... pra soldado. Depois então fui a..., como eu lhe disse, CPOR. Saí do CPOR. Mas quando eu saí do CPOR, antes de já ter saído do CPOR, eu tinha feito concurso pro Pronto-Socorro ali no Rio de Janeiro. E passei, entrei no Pronto-Socorro onde eu dava plantão. E nessa mesma época, a Marinha abriu um concurso pra interno da Marinha com 5 vagas. Um concurso muito vantajoso porque tinha casa, tinha... foi quando eu aboli minha mesada. Falei pro meu pai que não precisava mandar mais.

NA - O sr. passou no concurso da Marinha?

AP - Aí eu passei no concurso da Marinha, interno da Marinha. Aí eu ficava, eu tinha, dava um plantão por semana e dormia lá. Tinha casa e tinha comida.

NA - Mas o senhor já tinha terminado a faculdade?

AP - Não. Tava ainda na faculdade.

NA - Então era uma residência. O que seria uma residência hoje.

AP - Exatamente. Uma espécie de uma residência. O concurso foi o mesmo do hospital. Então eu tive essa atividade na Marinha. Quando eu terminei o curso médico eu quis vir embora, mas aí eu pensei em vir pra cá, mas resolvi que não era bom voltar. Fiz, fui fazer um concurso no Rio, ali, o Getúlio abriu um concurso ali para médico do Trabalho. E eu fui fazer esse concurso. Cheguei a me inscrever, mas aí fecharam o concurso. E eu fiquei ali trabalhando só no Pronto-Socorro. Os meus colegas foram é... efetivados como médicos no Pronto-Socorro. Mas o Café, esse meu amigo, se inscreveu na Aeronáutica, pra fazer concurso da Aeronáutica. E eu fiquei ali e não quis ir. Mas um belo dia – eu gostava muito do Café também – eu falei: “Olha, você tá fazendo concurso pra a Aeronáutica, você não quer fazer concurso pra Marinha? Você quer fazer concurso pra Marinha?” – eu já tinha saído da Marinha – “Marinha eu vou, a Aeronáutica é muito militarizada, mas a Marinha se você quiser fazer, eu faço com você”. Ele foi, saiu do concurso que ele estava inscrito e fez o concurso comigo na Marinha e nós dois nos inscrevemos na Marinha e entramos na Marinha como médicos da Marinha. Eu aí, como me formei, fiquei como médico da Marinha. Essa idéia da Marinha, é que quando eu dava plantão lá no Rio de Janeiro eu conversava muito...

NA - Antes.

AP - ...como interno...

NA - Interno.

AP - ...Eu conversava muito com um indivíduo Aníbal é... que tinha estado em Mato Grosso, em Corumbá. Aníbal ... Lima. Ele era médico. E me contava muito como eles operavam, atendiam os doentes em Corumbá. E eu fiquei com aquela idéia de vontade de ir pra Corumbá. Quando eu entrei pra Marinha foi pensando em ir pra Corumbá. Aí falei com o Café: “Olha, vamos pra Corumbá e nós...” e eu... ficar em Corumbá. E eu aí entrei com ele na Marinha e me lembro que eu fui falar com o Heraldo Maciel, que era o Diretor de Saúde da Marinha, que era um homem de ciência. Que era um homem importante, que tinha uma contribuição muito grande na medicina tropical: Heraldo Maciel. E o Heraldo Maciel nos recebeu no Ministério da Marinha e achou muita graça de pedir pra ir pra Corumbá. Ele disse: “Olha, eu nunca vi ninguém...” (*risos*) Corumbá é castigo. Geralmente eles mandam a pessoa por castigo pra lá. Achou muita graça. Falou: “Bom, você vai pra Corumbá comigo, agora. E o outro, Café, eu preciso de um cirurgião em Natal. Ele vai pra Natal, mas daqui a seis meses eu mando ele pra lá.”

NA - Pra Corumbá.

AP - Aí eu fui pra Corumbá e o Café foi pra Natal, daí a seis meses ele foi pra Corumbá. Lá montamos casa, montei consultório, comecei a minha vida em Corumbá pra ficar em Corumbá. Pra depois sair da Marinha. Mas Corumbá era ruim demais! (*risos*) E eu tive uma reação muito... Corumbá é quente, que eu nunca vi um lugar tão quente assim em Corumbá!

NA - Devia ser úmido, né?

AP - Úmido que eu chegava de manhã cedo assim na parede, batia...

NA - Corria água.

AP - Água, na parede. Tinha tanto mosquito que na tela, eu chegava de manhã, eles ficavam todos assim... você fazia aquela mosquitada toda na tela pra lhe pegar.

NA - Agarradinhos do lado de fora.

AP - Agarrados na tela. Bom, um calor grande demais. E não foi só isso, uma hostilidade muito grande dos médicos contra nós dois. Uma guerra aberta.

NA - O sr. foi fazer a clínica.

AP - Eu ia pro hospital, pra atender lá na Marinha e ia na cidade pra fazer clínica. E a cidade era pequena e chegar duas pessoas isso atrapalhava, não valia a pena.

NA - Uma competição da nada.

AP - Uma competição grande. E então não deixava. Os leitos da Santa Casa ficavam entre eles, você não tinha um leito pra internar, você... eles criavam dificuldade. Hostilizavam. Eu sentia hostilidade. Nessa coisa eu fiquei lá dois anos e nove meses. Muito importante na minha vida porque eu fiquei como médico de uma comunidade, que era o Ladário. Tanto que isso eu não punha no meu currículo durante uns tempos, mas depois eu passei a colocar: médico de comunidade. Porque foi muito importante ali pra mim, eu atendia os doentes, eu acompanhava... eu era muito dedicado aos doentes. Então eu ficava, eu acompanhava a doença muito porque era um lugarzinho pequeno, eu era médico pra tudo! Fazia parto...!

NA - Tinha muito o quê?

AP - Tinha muita doença! Imagina só numa localidadezinha pequena... com menos de mil habitantes ou mil habitantes, com seis Navios da Marinha, que era a rapaziada toda solteira.

NA - Doenças o quê? Sexualmente transmissíveis?

AP - Muito, muito! Sífilis como eu nunca vi! E uma coisa que eu só fui descobrir depois: a sífilis lá era endêmica, eu não sabia disso. Como o Bejel que eu depois vi descrito. Então...

NA - Que... que doença?

AP - Depois eu vi...

NA - Bejel?

AP - Bejel que era endêmica. Era uma... era uma treponematose que era endêmica na Iugoslávia... nesses lugares. E eu via essa sífilis endêmica ali naquele lugar e eu não sabia disso. Então em dois anos e tanto que eu fiquei ali eu vi uma quantidade enorme de sífilis, eu publiquei um trabalho e aprendi muito de sífilis. E aprendi muito a ... melhorei muito a minha medicina naqueles anos que eu passei ali estudando, assinava muita revista. Assinava quinze revistas médicas estrangeiras! Recebia lá em Mato Grosso essas revistas. Então eu estudei muito essas revistas, eu... essa coleção eu acabei doando pra Fundação

Gonçalo Moniz. E lá tem revistas minhas assinadas em 1940 e tanto. Eu doei pra lá. Então é... foi uma época que foi útil na vida. Mas aí então eu vim pro Rio de Janeiro.

NA - Voltou.

AP - Voltei pro Rio de Janeiro depois. Quando eu... aí a Marinha um dia me transferiu e eu que pensava em pedir demissão, falei: “Não, não vou ficar aqui em Corumbá não! eu vou voltar.” Aí voltei pro Rio de Janeiro.

NA - Mas saiu da Marinha?

AP - Não, não saí. Voltei pela Marinha pro Rio de Janeiro.

NA - Ah, continuava na Marinha.

AP - Aí fiquei ali na ... na Ilha das Cobras. No Hospital da Marinha.

SK - Quando foi essa volta?

AP - 1940 e... 9. 1949.

SK - O sr. falou que se formou em 45, né?

AP - Me formei em 45. 46 eu já estava em Mato Grosso. Entrei pra Marinha e fui pra Mato Grosso. Junho ou julho eu fui pra Mato Grosso. Aí fiquei ali na... no Rio de Janeiro. Aí falei: “Bom, agora, não vou sair daqui do Rio de Janeiro.” Sempre gostei muito do Rio de Janeiro. Botei um consultório ali na... na Avenida, na rua... é... Alcindo Guanabara. Edifício Rex ali. Junto com o... com o endocrinologista, o Wassermann. Tá lá no Rio, tem clínica ainda, outro dia estive com ele. O Wassermann. E... ele me alugou uma sala e o Rodrigues tinha... no mesmo prédio ou per... ou no mesmo edifício parece, tinha consultório também. Aí eu montei um consultório ali, disse: “Bom, agora eu vou ficar aqui no Rio de Janeiro.” Acontece que um colega da Marinha, o Nelson Hora, que foi embora pros Estados Unidos, falou comigo o seguinte: “Olha, eu vou embora pros Estados Unidos, eu vou ficar lá um ano. Eu vou lhe pedir uma coisa: eu quero que você fique no meu apartamento.” – O apartamento era em Copacabana, na Avenida número 9, ali na... Avenida Nossa Sra. De Copacabana. Ou era no Leme - “Eu quero que você fique aqui no apartamento.” “Ah, tá bem! Vamos cominar...” “Não, você... eu quero que você fique no apartamento o seguinte: você não vai pagar nada no apartamento.” Eu disse: “Não, assim eu não vou.” “Não, vou te explicar o que é. Eu tenho uma empregada, a Irene, que tem uma cachorrinha, a Chulipa (*ri*)... Então eu quero preservar essas duas coisas, entendeu?”

NA - As duas! (*ri*)

AP - ... “Eu quero preservar...” Ele não tinha filho. “E eu preciso que tome conta disso. Então eu quero que você tome conta pra mim desse apartamento.” “Não quero... não quero... “Isso não se conversa! Eu não quero nada seu. Eu quero que você fique lá e eu mantenho o apartamento enquanto eu vou pros Estados Unidos.” Aí eu fiquei ali: “Bom, não, vou sair daqui mais. Gosto aqui do Rio.” Comecei a atender ali. Ia de manhã pra Marinha. Aí arranjei pra... pra ficar lá naquela Base Almirante Castro e Silva.

NA - Onde era?

AP - Era ali perto de Niterói. Pegava o barco de manhã cedo ali e ia lá pra o Almirante Castro e Silva...

NA - Ia lá e voltava.

AP - E... e... almoçava e voltava. Eu tinha as tardes livres. E as tardes livres eu ia atender no hospital ali na... que eu atendia, chamada AMFA, na Assistência Médica às Famílias. Não ganhava nada, mas eu ia atender ali. Atendia. Porque era o treinamento que eu tinha ali e depois ia pro consultório.

NA - E esse salário da Marinha dava pro sr. viver?

AP - Olha, dava porque eu era solteiro. Eu comecei com 3 mil e 100 reais... cruzeiros. Nem sei quanto vale aquilo naquela época. Mas olha...

NA - Dava pro sr. viver.

AP - Dava pra viver..., não é? Eu vivia bem. Com... comprei, fiz uma economia em Mato Grosso, comprei um carro quando cheguei ao Rio, um Austin.

NA - Mas em Mato Grosso não tem nada pra gastar!

AP - Não, não gastava nada.

SK - Qual era o carro?

AP - Hem? Um Austin. Bom, mas aí fiquei ali no Rio de Janeiro... com 49... com...

NA - O sr. disse que não tava pagando nada, né?

AP - Não.

NA - Mas dava pro sr. viver bem...

AP - Dava pra viver bem! Sem problema ali no Rio de Janeiro...

NA - O sr. não dependia mais do pai...

AP - Não, o pai quando entrei pra faculdade... pra Marinha como interno, eu suspendi. Suspendi e ele gostava de contar isso. Ele tinha muito orgulho, gostava de contar. Depois ele... gostava muito de mim, meu pai. Depois ele... Como todo pai gosta. (*risos*) Era o mais velho, mas ele gostava. Depois então eu fiquei no Rio ali com a idéia de que não ia sair mais dali minha vida arrumada... Tive pensando certamente isso.

NA - O sr. montou o seu consultório de quê? Clínica...

AP - Consultório de clínica médica.

NA - Clínica médica.

AP - Clínica médica que era o que eu fiz. Lá em Mato Grosso eu fiz um trabalho, o primeiro trabalho que eu fiz é... Antes já tinha escrito qualquer coisa, tinha feito um trabalho com o Peregrino Júnior sobre acromegalia. Publiquei esse trabalho no *O Hospital*, em 1950, como estudante. Depois lá em Mato Grosso eu fiz esse trabalho, esse primeiro que eu fiz sobre a sífilis lá na fronteira de Mato Grosso, em que eu conto um pouco dessas coisas lá. Bom, aí comecei, lá na base eu achei muito bom porque lá eu comecei a ver esquistossomose. Os marinheiros tinham muita esquistossomose. E eu pedi um microscópio e eles me arrumaram. Então eu achava bom porque eu ia pra lá e ficava lá no microscópio e começava a tratar dos próprios marinheiros lá. Gostava de estar estudando esquistossomose. E... pensando em ficar ali...

NA - Foi aí que o sr. começou a se interessar por isso?

AP - Foi! Porque eu via lá, muita esquistossomose. Foi através do Heraldo também, aquele que eu falei que era um cientista, o Heraldo Maciel. Eu comecei a adquirir gosto pela esquistossomose, que eu via ali na Marinha. E eu via os ovos, examinava e falei: “Bom, esses ovos...”

NA - Esses marinheiros que o sr. tá falando são os embarcados, né? Quer dizer, os que vieram...

AP - A base... Ah, os marinheiros... os marinheiros...

NA - Os marinheiros pegaram esquistossomose aonde?

AP - Os marinheiros eram recrutados do Nordeste. Tinha Escola de Aprendiz no... em Alagoas, Escola de aprendiz em Pernambuco, Escola de Aprendiz na Bahia. Além de Escola de Aprendiz no Ceará e Santa Catarina. Bahia, Alagoas e Pernambuco... mais de 30% dos marinheiros tinha esquistossomose! Que a doença não curava e... Então eu tratava desses meninos, desses marinheiros lá. E achava muito bom aquilo lá e comecei a tomar gosto pela esquistossomose. Bom, fiquei lá no Rio de Janeiro esse ano, no meio, fui... junho mais ou menos, acho que tinha uns 8 meses...

NA - Em 50 isso?

AP - 49. Aí fui embora pro Rio de Janeiro, pro... pro... como eu disse, no Rio de Janeiro. Não cheguei a ficar um ano lá. E... quando foi em 1950... aí uma outra coisa importante, que eu vim aqui na... em Uberaba, e conheci minha esposa. Hoje...

NA - Como é o nome dela?

AP - Marta. Marta.

NA - Dona Marta. Ela é daqui mesmo?

AP - É daqui. Então ela...

NA - O sr. se apaixonou...?

AP - Não eu era... eu tinha 30 anos. E era uma pessoa... Mas quando via a Marta, eu dizia: “Bom, vai... vai atraparhar...” Hem?

NA - Ela era bem novinha?

AP - A Marta tinha 20 e...

NA - Então já era uma moça!

AP - 20 anos, parece. 21 anos. Era uma moça, moça. Realmente...

NA - O que é que ela fazia? Ela estudava aqui? Não.

AP - Era estudante em Piracicaba. A Marta, vai conhecê-la. Agora, hoje não porque ela não está aí. Estou com os netos que estão na fazenda, ela está lá. E eu vim de lá hoje, senão... Mas numa outra oportunidade vai... Ela mexeu tanto com a minha vida que vai precisar conhecer a Marta. (*risos*) Então... aí conheci a Marta num clube daqui, festa de carnaval, tirei a Marta pra dançar... e daí em diante não deixei ela mais em paz. (*risos*) A Marta morava aqui. Morava nesse lugar aqui: Beirópolis. Um lugarzinho que tem aqui, onde de vez em quando descobrem dinossauro...!

NA - Sei!

AP - É lá! Aquilo lá era da família dela. Então ela morava lá. E eu vim cá. Fiquei aqui uns dias. Conheci a Marta. Depois logo voltei pro Rio de Janeiro, aí a Marta foi na Argentina numa, já tinha marcado uma excursão lá na época da Eva Perón... naquela... a Eva Perón recebeu elas daqui... Recebeu! Recebeu ela daqui! Tirou retrato com ela! Tem em casa.

NA - Tava no auge, né?

AP - Estava no auge. Esteve com ela! Conversou com a Eva Perón! Então foi recebida. Foi um grupo daqui que fez uma excursão à Argentina e ela foi. Naquele navio: ANA ‘C’. Na volta ela desceu no Rio de Janeiro, ficou uns dois dias ali, eu estava no Rio de Janeiro... Daí depois eu vim cá, na Semana Santa, e aí comecei...

NA - O sr. casou quando?

AP - Já vi que isso aqui vai... Nessa altura eu comecei a ver que eu precisava de ter um pé de meia. E aí a idéia de sair outra vez do Rio porque lá eu não conseguia economizar um tostão.

NA - Porque lá tem onde gastar e Corumbá não tem, né? (*risos*)

AP - Lá tinha. E a Marinha fora... você mora... mora num prédio da Marinha, você não gasta, se não quiser não gasta. Aí eu fui embora pra... resolvi sair do Rio. Resolvi comprar um apartamento ali na Avenida J. J. Seabra, na rua J. J. Seabra, 22, no Jardim Botânico. Comprei um apartamento ali pra eu

pagar em 10 anos. (*tosse*) E falei: “Bom, o jeito é eu ir embora pra... ficar pelo menos um ano fora pra eu poder arrumar a minha vida...”

NA - Pra poder casar.

AP - ...com a inflação... era fixo o que eu pagava. Eu pensei: “Bom, com a inflação, daqui a pouco eu vou poder pagar.” Então assumi o compromisso de pagar todo mês aquele apartamento e resolvi ir embora pra Bahia, de que ia pra Bahia. Fui pra, no Rio de Janeiro...

NA - Por que Bahia?

AP - Porque na Bahia tinha esquistossomose. Eu não tinha a idéia da Bahia o que era. Então eu pensei, falei, conversei com pessoas, me disseram que lá tinha esquistossomose. “Então eu vou pra Bahia.” Fui lá na Marinha e falei que eu queria ir embora pra... pra fora. Disse que queria ir pra Bahia. Ele disse: “Tá bem, você... Mas tem lá uma pessoa que vai sair, não sei que e tal...” Depois de alguns dias eu voltei lá e eles me disseram: “Não, você não pode ir pra Bahia porque o médico não vai sair.” Aí...

NA - Não tem vaga.

AP - Eu falei: “Bom, e quando é...” “Não, você pode ir pro Pará.” Aí eu disse: “Bom, pro Pará...” Aí eu conversei com as pessoas, me disseram: “Não, lá no Pará tem... tem amebíase, tem filária... “Eu já gostava de medicina tropical...”

SK - Isso que eu vou lhe perguntar...

AP - Eu tava me orientando nesse sentido.

SK - Como é que isso foi aparecendo?

AP - Tava me orientando nesse sentido. Porque eu já...

NA - Na faculdade já tinha visto alguma coisa?

AP - Na faculdade é... na faculdade de...

NA - Medicina!

AP - ... de Medicina? O Olímpio da Fonseca talvez, que deu umas aulas muito boas...

NA - O sr. já falou nele.

AP - O Heraldo Maciel na Marinha que eu admirava assim, de ver aquele sujeito na Marinha. Depois os... os marinheiros com esquistossomose que eu fazia o exame e encontrava aquilo ali e aí vi que era uma coisa importante. E Mato Grosso, muita doença que eu via lá em Mato Grosso ...

SK - Mas na faculdade Dr., tinha ... como é que era, quer dizer, como é que era o curso de medicina tropical? Como é que era isso?

AP - O curso de medicina tropical...

SK - Era forte? As pessoas...

AP - Não! O Carlos Chagas tinha saído, era o Joaquim Moreira da Fonseca. Um médico que fez um concurso famoso, porque entraram 14 candidatos! Inclusive o Evandro Chagas, que não entrou. Foi uma pena!

NA - Dizem que esse concurso foi uma coisa horrorosa!

AP - Foi uma coisa... Eu me lembro! Eu era aluno.

NA - E o Evandro não entrou.

AP - Não entrou. Era o Evandro, eram 14 pessoas que fizeram. Entrou o Moreira... – agora também, boatos (*risos*) – o Moreira era médico do cardeal. Eu não tô dizendo que era isso. Mas dizem que o cardeal interferiu. Tô contando o que corria... eu não posso dizer nada disso. Só sei que o Moreira era um homem bom, era uma pessoa boa, mas não era um bom professor. E não tinha gosto da medicina tropical que nós chamamos. Ele mexia mais com infectologia. Não tinha gosto por viagem, por essa medicina tropical, que isso foi surgir depois. Campo... foi surgir depois. E...

SK - Então ele era o catedrático?

AP - Ele era o catedrático e eu tinha aula ali no... no São Francisco, no Pavilhão Carlos Chagas.

NA - E se chamava Medicina Tropical.

AP - Chamava Medicina Tropical... Medicina Tropical e Infecciosas!

SK - Doenças Infecciosas.

AP - A Cátedra se chamava: Cátedra de Doenças Tropicais e Infecciosas.

SK - Tropicais e Infecciosas, é.

AP - Era o nome que tinha na Bahia também, onde tava lá o meu nome escrito embaixo no vidro assim, na minha enfermaria. Na Bahia a mesma coisa, o Chagas... essa disciplina foi criada pelo Chagas.

SK - Exatamente. Mas os alunos se interessavam? Quer dizer, era uma disciplina que atraía...?

AP - Não, não era uma disciplina que atraía não. Não era.

NA - O sr. passou assim por ela e...

AP - Eu passei por ela, não...

NA - Não lhe chamou atenção.

AP - Não. Não chamou atenção. O próprio Rodrigues não estava lá. Eu fui escrever ao Rodrigues como eu disse, no último ano de medicina quando eu tive uma aula ele era assistente do Rocha Vaz. E o Rocha Vaz era o professor de...

Fita 2 - Lado A

AP - ...essa aula ele deu, Rocha Maia foi diretor da Faculdade de Medicina, não foi?

NA - Foi!

AP - Ele deu essa aula lá, como assistente do, como... trabalhando com o... eu me lembro dele de jaleco branco dando essa aula de biópsia de reto e alguém me disse: “Esse Rodrigues é lá de Uberaba... do Triângulo, de Uberlândia e tal.” Alguém falou na turma. Mas eu não falei com ele, vi só ele falar aquilo. Depois ele foi embora e eu não vi mais o Rodrigues. Mas nessa altura, quando eu comecei a mexer com biópsia de reto, quando eu comecei a mexer com esquistossomose, eu já é... eu já tinha idéia dos trabalhos do Rodrigues, eu já... eu já começava...

NA - O que lhe atraiu mais na esquistossomose? O que lhe chamou atenção?

AP - Esquistossomose foi um fato...

NA - Os marinheiros...

AP - ...de deter a doença nos marinheiros.

NA - Quer dizer, na verdade era uma coisa clínica. Era o aspecto clínico da doença.

AP - É, é. Eu via os marinheiros com aquilo. Eu fazia os exames de fezes e via. Eu mesmo fazia o exame, eu via o ovo ali e tratava aqueles marinheiros.

NA - Com o quê que o senhor tratava?

AP - Tratava com foadina.

NA - O quê que é isso? É uma droga da época.

AP - Antimônio de... Foadina era... era... era foadina, era foadina que era o nome do preparado. Ela não chamava foadina não. Ela chamava...

SK - Mas essa droga era uma coisa específica da esquistossomose?

AP - Não, ela era tártaro.

SK - Tártaro emético!

AP - Era o tártaro emético. O Heraldo Maciel tratava com o tártaro emético, mas eu já tratava com Repodral. Era o nome da droga...

NA - Repodral.

AP - É. Que é a mesma foadina. Que é antimônio bicatecol... antimônio bicatecol...

NA - O nome comercial qual era?

AP - Era... era Repodral.

NA - Repodral.

AP - É. E tinha o da Bayer... da Winthrop. E tinha o da Bayer que era foadina.

NA - Foadina.

AP - *Antimônio bicatecol di sulfanato de...*

NA - Esse é o nome científico dele.

AP - Esse era o nome da droga. Que era um antimonial trivalente. De potássio e...

NA - Mas aplicado à esquistossomose...

AP - ...de potássio e... antimônio. Potássio e antimônio. Antimonial.

NA - Mas isso era aplicado só à esquistossomose ou não?

AP - Era aplicado no... no... Era na esquistossomose, mas também na leishmaniose. Porque o Gaspar Vianna introduziu o tártaro emético na leishmaniose.

NA - Ouvi falar.

AP - E aí o mesmo tratamento servia pra esquistossomose. Heraldo Maciel tratava com tártaro emético! Tratava, fazia dez injeções na veia de tártaro emético.

NA - Isso produzia o que na pessoa? Quer dizer, o que é que fazia com relação a própria doença? Incidia aonde, como?

AP - O quê? A doença?

NA - Não. O tártaro emético, qual era o efeito que agia sobre a doença?

AP - O tártaro emético era tóxico. Dava às vezes... dava muita reação e, às vezes, morria um aluno doente, quando tomava... morria de coração.

NA - Coração.

AP - É. Ele tinha complicação cardíaca.

NA - Ele atacava o que exatamente?

AP - Fígado!

NA - Não. Eu digo assim: na doença, o que ele era aplicado na doença?

AP - Ele matava o esquistossomo.

NA - Matava o esquistossomo!?! Tá provado isso?

AP - É. Tava. Quando você dava, ele destruía o shistosoma. E... e destruía o aparelho genital feminino da fêmea. Algum verme que não morria, durante uns três meses ele reconstruía o aparelho genital, ele voltava a construir ali. Mas ele matava o verme.

NA - E isso era 100%?

AP - Ah, é! Não! Não era 100% não. Se curava aí uns 70% de pessoas... Aí vem uma história comprida, porque uns curavam mais porque não controlaram bem e eu me interessava mais em fazer um bom controle. E aí comecei a fazer um bom controle, comecei a ver que não dava essa percentagem e aí começava a usar o Repodral, que era o que eu usava, depois o antiomaline ... antiomaline...

SK - Antiomaline?!?

AP - Antiomaline que era da Rodhya. Era outra droga que se usava também. Antimônio tiomalato de lítio, que é o nome do sal que se usava. Então eram essas duas drogas que nós usávamos: Repodral...

NA - Mas isso não tinha eficiência de 100% por de cura.

AP - Não! Não era, e também a percentagem de cura era problemática e... discutia-se muito isso e... não era 100%. Depois é que vieram as outras drogas. Mas eu então tive essa atração por esquistossomose, por essa...

NA - Primeiro por causa dessa questão clínica.

AP - É. Por ver isso ali, pelo Heraldo, que eu conhecia os trabalhos do Heraldo... eu também tratava os meus marinheiros, então... O Heraldo era vivo nessa ocasião...

NA - Tá. E aí o sr. vai – vamos voltar pra onde a gente estava – vai pro Pará. Ou não vai pro Pará...

AP - Aí eu fui pro Pará. A Marinha disse: “Não, você vai pro Pará.” “Tá certo. Eu vou pro Pará.” Lá na Marinha tinha um homem que depois virou um almirante: o Gualberto. O Gualberto, não. O Gualberto...

NA - Quando é que é essa história do Pará?

AP - Era um homem que cuidava da... da movimentação ali do pessoal. Era um homem... era, depois nessa época que eu fui lá ele não era Almirante, depois eu me lembro dele como Almirante. Mas de qualquer maneira, esse homem é que era o homem que decidia isso aí.

NA - Que distribuía os marinheiros.

AP - Não! Que... que dis...

NA - Que fazia essa...

AP - Que fazia a transferência. Eu aí... a Marinha dava um mês quando você ia pra um lugar, ela lhe dava um mês de salário adiantado e um mês pra você aparecer lá. Porque geralmente a pessoa era casada e tinha mobília... Mas eu não tinha nada ainda.

NA - Mas você não era casado ainda, né?

AP - Então o que foi que eu fiz? Eu peguei um mês de salário adiantado, que era pra ir pra lá, peguei a passagem e... e um mês meu eu vim cá pra ver a namorada. (*risos*) Vim cá, vi a namorada... Fiquei aqui, quase um mês com a namorada, falei com a namorada que eu ia...

NA - Que ia pro Pará.

AP - ...que ia agora lá pro Pará...

NA - Arrumar a vida.

AP - Não falei assim muito porque eu tinha muito... muito cuidado de prometer as coisas. Sempre tive. Nunca empenhei assim... Mas ela tava vendo que tava encaminhando! Tava sabendo. Falei, falei que ia pra lá, que ia ficar um_ano na Bahia, que voltava...

NA - Não, Bahia não, Pará!

AP - Não, no Pará. No início na Bahia, depois no Pará. Aí no Pará. E aí me despedi dela aqui e fui me embora pro Rio de Janeiro pra desligar, pegar o meu documento e apresentar no Pará. Não tinha pegado a passagem ainda. Lá na hora ia pegar a passagem ainda. Quando chego no Rio de Janeiro, na... no Ministério pra dizer: “Ó, vim cá pra me desligar.” O pessoal lembrou: “Você teve aqui, né?” “Tive.” “Pois é, o médico da Bahia saiu. Se você quiser ir pra a Bahia. “Aí eu...

NA - Que sorte.

AP - ...fiquei na dúvida. Mas Pará, agora eu já acertei...”. Não conhecia ninguém, né, em lugar nenhum. (*risos*) “Tá bom, então eu vou... eu vou pensar...” “Não, pensar não, isso tem que ser agora. Aqui em meia hora.” Eu digo: “Amanhã...” “Não, amanhã não. Você tem meia hora.” Eu saí dali, fiquei: “Pará,

Bahia... Que diacho! Pra onde é que eu vou?!” Agora você vê que coisa engraçada: aí eu olhei, tinha um escrevente, um rapaz mulato assim...

NA - No Ministério.

AP - ...batendo à máquina, batendo assim. Não tinha nada naquele... no Ministério da Marinha ali naquele... Me aproximei um pouco dele e falei: “Escuta, você...” – Ele parou de escrever – “Você conhece bem a Bahia... (*risos*)” É! Já era outra coisa, outra conversa, eu tava indo por doença, tenho certeza disso. Mas eu resolvi perguntar a ele: “Você conhece a Bahia e Salvador?” “Conheço a Bahia.” “E Belém?” “Conheço também.” O um marinheiro viajado (*risos*). Eu falei com ele: “Qual dos dois?” “Não tem nem o que conversar, é Bahia! “

NA - Bahia, claro! (*risos*)

AP - E era mesmo (*risos*). Aí eu disse: “Mas Bahia por quê?” “Ah, é muito melhor a Bahia!” (*risos*) Aí eu voltei, falei: “Bom, eu vou pra Bahia.” (*risos*) Aí eu voltei, falei que queria ir pra Bahia.

SK - Pra ver como é que se faz certas coisas, né?!

AP - Aí ele me desligou na hora. Me desligou e me deu a carta pra eu me apresentar na Bahia.

NA - É, essa foi ótima! Deixa eu fazer uma pergunta antes do sr. entrar na Bahia. Agora me ocorreu aqui. Esse caminho que o sr. fez – só pra a gente encerrar um pouco essa coisa da faculdade – era comum? Quer dizer, alunos da faculdade de medicina fazerem concursos públicos para terem um primeiro emprego? Era difícil abrir um consultório nesse momento? Era difícil? Porque hoje é impossível!...

AP - Olha, a faculdade... Não, não tinha muito emprego. Tanto que eu não tive um concurso. Eu queria ficar no Rio de Janeiro e eu não tive...

NA - Nenhum concurso público?!

AP - Não, só tinha um! Ainda tem, até hoje isso existe: Médico do Trabalho.

NA - É, o sr. falou isso.

AP - Eu fui lá no DASP e me inscrevi. O Ventura aí cancelou. Cancelou.

NA - Sim, mas de qualquer maneira...

AP - Só tinha um concurso.

NA - Mas de qualquer maneira o sr. fez a Marinha e...

AP - Eu podia ter ficado na Marinha, mas eu... eu pedi demissão da Marinha. Antes de sair, o Café continuou lá um pouco. Eu pedi demissão da Marinha.

NA - Era difícil abrir consultório, não era? Ou era menos difícil do que hoje?

AP - Não, não era. A Marinha abriu concurso três vagas, foi quando eu entrei. A Aeronáutica...

NA - Não, mas eu digo assim, um consultório privado seu, nesse momento era difícil?

AP - Não era fácil não. Não era fácil não. Tinha que ter um emprego.

NA - Comparando com hoje...

AP - Já era difícil.

NA - Já era difícil.

AP - Não, hoje é muito mais fácil. Hoje você vai pra qualquer lugar no interior, você tem bons lugares no interior pra ir, hoje não tem... Eu acho mais fácil o começo de vida hoje. Mas naquela época eu não sabia que podia. Talvez se eu tivesse já sido é... efetivado no Rio de Janeiro, no Pronto-Socorro, como outros foram, eu talvez tivesse ficado. Mas eu não fui efetivado. Isso, a efetivação... eles falavam que iam efetivar, mas eu não tinha certeza daquilo. E juntou essa história do Aníbal Lima Jorge, que conversou comigo sobre Mato Grosso, juntou o Café que era um grande amigo, que ia pra Aeronáutica e eu tinha vontade de vê-lo...

NA - Na verdade o sr. tinha um círculo de amizades...

AP - ...Aí eu fui, resolvi fazer o concurso pra Marinha levado por essas coisas todas. Mas não era... e a opção era vir pra cá, que eu não quis vir, achei que aqui não tinha, eu não ia... Outros colegas vieram.

NA - Voltaram.

AP - Ah, voltaram! O Randolpho, o Romes... fizeram clínica. O Pucci... e foram muito bem sucedidos aqui. Mas eu não...

NA - O sr. fez outro caminho.

AP - ...eu voltei, fui embora pra lá...

NA - Bom, aí então, chegamos à Bahia, Salvador.

AP - Aí eu cheguei na Bahia. A Bahia...

NA - Em que ano foi isso?

AP - ... foi um mundo novo! Janeiro de 1950! A Bahia eu fiquei entusiasmado com a Bahia! Mas é incrível! Nunca pensei... não sabia que o Brasil tinha... Primeiro do ponto de vista histórico, os holandeses desceram ali, onde pregou o Vieira, tudo... o povo culto. Eu via que o homem de rua conhecia Machado! conhecia... Fiquei admirado com a Bahia culta, bonita, completamente isolada! Não tinha contato, não tinha estrada pra ir lá. Não podia ir. Não tinha um automóvel de fora na Bahia. O baiano

numa amizade enorme! Me recebeu... eu muito estudioso nessa época, com outros colegas... colegas da Marinha. E... algum... então eles... eu morava na base. Depois fiquei na base criada pelos americanos ali embaixo no cais do porto. Morava ali. Depois fui pro hospital e morei, morava no hospital. Então eu não pagava comida, não pagava estadia. Pra juntar dinheiro pra pagar o apartamento no Rio. E fui logo pro hospital. Comecei a ir pro Hospital Naval que era o Hospital da Marinha que tinha lá e logo que eu pude, transferei da base e fiquei só no hospital. Lá eu morava o tempo todo. Lá Na Bahia eu comecei... a Bahia era linda! Aquelas praias uma beleza! Então eu tinha, eu estudava a semana inteira. De dia trabalhava. Os meus companheiros iam passear toda noite. Tinham carro, tinham Jaguar... As moças eram de uma... A Martha Rocha, a irmã... todas eram do grupo. Então viam lá pra sair com eles. Eu não saía. Durante a semana eu não saía. Eles sabiam que eu não saía. Sábado e domingo eu saía com eles. Aí nós íamos pra praia, íamos ali é... pra via D'Ávila... Foi uma época da Bahia com os moços... mas a moça, a namorada aqui em Uberaba, né, que eu pensava em voltar. Aí eu ia lá, andava lá com eles e coisa e tal. Mas eles já sabiam: durante a semana...

NA - Arrumou uma namorada lá, na Bahia?

AP - Não, não tinha namorada não! A gente passeava lá.

NA - As baianas são bonitas.

AP - Bonitas, muito! Martha Rocha! Me lembro da Martha!

NA - Ela foi Miss o quê? Logo depois!

AP - Foi Miss Bahia. Ela era proibida de entrar no clube da Bahia porque não eram moças de muita... Depois quando ela foi Miss Brasil é que ela se tornou... Mas eu lembro da Martha...

NA - Mas isso foi o quê? Em 59!

AP - Não, ela foi Miss Brasil antes!

NA - Foi em 59. Ou 55?! É por aí. Juscelino! É junto com Juscelino eu acho.

AP - Eu me lembro muito da Martha...

NA - Quando o Juscelino saiu...

AP - Eu me lembro muito da Martha simples, bonita! Roupa simples!

NA - Muito bonita.

AP - Ela e a Laura. A Laura era linda também! Eu me lembro de um dia eu cheguei lá no clube na... na... no Clube da Marinha, encontrei a Martha Rocha chorando, aí eu falei: “Por que é que você tá chorando?” Tava chorando porque o rapaz que ela namorava, que era o filho daquele cara da Casa da Banha, ...

NA - Ah, sei. Mas como era o nome dele? É... o nome dele, da Casa da Banha?

AP - O nome... era filho...

NA - Da família.

AP - Eu não me lembro o nome dele. Ele era oficial da Marinha. Ela namorou com esse rapaz...

NA - E ele não queria saber dela.

AP - Não. Depois é que... Não! Essa parte deixa lá porque tá lá escrito na biografia dela, ela conta isso lá, o que aconteceu dela com o rapaz. Mas eu só me lembro de eu chegar e encontrar a Martha chorando, à noite ali, na abana da Barra que era o clube da Marinha. Eu me lembro de perguntar pra ela: “Por que você está chorando?” Aí alguém falou: “Não, é o Fulano que vai embora, acabou com ela e vai viajar amanhã.” E ela chorando e eu me lembro de eu falando com ela: “Mas você é uma moça tão jovem, tão bonita...!” – Ela tinha uns 18, 19 anos – “...chorando por um rapaz que não está ligando pra você? Não pense nisso!” Mas ela chorando. Chorando do jeito dela.

NA - Vai ser Miss! (*risos*)

AP - Não, ninguém sabia que ela ia ser misse.

NA - Não, eu sei! Ninguém podia imaginar.

AP - Mas era um grupo muito amigo lá da Bahia, as pessoas todas... as pessoas todas que eu conhecia, os baianos...

NA - O sr. não tinha nenhum contato com a Faculdade de Medicina naquele momento?

AP - Não, aí é que eu ia lhe falar. Não tinha. Eu lá onde estava...

SK - Trabalhava na Marinha lá.

AP - Na Marinha. Lá um dia eu recebi a visita de um professor da faculdade levado por uma pessoa que eu conheci que teve importância na minha vida, que foi o José Simões da Silva Júnior. Está lá até hoje, na Bahia, professor da faculdade. Gentilmente levou o professor Novis – parente daquele Novis ali do Rio – levou o professor Novis...

NA - Para o quê?

AP - Pra uma... pra me visitar lá. Só pra ver lá onde eu estava! Eu me lembro que foi a primeira pessoa com quem eu tive contato. Ele era um homem muito culto, o Simões levou-o lá. Deve ter dito: “Eu tenho um amigo aqui...” – que eu já conhecia o Simões que era médico do Hospital Naval. Aí eu conheci o Novis. Fiquei lá na Bahia, fui para o Hospital Naval. Mas olha, logo que eu cheguei na Bahia, eu vi logo... comecei a fazer exame de fezes ali, na Bahia e eu...

NA - Nos marinheiros.

AP - Nos marinheiros. Arranjei um microscópio lá no Hospital Naval, não me esqueço dele: um microscópio que não tinha uma cremaleira, e eu fazia com extrema dificuldade o exame de fezes porque eu tinha que segurar com a mão a cremaleira para fazer o exame de fezes. Então, eu fazia o seguinte: atendia os marinheiros, pedia o exame de fezes, eles traziam o exame de fezes, eu botava o exame de fezes, preparava o exame e botava no escuro pra não sair... e guardava. À noite eu ia fazer o exame de fezes. Eu fazia pessoalmente. Pegava uma folha de papel almaço, cortava em 4 tiras e ali eu fazia o histórico do marinheiro e o exame de fezes e o tratamento que eu mesmo fazia, eu mesmo mandava aplicar. Por isso é que hoje quando, eu nunca aceitei o sujeito dizer que não trabalha porque não tem condições. Isso é uma coisa que eu não aceito! O pessoal que trabalha comigo não... se acontece, sabe que não adianta me falar isso. Que não tem condições pra trabalhar. Não! Condições você não trabalha porque não quer. Não pesquisa porque você não quer. Você pode não ter grandes coisas, isso aí é outra coisa. Mas alguma coisa pra você fazer você... se você gosta, você quer você faz! Comecei a trabalhar, juntar aqueles casos ali, fazer, juntar aquilo. Bom, depois fui morar no Hospital Naval, continuava ali naquela mesma vida. Aí, um belo dia – foi interessante isso – um sujeito que eu tinha levado pra trabalhar lá no hospital é... recebeu uma incumbência do Geraldo Siffert, do Rio de Janeiro, para que escolhessem duas pessoas lá da Bahia pra representar a Bahia numa reunião que ia ter em São Paulo sobre esquistossomose. Reunião em que estava o Pirajá da Silva que foi quem descobriu a esquistossomose, organizada pelo Benedito Montenegro. 1952 essa reunião. E eu então... Eles fizeram na Bahia uma reunião pra ver quem é que era o representante da Bahia, e marcaram à noite pra falar na Faculdade de Medicina. Foi a primeira vez que eu fui lá na Faculdade. E fizeram uma reunião e essa pessoa que trabalhava comigo no hospital disse a alguém lá, disse: “Olha, tem um sujeito lá no hospital que mexe com isso. Convida ele para ir”. E eu fui na reunião. E não me esqueço dessa reunião na Bahia.

NA - Quem tava na faculdade?

AP - Lá na faculdade de Medicina da Bahia. Quem estava? Ah, o pessoal de lá! Cícero Adolfo, Clarival do Prado Valadares... que depois ficou um crítico de arte. Filho de... mais, pai daquela moça que foi Miss Bangu, que vivia com aquele cabo Anselmo que foi da ditadura, aquela moça... Pois é, o Clarival do Prado Valadares.

NA - Ah! Ah, é?!

AP - Clarival do Prado, é... Renato Almeida, Renato Lobo, é... – quem mais? – Mais pessoas. Alexandre Leal Costa... Eu sei que foram, eu pensei a primeira apresentação que eu ia fazer assim, como é que eu ia fazer essa apresentação?

NA - É. O sr. ia ter que explicar o que o sr. tava fazendo.

AP - Eu aí pensei o seguinte: “Eu... eu vou levar o que eu fiz aqui.” E engraçado, a Bahia era muito teórica. Tanto o que é que acontece? Cada um falou sobre o que devia ser feito na França, não sei quê... E eu fui... eu fui o único que cheguei e apresentei minha experiência! Eu disse: “Olha, eu tenho cento e tantos casos aqui tratados. Eu tratei com antiomaline, tratei com isso... deu isso, deu aquilo, deu aquilo e... Pois bem, dessa reunião foram enviadas duas pessoas pra reunião em São Paulo. O Clarival do Prado Valadares e eu. Foi a apresentação. Isso foi fundamental na minha vida. Porque a reunião era em São Paulo em outubro, ela tá publicada nos Anais da... nos Anais... tem... eu tenho esse volume lá. Bom...

NA - Essa foi a primeira reunião sobre esquistossomose?

AP - Essa reunião sobre esquistossomose...

NA - O senhor acha que é a primeira?

AP - Não sei se é a primeira. Em 1952. Contar muito detalhe dessa parte pessoal não, ou quer passar?

NA - Não, tá ótimo.

AP - Então nessa reunião é... foi lá em São Paulo. Mas acontece o seguinte: antes dessa reunião, houve uma reunião no Congresso Brasileiro de Higiene em Belo Horizonte. A reunião foi em Belo Horizonte e acontece que logo em seguida tinha essa de São Paulo. Então, eu fui na reunião em Belo Horizonte e depois fui na reunião de São Paulo. Mudou minha vida, essas duas reuniões. Porque na reunião de Belo Horizonte eu fiz o seguinte: eu levei um outro trabalhinho que eu tinha: '*Intraderma na esquistossomose*'. Como é que eu fiz essa *Intraderma na esquistossomose*? Quando passou um navio italiano, o Américo Vespúcio na Bahia, eu fui no navio, combinei com o médico pra fazer intraderma nos marinheiros.

NA - Nos italianos.

AP - Nos italianos. Por quê? Porque essa intraderma não se sabia direito se era um bom teste. E eu raciocinei: "Se eu fizer isso nesse italiano, esse italiano não tem, não tem esquistossomose. Então eu vou ver se esse teste é bom ou não." Fiz com esses dois médicos: o ... Fiori e o outro...

NA - Estava atrás de um teste diagnóstico, não era isso?

AP - Hem?

NA - Estava atrás de um teste diagnóstico.

AP - Atrás de um teste diagnóstico. Fiz uns 150. Depois até o comandante achou ruim com eles. Eu me lembro. Porque o comandante disse: "Como é que eles tinham feito isso: experiência em *anima nobilis*. Eu me lembro de ver a discussão deles com o comandante dizendo que não tinha importância teste pro médico. Mas o comandante achou ruim! Eu me lembro dele. Mas eu tinha feito, eu tinha o resultado. Então, esse até foi o primeiro trabalho que eu publiquei fora, porque publiquei numa revista italiana com esse...

NA - O sr. comparou os marinheiros...

AP - Comparei o intraderma (*batendo na mesa*), porque eu via positivo lá no Brasil, comparei, mas só apresentei o italiano.

NA - Ah, só as italianas.

AP - É. E vi que não tinha, que ela não dava positivo. Em 150 italianos, deu uma duvidosa. Eu vi que era um bom teste. E tinha esses resultados. Quando houve a reunião de Belo Horizonte, eu pedi à Marinha pra ir na reunião porque eu era médico da Marinha. E a Marinha permitiu.

NA - Como é que o sr. soube da reunião de B. H.?

AP - Eu não sei como eu soube. O Congresso de Higiene. Eu soube que ia haver o Congresso de Higiene.

NA - O sr. não tinha ainda nenhum...

AP - Não, não tinha contato.

NA - Da primeira vez que o sr. foi.

AP - Não. Não tinha contato. Mas soube dessa reunião, não sei como. Eu ouvi, eu lia jornais, eu... Aí sobre essa reunião eu me inscrevi com o trabalho. Eles aceitaram o trabalho pra inscrição. Mas eu já tinha o com... convite da de São Paulo, com passagem paga... Pra mim foi uma beleza!

NA - É o sr. já falou. Quem é que tava organizando essas reuniões?

AP - Na reunião de Belo Horizonte eu não sei. Eu tenho os anais. Eu tenho esses anais grandes dessa reunião, o Congresso de Higiene. Eu não me lembro quem foi. Eu tenho os anais. Eu não me lembro quem organizou essa reunião. Eu sei que eu escrevi pra lá... eu tenho os documentos, eu guardo tudo. Eu tenho tudo isso! Tá escrito.

NA - Um dia o sr. vai doar isso pra Casa de Oswaldo Cruz, não vai não?

AP - Pode ser. Pode ser. Porque esses documentos meus, uns eu deixei na Bahia, mas os importantes eu trouxe pra Brasília, que estão lá e os outros eu tenho um pouco aqui. Eu guardo eles.

NA - Um dia a gente pode arrecadar isso...

AP - É. Eu vou ver onde é que está isso. É bom deixar num lugar que guarde. Aí eu fui nessa reunião e... nessa reunião foi em 50... 52, né, que eu lhe falei. 1952.

NA - É. Foi lá e apresentou o trabalho.

AP - Fui lá e apresentei o trabalho. Quando eu estava lá nessa reunião, lá eu encontrei o Rodrigues da Silva. E lá eu conversei com o Rodrigues, ele ia também na reunião de São Paulo, ele sabia e eu conversei com o Rodrigues um pouco sobre aqui e... e lá quando eu apresentei a reunião...

NA - O sr. descobriu que já era... Não, o sr. já sabia que ele era daqui mesmo!

AP - É. Mas aí eu... me identifiquei com o Rodrigues assim, nós dois começamos uma amizade grande daí e eu fui pra reunião de São Paulo. A reunião de São Paulo mudou totalmente minha vida. Porque eu cheguei em São Paulo e encontrei em São Paulo a nata da medicina tropical brasileira.

NA - O senhor viu quem era, né?

AP - É. Lá haviam 22 ou 23 pessoas. Lá estava o Samuel Pessoa, o João Alves Meira, o Caio Benjamim Dias, o Lobato Paraense, o Hoel Sette, o Rodrigues da Silva, o ... o ... Bogliolo, o Amílcar Viana Martins... Olha, quem quiser de esquistossomose tava lá, inclusive o Pirajá da Silva! E eu me senti extremamente gratificado de participar de uma reunião dessas! E o Siffert que foi quem tinha me convidado, falava mesmo, falava que eu era o novato! Que ali tinha 20 e tantas estrelas e era, o novato era eu, o debutante, vamos dizer.

SK - Como era o nome desse... dessa pessoa?

AP - Geraldo Siffert. Que era um clínico ali do Rio de Janeiro, um homem que gostava...

SK - É S... s...

AP - S, i, dois f, e, r, t.

NA - Não esquece do nome dele Simone...

SK - Eu tô anotando tudo aqui.

AP - Geraldo Siffert. Que era um homem que tinha trabalhado fora do Brasil, com o (*inaudível*) também. Fazia gastroenterologia. Era um homem incentivador dessas reuniões, ele gostava... ele era da Sociedade Brasileira de Gastroenterologia. Que foi quem organizou Sociedade Brasileira de Gastroenterologia e Sociedade Brasileira de Nutrição, parece, sob o patrocínio do Benedito Montenegro, foi o presidente desse congresso em São Paulo. Lá em São Paulo eu me senti extremamente...

NA - O sr. encontrou sua turma.

AP - Encontrei... Não, que eu conhecia, de apreciar... mas nunca pensei que esses homens, que eu podia conversar com essas pessoas. Que eu podia participar de uma reunião com eles! E eu pensei, falei: “Bom, eu vou agora me arrebentar.” Porque agora eu via que era o meu caminho!” Que eu tinha que me dedicar àquilo. Gostei demais de ver o Meira apresentar, ver todos eles apresentarem. Fiquei entusiasmado, uma admiração...

NA - Qual era... qual era o assunto quente deles lá? Que lhe chamou atenção. O sr. tinha os seus casos.

AP - Eu tinha o meu caso.

NA - O sr. apresentou os seus casos.

AP - Apresentei meus...

NA - Os casos baianos lá.

AP - ...experiência, o que eu tinha pra apresentar. Ah, não, lá se discutiu de tudo. E havia lá... houve uma polêmica muito grande porque o Bezerra Coutinho de Pernambuco, falava que o tratamento fazia mal. Que quando você tratava, você matava o verme e esse verme matava o indivíduo. A morte do verme fazia com que o indivíduo... Isso ele discutiu muito nessa reunião...

NA - Esse era um tema polêmico.

AP - Esse era um tema muito polêmico.

SK - Pra esquistossomose.

AP - Esquistossomose. A reunião foi toda sobre esquistossomose! Foi só sobre esquistossomose! Inclusive tava o Pirajá da Silva, na frente, assentado, não falou nada, mas ficou o tempo todo...

NA - Já meio velhinho.

AP - Não falou nada, mas ficou na frente. É, não falou nada. E aí saiu publicado...

NA - O assunto era tratamento, era isso?

AP - Eu falei sobre esquistossomose, o Lobato falou sobre caramujo... O Bezerra Coutinho sobre a morte do...

NA - Mas a minha pergunta pro sr. é a seguinte, sobre o tratamento, quer dizer, tinha uma coisa já assentada: tentar estabelecer...

AP - Não. Tinha. Que o tratamento era esse. Mas muito combatido, não servia pra saúde pública, dizia, outros diziam que não curava direito, eu mostrei que curava uma parcela, que os marinheiros não se reinfectavam, que podia curar uma parcela... Mas não foi uma contribuição assim de dizer que... O Hoel Sette mostrou lá que o... que da Usina Catende, o Geth Jansen já tinha feito um tratamento em massa, em 1935, em Pernambuco...

SK - Como é o nome desse...? Joel...

AP - Esse é Hoel Sette. Hoel Sette. S- e - dois t- e. De Pernambuco. Professor de terapeuta, que o filho está em São Paulo. No mestrado em São Paulo.

NA - E o Geth Jansen... Geth Jansen eu sei quem é.

AP - G- e- t- h- Jansen. Tinha convencido o pessoal da Usina Catende em Pernambuco a fazer um tratamento em massa. Então ele tava mostrando que o tratamento em massa tinha reduzido o número de pessoas com forma grave. Nessa reunião...

NA - Ele apresentou também.

AP - Apresentou. E cada um apresentou uma coisa, o Meira, o Rodrigues.... Eu tenho em casa um dicionário dele. Até hoje tá lá na estante. É interessante. Então... aí eu voltei de lá entusiasmado pra orientar minha vida nesse sentido. Então desse período em diante eu passei o que eu já vinha estudando e passei muito por causa daquilo. Eu era vice-diretor do Hospital Naval. Eu trazia os doentes do interior do estado e internava no Hospital Naval e tratava deles, doentes com Chagas e com esquistossomose. E

eu pedia pra Marinha uma autorização pra fim social pra admitir esses doentes lá. Chagas também, megaesôfago.

NA - Já tava aparecendo. O sr. já tinha visto chagas?

AP - Tinha visto.

NA - Aonde? Antes disso, aonde?

AP - Chagas, eu... eu estava na Bahia quando um belo dia chegou um... um indivíduo chamado Ruben Tabacoff, um cardiologista. Bom, eu já estava no Hospital das Clínicas, que...

NA - Já tinha saído do Hospital Naval.

AP - Não, não tinha saído. Eu me apo... porque aí acontece o seguinte... – então eu vou falar daqui a pouquinho Chagas, deixa eu botar ordem cronológica... – e eu aí... a Marinha... a Marinha para um indivíduo ser promovido ele tinha que fazer um ano de estudos. Então você podia se desligar da Marinha e ficar um ano...

NA - É até hoje assim.

AP - Até hoje. Estudando pra você ter um curso, pra então você ser promovido. Eu aí pedi à Marinha pra fazer o curso no Hospital das Clínicas lá da Bahia.

NA - De medicina tropical.

AP - Não. Clínica médica.

NA - Em que hospital?

AP - Na enfermaria do José Olímpio da Silva. Pedi pra freqüentar um ano no Hospital da Bahia, de Brasília... de Bahia, Salvador... a título de...

NA - Especialização.

AP - Especialização. E... mas não precisava nem sair da Marinha porque eu preferia continuar, eu morava lá... Então eu ia, ficava no Hospital, mas com menos... sabendo que saía pro Hospital das Clínicas. Então eu ia de manhã pro Hospital das Clínicas e de tarde pro Hospital Naval. Essa ida minha pra lá foi muito importante porque mudou totalmente a minha vida, né? Lá o hospital. Eu ia pra lá de manhã cedo, na enfermaria, atendia com eles, via eles atenderem e... – aí é que vem a sua pergunta - num belo dia, na enfermaria com pessoas muito boas, muito competentes, eu me lembro que o Tabacoff que era um cardiologista, chegou lá e falou do trabalho de um tal Laranja. Foi a primeira vez que eu ouvi. E aí fiquei admirado, não conhecia o trabalho, ele disse: “Não, eu vou trazer...” Aí trouxe a revista, que era a *Revista Brasileira de Medicina*, onde havia três trabalhos do Laranja, um trabalho dele sobre clínica e terapêutica e outros trabalhos. Então eu vi os trabalhos do Laranja ali.

NA - Sobre chagas.

AP - Porque com um doente na enfermaria, ele disse que era Chagas e ... e aí falou num trabalho do Laranja... Eu aí vi um trabalho do Laranja, eu aí fiquei entusiasmado porque aí vi que era fácilimo...

Fita 2 - Lado B

AP - ...foi 54 parece, que eu fui fazer esse curso que eu falei. 53 ou 4, eu não me lembro exatamente. Foi lá. Bom, nesse período eu fiquei lá no hospital e nunca mais saí do hospital, até... fiquei sempre lá no hospital. Na clínica do José Olímpio, com o Cícero Adolfo da Silva...

NA - Tabacoff... Como era o primeiro nome dele?

AP - Ruben Tabacoff.

NA - Ah, Ruben Tabacoff.

AP - Tem um irmão famoso lá no Rio, que aparece nesse negócio de finanças...

SK - É. É um sobrenome...

AP - Você deve ter ouvido falar desse tal de Tabacoff lá, que aparece de vez em quando, foi secretário...

NA - Agora, peraí um pouquinho, Chagas apareceu lá nas clínicas...

AP - Aí eu vi o Chagas lá na clínica...

NA - Mas vamos voltar um pouquinho antes, porque eu interrompi, estou falando de Chagas. O sr. falou que no Hospital Naval o sr. conseguiu na Marinha, trazer os doentes do interior pra começar a tratar esses doentes, não é isso?

AP - Exato, eu internava os doentes que tinha...

NA - É, vamos falar um pouquinho disso.

AP - Eu internava os doentes os doentes na Marinha. Internava. Eu era vice-diretor no hospital.

NA - O sr. internava no Hospital Naval mesmo.

AP - Internava no Hospital Naval. Então eu tinha esses doentes no Hospital Naval. Internava esses....

NA - O sr. acompanhou essa gente, um grupo...?

AP - Acompanhei muito bem. Comecei a estudar muito bem esquistossomose lá porque eu fazia, eu fazia pessoalmente as observações... que depois eu deixei lá, foi uma pena eu não ter trazido, eles jogaram fora. Então eu fazia pessoalmente as minhas observações...

NA - Lamentável isso! Perderem isso.

AP - Lamentável! Lamentável! Fazia pessoalmente as minhas observações...

NA - E eles ficavam quanto tempo no geral? O tratamento durava quanto tempo?

AP - Ficava uma semana, um mês, dois... o tempo necessário! Preparava eles, operava... o Dr. Fernandes Filqueiras, um dos melhores cirurgiões que eu conheci, operava. Eu assistia a operação desses doentes, eu aí nessa altura, com um médico que tinha no Hospital naval que gostava de fazer biópsia de reto, fazia as biópsias de reto dos doentes. Eu também do Hospital Naval fui pra Escola de Aprendiz onde eles entravam. Fui assim: comecei a tratar todos os aprendizes que entravam na escola, fazia exame neles todos...

NA - A incidência era alta?

AP - Era alta! Era quase a metade! Eu tratava eles todos. Eu fui acumulando uma experiência muito grande com outras drogas, com outras coisas lá da Marinha... E aconteceu uma outra coisa na... na minha atividade, na minha vida: enquanto eu estava lá na Bahia... Bom, antes de eu ir pra Bahia, encontrei um rapaz que era colega de turma meu, Benedito Inácio Barbosa. Que era um médico da Aeronáutica, que pela Aeronáutica tinha estado na Bahia. E que eu conversando com ele sobre a Bahia, ele me falou: “Olha, não deixe de procurar lá o Mangabeira, Otávio Mangabeira... e lá na Fundação Gonçalo Moniz. Não deixe de freqüentar a Fundação Gonçalo Moniz, porque você vai gostar demais!” Me falou muito dele. Logo que cheguei na Bahia, logo depois que eu arrumei, eu comecei a freqüentar a Fundação Gonçalo Moniz.

NA - Antes mesmo de terminar a faculdade.

AP - Antes! Antes da faculdade eu comecei a freqüentar a Fundação Gonçalo Moniz. Eu ia na Fundação Gonçalo Moniz e... o que é que eu ia fazer na Fundação? A Fundação tinha uma biblioteca muito boa. A Fundação assinava as revistas novas, que a faculdade não tinha tão boa. A Fundação é... começou a fazer uns cursos e eu comecei a tomar esses cursos que foram muito importantes na minha vida. Porque eu tomei um curso com o Deane sobre protozoologia. Eu tenho lá, devo ter até hoje a... as apostilas que o Deane deu sobre protozoologia. Eu tomei aula com o Lauro Travassos lá de Manguinhos que foi muito importante o meu contato com o Travassos, porque o Travassos tinha... A disposição com que o Travassos trabalhava! O bom humor com que o Travassos trabalhava! A maneira como o Travassos começou a dar o curso me abriu a cabeça sobre uma porção de coisas! Eu tinha uma maneira um pouco cartesiana, eu acho que pra eu estudar eu tinha que começar do começo assim, com o Travassos eu vi que não precisava disso. O Travassos chegava no meio das coisas e botava a mão na massa. Então o que é que o Travassos fez? O Travassos começou a pegar animais e sacrificar e mandar estudar os vermes e... e colocar a gente a fazer aquilo e fazer na parte prática aquilo e depois você sistematizava e fazia. Então foi muito proveitoso esse curso que eu tive com o Travassos!

NA - Essa prática do...

AP - Prática da mão...

NA - Abrir o bicho...!

AP - Abrir o bicho, tirar...

NA - Era isso?

AP - Era isso.

NA - Não era nada muito teórico. Era... “Vai...

AP - Não. Era isso que o Travassos fazia.

NA - ...Vai fazer isso que é pra aprender a ver”. Era isso?

AP - Era isso que o Travassos fazia, pra aprender a ver. Então o Travassos pegava é... um jumento, abria o jumento, trazia aquele material e mandava preparar... o Travassos pegava, ele sabia onde tinha tudo. Ele falou assim: “Vai pegar o anu...” Esse anu preto, conhece esse pássaro? “Vai pegar anu!” Aí eu falei... “Pra ver acantocéfalo.” Aí eu falei “Mas é... acantocéfalo pega dois.” “Não, pega um anu só.” Aí ele falou: Porque se não tem acantocéfalo não é anu. E dava uma risada: “Ahhhh!” E o bom-humor do Travassos e eu tinha sido colega do filho dele na Faculdade de Medicina e da Conceição, nora dele. Então por aí eu conversei com ele sobre eles e fiz uma, gostei muito do convívio com o Travassos. Aprendi muito com o Travassos.

NA - Mas ele tava fazendo o que lá na... Gonçalo Moniz?

AP - O Mangabeira...

NA - O Deane?

AP - ...o Mangabeira fez o seguinte: quando ele foi pra Bahia ele fez lá uma miniatura da Oswaldo Cruz. Até o emblema da Fundação Oswaldo Cruz era aquele mesmo que tinha no Rio! Então o Mangabeira levava essas pessoas de lá pra fazer curso. O Mangabeira teve uma influência enorme na Bahia pra formar os jovens.

NA - O pai.

AP - Não, o filho!

NA - Sim, mas o pai também, pela política.

AP - Não sei se por influência do pai que ele certamente teve essa chance.

NA - Claro, claro. É.

AP - E a Bahia nessa época teve a Fundação Gonçalo Moniz e o meio por cento de pesquisa. Muito antes FAPESP, São Paulo, tudo, a Bahia começou com esse meio por cento de pesquisa.

NA - Do estado. Estado.

AP - É, do estado da Bahia. Com influência do Mangabeira, do Anísio... Anísio Teixeira que era secretário da Educação na Bahia.

NA - Porque eu não sei muito bem como é que foi criado o Gonçalo Moniz. É através está dessa história que o sr. tá contando?

AP - Essa é outra conversa! Ele foi criado pelo Mangabeira...

NA - Ah, nesse período que ele sai do instituto e vai pra lá.

AP - Ele sai do Instituto em 1949, 50. 50. Eu tenho a... essa documentação toda. 50 ele foi criado.

NA - E aí na verdade, a ... os fundos, os recursos vêm...

AP - Do Estado.

NA - Do Estado. Porque ele tinha...

AP - Pelas facilidades

NA - As articulações políticas.

AP - Tinha as facilidades. O pai deu bônus e o Estado dava bônus e eu mesmo lá consegui do Juraci muitos bônus e o Juraci...

NA - Magalhães?

AP - É. E o Juraci dava bônus e aquilo rendia e a Fundação era mantida. E a Fundação mantida de uma maneira diferente.... a Fundação havia um entusiasmo grande por pesquisa ali... interior...

NA - Muito jovens, né? Todos jovens, né?

AP - Os jovens. Aí começou o Zilton Andrade, Guilherme Rodrigues da Silva... esses se originaram no contato com o Samuel Pessoa, lá. O Zilton por exemplo, foi com o Samuel. Então, lá eu tive um curso com o Travassos, tive um curso com o Deane, tive um curso com o...

NA - Lobato, não foi?

AP - Aquele de entomologia, famoso de lá, o Souza Lopes.

NA - Hugo Souza Lopes.

AP - Hugo Souza Lopes! Uma simpatia de...

NA - Eu conheci.

AP - ...de pessoa! E também na prática, botava as coisas lá pra ver, mexia... eu era capaz de pegar qualquer mosquito e botar na chave que ele me ensinou, e saber o que era, e até o gênero eu ia. Do... como ele ensinou, botava... E o Travassos e ele também, eu me lembro que o Travassos – me lembro disso agora – chegou, fez, era o seguinte: ele tinha que botar o ancilóstomo no fenol, e tinha que fazer uma lâmina no fenol. E ele perguntou: “Você fez? Clareou?”, eu digo: “Clareei.” “Deixa ver o dedo.” Eu mostrei, ele: “Não tá bom. Pode fazer outra vez.”

SK - De novo.

AP - E não tá bom... (*ri*)

NA - Por quê?

AP - ...porque ele viu que eu não queimei o dedo. Ele falou: “Não, isso queima o dedo! Isso queima o dedo, se não queimou o dedo, vai fazer. Vai queimar o dedo!” E realmente não tinha jeito de você fazer porque se você ia fazer, queimava o dedo. O fenol sapecava o dedo. Então quando eu falei que tava pronto, pra ele ver, ele mandou ver o dedo. Eu mostrei, ele: “Não, vai fazer direito.” (*risos*) E assim era interessante o Travassos, eu gostei muito do Travassos...

NA - Isso foi em que ano que o sr. fez esse curso?

AP - 52... 50 e...

NA - É nesse período que o sr. já tinha ido pra São Paulo... ou não?

AP - Não! coincidiu nessa mesma época.

NA - Na mesma época.

AP - É, mesma época. Bom. Acontece o seguinte: pela influência do... – vai vindo agora outras duas coisas importantes – pela influência do... Eu não tô me entusiasmando demais não? (*ri*)

NA - Não! Que é isso!

AP - Pela influência do... do...

NA - Tá ótimo!

AP - ...é ... do Heraldo, e depois as biópsias de reto, havia uma idéia de como é que evoluiu o ovo do *shistosoma*. E não se conhecia a evolução dos ovos do *shistosoma*. Ninguém tinha feito isso. E é... eu tinha... eu tinha muita vontade de ver como era isso. Então eu resolvi ir na Fundação Gonçalo Moniz, onde eu já ia, pra fazer lá a evolução dos *Shistosoma mansoni*. E havia a evolução dos ovos por um indivíduo chamado Vogel. Hans Vogel. O Vogel: V- o- g- e- l. Vogel. O Vogel, Vogel havia... Hans Vogel, era um professor de Hamburgo que havia feito a evolução dos ovos dos schistosoma japonico. E eu resolvi fazer os estudos dos ovos do *schistosoma mansoni* baseado nos estudos do Vogel, que eu tinha conseguido uma tradução dele que era em alemão. E pra isso eu fui na Fundação Gonçalo Moniz

e pedi, fui com um sujeito chamado Olivieri, que também tinha interesse em estudar a evolução e fomos lá pra poder fazer a evolução dos ovos do schistosoma.

NA - E eles tinham lá?

AP - E o Olivieri era um homem estudioso e morava lá em Salvador, era de Ilhéus, morava em Salvador e tinha esquistossomose na Bahia e ele também tinha interesse em estudar isso.

NA - Por que o sr. foi pedir lá no Gonçalo Moniz?

AP - Eu fui pedir porque o Gonçalo Moniz era como Manguinhos: tinha animais, tinha biotério... na Bahia não tinha biotério. E eles tinham não só o laboratório, mas tinham os animais. Então eu consegui com o Mangabeira uns coelhos que eu precisava. E a idéia era a seguinte: pegar -fazer exatamente como o Vogel fez- pegar o coelho e infectar. Depois que você infectava o coelho, você abria o coelho e o coelho tinha um lóbo, um lóbo hepático que era bem diferente do fígado. Ele tinha um lobo que não tinha comunicação com o resto do fígado. E a idéia era você pegar esse lobo e ligar à veia porta que dava suprimento pra esse lobo. Porque aí, você só ia deixar os ovos ali. Como tava botando o ovo lá na veia porta, o verme não estava, só passava o ovo por ali. Se você ligasse, você ia lá e ia ver a duração daqueles ovos. Por exemplo: todos os ovos que eu visse hoje, só podiam ter sido posto no máximo hoje, né? Aí amanhã eu olhava outros. Depois de amanhã eu olhava... Então a idéia que eles iam sumindo, ia sumindo um tipo de ovo. O primeiro que sumia era o ovo mais antigo, depois o outro... então eu ia vendo, né, o que é que acontecia. Aliás, porque o ovo era o primeiro estágio, segundo. O primeiro estágio devia durar um ou dois dias, era... era... que se eu examinasse dois dias depois, já não encontrava aquele ovo que tinha sido posto porque já tinha evoluído. Esse era o princípio. Mas não deu certo.

NA - Esse era do Vogel, princípio do Vogel. Metodologia dele.

AP - Dele. Que eu ia aplicar na esquistossomose pra que eu fizesse...

NA - Não deu certo.

AP - Não. Não deu certo. Primeiro porque eu não sabia manejar aqueles animais, então os... os coelhos morriam nas minhas operações. Eu e o Olivieri. Segundo, não via ovo nenhum. Não tinha. Não tinha ovo nenhum. O Olivieri logo desistiu daquilo depois de uma meia dúzia de coelhos que nós matamos (*risos*)..., mas eu continuei fazendo aquilo porque eu queria fazer aquilo, entendeu? Eu queria ver como era a evolução. Aí eu vi que não ia, que não... eu vi na literatura que o coelho não era um bom hospedeiro pra... eu consegui um trabalho e vi que o rato e o coelho eles não eram bons transmissores, e por isso o ovo não ia se desenvolver. Mas aí eu fui, lembrei, tive a idéia de fazer uma coisa diferente. A Fundação Gonçalo Moniz fazia antígeno pra vender os antígenos para o diagnóstico de esquistossomose. Todo dia eles infectavam 20 camundongos. Todo dia infectavam 20 camundongos. Por causa do comércio. Porque eles tinham, com 50 dias, eles faziam perfusão, tiravam, com o verme faziam o antídoto e vendia. Eu aí pensei o seguinte: “Ah, eu vou fazer o contrário! Em vez de eu fazer de trás pra diante, como o Vogel ia fazer, quer dizer: o ovo posto ia sumindo, porque... eu vou fazer o contrário, eu vou ver os primeiros que aparecem.” E aí, falei: “Bom, eu vou fazer o seguinte: vou pegar cada dia eu mato um camundongo e eu vou ver o ovo que aparece, e quando aparece, no outro dia eu vou ver o outro e assim eu vou ver a evolução do ovo do schistosoma.” Eu tinha falado com o Heraldo, procurei o Heraldo lá no Rio, ele tinha um consultório lá na rua México, e o Heraldo disse que o ovo já estava formado no útero. Não era

verdade. O Heraldo... não era certo isso que ele falou. E o Heraldo... esse ponto, ele não tava certo nisso. E eu tinha essa coisa que o Heraldo falou e tinha o Vogel dizendo que era de outra maneira, né? Então eu quis fazer pra ver. Aí eu fui pra lá e comecei a fazer. Então o que é que eu fazia? Todo o dia eu ia lá. O dia que eu não podia não tinha importância, mas todo dia eu sabia que tinha camundongo recém infectado. Todo dia tinha camundongo. Então eu pensei, cheguei lá... tenho até hoje esse protocolo, desse camundongo que eu fazia, chegava lá, pegava... peguei um camundongo no 19°. Fui ver no 20°, 21°. O que é que eu fazia? Eu ficava uma tarde toda com aquele camundongo. Eu esmagava ele e olhava ele todo. Ele era pequeno. Todo fígado e todo rim, o... o... intestino dele.

NA - E tinha os ovos.

AP - Onde ficava o verme: no fígado e no intestino. E eu examinava tudo. E aí eu via que, eu via que apareceu o esquistossomo, eu aí no dia seguinte... outro camundongo, etc. Olhava, via que tava um pouco, aí fui vendo. Vi que eles acasalaram no 25° dia, que tinha ovo acasalado... Vi o dia que eles começaram a migrar pra porta... E vi que no dia 29 não tinha um ovo no tecido, só tinha camundongo acasalado. E eu já vi o ovo... já via no útero da fêmea. Então eu vi que o ovo no útero não era como o Heraldo tinha dito, porque o Heraldo não tinha feito, ele só tinha dito. Já vi que era ovo sem tá formado. No dia 30 eu vi que tinha ovo, pela primeira vez no tecido. E eu concluí que aquele ovo tinha sido posto naquele dia, porque um dia antes eles já estavam no tecido... E aí eu pra certificar, eu matei mais 10 camundongos no dia 29 (*batendo na mesa*), pra ver se realmente no dia 29, não tinha ovo nenhum e no dia 30 apareceu mais alguns, uns não, mas eu vi que era no dia 30 a postura. Eu fixei a data no dia 30. No dia 31 eu vi que apareceu um outro tipo. E assim eu fui vendo até cada dia que foi aparecendo, eu vi. Aí eu vi, estabeleci, como é que se fazia a evolução. Foi a primeira vez na literatura que se viu como é que evolui o ovo do *shistosoma*. Então foi o primeiro trabalho original que eu fiz que me deu muita satisfação. Porque eu vi que eu tinha conseguido uma coisa que não se tinha na literatura, que é a evolução dos ovos do *schistosoma mansoni*.

NA - *Mansoni*.

AP - Bom, nesse meio tempo, o Samuel Pessoa apareceu lá na Bahia. Eu já tinha visto ele em São Paulo na reunião de 52, mas ele tinha ido lá no Ceará onde estava o Deane, que tinha feito uma tese sobre o calazar. Na volta dele ele parou na Bahia. Na Bahia ele pediu ao Mangabeira uma condução e foi até Jacobina. Porque lá em Jacobina havia suspeita que tinha calazar.

NA - Calazar?

AP - É. E aí o Mangabeira chegou em Jacobina e viu uma... vários casos de calazar, um novo foco de calazar. Ficou lá... Mangabeira não, Samuel! Ficou lá uns 5 ou 6 dias, voltou e fez um trabalho sobre o foco de calazar em Jacobina, que é uma outra história porque o Mangabeira já sabia que tinha esse foco lá. Sempre me falava isso, mas ninguém foi, tiravam, lá cogitar, porque havia um caso de viscerotomia. Então o Mangabeira, o Samuel, descreve o foco de calazar de Jacobina. Aí o Mangabeira teve entusiasmo em trazer esses casos pro hospital. Nessa época eu já estava...

NA - Na clínica.

AP - ...nas clínicas. E consegui então nas clínicas, internar o calazar nas clínicas. E... internei também no Hospital Naval, onde eu internava os doentes de megaesôfago e chagas, internava também os de

calazar. Eu internava calazar, mas aí comecei a internar no Hospital das Clínicas. E... a Fundação Gonçalo Moniz fez um acordo com o Hospital das Clínicas, mandava qualquer coisa assim, pra internar esses doentes lá. E eu que era o responsável pelo doente. Eu aí comecei a fazer as observações minuciosas também e tratar desses casos.

NA - Calazar.

AP - Então eu fiquei com calazar...

NA - Chagas...

AP - ...primeira vez no Brasil que tinha bem documentado o calazar e... esse material da biópsia de reto. Foram as duas teses quando eu resolvi fazer cátedra em docência. Eu não fui fazendo, eu não sabia porquê. Fazia porque eu tinha gosto já por aquilo! Não sabia...

NA - E Chagas também, que apareceu...

AP - Chagas também.

NA - Tinha... tinha bastante Chagas?

AP - Tinha muito! Tanto que quando eu terminei, eu tinha que fazer um relatoriozinho, pra Marinha. Aí eu fiz um relatoriozinho. E botei: Doença de Chagas, Megaesôfago e Calazar na Bahia. Foi esse meu relatório, dizendo como é que era essa situação. Doença de Chagas... O relatório que eu entreguei à Marinha, que ela publicou naquela revista. Achou interessante e publicou o meu relatório naquela Anais... Anais... *Anais de Medicina... Anais de Medicina Naval?* Tem essa revista até hoje.

NA - Mas o sr. não teve contato com o Samuel nesse momento. Ele esteve lá...

AP - Tive contato quando ele esteve lá, estive com ele...! Vi ele fazer isso lá...

NA - Sobre o calazar.

AP - É. Mas não fui com ele lá nessa ocasião. Meu contato com ele veio logo em seguida. Depois, mais adiante. Meu contato com ele veio no futuro. Mas ele foi lá nessa ocasião, ele levou com ele o José Figueiredo, que era um médico que trabalhava na Fundação. E veio depois entusiasmado, eu conversei com ele, ele me contou como é que foram os casos e eu fiquei muito entusiasmado com o trabalho que ele publicou. E ele foi embora pra São Paulo. E eu nessa altura, continuava lá com os casos de calazar no Hospital das Clínicas, já no Hospital Naval eu tinha terminado o período, mas continuei trabalhando no Hospital das Clínicas. E aí surgiu um outro, um outro episódio que foi importante na minha vida. É... é... eu... nessa altura chegou lá na... na... Bahia, um médico que trabalhava no Rio lá que era presidente, diretor daquela pós-graduação Carlos Chagas, o Ernani Amorim. O Ernani Amorim da Academia de Medicina e cirurgião... E o Ernani Amorim chegou lá na Bahia como cirurgião. Eu tenho impressão de que já indo pra lá porque eu estava lá. Já eu comecei a ser conhecido um pouco pelo meu trabalho sobre esquistossomose e o Amorim tinha interesse sobre isso e por isso foi pra lá. O Amorim estava lá comigo na Bahia, tinha acabado de chegar, quando houve uma reunião sobre, eu não sei se... 11 de junho ou 13 de dezembro. Uma data da Marinha. Uma data da Marinha. E... em que é... o Pinotti apareceu por lá. E

aí nós resolvemos fazer uma... um simpósio sobre esquistossomose. E nós fizemos o primeiro simpósio sobre esquistossomose na Bahia. A Marinha fez o primeiro simpósio. Eu falei no Amorim porque eu organizei esse simpósio com o auxílio do Amorim. Eu fiz as questões que estão ali e mandei pra... pras pessoas importantes todas. Aí também foi um grupo igual àquele de 52. Todo mundo foi lá, na Bahia.

NA - Em que ano foi? O sr. Lembra?

AP - Isso foi... Eu tenho ele aí. Isso foi em 50...

NA - O Pinotti, o sr. tá falando...

AP - É, o Pinotti. E o Pinotti diz que ajudava a fazer as reuniões.

NA - O Pinotti já era ministro?

AP - O Pinotti era. Ele ficou muito interessado!

NA - O Pinotti era em 56, eu acho.

AP - 56 ou 57. 56... 56. Essa reunião da Bahia foi em 56. Nós fizemos na Bahia. Aí foi o Rodrigues, foi o Caio, foi o Meira... foi esse pessoal todo importante lá. Na... nessa reunião da Bahia.

NA - O... o sr. conseguiu organizar...?

AP - Conseguimos organizar esse simpósio, pedi verba ao Pinotti e à Marinha também.

NA - Pinotti deu?

AP - A Marinha bancou. A Marinha ficou muito contente. Porque houve uma divulgação muito grande da marinha... Os jornais – não era comum esse tipo de simpósio – os jornais abriram um espaço grande, editoriais sobre a esquistossomose... o Pinotti ficou muito satisfeito. Ele foi no simpósio.

NA - Pinotti?

AP - É. Foi no simpósio. Nessa época que ele foi nesse simpósio, (*tosse*) eu já tava pensando... Sim, nesse simpósio que houve lá na Bahia, o... é... o Rodrigues foi, com o Clementino Fraga. E pela primeira vez se falou na possibilidade de eu... eu ser professor lá na Bahia. E o Fraga estimulou, o Rodrigues também...

NA - Clementino Fraga filho.

AP - Fraga Filho. O Fraga, o Rodrigues estimulou também que eu devia... E o Rodrigues falou comigo: “Olha, eu conversei com eles, você tem chance de fazer a coisa...” e botou a mosca azul um pouco. Eu não pensava... Eu não tinha docência e não tinha cátedra. E o concurso tava aberto na Faculdade de Medicina.

NA - Tava aberto, é.

AP - O concurso estava aberto na Faculdade de Medicina e ia fechar daí a um mês. O concurso tava aberto pra... clínica de doenças tropicais.

NA - Sopa no mel.

AP - Hem?

NA - Sopa no mel!

AP - Sopa no mel. O concurso estava aberto é... Como é que estava aberto o concurso? O concurso estava aberto...

NA - Quem era o catedrático nesse período?

AP - O catedrático era o ... o Garcez Fróes. Heitor Garcez... Heitor Fróes! Que tinha ido pra Escola de Guerra e tinha ficado no Rio de Janeiro... e a cadeira tava vaga, e aí resolveram abrir a cátedra da Bahia. Era um mês... era... foi em janeiro que nós fizemos o simpósio (*breve pausa*). Foi em janeiro que nós fizemos o simpósio. Havia... havia uma... – foi isso mesmo – havia um... um prazo pra livre-docência. Eu não tinha livre-docência. O concurso tava aberto, parece que encerrava... era um ano que... parece que se encerrava em junho. Em junho. E o concurso tava aberto é... eu podia, eu tinha um mês e meio pra me inscrever na livre-docência e fazer a livre-docência. Eu tinha um mês e meio pra me inscrever na livre-docência. Eu não tinha tese! Então, quando eles saíram de lá...

NA - A exigência qual era? O sr. tinha que ter...

AP - A docência, a livre-docência, era... a livre-docência você tinha que dar, você tinha que fazer 5 provas: título, tese, aula prática é... Você tinha que fazer: prova de título, defesa de tese, aula prática, aula teórica e prova escrita.

NA - Ham, prova escrita. É pesado.

AP - Pesadíssimo! Bom, eu... quando eles saíram de lá eu pensei, falei: “Que coisa...!” Eu fiquei achando que eu podia fazer esse concurso, mas eu não tinha... não tinha... eu não tinha nada feito ainda. Quer dizer, eu tinha tudo feito, mas não tinha nada escrito. Eu tinha a tese pronta, dados! E tinha calazar pronto, os dados. Aí, tomei a decisão de fazer o concurso e falei: “Bom, eu tenho que fazer isso o mais rápido possível!” Tomei a decisão de fazer o concurso. Falei: “Bom, eu vou fazer esse concurso. Vou fazer esse concurso porque é... realmente tem que ter.”

NA - Uma oportunidade, né?

AP - É, a minha oportunidade. Porque aí eu não entro mais... “Eu vou fazer esse concurso...”

NA - O sr. já tinha casado?

AP - Já tinha casado. Eu casei...

NA - Ela tava lá com o sr. já?

AP - Tava. Tava lá comigo, eu fui prestar um ano na Bahia... aí não fiquei um ano na Bahia, resolvi ficar dois anos, aí depois pra voltar... aí resolvi não voltar, levar a mulher. Aí levei a mulher, casei em 53 e ela foi. O meu filho nasceu em 54, o outro nasceu em 55. E a outra nasceu em 50... e 9, parece.

NA - Quer dizer, na verdade, que o sr. ... o seu último filho?

AP - Meu último filho é 59.

NA - 59?

AP - Filha.

NA - Filha. É... na verdade, no concurso pra faculdade o sr. não precisava...

AP - Eu era médico da Marinha.

NA - É! O sr. tinha um salário...

AP - Muito bem visto na Marinha, muito bem quisto! A Marinha muito satisfeita!

NA - E bem pago?!

AP - Bem pago. Eu já era...

NA - O sr. sustentava a sua família muito bem.

AP - Eu era capitão de corveta. Capitão de corveta na Marinha. Eu era muito bem quisto na Marinha. A Marinha muito satisfeita com... com o simpósio, com algum nome que eu tinha já conseguido fora, pouca coisa, mas eu já era conhecido. A Marinha se orgulhava de mim. Eu sentia que os colegas gostavam de ver que um médico militar podia estudar também, não era só médico, não era... Era um homem que podia se dedicar a isso.

NA - O sr. era um cientista, né?

AP - É. E gostava. Não tinha... Tinha algum nome fora da Marinha. Já era conhecido. E a Marinha me facilitou ... eu peguei pessoas que me facilitaram... nunca me criaram...

NA - Problema.

AP - Não! Gostavam que eu fizesse, não me atrapalhava pra internar os doentes lá... não, esses doentes tinham que ser municiados, né, e ficava com uma parte social, essa internação desses doentes... Bom. E aí eu resolvo...

NA - Só uma pergunta. Essa era uma prática comum, não, né?

AP - Não. Não. Tanto que eu criei lá uma maneira lá... “Doente era procedentes da onde?” “Procedente do navio tal, procedência...” e eu criei uma procedência externa. Até o médico que hoje quando me encontra ri muito. Porque eu criei...

NA - Isso não existia.

AP - Não. Procedência externa. Porque isso ia pro Rio de Janeiro...

NA - Pra população? Né.

AP - Procedência externa. E era a título de estudo pra treinamento do hospital e pra uma parte social da Marinha.

NA - Porque não pode, né?

AP - Hem?

NA - Não, porque não pode. No hospital só pode tratar dos marinheiros.

AP - Só da Marinha! Mas ela...

NA - ...Família e tal!

AP - É. Mas ela tolerava esses doentes lá. Porque treinava o pessoal, eram doentes graves. Treinava o serviço do hospital, os médicos operavam e também a Marinha aparecia...

NA - O sr. conseguiu convencer, na verdade!

AP - Eu era o vice-diretor! Eu tinha inteira autonomia!

SK - Sim, mas o sr. convenceu... não tinha alguém...

AP - O diretor. O diretor era o Olavo Dantas que eu... o vice-diretor é que tomava conta do hospital.

NA - Ah, era isso?

AP - E eu via essa coisa, falava isso com ele. Eu tinha muito boa aceitação. Porque eu trabalhava muito, fazia as coisas bem, eu atendia os doentes. Eu pessoalmente atendia... eu atendia muito doente, a maior parte da clínica toda era eu que atendia no hospital. Eu tinha um conceito bom.

NA - Deixa eu lhe perguntar. O sr. conseguiu formar pessoas interessadas, os médicos mesmo...?

AP - Nessa época ainda não.

NA - Ainda não.

AP - Não. Eu tinha amigos de fora que eu tinha trazido pra lá. Tinha trazido o Rodolfo Teixeira que foi depois meu assistente. Tinha trazido o José Carvalho, que era amigo dele, que era pra me... eles eram médicos, não eram militares. Eram médicos civis. E tinha, médico militar, o Ruy Machado que tinha admiração pelo trabalho que eu fazia lá, que depois eu até levei pra escola...

NA - Quer dizer que o sr. passou um bocado de tempo sozinho tratando dessa gente toda.

AP - Sozinho, sozinho. Bom, nesse tempo que eu estava no hospital eu fiz uma outra coisa muito importante. Eu comecei a fazer umas sessões anátomo-clínicas, à noite no hospital. E essa sessão atraiu muita gente porque eu fazia nos moldes clássicos mesmo, sem saber, convidava as pessoas da faculdade pra vir discutir os casos. E fazíamos, eu não me lembro se semanalmente, acho que semanalmente, eu fazia. Então eu batia os casos direitos e pegava o Zilton Andrade que tinha chegado dos Estados Unidos, o Silvano que trabalhava no Hospital das Clínicas... *(interrupção da fita)*

Fita 3 - Lado A

NA - ...tá? vamos combinar assim.

SK - Pode... continuar.

AP - Bom, ...

NA - Ia pra sessão...

AP - Anátomo-clínica, que deu grande nome ao Hospital Naval. E que também pra mim foi muito importante. Era um estudo muito grande que se fazia e eu fiquei um homem bem conhecido ali, como capaz de organizar sessões e presidir as sessões no Hospital Naval. Eu já tinha ido pra São Paulo naquela reunião eu já tinha estado no Hospital das Clínicas eu tinha... já na Fundação Gonçalo Moniz e eu tinha essas sessões...

NA - na verdade o sr. conseguir se integrar...

AP - Eu me integrei bem...

NA - ...a essa comunidade médica baiana?

AP - À comunidade médica de lá. Eu tinha bom nome entre eles...

NA - Era isso.

AP - Como uma pessoa estudiosa, uma pessoa...

NA - O que não aconteceu em Corumbá, né? Foi diferente.

AP - Não. Eu lá me integrei muito bem... como indivíduo, eu tenho essa impressão, trabalhador e correto, porque eu não tinha, nunca na Bahia eu tive nada que me desabonasse na Bahia... tinha muita... Sou muito chegado a eles lá na Bahia. Então essa, foi tudo feito nessa parte. Então nessa ocasião, quando eu resolvi fazer o concurso, que eu vi que eu tinha que fazer o concurso, eu aí pensei, digo: “Bom, como é que eu vou fazer? Eu tenho de fazer uma tese de... de mestrado!...” Mestrado não, livre-docência. “Depois eu tenho que fazer uma livre-docência, depois eu tenho que fazer uma tese de professor catedrático e depois fazer pra me preparar pro concurso de professor catedrático.” O meu problema todo era fazer a livre-docência e a tese pra professor catedrático. Então eu resolvi usar uma dessas duas teses. Como fazer? Naquela época não tinha a história como o doutorado de hoje, mas..., mas era a mesma coisa. Procurei me orientar. Procurei me orientar. Olhei lá na Bahia com quem eu podia falar. Alexandre Leal Costa, era o professor de parasitologia. Falei, me aconselhei com ele.

NA - Hum. Da faculdade?

AP - Da faculdade. O que é que eu ia fazer? Conteí a ele o que eu queria fazer. Queria fazer livre-docência e cátedra (*batendo na mesa*). Falei com ele que queria fazer isso, só pra ele. E o que eu devia fazer. E qual o material que eu tinha? E eu mostrei a ele o material que eu tinha, ele falou: “Não, agora você tem essa evolução dos ovos, você tem essa... do calazar... Eu acho melhor a da evolução dos ovos pra cátedra e do Calazar pra livre-docência.” E aí eu vi também o Rodrigues e etc e tal. Enfim, resolvi fazer a livre-docência com a tese do calazar. E depois deixar os ovos, e as biópsias de reto que eu tinha duas mil biópsias de reto com resultado, fazer uma parte experimental, evolução dos ovos, e uma parte prática que era o valor da biópsia.

SK - E esse trabalho da evolução dos ovos o sr. já tinha publicado alguma coisa?

AP - Já tinha acabado.

SK - Ou o sr. ...

AP - Não. Nada! Não! Comecei a fazer isso... eu fiz isso lentamente. Eu ia um dia lá, examinava aqueles ovos e ia tomando nota.

SK - E o sr. não chegou a publicar, né?

AP - Não! Nada! Não tinha publicado nem calazar nem o outro. Nada! Nem calazar nem o outro. Tava esse material virgem pra ser usado. Aí resolvi fazer o calazar e fazer... Então o que é que eu fiz? Preparar a tese de calazar. Eu tinha 20... eu tinha... eu tinha é... eu tinha no máximo um mês, eu não me lembro agora os dias certo, eu tinha que ver pela data do simpósio, eu sei quantos dias eu tinha. Mas eu sei que era um mês pra eu escrever uma tese e imprimir a tese. O que é que eu faço? Vou na seção lá da Fundação Gonçalo Moniz onde... e tinha uma tipografia. E combinei com eles que eu traria o material pra fazer biópsia, pra fazer impressão, é... “Qual era o prazo?” Eles me deram o prazo. Me deram parece que 15 dias ou 10 dias...

NA - Nossa!

AP - ...que eu tinha que levar aquela, aquele material nessa ocasião. Eu aí peguei todo o meu material que eu tinha, todas as fichas clínicas, e eu tinha no Rio de Janeiro um primo que era assistente do Feijó.

Assistente do Feijó. Catedrático do Rio de Janeiro. E tinha o grande amigo Café. E falei com o Café. O Café falou: “Não, você vem pra cá e você fica, tem um quarto aqui no meu apartamento ali na Lagoa, você fica aqui no meu apartamento, ninguém te aborrece. Você fica aqui o dia inteiro escrevendo o que você quiser. Fica aqui”. E eu fiquei lá esses dias e o Café me trazia comida lá e tal. E eu fiquei na casa do Café num quarto lá sem ninguém me aborrecendo. Fui nesse amigo, primo meu, Domingos, com esse material todo e falei: “Domingos, eu preciso de um obséquio seu. Eu preciso que você pegue essas 30 observações e faça um resumo dessas 30 observações. E lance isso tudo pra mim nessa folha aqui. Resuma isso e leva pra um bom profissional, professor da faculdade lá. Assistente. E eu preciso que você faça isso e eu não tenho tempo. E fui pra biblioteca da Fiocruz pra pegar a bibliografia. Então a Fiocruz...

NA - Que era o Instituto Oswaldo Cruz antigamente.

AP - Que era o Instituto Oswaldo Cruz antigamente. Tinha a parte velha, antiga. E ela tava um pouco em decadência nessa ocasião, não tinha renovação boa.

NA - Na biblioteca...?

AP - Na biblioteca. Essa... essa melhor renovação tava na Praia Vermelha.

NA - Na Faculdade de Medicina.

AP - Na Faculdade de Medicina que já tinha renovado. Então o que foi que eu fiz? Eu fui pra lá, com uma alergia enorme de coisa e...

NA - Pó.

AP - Pó. E eu com lenço - dois ou três lenços - e pegando aqueles trabalhos... e peguei os trabalhos, todos antigos de calazar do início do século, tanto que a minha tese, quem conhece, pode notar que tem uma revisão muito boa da parte antiga. Mas a parte mais recente tem alguns trabalhos, mas não tem uma revisão tão boa quanto...

NA - Não está completa.

AP - Mas por quê? Porque quando eu acabei a da Fiocruz não deu tempo.

NA - Já não tinha mais tempo?

AP - Não tinha tempo de jeito nenhum...!

NA - De ir pra parte nova.

AP - Eu ainda fui pra Praia Vermelha, mas não deu pra eu fazer como eu fazia na Fiocruz. Com esse material todo, rabiscado e escrito, peguei o que Domingos tinha feito, passei os olhos em tudo... Peguei esse material todo e fui embora pra Bahia, pra bater isso e pra entregar na Fundação. E agora começou a guerra, a Fundação me ameaçando que não tinha tempo, não tinha tempo, não tinha tempo! O Altino que é o ... eu me lembro que ele falava comigo: “Não vai fazer isso!” Mas espera um pouco, um dia a

mais... Eu sei que eu entreguei isso à Fundação e eles rodaram um extraordinário e eu no dia 28 de fevereiro, no último dia, eu entreguei a tese e fiz a minha inscrição na docência. Terminada a inscrição na docência, a prova ia ser realizada dali a seis meses. Ia ser realizada em junho.

NA - Prova escrita?

AP - A prova...

NA - Oral.

AP - Toda a prova pra docência. Mas eu não pude me preparar pra docência. Eu não tive condições de me preparar pra docência. Eu tive que fazer a tese de biópsia de reto para que eu pudesse concorrer à cátedra. Porque no dia que acabava a docência, era o prazo também pra... ficava aberta a cátedra. Tinha seis meses pra cátedra. Quer dizer, então o que é que eu fiz? Eu acabei uma tese e peguei a outra.

NA - Mas vem cá, o sr. não apresentou a do Calazar?...

AP - Larguei lá na tese...

SK - Ele conseguiu escrever...

NA - Sim, enfim...

NA - Escrevei, larguei lá e fiz a inscrição.

NA - Sim, tá. E aí? Aí não apresentou?

AP - Não. Apresentei lá e eles iam marcar a data.

NA - Sim, o sr. ficou esperando. É aí que aparece...

AP - Tinha que convidar os candidatos. Nessa reunião... Não, o concurso já tava aberto pra cátedra.

NA - Já tava aberto. Aí o sr. se inscreveu de novo.

AP - Não. Não me inscrevi porque tinha... o concurso foi aberto durante seis meses.

NA - Ham. Ficou aberto, seis meses.

AP - Ficou aberto seis meses.

NA - Quem... quem eram os candidatos?

AP - Hem?

NA - Apareceram candidatos?

AP - Apareceram candidatos. Tava aberto seis meses. Eu aí é... corri pra fazer a tese de cátedra que eu ia apresentar... sem ter docência, eu fui fazer a outra tese!

NA - Mas podia?

AP - Não, eu podia fazer a tese...

NA - Sim.

AP - Mas eu quando fosse me inscrever eu devia ter a docência inscrita já. Eu esperava fazer a docência e depois quando tivesse... porque tinha seis meses. E nesse tempo a docência minha tinha que ser realizada em seis meses. Se eu perdesse a docência...!

NA - A outra tava perdida também.

AP - A outra tava perdida. Se eu tivesse a docência, com a docência eu podia me inscrever. Mas eu não tinha tese! O jeito foi fazer a tese. Aí eu comecei a fazer a outra tese.

NA - Que era sobre os ovos.

AP - Biópsia de reto. Bom, a primeira tese saiu cheia de erro de calazar. Quando lê a tese você vê que é uma tese que tava cheia de erros. Erros assim que eu falo, que precisava ter melhorado a tese, entendeu? O jeito.

NA - O sr. escreveu em quanto tempo?

AP - Ah, escrevi a tese em um mês com tudo e menos do que isso. Não deu pra eu fazer revisão de tudo. E além disso é... tanto que quando eu publiquei a tese, eu revi, então a que aparece...

NA - Já é uma edição revista...

AP - É uma edição revista. E é boa. A de calazar ficou correta. Mas a que eu entreguei na faculdade! Ela tinha muitos erros. Mas tava lá o assunto!

NA - A... a tese do calazar na verdade o sr. aborda o quê? O tratamento, o acompanhamento...

AP - Calazar.

NA - como é que é?

AP - Estudo clínico do calazar.

NA - Estudo clínico.

AP - Só que não deu tempo do tratamento. Quando chegou no tratamento eu parei. Foi uma crítica que eles fizeram à tese. Falaram: 'Você não faz... você deve ter tratamento. Porque você fala que não deu tratamento...'. Não deu pra eu fazer a evolução do tratamento! Mas o estudo clínico...

NA - E tinha alguma coisa específica de tratamento já pra calazar?

AP - Tinha um pouco específica...

NA - O que era?

AP - Era o antimonial também.

NA - Antimonial?

AP - É...

NA - Só uma pergunta:...

AP - Glucantime.

NA - Ham?

AP - Era Glucantime. É glucantime. É... n-metil glucamina.

NA - No Brasil, quer dizer, a indústria farmacêutica brasileira, que nessa época...

AP - Antimoniato de n-metil glucamina.

NA - ...existia ainda um pouco da indústria farmacêutica brasileira, quer dizer, na verdade essas drogas elas eram desenvolvidas no Brasil ou fora do Brasil? Isso que eu queria perguntar.

AP - Não! Eram fora do Brasil!

NA - Fora do Brasil.

ÁP- O tártaro emético não, era feito aqui.

NA - O tártaro emético.

AP - Mas não se usava muito porque era muito tóxico. O tártaro emético tinha que mandar fazer na farmácia.

NA - É. O sr. falou.

AP - Você receitava e eles faziam.

NA - Agora, essas drogas é...

AP - Essas drogas vinham de fora.

NA - De fora.

AP - A glucantime era da Rhodia. E havia também pro calazar o Pentostan.

NA - Mas isso lá pra eles era importante, interessante por quê? Pra essas doenças.

AP - Porque eles tinham coisas na Índia, tinham coisas na África... influência deles nas colônias. A medicina tropical foi feita com a influência de Portugal nas colônias, com a influência da Holanda nas colônias, depois do inglês, francês, italiano nas colônias!

NA - Eles tinham um mercado pra indústria farmacêutica, não é isso?

AP - Eles tinham um mercado grande...

NA - Pra esse tipo de coisa.

AP - Exatamente. E não só o mercado, mas a necessidade deles que iam pra lá... eles tinham essas doenças! Eles tinham que controlar essa doença! E hoje, isso é universal. Hoje o interesse deles hoje, porque que o doente hoje vai pro mundo inteiro. Turismo, etc.

NA - Claro, claro!

AP - Então eu fui fazer a tese da biópsia de reto. Essa tese da biópsia de reto, essa saiu caprichada. Eu voltei pro Café, lá onde eu ficava... e lá eu escrevi a tese de biópsia de reto como eu acho, essa saiu muito bem feita... eu imprimi... Bom, aí entrou o Pinotti outra vez.

NA - O sr. teve tempo pra fazer direito?

AP - Tava feita! Tinha. Eu tive só que fazer as fotografias. Tanto que quando eu acabei a inscrição, no dia 28 de fevereiro, eu peguei o mês de março, fui e fui fazer. Eu fiz março e abril eu fiz a minha tese. Essa eu fiz, escrevi nuns dois meses: março e abril. Com essa aí eu fui ao Pinotti, o Pinotti morava, tinha consultório na rua São Cristóvão. Porque quando o Pinotti fez o simpósio aqui, que eu já tava pensando em calazar, ele ficou muito satisfeito e me agradeceu por ter feito o simpósio. E assentou ao meu lado, me botou a mão assim e falou: “Gostei muito do simpósio que você fez! Foi muito útil. Você fez um benefício muito grande. Se você precisar de alguma coisa de mim, eu estou às suas ordens.” Nessa hora que ele falou, eu disse: “Olha, dr. Pinotti, o sr. tá falando assim, eu talvez possa precisar do sr. porque eu preciso que imprimir uma tese.” Ele: “Me procura.” E foi embora. Quando eu fiz isso tudo, essa outra, eu aí fui no Pinotti. E falei com o Pinotti: “Dr. Pinotti, eu é... resolvi fazer uma cátedra na Bahia e eu preciso fazer uma tese.” Ele disse: “Não, não tem importância, eu faço pra você. Cadê o material?” Eu disse pra ele: “O material tá quase pronto e tal.” Ele: “Você pega todo o material e procura aqui o Scorzelli.” Que era da Divisão da Organização Sanitária. “E vai lá...”, escreveu pra ele um bilhete: “Olha, imprime essa tese aqui pro professor Prata.” “Quantos exemplares você quer?”, eu disse: “Não sei.” “5 mil?!” Nunca vi tirar isso! Fez 5 mil! (*risos*) Essa tese distribuiu pra todo lado, ainda tem até hoje aqui em casa. 5 mil exemplares! Papel couchê... todo colorido uma parte...! Aí mandou fazer, fui lá. Aí eu fui, fui fazer essa tese e... e quando eu acabei a tese, eu vi a necessidade de preparar pra cátedra. E pro concurso de docência!

NA - De docência. Os dois juntos.

AP - Que eu não tinha preparado, direito.

NA - É. E aí?

AP - Aí resolvi ir pra São Paulo, pra Quinta do Meira. Meu contato com o Meira aí. Fui pra São Paulo, pra Quinta do Meira e lá fiquei em São Paulo, hospedado no Hotel Bandeira, aquele hotel que tem na Praça da Bandeira, que agora hoje...

NA - Eu não conheço, não conheço bem São Paulo.

AP - Fiquei em São Paulo só por conta de estudo, preparando e fazendo revisão da tese. Bom. Agora eu vou acabar isso, acabar com a cátedra, mas eu vou fazer só uma outra... um outro parêntese agora. Aí nessa altura eu fui ver a minha esposa, a companheira que eu havia escolhido. Quando eu resolvi fazer a cátedra...

NA - É, eu ia lhe perguntar...

AP - Eu falei com ela: 'Olha, eu vou fazer...

NA - Que situação!

AP - ...uma cátedra. Quero fazer essa cátedra. E..." "Então você faz. Pra isso você... você... tem que ir lá pra casa do seu pai, e eu vou..."

NA - Com as crianças?

AP - É. "Você vai ficar com o seu pai..." "Ah, eu vou, vou lá pra casa do meu pai." "E eu preciso vender o nosso apartamento."

NA - No Rio.

AP - "Preciso vender o apartamento..." É, no Rio. "...pra eu custear a tese e eu... não tenho tempo a perder." Eu aí vendi o apartamento que eu...

NA - Nem tinha acabado de pagar ainda.

AP - Nem tinha acabado de pagar. Mas recebi o dinheiro, com esse dinheiro eu imprimi a minha tese na Fundação Gonçalo Moniz. Com papel couchê... com fotografias lindas. Não poupei táxi, não poupei avião e não poupei hotel pra fazer o que eu precisava e nem dinheiro pra chegar em São Paulo pra pegar o Court que era o único sujeito que tinha fotografia colorida... e pegar todos os livros que eu conhecia na biblioteca de medicina que pra... pra preparar minhas aulas teóricas e tirar fotografias coloridas, que era uma novidade, não se fazia isso! E paguei ao Court uma fortuna pra ele tirar pra mim slides...

NA - Pra fotografar isso aí.

AP - Fotografar pra minhas aulas que eu ia dar!

NA - Claro! E tudo que era caso, que eu pude... documentação pra documentar. E gastei dinheiro com hotel e táxi! Eu não perdia tempo. Eu pegava um táxi, ia pra (*inaudível*), acabava almoço, pegava ia pro hotel... Quer dizer, ...

NA - Quanto tempo o sr. ficou nessa história toda?

AP - Eu fiquei nessa coisa toda...

NA - Um ano.

AP - ...eu fiquei nessa coisa toda...

NA - Desde que começou esse negócio.

AP - É. Um ano mais ou menos. Um ano, um ano e pouco. Quase um ano. ... um ano?! (*breve pausa*) É, um ano. ... Um ano. ... (*breve pausa*) É.

NA - Porque foram juntos essas duas coisas.

AP - Não, eu estou pensando, vendo a data aqui do...

NA - Ah, pois é! Ham...

AP - ...57. Foi em 57 isso.

NA - Foi?

AP - É. 58... eu acho que eu fiz o concurso em janeiro de 58. Foi isso mesmo.

NA - Então o sr. ficou o ano de 57 nessa luta.

AP - Fiquei um ano com a minha esposa fora. E eu vim uma vez aqui e ela foi uma vez me ver em São Paulo, nesse período todo. Duas vezes assim...

NA - E o sr. ficou lá.

AP - Eu fiquei lá. Agora, quando me avisaram que marcado o concurso pra Bahia pra docência... – aí vai uma outra coisa também, você vai aprendendo com a vida, né? – quando marcou o concurso pra docência, eu é... – você vai ver a importância da família aí – eu aí falei: “Bom, eu vou fazer o concurso na docência.” Marcou, tava marcado, mas quando chegou na véspera que eu tinha que ir pra Bahia, fazer o concurso, me deu um branco! Me deu um balanço... e eu falei: “Não, não vou passar na docência.” Comecei, esqueci tudo, né? (*risos*) Tudo que eu ia recordar... eu esqueci tudo. Aí eu fui, aí eu: “Eu vou... vou ser reprovado!” Aí eu fui, falei: “Olha, eu fiz uma besteira. Eu fui ambicioso demais. Eu fui almejar uma coisa que eu não tenho capacidade... Eu... eu não vou passar nessa docência e aí eu vou passar um atestado de ignorante porque realmente o sujeito vai ver: “Mas esse camarada... é médico militar...!”

Realmente ele não vale nada, ele não vai...!” Achei que eu ia ser reprovado no concurso, que eu tinha feito uma besteira muito grande na minha vida. Que eu devia ter feito uma tese de doutorado, depois fazer uma tese de docência e deixar isso. E ficava na Marinha que eu tinha bom nome, eu ia estragar a minha vida toda com um lance que eu ia fazer... E aí comecei a sentir mal à noite lá em São Paulo, ali frio, no meio de junho, princípio de junho... Eu tinha passado o meu aniversário sozinho por lá... eu andava por ali à noite...

NA - O sr. tava deprimido.

AP - Eu aí parei de estudar e comecei a andar à noite ali em São Paulo com frio e pensando e tomei a decisão de que eu não ia fazer o concurso mais. Toquei pra minha casa, falei com o meu pai que eu não ia fazer. Ele: “Não, mas que é isso?! Você não...” Ele não sabia direito o que era, mas ficou meio chateado. Falei com a Marta, a Marta começou a chorar: “Mas o que é? Pensa...” “Não. Eu não vou fazer.” Passei no Rio, falei com o Rodrigues da Silva, ele ficou me olhando...

NA - Hum. Disse o quê?

AP - Falou: “Não, mas isso é um negócio que você aprendeu a vida toda!” “Não, eu não vou fazer o concurso. Não vou fazer o concurso. Vi que não vou dar certo e não... Vou pra Bahia...” E fui embora pra Bahia. Quando eu cheguei na Bahia (*tosse*) pra fazer a docência, eu... foi acolhedor o pessoal todo ali, aquela satisfação de me ver, todo mundo falando, na cátedra, né?!

NA - O sr. já conhecia eles, né?

AP - Eu era da Bahia, tava na Bahia, né?! Não, o pessoal do Hospital Naval, ali onde eu vivia, esse é que torcia...

NA - É, o sr. tava lá, entrosado lá.

AP - Cheguei no meu ambiente. Mas de qualquer maneira no ambiente que eu cheguei ali, eu criei alma nova ali na Bahia, eu fiquei ali e tal...! Mas eu me lembro da primeira noite ainda lá, tinha um cachorro latindo... aquela noite eu não dormi com aquele barulho na cabeça! (*risos*) Você vê o que é? Aí eu percebi... Aí adiaram o concurso por uma semana, na Bahia. Não sei porquê. Adiou por uma semana. Eu ganhei alma nova com o adiamento de uma semana! Achei que com isso eu ia... – não ia melhorar nada não (*risos*) – mas achei que com isso re... e... aprendi que tem um limite a gente. Eu pensei que eu não tinha limite, que eu a minha resistência era ilimitada. Aprendi que não era. Que você... que você...

NA - Tem um limite.

AP - Você tem limite das coisas. Eu era um homem que não era emotivo, não tinha... Achava que era de ferro. (*ri*) Jovem, achava que era de ferro. Aprendi que não era.

SK - E aí... aí ficou deprimido, né?

AP - Fiquei deprimido! Mas aí...

SK - Viu que não resistia, né?

AP - Mas lá com eles na Bahia, aquela coisa toda e aí não pensei nisso mais! E fui fazer o concurso.

SK - E fez.

AP - E aí eu fiz a docência.

SK - E como é que foi? A prova? Como é que foi no dia lá?

AP - Ora, a docência...!

NA - Como é que foi lá na Faculdade de Medicina?

AP - A docência... a docência era uma coisa impressionante! Você chegava na Faculdade de Medicina...

NA - O sr. não tinha uma boa tese na mão? Tinha.

AP - A tese de calazar era boa, mas não era só isso, não valia nada isso. Isso era uma parcela. Você tinha a escrita! Que era o que eu tinha medo. Você tinha escrita! Você tinha aula! Você tinha exame de doente! Você tinha defesa de título! E você tinha a defesa de tese!

NA - Sim! Como é que foi isso tudo?

AP - Foi o seguinte...

NA - Começou por onde?

AP - Começou pela prova escrita. Na prova escrita, eu cheguei na prova escrita não tinha ponto. Eu vejo isso hoje, o sujeito é ponto. Eu vejo hoje vai dar aula, diz a aula que quer dar...

NA - É, naquela época era assim.

AP - Naquela sorteava. Não, não tinha nada! A medicina era tudo ampla! Não tinha nada! Era doenças infecciosas, medicina tropical. Medicina tropical, pra ter uma idéia, quando eu cheguei e eles organizaram os dez pontos... e um dos pontos que eles puseram, tinha dois pontos sobre nutrição: um era anemia macrocística, uma coisa... Quando ele leu os pontos...! – ele lia pra você os pontos – eu falei: “Nossa senhora! Vai cair esse ponto! Vai cair esse ponto, eu não...”

NA - O tal da anemia.

AP - ...nutrição, um ponto que não era...

NA - O sr. nem sabia qual era.

AP - Não. Eu estudei doença infecciosa e parasitária! Mas ele achava que...

NA - Era uma coisa mais ampla.

AP - Quer dizer, o sorteio, me deram pra tirar, eu com aquela coisa na cabeça, falei: “Nossa senhora!...”

NA - Ah, meu Deus do céu!

AP - ...tô liquidado! Ai!” Vai cair um ponto... Aí ia cair, não caiu, caiu strangilóide ou strangilóide. Caiu um outro!

NA - Esse o sr. Não sabia.

AP - Não...

SK - O que era? Qual era o ponto?

AP - Caiu o ... caiu o ...

SK - O sr. falou estranho...

AP - Não, não foi estrangilóide não. Caiu eu acho que, senão me engano, ... estreptococcia. E na cátedra caiu diarreia infecciosa. Caiu estreptococcia, parece. Tá lá a prova escrita até hoje, eu não me lembro. Não sei se é... Na Bahia tá. Um dia eu fui lá procurei isso. Pode consultar. Tá guardado.

NA - Um. Bom, mas aí bom, começou por aí... o ponto...

AP - ...Não aí caiu esse ponto. você tinha seis horas pra...

NA - Pra escrever.

AP - ...escrever. Você sentava e...

NA - Tinha outra pessoa concorrendo? Na docência?

AP - Não. Era eu sozinho.

NA - O sr. sozinho.

AP - Você sentava, tinha seis horas pra escrever. Quer dizer, você ficava ali, depois eles traziam um sanduíche, traziam uma água e você ficava escrevendo ali durante seis horas aquilo.

NA - Em quanto tempo o sr. escreveu?

AP - Ah, escrevi o tempo todo, até o final!

NA - Aproveitou tudo.

AP - Aproveitei tudo. Primeiro eu levei... eu levei uma hora fazendo um esquema assim, né?...

NA - Podia levar bibliografia, um livro...?

AP - Nada! De jeito nenhum!

NA - Só aquilo.

AP - Nada! Nada! Nem bibliografia...! Não podia sair! Se você fosse no sanitário, ia junto. (*risos*)

NA - Ah, mas um esquema rígido!

AP - Se você fosse no sanitário, você ia num quarto, era um pinico que vinha. Você ia junto. (*risos*) A pessoa ia junto com você até lá.

NA - Bom, fez a prova. E aí?

AP - Bom, aí e eu fiz a prova e...

NA - E aí a seguinte era o quê?

AP - Fiz a prova e aí depois da prova eu fiz... Não, aí eu fui, fiz as outras provas. Fui bem nessa que eu tinha medo...

NA - Deu aula. A de aula...

AP - Eu dei aula, 24 horas pra preparar. Eu corri pro hospital, todo mundo junto comigo.

NA - Ajudando...

AP - Eu pedi um pra fazer uma coisa, fiz... a aula. Depois fiz a prova prática dos doentes, que eles me ... era sorteado. Você ia lá, pegava um doente no hospital e sorteava.

NA - Qual que era? E fazia o que com o doente?

AP - Examinava e dava o diagnóstico, tratamento. Pedia os exames, ele dava os exames...

NA - Mas podia ser qualquer doença.

AP - ... Doença infecciosa. Parasitária. Infecciosas e parasitárias.

NA - Ah, sim! Aí pegava os doentes que...

AP - Pegavam os doentes que tavam lá. Aí você vinha com aqueles doentes, eles lhe davam o doente e lhe dava o doente. Aí você fazia observações e eles ficavam olhando.

NA - O sr. lembra do sr., o que é que aconteceu no dia? Não.

AP - Não me lembro mais... me lembro o que ficou ali...

NA - O que é que o sr. olhou...

AP - ...tomava nota... Eu ficava só... Você fazia... você examinava e eles tomavam nota. Ficavam os professores ao seu lado, vendo você examinar o doente. Vendo observar, examinar, conversar com o doente. Tudo isso eles ficavam vendo, como é que você fazia aquilo.

NA - Valia pontos, né?

AP - Como você fazia aquilo.

NA - E aí? O resultado?

AP - Bom aí eu fiz... aí fui aprovado pra livre-docência. Com 8 parece, uma coisa assim qualquer. Não me lembro. Eu sei que eu fui aprovado na livre-docência. Aí... eu aí respirei fundo. Aí eu tive uma semana parece, pra...

NA - Tudo isso foi numa semana?

AP - É. Eu tive... Não! Eu digo, depois que eu acabei a livre-docência eu tive um período aí, não sei. Mas quando eu já... eu já tinha... a tese já tava impressa! A outra, né?!

NA - Pra cátedra, né?

AP - Pra cátedra. Aí...

NA - Aí não tinha mais como voltar atrás! Aí tinha...

AP - Não! Aí não tinha... eu podia... Aí eu peguei aquilo tudo, escrevi pra cátedra. Aí eu fiz tranqüilamente, porque aí eu tinha mais...

NA - Já tinha passado.

AP - Tinha mais seis meses, parece, pra preparar. E o candidato meu ficou no consultório. E eu... O concorrente.

NA - Concorrente.

AP - E eu acompanhando ele, sabendo que ele tava no consultório. E ele quando faltava uma semana, ele pôs um avizininho pros doentes que não ia atender naquela semana, eu falei: “Ah, tá brincando!” Ele achava que eu não tinha chance porque eu não tinha a vida universitária que ele tinha. Ele já tinha feito dois concursos. Tinha sido aprovado nos dois, mas não tinha entrado. Então ele achava que eu não tinha chance nenhuma. Ele conta isso agora num livro que ele escreveu.

NA e SK - Quem é?

AP - Renato Lobo. Escreveu um livro agora.

NA - Renato...?

AP - Renato Lobo. Tá vivo, tem uma filha com o nome da minha esposa...

NA - Lá na Bahia?

AP - Na Bahia, nasceu nessa época. E ele escreveu um livro agora contando esse concurso! Conta o concurso, disse que eu era protegido... Não li o livro não!

NA - Mas era protegido de quem?

AP - Falam que eu era. Porque eles não gostavam dele na escola. E que eu era protegido.

NA - O sr. era protegido.

AP - É, eu tinha simpatia. Ele era... ele tinha feito dois concursos e eu tinha simpatia sim da escola... não era pessoa, não era da Marinha e nunca tinha nada assim... não era uma pessoa que eles iam morrer assim por mim, mas eu também não tinha hostilidade que se adquire na escola...

NA - Mas o sr. também tinha umas boas indicações, não tinha?

AP - Pra o quê? Pro concurso?

NA - É!

AP - ... Pro concurso... Não, lá... indicações como?

NA - Ué! O Rodrigues da Silva lhe estimulou...

AP - É, mas a época...

NA - Vai lá e fala pro pessoal da Bahia...!

AP - Ele... ele... eles consultaram alguns da Bahia. Perguntaram a eles... O Rodrigues não era catedrático ainda.

NA - Ah, nesse período não?

AP - Foi depois! Quando eu fiz...

NA - Foi depois do sr. então?

AP - Foi depois de mim o Rodrigues.

NA - Ah, é?!

AP - É. Quando eu fiz concurso pra Bahia, o Fraga queria que eu...

NA - Mas o Clementino Fraga foi lá falar...

AP - Foi.

NA - ...pro pessoal. O sr. acha que ele não falou pro pessoal da faculdade? Claro que ele falou!

AP - Não, ele estava... não! Ele perguntou a eles sobre o concurso, e perguntou a eles como é que me viam.

NA - Ah, claro!

AP - E me elogiou.

NA - É claro.

AP - E eles evidentemente falaram que eu tinha chance. Eles me transmitiram isso, mas transmitiram assim: que eu deveria fazer o concurso. “Você tem chance.” E acabou. Não falaram mais nada. “Você tem chance”.

NA - É. Também se o sr. fosse muito ruim não tinha jeito de passar, não tinha como, né?

AP - É, “Você tem chance. “Eles falaram assim comigo. “Você tem chance. Você tem chance.”

NA - ‘É, mas nessas horas, sempre essas indicações...

AP - Não, se eles não falassem isso...! Bom. O Meira... Meira que tinha, que eu trabalhei com ele, foi indicado pra banca.

NA - Ah, quem tava na banca?

AP - A banca me indicada foi o Meira, foi o Clementino...

NA - Fraga.

AP - ... Fraga e foi um sujeito de Pernambuco. O Roberto Santos e o Mascarenhas. O Meira, o outro candidato que tinha estado lá com o Meira..., mas como eu tinha estado com o Meira, ele escreveu uma carta ao Meira. Falando do concurso...

NA - Reclamando.

AP - Reclamando O Meira aí não quis ir. O Meira não quis ir, pediu dispensa.

NA - Abriu mão.

AP - Abriu mão. Foi o Versiani. Oscar Versiani, no concurso. Esse foi outra... outra história no concurso. Aí o concurso, eu fiz o concurso e...

NA - Deixa eu fazer uma pergunta. Havia assim, o sr. falou, o sr. sugeriu uma coisa aí que me ocorreu agora. Havia assim alguma discriminação entre essa vida universitária, que o sr. tá falando, né, entre os médicos da Marinha e os médicos da vida universitária acadêmica?

AP - Não, a Marinha é muito bem quista na Bahia!

NA - É?

AP - Muito bem quista na Bahia!

NA - Não tinha uma coisa de... é... assim de ver assim... Não é preconceito do sr. não ter vida acadêmica porque...

AP - Não, porque a Bahia era muito... eu sou... tem poucos catedráticos que não são da Bahia. Até a época que eu fiz, eu acho que uns dois ou três só. O resto é tudo da Bahia! Eu não era da Bahia. Eu tinha... todos catedráticos eram da Bahia!

NA - Pois é, isso que eu tô lhe perguntando.

AP - A Bahia...

NA - Mas o fato do sr. ser médico militar, não tinham preconceito em relação a isso?

AP - Não, a Marinha era bem vista lá.

NA - É.

AP - Muito bem vista na Marinha Então eu tinha... eu tinha essa coisa lá, eles achavam muito bom, gostavam da Marinha... A Marinha era bem vista... Não tinha nenhuma prevenção contra a marinha não. Eles gostavam... e a Marinha gostava muito. No dia que eu tomei posse na cátedra na Marinha...

NA - Quando foi?

AP - A esquadra brasileira entrava na...

Fita 3 - Lado B

AP - ...e as esquadras estavam em manobras e deveriam entrar na Bahia. E eles foram ao comandante e disseram: “Olha, hoje é posse do professor Aluizio Prata e nós queríamos estar na faculdade.” E o comandante disse a ele: “Não. A esquadra vai chegar lá escurecendo.” E de fato quando eu entrar... quando eu saía da minha casa pra ir pra, pra tomar posse na faculdade, na hora eu vi a esquadra entrar em fila. Um navio, 23 navios entrando em na Bahia de Salvador. E daí a pouquinho os médicos estavam

lá. Quer dizer, quando eu ia falar eu vi que os dois chegaram lá depressa. Dois ou três médicos fardados pra assistir a posse. Então eles gostavam, a Marinha gostava muito.

NA - É. Se sentia prestigiada como o sr. falou.

AP - Gostava. Gostou muito! Gostou muito.

NA - O sr. trazia prestígio pra eles.

AP - E eles achavam, eu... isso! Um médico da Marinha faz um concurso pra cátedra, portanto o pessoal da Marinha, os médicos não são tão ruins assim! Como o sujeito dizia que o médico militar não estuda...

NA - É isso que eu tô lhe perguntando!...

AP - Não é verdade!

NA - ...O sr. disse que não. Sim, eu sei que não, mas havia...

AP - Mas dava essa idéia, quando a pessoa...

NA - ... Mas havia essa idéia de que não é acadêmico, não é...

AP - Não. Quando eu quis dedicar mais eu fui pra cátedra e aí pedi demissão da Marinha.

NA - Foi aí nesse momento?

AP - Depois eu pedi demissão da Marinha. Essa é outra história. Eu pedi demissão da Marinha. Eu era catedrático da Bahia. Depois eu pedi demissão de catedrático! Depois... depois eu vim pra Brasília...

SK - Vou interromper um momentinho. (*pausa na gravação*) Vamos continuar aqui a entrevista. É... dr. Aluizio, só antes da gente... a gente tinha parado, o sr. tinha feito concurso para a cátedra, né, de medicina tropical da Faculdade de Medicina da Bahia. É... antes da gente retomar essa história, eu queria lhe perguntar uma coisa sobre o que o sr. falou de manhã. É... o sr. falou que teve conhecimento... no hospital, né, de Salvador, do trabalho do Laranja, né? Sobre terapêutica... Chagas, né? Como é que era...

AP - Não era terapêutica só não, um estudo lá.

SK - Pois é. Porque tem um trabalho dele de revisão que é: 'Clínica e terapêutica da doença de Chagas', que é um trabalho grande...

AP - Mas é um diagnóstico. O Laranja foi importante porque ele sistematizou. Se você for olhar bem os trabalhos do Chagas, já estava lá. Ele mesmo diz isso muito bem. Mas é que tem...

SK - Sobre a questão da... da forma cardíaca...

AP - ...não se diagnosticava. Foi depois do Laranja que você via: "mas isso é fácil!". É, mas ... tem uma pessoa...

NA - ...Pra mostrar isso.

SK - Claro. Pois é, o que eu ia lhe perguntar era sobre isso. Quer dizer, como é que era na época, por exemplo, nós entrevistamos o Dr. Zilton e ele falou a mesma coisa: que ele tava no hospital lá em Salvador...

AP - É ele trabalhava lá nesse mesmo.

SK - ... e teve contato, também teve acesso a um artigo do laranja... Enfim, eu ia lhe perguntar isso. Como é que era a ... a divulgação do trabalho que se fazia em Bambuí, do grupo...

AP - Não tinha divulgação.

SK - Isso chegava, isso saía da...?

AP - Não, ninguém falava em Bambuí.

SK - Era isso que eu queria lhe perguntar.

AP - Ninguém conhecia Bambuí. Ninguém sabia... Oswaldo Cruz entrou em decadência. Oswaldo Cruz não era uma instituição é... muito boa depois de...

NA - Não era considerada.

AP - Depois de... Não! A gente sabia que existia... e tal, mas não era... não era... Ele que falou, não era muito levada em conta. É porque lá tinha boas pessoas, eu já falei hoje do Travassos, o Souza Lopes... Mas na... na área da medicina, da faculdade você não... tinha os cursos que realizavam lá periodicamente e continuavam fazendo...

NA - Curso de aplicação.

AP - Curso de aplicação. Mas não tinha muita... Eu, por exemplo, me lembro o Lagoa, eu conhecia bem o Lagoa, o Rocha... então eu trabalhava no mesmo serviço que ele. me lembro dele falar sempre em Manguinhos e coisa, mas ninguém... dava muita atenção. Nessa época... de 40 e tantos..., 50. Mas é claro que as coisas continuavam sendo feitas lá, como mostra Bambuí, não é verdade?

SK - Mas o trabalho que era feito em Bambuí não chegava a ...

AP - Não, não se conhecia isso, não se falava!

NA - Emmanuel! O Emmanuel...

AP - O Emmanuel era conhecido, porque o Emmanuel publicava muito, você ouvia falar no Emmanuel... você ouvia falar. Mas você... você ouvia falar do Pedreira de Freitas, da mesma maneira...

SK - De São Paulo.

AP - Você ouvia falar da turma de São Paulo... Não, o Pedreira de Freitas era de São Paulo, depois é que ele veio pra cá, pra Ribeirão. Mas não se... não tinha tanta. Mas o Laranja logo se falou em Bambuí, viu o que foi feito em Bambuí. O trabalho que foi feito em Bambuí.

SK - Quer dizer, essa parte clínica, digamos assim, quer dizer, que o Laranja... fez muito, tra...

AP - O Laranja, ...

SK - ...trabalhou muito com isso...

AP - ...Emmanuel, Nóbrega e... tem um quarto. O...

NA - (*inaudível*)

AP - Não eu acho que não é o (*inaudível*) não. Laranja, Dias, Nóbrega...

SK - Eu acho que é Miranda, não é?

AP - Miranda!

SK - Miranda.

AP - É isso mesmo!

SK - É. Esse... o sr. acha que essa parte clínica... porque Bambuí, ...

AP - Não, o que eles fizeram foi clínica, clínica...

SK - ...teve essa questão do controle... enfim, o que o sr. acha que foi mais, chamou mais atenção?

AP - Foi a clínica, a clínica!

SK - A clínica.

AP - O controle só poderia ter repercussão há pouco tempo. Bambuí era clínica. E o que se chamava de clínica? O diagnóstico... dos doentes e a maneira como a doença se apresentava, etc... essa era a grande contribuição. A sintomatologia, os sinais, o sintoma, como é que se...

NA - Cardiopatias.

AP - Hem? A cardiopatia! Porque o próprio MEGA, eles fizeram um trabalho muito interessante e publicaram nos anais de... numa reunião no México. Eu nunca consegui ver esse trabalho, só tenho um resumo dele. Eles apresentaram eu não sei se 600 e tanto ou mil e tantos casos de megaesôfago! No México!

NA - Bambuí?! Isso em Bambuí...?

AP - É! O Laranja apresentou isso no México! O Laranja apresentou. Quando o Marsden estava... teve doente e o Laranja cuidou dele lá no México. Você já ouviu falar qualquer coisa disso.

NA - Já. Essa história nós ouvimos já.

AP - Mas a ... a repercussão do trabalho foi sobre isso. Quanto a parte de controle da doença, isso não teve nenhuma repercussão.

NA - Aquelas coisas que o Emmanuel fazia lá, nada disso.

AP - Não! Porque o Emmanuel...

NA - Inquérito que andou fazendo lá...

AP - Não, o Emmanuel... Não! Lá o Peregrino também participou com ele de um inquérito de eletrocardiograma... Isso é pioneiro, eles fizeram no oeste mineiro, nas estradas ali. Eles fizeram isso. O Emmanuel era um homem preocupado com o controle e com a doença nas Américas, e muito ativo... tava sempre mexendo com coisas. Comprou a fazenda lá, né? Tava sempre interessado também um pouco em remédio pra... pra... pecuária... Eu me lembro dele falando nisso. Vacinas, assim...

NA - Saúde animal.

AP - É. Saúde animal. Mas era um homem sempre ligado aos problemas da doença de Chagas, não é?

NA - Nessa época que a gente tá falando, o sr. tá na Bahia, o sr. não...

AP - Tava na Bahia.

NA - ...o sr. não conhecia o Emmanuel.

AP - *(Demora um pouco para responder)* Eu conhecia o Emmanuel de passar por lá e ver o Emmanuel. Eu conhecia o Emmanuel.

NA - Já conhecia nesse período?

AP - Não. Não. Fui conhecer depois.

NA - Nesse período que a gente tá aqui falando não, né? Só mais tarde que o sr. veio a conhecer.

SK - Ele falece em 62.

AP - É, eu conheci... antes dele falecer eu encontrava ele.

SK - É. O sr. lembra mais ou menos a época que foi?

AP - Que ele faleceu?

SK - Não, que o sr. conheceu o Emmanuel.

NA - Congresso de chagas em 59.

AP - ... Eu acho que ele estava nesse congresso sim. Chagas 59, ele estava.

NA - O sr. foi?

AP - Fui!

NA - Ah, tá.

AP - Ele estava. Mas eu o vi outras vezes. Eu o vi aqui em Uberaba. Eles tinham um congresso do Brasil Central aqui.

NA - Naquele congresso de 50 e...

AP - Ele veio. Ele vinha nesses congressos. Eu encontrei ele aqui. Eu vi uma vez só.

SK - O sr. veio?

AP - Uma vez eu vim num congresso desses já... conheci a Marta em 50, houve um congresso desses, eu vim. Em 50, assisti esse congresso. Era um congresso grande que tinha aqui, que vinha muito argentino. Vinha muito médico da Argentina nesse congresso. Fazia aqui que não deixavam quase nada escrito. Que falava em megaloesôfago. Falava no Sabino de Freitas, que era daqui.

NA - É. Agora, no de 52 lá em São Paulo, que o sr. foi a primeira vez lá de esquistossomose, esse pessoal de chagas não tava lá.

AP - Não, porque a reunião era sobre esquistossomose.

NA - Esquistossomose. Eles não tavam lá.

AP - Não, a reunião de chagas..., mas nessa altura a gente já sabia da doença de chagas, sabia que era uma doença que existia bastante..., mas...

SK - Porque o sr. falou, por exemplo, que essa cidade que o sr. falou que foi a primeira cidade em que se controlou a doença...

AP - Água Comprida.

SK - Água Comprida. Quer dizer, quem... quem é que fez isso nessa cidade? Qual era o grupo...?

AP - Bom, essa história do com... Foi o Ministério. Foi o Pinotti.

SK - Já pelo serviço... era o Serviço Nacional de Malária.

AP - É. Foi o DENERu. Eles... eles...

SK - Que fazia a doença chagas também, né? O Serviço Nacional de Malária fazia chagas.

AP - A história foi a seguinte: em 1940 e... 8, 49...

NA - Posso lhe pedir uma coisa: pro sr. não mexer aqui, senão dá barulho. (*ri*)

AP - ...48, 49... o ... o houve um famoso telegrama, que eles falam desse telegrama. Que o Emmanuel viajou e qualquer coisa... o Peregrino que era um homem assim aflito e tal, passou logo um telegrama pro Pinotti, dizendo que tava resolvido o problema da doença de chagas. E... depois então tiveram problema, recompuseram as coisas, fizeram qualquer publicação mostrando que o BHC podia controlar a doença de chagas, juntamente com o Romãna e o Air na Argentina também... E... e o Neghme e um outro lá do Chile, que esse eu até não ouço falar muito...

SK - Como é o nome por favor?

AP - Romãna... e Arevalos.

SK - Não, o outro que o sr. falou agora.

AP - Arevalos.

NA - Arevalos.

SK - Depois o sr. falou num terceiro.

AP - Depois o Neghme, e eu não me lembro com quem lá no Chile, que também quase que na mesma época, falaram sobre essa possibilidade do controle da doença de chagas...

NA - Via BHC.

AP - Com BHC.

SK - É. Esse eu tenho um trabalho famoso do Dias e Peregrino de 48. Que é exatamente isso.

AP - É esse o trabalho.

SK - Sobre o gamexiano...

AP - Isso, o gamexiano que é o BHC, né? Bom, o ... Mas aí eles resolveram fazer um estudo piloto. Escolheram um lugar pra fazer esse estudo piloto. O lugar foi Uberaba. E o município de Uberaba, e o lugar de Uberaba, o distrito de Água Comprida que pertencia a Uberaba, mas que hoje é uma cidade à parte. Então foi em Água Comprida que eles fizeram. Tem um livro aqui que conta essa história toda deles aqui: "*A medicina em Uberaba*", três volumes...

SK - Ah, é?!

AP - ...conta as declarações deles todos aqui, é... no dia e com recorte dos jornais...

SK - O sr. tem esse livro?

AP - Tenho.

SK - Depois eu vou pegar a referência com o sr.

AP - Eu lhe trago ele amanhã, se me lembrar, eu lhe trago. Ele, vai ver ali, dedica uma parte enorme a contar como foi, quem tava aqui: Olímpio... todos eles, começando a campanha aqui, aqui em Uberaba, o discurso deles dizendo que tinham o controle. Depois que eles fizeram isso aqui em Água Comprida, eles resolveram aumentar um pouco o quadrilátero, o famoso quadrilátero. Estenderam um pouco pra Minas Gerais, um pouco em São Paulo. Pra fazer o controle. E depois veio a famosa história de que “Não, que a doença de chagas não ia adiantar fazer isso, que tinha que construir casa, pê, pê, pê...” e isso perdeu um tempo enorme em discussão pra construir casa.

SK - Por que eles... essa história o que é que é? Conta mais um pouquinho. Eles... eles mudaram a ...

AP - Bom, era... tinha pessoas é... que achavam que você não... não adiantava você borrifar porque você borrifava e o barbeiro reinfectava.

SK - Voltava.

AP - E outra coisa, que não era uma medida permanente. Que aquelas casas ruins daquele jeito você tinha que fazer novas casas. Se você não pudesse fazer novas casas, você melhorar aquelas casas. Aí é que vem o estrume da vaca que permitia não ter rachadura... não é isso? E você melhorar aquelas casas. Mas acontece o seguinte: quando a gente entrava numa casa, que você ia atrás da porta e via que a SUCAN ou o DENERu, tinha estado ali alguma vez, você nunca encontrava a quantidade de barbeiro que você encontrava onde ele não tinha estado. Então você via que mesmo... não reinfectava do jeito que a pessoa pensava. Segundo: você não tinha condições de fazer casa pra todo mundo! Quando você fazia a conta era um dinheiro enorme que você gastava. Depois eles tinham idéia também de que o barbeiro podia ficar resistente, pé, pé, pé... não sei quê. Mas nunca ficou, até hoje não ficou. Porque o barbeiro tem um ciclo evolutivo muito longo e não dá pra ficar... resistentes tão fácil assim. Como até hoje não tem praticamente. Tem o Rodhei lá na Venezuela, o Zorba falando que tem um ou outro lá na Argentina, resistente, mas do ponto de vista prático, você põe ali e mata. É tão forte que não... a sensibilidade do barbeiro, que se você tem criação de barbeiro como eu tinha lá no Núcleo, e você joga o inseticida aqui na casa aqui, você mata a criação lá.

NA - É mesmo?

AP - É. Você prejudica a criação. Então é tão forte que é a sensibilidade dele...

NA - É a sensibilidade dele, né?

AP - É. Controle do barbeiro. E aí então é que fizeram esse programa de controle. Mas isso é... só tomou importância mesmo quando se fez o controle nacional. Aí...

NA - 70.

AP - ...você começou a recompor. Hein?

NA - Em 70.

AP - ... Aí foi em 75.

SK - Depois do inquérito, né?

AP - Não, o de São Paulo foi antes do inquérito.

SK - Ah, não, mas o controle nacional que o sr. falou de 75, foi...

AP - Aí foi 83.

SK - 75, o marco o que é que é?

AP - 75 é São Paulo.

SK - Ah, é o controle é em São Paulo!

AP - É. Aí depois você tem o 80 e... você tem o inquérito nacional sorológico...

SK - Hum, hum. Que a gente vai falar depois.

AP - ...O inquérito nacional triatomínico.

NA - A gente vai falar disso daqui a pouco.

AP - E depois então a campanha nacional contra a doença de chagas. Essa é a de nossos dias agora. Com isso tudo começou a se revalorizar esse papel de Bambuí também. Lembrar o que foi essa coisa inicial e tal...

SK - Porque do ponto de vista então, quer dizer, técnico, digamos assim, a gente pode dizer que essa coisa do BHC e tal, da parte de fomegação e tudo, isso tudo foi estabelecido por eles. Isso foi...

AP - Estabelecido pelo Emmanuel e com o Peregrino.

SK - É, pelo Dias e Peregrino.

AP - E o Peregrino que era jovem, afoitamente escreveu logo, assinando um telegrama e tal...

SK - É, tem essa história de que eles se desentenderam...

AP - Eles contam isso. Eu não sei.

NA - Eles brigaram, né?

AP - Contam! Contam isso! O João, o João Carlos... outros...

NA - Contam! A gente já fez entrevista com o João Carlos. Eles brigaram e tal.

AP - Então pronto, é isso aí. Essa parte de briga eu não sei.

NA - É. O sr. sabe, o sr. sabe. Mas eles já falaram. O João Carlos tinha falado com a gente.

AP - Então foi essa parte. Mas eu aí ouvi eles falarem isso depois agora que a gente sabe... sabia-se que ele tinha, que ele tinha falado que podia controlar. Porque o DDT não era bom. O DDT que era usado na malária não era bom contra o barbeiro. Então ficou a idéia que não adiantava muito. E aqui em Minas tinha o Dario – morreu até há pouco tempo, era deputado – ele gostava de dizer que não era BHC, era BNH.

SK - É. Não era uma questão do BHC, mas do BNH. (ri)

AP - Prejudicou! Prejudicou! Até que um dia eu tive uma reunião com ele, eu falei: “Dario, olhe, você tá fazendo um malefício enorme. Eu tô entendendo a sua situação, mas você tá fazendo um malefício enorme. O problema é o seguinte, Dario: quando você tem uma hemorragia a primeira coisa que você faz é estancar a hemorragia. E a hemorragia são 100 mil novos casos de doença de chagas por ano. Você tem que estancar isso, depois vamos fazer casa.” E ele achou que tava bem.

SK - É. Porque essa experiência, essa experiência do controle que você tem nos anos anteriores é... final dos anos 40, início dos 50, Minas e São Paulo, essa coisa mais restrita aqui...

AP - Não foi muito adiante isso.

SK - Isso que eu ia lhe perguntar. Quer dizer, isso até os anos 70, quando se faz uma coisa mais efetiva...

AP - Não...

SK - Isso não teve continuidade?

AP - Não... não teve continuidade...

SK - A que é que o sr. atribui isso? A não ter essa continuidade.

AP - Falta de decisão...

SK - Porque o ...

AP - ...falta de prioridade.

SK - Porque por exemplo, o Emmanuel Dias tinha uma boa relação com o Pinotti, quer dizer, ele conseguiu de certa maneira colocar isso no Serviço Nacional de Malária...

AP - É. Mas havia... havia vários programas, havia as doze endemias... e que ia se controlar isso..., mas na verdade não teve... havia essa idéia de que o recurso não valia a pena. E a Venezuela por exemplo, embarcou num programa de fazer domicílio. A Venezuela tinha muito dinheiro do petróleo, começou a fazer domicílio. Então a gente olhava aquilo como uma grande experiência e tal. Mas não teve a...a ... o segmento que devia aqui no Brasil. A verdade é essa, que ficou durante um tempo. Se você quiser eu tenho até um trabalho que eu entro em detalhe com isso... contando como é que foi isso...

SK - Sobre o controle, do controle? É isso?

AP - Sobre o controle. Sobre perspectivas do controle.

SK - Ah, eu gostaria!

AP - Ele mostrando os dados e dizendo por que é que não ia adiante. Ia divulgando que se precisava fazer um controle.

NA - Vamos voltar um pouquinho pra... cátedra.

AP - Fique à vontade.

NA - Vamos lá. Fez o concurso... assumiu a cátedra.

AP - Fiz o concurso, assumi a cátedra.

NA - E aí?

AP - Quando eu assumi a cátedra, eu falei no discurso de posse – e eu estava convencido disso – aquilo não era um fim pra mim, era um meio pra eu conseguir trabalhar mais. E na cátedra... ampliei mais as minhas atividades. E continuei trabalhando até hoje porque eu tava convencido que gostava daquilo, e gosto, e tava convencido que valia a pena trabalhar. Então a cátedra, eu fiquei lá na Bahia esses anos todos, ela me facilitou porque ao mesmo tempo eu fiquei na direção da Fundação Gonçalo Moniz depois...

NA - Ah, mas peraí, mas aí o sr. saiu do Hospital Naval?

AP - Bom, aí eu fui então... contar mais detalhe.

NA - Vamos... vamos...

AP - Aí quando eu tive, quando eu entrei, quando eu fiz concurso pra cátedra... eu fiz concurso pra cátedra, e fiz concurso em janeiro ou fevereiro. Passei no concurso, a congregação aprovou. Eu aí depois de uns dias, o reitor queria falar comigo. Eu fui ao reitor Edgar Santos. Fui ao reitor e o reitor falou: “Quando é que você toma posse?” Eu disse: “Olha, reitor, eu pra tomar posse eu tenho que ter... eu não

vou tomar posse assim. Não tenho enfermaria e eu não tenho assistente. E eu sem enfermaria e sem assistente eu não vou fazer.” Ele não gostou. E começou um mal-estar um pouco, ele falou: “Assim não! O sr. tá começando muito mal...” Eu calei a boca e saí dali – eu estava com o diretor da faculdade – quando saí eu falei com o diretor da faculdade: “Não vou tomar posse.” E tava pensando mesmo em não tomar posse. Eu disse: “Eu não vou tomar posse...” “Eu fui lá na Marinha de qualquer mineira eu interno os doentes, eu tenho um bom ambiente... eu tô bem lá. Eu vou entrar aqui, primeiro eu não vou trabalhar no Hospital das Clínicas – era um grande hospital – eu vou lá pro Santa Isabel, era onde funcionava o Couto Maia, que são hospitais desprovidos de... não têm nada! E eu não tenho assistentes. Os assistentes, os três que tem aqui não servem. Eram boas pessoas, eu conhecia os três, mas eram pessoas que não tavam – eu conversei com eles – e vi que não eles tavam... tinham clínica particulares...”

NA - Não estavam interessados.

AP - Eles não estavam interessados naquilo, né? Então eu fui e falei: “Não vou, não vou tomar posse.” E fiquei sem tomar posse até... junho. Fiquei seis meses sem tomar posse. O que nunca acontecia, nunca aconteceu...

NA - Mas pode isso?

AP - Assim, fiquei quieto lá. No dia... no dia 11 de junho, na festividade da Marinha, na casa do Almirante, na recepção, eu encontrei o reitor. Que me encontrou e falou comigo: “Como é, você sumiu! Você não... não tomou posse!” Eu falei: “Ó, sr. Reitor, eu tive pensando... eu sei que tá difícil pro sr., o sr. não pôde arrumar outro assistente, eu... não pude arrumar. Eu acho que ficou difícil. Eu vou ver mais adiante um pouco.” Falei assim com ele. (*risos*) “Não! Mas adiante não. Você... Não se faz isso. Um concurso...”

NA - O sr. provocando ele.

AP - ... “Um concurso a gente não faz assim. Você... É uma coisa que a gente toma posse, depois resolve.” Aí eu fui, falei com ele assim: “Não, eu também tenho um congresso em Lisboa...” Congresso de Medicina Tropical, que era o congresso antes do do Rio de Janeiro. “Eu vou no congresso de Lisboa, vou ver... depois quando eu voltar eu... eu vejo, falo com o sr.” “Não! Como é que você vai no congresso? Você tem passagem? Não, eu vou te dar a passagem, eu vou te dar a estadia, você vai ao congresso e toma posse agora e vai ao congresso!” Eu disse: “Não, o problema não é tanto lá o congresso, não. O problema é que... essa as dificuldades que o sr. tem, que eu sei que o sr. não vai conseguir aqui.” “Não, eu vou, dou a enfermaria, te dou agora um assistente, daqui a uns dias te dou outro, mais adiante te dou o terceiro.” E cumpriu direitinho. Era o Edgar Sales. Aí no outro dia eu falei na escola. Aí eu comecei a fazer a planta do Hospital das Clínicas... Aí comecei a fazer, arrumar o hospital, a enfermaria... e nessa coisa tomei posse. Tomei posse em... outubro parece.

NA - 58.

AP - Ainda demorei uns três meses esperando adiantar a enfermaria e tal. Ele tava aflito porque pra ele era ruim. E o Rodrigues, depois eu soube, falou: “É uma desmoralização, a faculdade faz um concurso pra catedrático e o catedrático não toma posse porque disse que não tem condições pra trabalhar! Então isso é ruim demais.” Eu sabia disso que ele não... que pra escola... eu queria era um lugar bom pra trabalhar e era bom pra escola! Não queria nada demais. Aí ele fez uma enfermaria, tirou um banco de

sangue e me deu um andar lá do Hospital das Clínicas e nomeou o Rodolfo Teixeira que depois me substituiu e o Zé Carvalho, e depois nomeou o Rui...

NA - Como assistentes da cátedra.

AP - Os três que eu queria. Aí eu tomei posse.

NA - E a Marinha?

AP - Quando eu tomei posse, eu aí pensei adiante: “Eu gosto demais da Marinha, eu vou...” Eu fiz o seguinte: eu aí comuniquei à Marinha que eu tinha assumido a cátedra lá. E que eu pedia à Marinha uma licença durante algum tempo, pra (*inaudível*). Mas aí a Marinha mexeu, olhou pra lá e removeu... Eu tinha muitos bons amigos. Eles não tinham vontade que eu saísse também de lá... Isso rodou quase um ano. Nesse meio tempo também tinha um negócio de promoção da Marinha, eu... eu tinha...

NA - O sr. era capitão. Capitão de corveta.

AP - ...de corveta. Corveta. E eles estavam com um quadro de acesso pronto, quadro de acesso da Marinha, eles organizam quadro de acesso. E dentro de seis meses tem que promover. Então eles tinham organizado o quadro de acesso e eu estava no primeiro lugar do quadro de acesso. Então eles tinham que... me preterir – o que eles não queriam fazer, porque não queriam passar na minha frente porque eu estava, eu tinha um bom nome, eu tinha feito concurso... a Marinha não queria me preterir. Porque pretere quando outro tem mais merecimento. Não quis. Mas retardou também um tempo enorme, também que ela não poderia fazer isso. Resultado: no fim ela foi, me transferiu pra reserva, disse que eu não podia continuar porque assumi. Que eu ficaria sem assumir a Marinha enquanto eu fosse professor catedrático da universidade. Quer dizer, não excluiu, botou só que eu não recebia salário enquanto eu fosse professor catedrático. E... e pronto. E fez com data assinada pelo Goulart em 1959. Eu aí... e promoveu à Fragata. Eu aí fiz um ofíciozinho pra Marinha dizendo: “Olha, ...”

NA - Fragata. Capitão de Fragata.

AP - Fragata. Eu disse: “Olha, eu fiquei no quadro de acesso quase um ano. O quadro de acesso não pode ficar quase um ano. E no fim, quando eu fui transferido pra reserva, eu estava há um ano no quadro de acesso. Pela lei eu tenho que ficar só seis meses no quadro de acesso. Portanto, eu peço uma promoção à mar e guerra.” Pedi por pedir.

NA - Almirante?

AP - Não.

NA - Capitão de Mar e Guerra.

AP - Capitão de Mar e Guerra. Aí eles deram uma mexida por lá, aí fizeram o seguinte: o Goulart anulou o meu decreto e fez um com a data de um ano antes. Não sei se podiam fazer isso.

NA - O sr. tinha uns padrinhos ótimos lá, né?

AP - Não, nunca vi ninguém, não falei com ninguém... Aí eu... eu tenho os dois documentos: eu tenho um que me colocou fora e tenho um outro que saiu com um ano, 1900 e tanto, re... retroagindo a um ano a minha promoção, a minha... o meu desligamento da Marinha. E eu fui fiquei quieto, não falei mais nada, deixei assim mesmo. Eles já tinham feito.

NA - Bom, aí o sr. se desligou mesmo.

AP - Ah, eu estava desligado no momento em que eu... fiz isso, né? E aí eu fiquei...

NA - Aí o sr. se dedicou à faculdade.

AP - Aí eu me dediquei à faculdade.

NA - O que é que o sr. propôs lá?

AP - NA faculdade?

NA - É.

AP - Não, na faculdade eu fiz o seguinte: eu fiz uma rotina boa na faculdade... eu era muito ativo lá na clínica. Ficava lá o dia inteiro e...

NA - Mas com esquistossomose prioritariamente.

AP - Continuava esquis... Bom, ...

NA - Prioritariamente.

AP - Doença de chagas... aquelas doenças todas.

NA - Todas?

AP - Não. Todas. Aí eu tudo que era doença, peste... brucelose... tudo eu comecei a internar na enfermaria e fazer sessões... Bastante ativo na clínica lá. Durante esse tempo que eu tive na faculdade. Tenho convicção que a clínica era uma das clínicas que é... atuava bastante. E comecei logo depois disso, o Maneco Ferreira veio embora pro Rio de Janeiro.

NA - Ele tava lá?

AP - Tava na direção da Fundação Gonçalo Moniz. Na Bahia. Aí ele foi chamado pelo Juraci... pelo... pelo Carlos Lacerda pra voltar pro Rio de Janeiro. Aí eu...

NA - Ele era daqui, né?

AP - Ele era do Rio de Janeiro. Aí ele foi ao Juraci e falou com o Juracir que ia embora e que queria que eu ficasse no lugar. O Juraci aceitou lá na hora, eu não conhecia o Juraci. Mas concordou com ele. Ele foi, chegou pra mim, e falou que ia embora pro Rio de Janeiro e que eu deveria substituir. E eu disse

que não, que não interessado porque eu tava na escola, que ia ficar na escola, não ia mexer com a Fundação, eu tava lá... ele disse: “Não, mas você, a fundação é importante pra você? Você não pode deixar? Tem que ficar na Fundação...”. Aí acabei ficando, assumindo a Fundação. Aí eu fiquei como diretor da Fundação.

NA - Em que ano o sr. assumiu a Fundação Gonçalo Moniz?

AP - 60... 61, parece. 61. Aí eu fiquei como diretor da Fundação Gonçalo Moniz.

NA - A ... a ... Fundação Gonçalo Moniz, nessa época ele era...

AP - Ele era independente.

NA - Não, mas ele não tinha nada a ver com o DENERu?

AP - Não.

NA - Não?!

AP - Não.

NA - Ué!

AP - Ele era independente.

NA - Eu sempre ouvi falar que o René Rachou, o Ageu Magalhães...

SK - INERu. Era o INERu.

AP - Não. A Fundação... Com nenhum! A Fundação Gonçalo Moniz era independente do estado da Bahia. Mantida pelo estado da Bahia...

NA - Ham, não tinha nada a ver com o Ministério.

AP - Não. Eu então vou lhe dar os detalhes

NA - Então conta.

AP - O Mangabeira Filho.

NA - Ham, Otávio.

AP - Otávio, que era diretor da Fundação Gonçalo Moniz, se incompatibilizou com os técnicos... teve uns problemas lá...

NA - Com o pessoal do Ministério.

AP - Não. Na Fundação.

NA - Na Fundação.

AP - Isso é um outro assunto. E aí teve que sair da direção da Fundação Gonçalo Moniz. E através do Amílcar...

NA - Vianna Martins.

AP - Vianna Martins, que era diretor...

NA - Do Instituto Oswaldo Cruz.

AP - ... criou-se o Núcleo de Pesquisa da Bahia, esse ligado ao Oswaldo Cruz. Nada a ver com a Fundação Gonçalo Moniz! Aí a Bahia ficou com a Fundação Gonçalo Moniz e com o Núcleo de Pesquisa. Quem é que do núcleo de Pesquisa? Era o Mangabeira e um assistente que ele tinha trazido do Ceará, chamado Ítalo Sherlock. Então era o Ítalo Sherlock e o Mangabeira mais o ... a Neide Guiton, mais um outro funcionário que puseram ali. E o Sherlock era o mais ativo naquilo ali. E a Fundação continuou...

NA - Como Fundação.

AP - Como Fundação.

NA - Sustentada pelo estado.

AP - ...com alguns funcionários cedidos ao Mangabeira a esse Núcleo, e o Núcleo foi funcionando até... 1900... e 60 e... 3 ou 64... eu posso não ter certeza, quando o Rodrigues da Silva assumiu o DENERu. Nessa época ele já era professor catedrático. Chegou pra mim e falou: “Olha, eu vou... vamos fechar esse Núcleo da Bahia.” E eu fiquei um pouco assim “Fechar o Núcleo da Bahia...” pensei: “Olha, vai fechar o Núcleo da Bahia. É ruim fechar porque o Ministério... era bom que a Bahia tivesse aqui uma ligação com o Ministério.” Depois eu comecei com o Rodrigues também, a fazer os projetos piloto sobre esquistossomose, que o Rodrigues começou com o Maneco Ferreira. E um desses projetos piloto de esquistossomose era a Caatinga do Moura, que eu tinha lá na Bahia. E eu achava que uma unidade do DENERu lá na Bahia ajudava...

Fita 4 - Lado A

NA - ...ele decidiu fechar o Núcleo.

AP - Aí decidiu fechar o Núcleo de Pesquisas da (*inaudível*) Rodrigues. Eu disse ora ele: “Não, Rodrigues, não feche o Núcleo.” Ficou lá, o Rodrigues falou pra mim: “Bom, eu não fecho o Núcleo só se você assumir o controle do Núcleo. Porque o Sherlock é muito jovem, eu não posso deixar ele lá não... Não, vou fechar. Se você assumir, eu fico. Eu deixo.” Eu aí pensei: “Mas eu assumir – eu pensei – vou ficar dirigindo três instituições...”

NA - (*rindo*) O Gonçalo Moniz...

AP - A Fundação. E aí eu concordei com ele em supervisionar o Núcleo sem ganhar nada. Só supervisionando. Então o que é que acontecia? Eu assinava todos os papéis do Núcleo e era o responsável pelas atividades do Núcleo.

NA - E quem é que era o Núcleo nesse momento? Sherlock...

AP - Sherlock e a Neide Guiton só, mais nada. E a Ana que era uma funcionária administrativa e um prédio ali na Graça, na Passos. E aí o Sherlock ficou lá com o Núcleo e sabendo que tava subordinado a mim, até certo ponto e etc. e... aí ficou o Núcleo lá dessa maneira com... funcionando assim durante um certo tempo... Foi lá que eu deixei o Samuel Pessoa, quando veio a revolução de 64, o Samuel Pessoa chegou – essa é outra conversa – chegou na Bahia e ficou comigo lá dois meses...

NA - Ficou escondido lá.

AP - ...no Núcleo. É. Foi nesse Núcleo que eu coloquei o Samuel Pessoa durante dois meses lá na Bahia, até que mandei levar no limite da Bahia pra entregar a família que foi receber lá em Pedra Azul, que veio um carro lá de São Paulo. Lá eu deixei o Samuel Pessoa nesse... nesse... com a mulher, quieto lá, sem ninguém saber onde ele andava. Nesse Núcleo lá na Graça. Portanto eu sei muito bem como funcionava isso lá e não tem confusão nenhuma com a Gonçalo Moniz. A Gonçalo Moniz continuava na vida dela. Bom. Quando eu assumi a Fundação Gonçalo Moniz, conversando... o Maneco – aqui pra nós, eu gostava muito dele, mas... ele é um homem extremamente inteligente, fez muita coisa importante... eu gosto demais do Maneco, mas numa entrevista dessas, eu devo dizer exatamente, não posso estar...

NA - Também acho.

AP - ...falando coisas...

NA - Acho muito bom!

AP - ...então eu posso não falar, mas aqui... O Maneco não era um bom administrador. Ele era um homem que não sabia direito é... administrar. Não era que ele fizesse coisa mal feita assim, mas ele não... ele deixava um pouco a Fundação. Ele...

NA - Fazia correndo.

AP - Ele deixava um pouco. E... mas é um homem que eu prezo muito e tenho grande admiração por outras coisas que ele fez. E o Maneco é... o Maneco Ferreira, ele... ele quando comprou a Fundação... deixou a Fundação Gonçalo Moniz, no passar das coisas, conversando com ele, eu fui lá em Brotas, onde ela está. E ele falou comigo o seguinte: “Eu comprei esse prédio aqui.” É. Pra nós. Eu falei: “Mas Comprou?” “Comprei.” (*risos*) “E... tá tudo pago?” “Não. Não paguei.” “E como vai pagar?” Ele disse: “Você vai pagar.” Eu digo: “Quanto é que o sr. deu?” “Não, não paguei nada ainda.” Então, eu na hora...

NA - (*rindo*) Lhe deixou com uma banana!

AP - É. Mas eu não me importei muito com isso não! Depois eu tinha muito funcionário lá, muita... Por isso é que eu digo que ele não era um bom administrador. Porque ele tinha muito funcionário e era muito deficitário. Ele conseguia os recursos pra ir tocando, mas não pagava o INPS, não... É, não era um homem assim...

NA - Não era pra ter sido administrador.

AP - Não era um administrador. Então ele é um homem de grandes qualidades, mas nessa parte ele não se preocupou. Não se preocupou assim em... não se preocupava muito em... pelo menos lá na Fundação. Porque depois eu assumi, tem essa papelada toda, sei como funcionava. Bom, é... aí fui ver como é que eu ia pagar essa Fundação. Fui ao Juraci. O Juraci falou: “Olha, o sr. ...” – o Jânio Quadros tinha assumido, era o Juraci o governador – “o sr. vai pagar isso professor, com o jogo do bicho. (*risos*) O sr. todo mês vai no Hanequim Dantas e ele vai dar ao sr. um cheque durante 22 meses e o sr. vai pagar a Fundação.” E eu fiquei olhando pra ele, ele falou comigo: “Professor, o sr. deve estar admirado de ver eu falar uma coisa dessas pro sr., mas eu conheço muita gente que mexe com mão... mexe com coisas limpas e sai com as mãos sujas. Eu sei que eu tô mexendo com uma coisa suja, mas eu tenho certeza que eu saio com as mãos limpas.” O Juraci falou isso comigo. Todo mês eu mandava um funcionário receber o cheque! Nunca falhou!

NA - Esse Hanequim Dantas é quem?

AP - Era um deputado da Bahia, ligado a ele. Da UDN também.

NA - E era ligado ao bicho.

AP - Recebia do Juraci o dinheiro.

NA - Não, na verdade o deputado era a ligação!

AP - Recebia. Recebia do Pitta, que era o sujeito que diziam...

NA - Que era o bicheiro.

AP - ...que era o grande beneficiário do jogo do bicho lá, pagava o Hanequim. Quando chegou no último mês houve uma dúvida que faltava uma... eu... eu dizia que tinha pago, o Dantas disse que não tinha pago... ficou uma dúvida se tinha recebido uma prestação ou outra. Eu fui, mandei outra vez no Hanequim, que faltava uma prestação. Ele: “Negativo. Não pago mais. Não pagou um tostão a mais.” Pagou aquelas que o Juraci tinha mandado pagar. Aí a última eu fui paguei mais uma vez. Que eu não sei direito como é que era a conta, mas...

NA - Mas o orçamento da Fundação vinha do estado.

AP - Vinha.

NA - Os recursos que o sr. tinha era do estado.

AP - Era do estado.

NA - Então foi com esses recursos que o sr. pagou ainda.

AP - Não. Eu dava um cheque...

NA - Não, a última! O sr. pagou como?

AP - A última eu paguei com dinheiro do Ministério. Mas eu dava um cheque, ele me dava um cheque... é... e eu pegava esse cheque...

NA - E pagava.

AP - Não! Dava entrada na Fundação, sob a forma de doação. Porque eu falei: “Eu tenho que registrar, como é que eu fico passando esse cheque fora, amanhã o sujeito diz que eu não dei! Sei lá o que...!”

NA - É. Exatamente.

AP - ...vai acontecer?! Muda a política...!

NA - O dono do prédio era uma pessoa particular.

AP - Eu nem conhecia ele.

NA - Era um particular.

AP - Era particular. Era daquele Laboratório Cedar. Que tinha sido Laboratório Cedar, que na época...

NA - Cedar?!

AP - Cedar. Que na época da guerra foi feito, era de um suíço, foi feito pra vender emetina, quinina e tal, porque não tinha fornecimento disso dos aliados. Então fizeram isso pra vender isso aqui pro Brasil, vender é... Então essa instalação que estava lá...

NA - Que era deles.

AP - ...era deles, que vendeu para a Fundação Gonçalo Moniz e que eu paguei a ...

NA - A última prestação o sr. pagou com dinheiro da Fundação.

AP - Eu paguei a última... Não, paguei as outras então eu dava entrada e pronto. Quando eu me transferi, me transferi da Bahia, já eu tinha pago há algum tempo, eu falei: “Gente, eu não posso sair daqui e deixar isso aqui sem um registro, sem nada. Aí mandei no cartório registrar – ainda não tinha sido registrado – registrar a compra. E saí de lá com o registro de imóveis, tudo certinho. Deixei a Fundação...

NA - Eu não conheço lá ainda...

AP - Por isso é que agora eles puseram meu nome lá num prédio, quiseram porque acham que...

NA - É. Eu tenho que ir lá conhecer mesmo. É.

SK - É onde é hoje...

NA - Você conhece lá, né? *(se dirigindo a entrevistadora SK)*

AP - É por essa... por essa... por esse fato... aí o que foi que eu fiz? Aí eu fui instalando pouco a pouco a Fundação Gonçalo Moniz lá em Brotas. Bom, mas acontece ali uma coisa...

NA - Tava pendurado...

AP - Aí vem um problema de onde ficava o INERu e o DENERu lá na Bahia e eles quiseram usar a sede do Núcleo lá na Bahia e o Núcleo ficou pra... sem pra onde ir. Nessa época eu tinha ido ao governador Antônio Carlos e falado: “Olha, eu vou embora pra Brasília. Quero falar com o sr. entregar aqui a Fundação Gonçalo Moniz.” “Não, o sr. não fica, não se demita da Fundação. O sr. vai enquanto fica lá, depois que acabar volta.” Disse: “É, mas eu...”. Não. Indica uma pessoa.” Indiquei o José Figueiredo. “Pois então fica aí o José Figueiredo.”

NA - Na Fundação.

AP - Na fundação... por indicação, por solicitação do governador Antônio Carlos Magalhães. Esse, que tá aí ainda. E aí ficou o Zé Figueiredo me substituindo na Fundação Gonçalo Moniz. Um dia o Zé Figueiredo me falou: “Olha, ...” mas o Zé Figueiredo sempre conversava comigo porque sabia que eu podia voltar, ou quase coisa..., mas era muito meu amigo também. Era um grupo que eu tinha com ele.

NA - Sim. É, o sr. falou.

AP - E ele falou: “Olha, não tem pra aonde ir o Núcleo...”

NA - O Núcleo. Que continuava lá com o Sherlock e tal.

AP - Exatamente! “Será que tem inconveniente trazê-los aqui pra Brotas?” Eu disse: “Não. Eu acho até muito bom. Traz pra Brotas.” Aí o Núcleo veio pra Brotas.

NA - E saiu da... do IOC?

AP - Não, continuou no IOC, mas em Brotas.

NA - Pertencia ao Instituto Oswaldo Cruz?

AP - Pertencia, mas ficou lá sem prédio, sem nada, funcionando lá na Fundação Oswaldo Cruz. Foi o embrião...

NA - Fundação Gonçalo Moniz.

AP - Foi... na Gonçalo Moniz. Que eu chamava de Brotas. Porque Fundação Gonçalo Moniz eu chamava lá no Canelo, onde estava a Fundação. E lá eu chamava de Brotas porque era o bairro de Brotas.

NA - O tal prédio.

AP - É. O tal prédio que eu botei o biotério, fiz alguns laboratórios, fiz um convênio com os franceses... do Instituto Pasteur, botei a funcionar lá... Levei uma parte da biblioteca, comecei... fiz uns laboratórios lá, comecei a ocupar lá como instituição de pesquisa. Como instituição de pesquisa. Fiz um biotério grande...

NA - E o INERu ficou fazendo o quê? O INERu se instalou aonde?

AP - O INERu... o INERu... não, o INERu era ... não tinha mais o INERu.

NA - Tinha acabado.

AP - O Núcleo pertencia ao INERu, era o DENERu... quer dizer, a circunscrição da endemia que ocupou o cargo onde estava o Núcleo.

NA - O Núcleo. DENERu.

AP - Que o mangabeira parece que tinha conseguido desapropriar não sei quê... pra funcionar lá o Núcleo. Que aí o Núcleo acabou vindo...

NA - Pra Fundação Gonçalo Moniz.

AP - Gonçalo Moniz. Então é isso exatamente que aconteceu lá. As datas certinhas desse final eu não posso lhe informar porque eu já estava vindo para Brasília. Mas aconteceu assim do jeito que eu estou lhe falando.

NA - O sr. ficou na faculdade até então o quê? Brasília, 65...

AP - Fiquei na faculdade até 1900... eu fiquei de 60... Lá eu fiquei em Brasília...

NA - O sr. foi pra Brasília o quê? Em 65, o sr. tava falando.

AP - Eu fui em 70.

NA - 70?!

AP - Fim do ano. É. 70. Um dia eu estava na faculdade e o Dr. Caio Benjamim Dias era reitor de Brasília. Mandou lá o chefe de gabinete dele, o Carlos Augusto... “O professor Caio mandou pedir pra você ir lá em Brasília que ele quer falar consigo. Precisa falar consigo. Marca o dia, ele lhe manda uma passagem...” “Eu vou. Gosto muito do Caio. Eu vou.” Vou lá em Brasília, chego lá o Caio me falou, conversou muito comigo: “Eu precisava que você fizesse o seguinte: tem esse ensino integrado aqui em Brasília. Eu até hoje não tenho uma idéia certa se isso é bom como eles falam ou o que é que é essa universidade em Brasília. Eu gostaria que você... fica aqui uns tempos, uns meses pra mim, me dá uma

idéia do que é isso!” Eu disse: “Tá certo.” Mas nessa hora eu já achando que tava na hora de eu vir pra mais perto, chegar mais cá pra baixo. E aí eu vim pra Brasília, fiquei seis meses em Brasília, dando aula lá com eles e... na clínica médica, por ali, olhando as coisas, conversando com um com outro. Bom. Depois, um belo dia, eu falei com o Caio: “Olha, eu... venceu os meus seis meses, eu não sei se fico...” Ele disse: “Mas por que é que você não fica mais aí?” “Olha, eu não sei!... Você pensa em fazer aqui um Núcleo de Medicina tropical? Eu fico aqui.” Ele disse: “Não, aí isso não tem...”

NA - Não tem interesse.

AP - É. Não há interesse maior assim... Não tinha nem a disciplina de doenças infecciosas lá.

NA - Ah, é?!

AP - Não. Era dada na parasitologia. Mas aí eu fui ficar mais um pouco lá, né? Renovei mais uns seis meses. E aí fiquei lá mais um pouco e nessa altura já foi, já era o Azevedo que tinha...

NA - Assumido.

AP - O Azevedo achava muito viável fazer uma coisa...

NA - É José Carlos Azevedo.

AP - José Carlos Azevedo. Ele achava viável. O Azevedo tinha força lá na universidade também... e eu acabei ficando lá em Brasília. Acho que 72, mais ou menos, eu não tenho certeza absoluta, eu pedi demissão da Universidade de Brasília.

NA - Brasília?

AP - É. Pedi demissão da Universidade de Brasília. De, da Bahia!

NA - Da Bahia!

AP - Lá eu era catedrático, vitalício.

NA - Pois é. Mas olha só, lá não tinha acabado, em 68 teve a reforma universitária. Não foi? O sr. tá lembrando? Aí tinha acabado as cátedras.

AP - Mas é que aquilo era vitalício.

NA - Não tinha jeito. Não acabou.

AP - Não. Acabou pra frente. Eu era catedrático...

NA - Vitalício.

AP - ...vitalício. Inamovível...

NA - Do cargo.

AP - ...do cargo... era como juiz do Supremo Tribunal. Eu me lembro que em Brasília, o estatuto: “Ah, o sr. é catedrático, não interessa o que vem depois!” Tava na constituição.

NA - Ninguém podia lhe tirar esse título, esse cargo, né?

AP - Mas eu... eu era médico do estado também, lá da Fundação. Eu pedi demissão das duas coisas. Eu achei, aqui pra nós, que eu não podia ficar pedindo licença a vida toda. E também eu notava na Faculdade da Bahia, um pouquinho de aborrecimento com a minha atuação em Brasília, que tava levando pessoas da Bahia pra lá. Então eu notava um pouco...

NA - Na Bahia?!

AP - O ... o reitor da Bahia, eu notava...

NA - Ham, não gostou do sr., da sua movimentação.

AP - ... que ele não tinha muito entusiasmo. Eu achei que era melhor eu pedir...

NA - Demissão.

AP - ...demissão.

NA - Mas vem cá, o sr. não tinha, eu queria falar uma coisa...

AP - E aí eu fiquei na Bahia, aí fiz um concurso na UNB, mas aí fiquei com lei trabalhista, fui contratado...

NA - CLT.

AP - Como CLT.

LO - O sr. ficou quanto tempo como catedrático na Bahia? (baixinho)

AP - Fiquei como catedrático na Bahia de 58 a 72. Aí eu tinha pedido demissão da Marinha, aí pedi demissão de lá, de catedrático...

NA - Mas e aí? O sr., nesse período...

AP - E pedi do estado! Porque o estado... tem gente que tem 5 ou 6 aposentadorias. Eu achei que eu não devia ter mais de uma aposentadoria.

NA - É. Mas tem um monte de gente fazendo.

AP - Aí pedi demissão do estado também. Porque eu tinha que ficar pedindo licença...

NA - Mas o que tem lá na Bahia ou criou, enfim, o que aconteceu? O sr. tinha um grupo que acompanhava os doentes na Bahia?

AP - Ah, ficou um grupo lá!

NA - O sr. acompanhou toda essa gente esse tempo todo que o sr. teve lá? Fala o que é que o sr. achou...

AP - Lá na Bahia eu comecei umas áreas...

NA - É. Isso que eu gostaria que o sr. falasse sobre isso.

AP - ...eu comecei umas áreas de estudo, eu vitalizei no Brasil essa parte de estudo de campo. Isso estava parado. Não tinha... Bambuí, não é que não tinha, ainda existia Bambuí... de vez em quando ainda iam a Bambuí..., mas não tinha, Bambuí tinha, mas não tava assim com muita... o João não estava lá... o João Carlos estava na Ilha Solteira. Embora eu acho que ia lá às vezes... Enfim, não estava...

NA - O sr. esteve em Bambuí em algum momento?

AP - Teve como?

NA - O sr. esteve lá, trabalhou lá em algum momento ou foi lá ver...?

AP - Trabalhar não.

NA - O sr. teve lá visitando.

AP - Ah, várias vezes! Quase todo ano eu vou lá convocado!

NA - Mas..., mas desde quando isso?

AP - ... Isso... isso já era...

NA - É depois, é.

AP - É mais recente. Depois de eu estar aqui.

NA - Não é nesse período que a gente tá falando!

AP - Não. Nesse eu nunca fui lá.

NA - Nesse período o sr. estava com os seus doentes lá em Salvador, lá.

AP - Esse eu estava lá Bahia, tinha uma atividade grande na clínica, mas eu tinha atividade no interior.

NA - No interior, pois é.

AP - Eu... eu fazia umas excursões lá. Eu às vezes pegava um ônibus nuns dois dias assim, tinha um feriado, nós alugávamos um ônibus e saíamos pelo interior da Bahia. O interior da Bahia era completamente desvinculado, não tinha asfalto em lugar nenhum, era terra! Então Feira de Santana era uma terra enorme pra ir. Então nós fazíamos aquela jornada, jornada em Jacobina, jornada em Mutuípe... eu tenho esses...

NA - O sr. e seus alunos?

AP - Ia com professores, ia com alunos, combinado com algum médico da localidade... Ia lá e passava lá um dia ou dois falando sobre assuntos e etc. Numa dessas idas lá, eles me disseram que tinha um lugar que tinha muita esquistossomose, chamado Caatinga do Moura. Eu...

NA - Caatinga do quê?

AP - Caatinga do Moura.

NA - Moura.

AP - É. Eu aí mandei duas pessoas que trabalhavam lá comigo: o Rodolfo... que ainda trabalha, ir lá em Caatinga do Moura dar uma olhada... o Maneco tava também comigo lá. E o ... o Rui num outro lugar chamado... chamado... Um chamava Caatinga do Moura o outro chamava... chamava... Ora!

NA - Depois o sr. lembra!

AP - Eu lembro daqui a pouco. Aí é... aí eles foram lá e realmente viram que tinha muita esquistossomose. E eu fiquei com aquilo na cabeça, com a necessidade de fazer um projeto de estudo de esquistossomose ali. E comecei esse projeto em 1964. Em 1964 eu comecei um projeto que vai até hoje lá, rodando... tem gente estudando lá até hoje. E muita contribuição de esquistossomose saiu de lá.

NA - Hum. Mas o projeto... o que é que o sr. queria fazer, qual era o projeto?

AP - Eu queria a evolução da esquistossomose. Ciclo, a evolução da esquistossomose, como aparecia a forma grave, como desenvolvia a forma grave, como podia controlar a esquistossomose.

NA - O objetivo era esse.

AP - É. O campo de estudo...

NA - Controle.

AP - Controle, evolução e controle. Evolução da esquistossomose é... conhecer melhor a epidemiologia e ver como é que desenvolvia as formas graves, qual era a predominância da forma grave, como é que fazia pra controlar as formas graves... como é que podia fazer pra controlar a evolução da doença.

NA - Quem é que nesse momento tava fazendo isso no Brasil?

AP - Ninguém.

NA - Ninguém?! Em nenhuma outra, São Paulo, nada?

AP - Não. Não, havia já... o Samuel Pessoa tinha feito estudos assim é... assim de ida ao campo, Itaporanga de Ajuda, fazia lá em Sergipe, é... estudo assim de ir, fazer o inquérito e voltar.

NA - Mas... tem pouca...

AP - Já o Pedreira de Freitas tinha esse projeto aqui de Cajuru, daqui da é... perto de Ribeirão Preto, ele já tinha algum tipo de estudo assim. É... e tinha o grande exemplo do pessoal de Manguinhos todo, né, Chagas. Que assim é que Chagas... tinha a cabeça que o Chagas tinha feito isso, né? Tinha ido pro interior, tinha as excursões de Manguinhos... que eu com... eu sabia, conhecia ela, né? Sabia que a viagem científica do... Sabia disso. Então havia é... quem mais? Ah! O Brener tinha estado aqui!

NA - Isso que eu ia lhe perguntar.

AP - Numa região aqui em Minas Gerais, examinou um grupo de pessoas... Voltou depois é... examinou essas pessoas outra vez...

NA - O Brener trabalhava com esquistossomose nessa época, né?

AP - É. O Brener tinha estado aqui antes, já tinha uma informação. Mas nenhum deles...

NA - Uma coisa sistematizada.

AP - ...tinha estudo assim: fazer o censo, é... mapear, é... saber quem é, examinar um por um, guardar ficha...

NA - Ficha clínica.

AP - ...O doente que não era doente, voltar outra vez pra examinar... Havia em Bambuí também o registro guardado lá, né? Mas não havia...

NA - Mas aí era Chagas.

AP - Era Chagas. Mas..., mas havia o estudo do Catende, lá com o Geth Jansen, que foi na Usina...

NA - Em Pernambuco.

AP - Mas não era igual a esse estudo assim é... de campo, dessa maneira. De fazer um estudo assim prolongado. Eu pensei em fazer um estudo prolongado e manter essa população, quase 5 mil pessoas, pra ver o que é que ia acontecer. Isso com relação à doença de Chagas.

NA - Não, esquistossomose!

AP - Com esquistossomose. É...

NA - Tinha Chagas nessa região?

AP - Não. Nessa ocasião é... eu tive contato com... pouco depois, em 1960 e... 1960 e...

NA - Deve ser 65. Pelo que o sr. tá falando aí.

AP - Pois é. 65, 64. 65...

NA - 64. É.

AP - ...65 foi... foi... Taquarandi. Foi... Taquarandi é o nome da outra!

NA - Da outra cidade.

AP - Falei do Rodolfo em Caatinga do Moura e o Rui em Taquarandi!

NA - Rui?

AP - Rui Machado da Silva.

NA - Em Taquarandi.

AP - Em Taquarandi. E eu tenho um relatório deles até hoje. Depois eu lhe mostro. Bom, e aí é... acontece que eu comecei a ter contato com um sujeito chamado... *(pausa na gravação- fala com alguém que entra na sala)* Eu tô procurando lembrar as datas certinhas. Foi em 1900 e... 65... 64, 65, eu saí pela primeira vez daqui pra uma reunião em Lisboa sobre ambilhar, que era uma nova droga contra a esquistossomose que aparecia.

NA - Como é o nome?

AP - Ambilhar!

NA - Ambilhar.

AP - É. Ambilhar.

NA - Ham. Quem é que produzia?

AP - Essa droga era... porque o nome da droga era o niridazol.

NA - Oniridazol.

AP - Não! Chama niridazol.

NA - Niridazol.

AP - E essa reunião sobre ambilhar...

NA - Ambilhar é o quê? É um princípio?

AP - É um nome, é um princípio ativo, é o nome comercial.

NA - Ah, o nome comercial!

AP - O princípio ativo é o niridazol. E essa...

NA - Um. Quem tava produzindo isso?

AP - CIBA. E eu fui pra uma reunião lá e...

NA - Eles lhe convidaram?

AP - Convidaram. Foi a primeira vez que eu fui a uma reunião fora...

NA - Do Brasil.

AP - ...do Brasil. Bem, logo depois comecei a ter contato com um sujeito chamado Zdonak Fejfar. Zdonak: z, d, o, n, a, k. Zdonak Fejfar: F, e, j, f, a, r.

NA - F, j...

AP - F, e, j, f, a, r. Você tá anotando tudo.

SK - Tô.

AP - Zdonak: z, d, o, n, a, k, Fejfar. Esse Zdonak Fejfar era um sujeito que foi comissionado pela OMS pra mexer com doença de chagas. E esse Zdonak Fejfar deu uma andada por aqui...

NA - Hum, América Latina.

AP - ...e fez um relatório importante aqui sobre Ribeirão Preto, Uberaba e Goiânia, dizendo que a doença de chagas, o estudo, estava evoluindo e que não estava mais no centro do Rio, de São Paulo, estava no interior do Brasil e tal.

NA - Tinha um grupo já trabalhando.

AP - Falando que já havia grupos trabalhando. E esse Zdonak... eu aí tive contato com ele... Não, eu recebi um convite dele. Não tive contato, eu não tinha estado com ele não. Eu recebi um convite dele, da OMS, pra ir numa reunião em Uganda...

NA - Peraí, vamos pra Portugal. Portugal...

AP - Foi a primeira que eu fui.

NA - Portugal.

AP - Logo em seguida eu recebi esse convite pra ir em Uganda. E quando eu recebi esse convite pra ir em Uganda, o meu inglês era ruim. Eu falei com o Maneco Ferreira, a quem eu devo muita coisa apesar de falar dele o que eu disse há pouco, mas eu gosto dele.

NA - Não, o sr. não falou mal dele!

AP - Eu não falei mal, mas de qualquer maneira... falei o que eu acho. E aí falei com o Maneco Ferreira que é um homem extremamente inteligente: “Olha, Dr. Ferreira, eu estou com esse convite aqui há dias, mas eu acho que eu vou responder que eu não vou porque eu não me sinto em condições de falar inglês assim. Eu fui lá em Portugal, lá eu mastiguei um pouco, mas lá era português. Agora pra ir em Uganda numa reunião assim...”

NA - É. Da OMS.

AP - ...Da OMS, eu não... “Não, não faça isso. Você vai. Você vai porque você vai ver que esse pessoal também não fala assim, você tem... o problema é o seguinte: se você não vai nessa reunião, pode ser que ainda te convidem pra uma outra e tal, mas você pode estar certo que vai ficar de lado...”

NA - Nunca mais ninguém te chama.

AP - ...Você enfrenta e vai.” Eu não sei se eu sozinho teria feito isso. Como não sei quando fiz a cátedra também, que cheguei um pouquinho atrasado pra inscrição, que eu ia desistir da minha inscrição pro concurso pra catedrático, como aquele José Simões que estava junto falou comigo: “Não, você não pode fazer isso. Se inscreve condicional, que é negócio de edital...” E eu tava assim aí me inscrevi. Também não sei se eu tinha persistido e feito o concurso. Esse é um aspecto que eu não tinha falado. E este do Maneco também, eu não sei, são homens que eu não me esqueço assim as coisas que marcaram. Então fui nessa reunião. Foi uma reunião extremamente importante. Porque lá era uma reunião sobre endomiocardiofibrose, e que lá tinham várias pessoas que depois... muito importantes no futuro. Uma delas... lá estava, um que foi diretor do TDR depois. O primeiro diretor do TDR. Tá o retrato dele ali naquela reunião que eu fui lá. Que é o Lucas, Adetokumbo Lucas. Lá estava...

NA - Como? Adetokumbo. Eu tenho o nome dele.

AP - Adetokumbo Lucas. Foi quando eu o vi... ele não era nada da OMS, ele tava nessa reunião! Tava nessa reunião. Estava nessa reunião o...

NA - Tinha sido convidado também pra participar.

AP - Tinha sido convidado como eu! ...O Ikeme que depois daquela guerra da Nigéria com o ... ele foi muito perseguido... É... tava lá o ...

NA - Mas o objetivo da reunião era exatamente o que, Dr. ...

AP - Cardiomiopatias. E eu fui pra falar sobre doença de Chagas. E foi junto comigo também o Puigbó, um venezuelano. Bom, daí começou o meu envolvimento... – tem sentido o que eu tô lhe falando, depois

eu vou dizer por quê – começou o meu envolvimento maior com o estudo de campo de chagas. Eu já tinha um projeto de esquistossomose, já tinha começado esquistossomose.

NA - Já tava lá andando.

AP - Aí num dos intervalos da reunião lá, eu falei com o Fejfar, eu falei: “Olha, eu tinha muito interesse de fazer um estudo de campo sobre esquistossomose, sobre doença de chagas. Eu queria saber com a OMS...”. Aí eu me convidei, foi uma coisa exatamente assim. “Eu queria muito que você fizesse.” Eu falei: “Então eu vou fazer um projeto, você me dá ajuda?” “Dou! Faz que eu te dou uma ajuda, te dou.” Em um mês eu comecei a receber uns grandes da OMS e assim que eu comecei com o meu estudo de campo sobre doença de Chagas em São Felipe.

SK - Isso era em que ano, Dr. ...?

AP - 1960... e 5.

NA - Junto com a esquistossomose.

AP - Já... já estava rodando a esquistossomose.

NA - Mas o Fejfar... Como que fala o nome?

AP - Fejfar.

NA - Fejfar. Ele era o que exatamente da OMS?

AP - Ele era coordenador do...

NA - Não existia TDR ainda.

AP - Não! TDR apareceu depois que nós criamos aqui o PIDE, inspirado no PIDE. Nós brasileiros.

NA - Tá, vamos falar daqui a pouco. Mas o Fejfar ele era o que exatamente? Lá. Em Brasília.

AP - Ele era um cardiologista. Fisiologista cardiovascular, muito inteligente.

NA - Qual é a nacionalidade dele?

AP - Tchecoslovaco.

NA - Tcheco, é.

AP - Eu queria trazê-lo pro Brasil no fim ... Ele tinha uma admiração muito grande pelo Brasil.

NA - E aí o sr. lembra do cargo dele na OMS?

AP - Ele era chefe dessa parte das doenças cardiovasculares.

NA - Cardiovasculares.

AP - Doenças cardiovasculares.

NA - É isso.

AP - Cardiovascular e doenças. Era assim que ele botava: cardiovascular e doenças.

NA - Porque ele tinha um cargo lá importante.

AP - Doenças cardiovasculares!

NA - Porque ele liberou recursos pro sr., então ele tinha algum cargo importante...

AP - Eu fiz um projeto e ele liberou recursos.

SK - O sr. falou que ele tinha um relatório sobre grupos...

AP - Ele tinha um relatório famoso falando sobre a doença de chagas e falando sobre Ribeirão Preto...

SK - O sr. tem esse relatório?

AP - Olhe, eu devo ter esse relatório... esse aí eu preciso... esse aí eu não tenho visto ele assim, mas eu conheço esse relatório, esse relatório é citado, esse relatório é importante...

NA - O Brener falou disso.

AP - Hem?

NA - O Brener já falou disso.

AP - Eu tenho... no relatório do Fejfar. Ele andou por aqui, ele e mais uma outra pessoa qualquer, ...

SK - Ah, porque seria... o sr. não sabe ao certo se tem isso.

AP - ... É daqueles *reports* da Organização Mundial da Saúde. Eram programas! Sobre...

NA - É... pode se conseguir lá.

AP - Ou lá ou aqui. Tem que ver nos meus guardados onde é que eu encontro esse relatório.

SK - Depois eu lembro o sr. de ver isso.

AP - Eu falava das coisas que lembro...

NA - Esse período, esse relatório é de quê? De 64?

AP - Esse relatório é anterior... É, por aí assim. Aí o que foi que aconteceu? Ele resolveu fazer reuniões em vários lugares do mundo pra estudar as doenças cardiovasculares. Cardiomiopatias como ele dizia.

NA - Cardiomiopatias.

AP - Estudar ainda endomiocardiofibrose, que tinha ainda em Uganda, estudar a doença de Chagas que tinha ainda por aqui, estudar a *reard marsele disease* que era uma cardiopatia idiopática que tinha na Jamaica, estudar uma cardiopatia que tinha na Índia, que ele não sabia direito o que era... E assim cada ano eu fui: um ano em Uganda, outro ano em Jamaica, outro ano em Jerusalém, outro ano em Nova Déli... (*breve pausa*) O que mais?

NA - Mas o sr., o sr. ...

AP - Eu aí ia como membro da Organização Mundial para esse grupo de doenças cardiovasculares.

NA - Mas a sua trajetória médica não tem nada a ver com cardiologia.

Fita 4 - Lado B

NA - Na verdade a sua trajetória científica principal é a esquistossomose.

AP - E chagas.

NA - Mas..., mas o sr. foi vindo junto com chagas por causa da clínica que fazia lá na Bahia, não é isso?

AP - Não, eu sempre mexi com esquistossomose e chagas. Calazar, esquistossomose e chagas. Calazar não mexia não...

NA - O sr. ... Teve um doente que o sr. tinha lá...!

AP - Agora voltei outra vez com calazar.

NA - É?

AP - Calazar, doença de chagas... Não, doença de chagas eu tô lhe dando a origem... Bom, nessa época eu já tinha internado muito doente com fase aguda, eu já tinha mostrado que fase aguda era comum na Bahia, eu já tinha muito doente lá na Bahia com cardiopatia...

NA - O sr. chegou a fazer o trabalho de campo que o sr. pediu um projeto pra ele, dinheiro pra ele?

AP - Fiz!

NA - Fez?

AP - Em São Felipe.

NA - São Felipe. Começou naquele período, em 65?

AP - Começou. Começou em 65. Aí eu fiz um segundo projeto que serviu de tese pra Vanize, pra Glória Teixeira... pra muita gente que fez esse trabalho lá em São Felipe. Até hoje nós temos...

NA - E a idéia era a mesma da esquistossomose?

AP - É, era a mesma coisa! Estudar – eu fiz o mesmo projeto – estudar no... É agora estimulado por ele, Fejfar, que dava o auxílio pra isso.

SK - Ver a evolução dos casos, né?

AP - É! A idéia era pegar e ver como é que a doença evoluía. Quantos evoluíam pra forma grave, quantos evoluíam pra outra coisa e também, um pouco o controle.

NA - São Felipe fica em que região?

AP - Recôncavo Baiano.

NA - Ham. Era distante de Taquarandi, do...

AP - Era distante. Um é lá em cima da Chapada Diamantina, a 500 e tantos quilômetros no noroeste da Bahia e o outro era... no Sudoeste, pra São Felipe, ali perto de é... Santo Antônio de Jesus, Nazaré... é... Maragogipe, no fundo da Baía de Todos os Santos ali dentro, daquela baía ali que ficava São Felipe. Quando cheguei lá era uma cidade parada no tempo, velha... hoje já é uma cidade.

NA - Esses estudos de campo que o sr. fez, o sr. levou alunos pra lá pra fazer trabalho lá?

AP - Ah, levava muito! Grande parte das pessoas que eu conheci. O Euclides Castilho...

NA - Eu sei quem é.

AP - O ... o ... A Vanize. O meu conhecimento todo com a Vanize foi lá, porque a Vanize ficou lá um ano. O ... o Bina eu coloquei na Caatinga do Moura, ficou dois anos... O ... grande parte dessa turma começou. Aquela que era... É... Tavares, que é lá da Bahia, José Tavares... aquela casada com o Santana lá do Ministério, a ...

NA - Santana Ministro.

AP - ...ministro. Aquela...

NA - Eu sei quem é.

AP - Fabíola! Fabíola, eu tenho um retrato da Fabíola...

NA - Ela era sua aluna.

AP - Não, era aluna e eu recebendo o título: “Cidadão de São Felipe” e a Fabíola lá, assistindo junto comigo.

SK - Agora, o sr. falou Dr. Aluízio, da importância do trabalho do... do Laranja nessa parte clínica, né...?

AP - Ah, nessa altura eu já sabia que tinha o Laranja! Porque o Fejfar tinha muito interesse em que eu testasse é... a ... febre pro tratamento da doença de Chagas. Ele falava comigo sobre malária, se eu tivesse um jeito de ver algum doente com malária, pra ver se não era bom pra...

NA - Mas a região não era de malária não.

AP - Não. E ele tinha vontade que eu fizesse um período a terapêutica da malária, pra ver se dava certo também.

SK - Porque o que eu ia lhe perguntar é o seguinte, quer dizer, é... o sr. falou da importância do trabalho do Laranja nessa parte clínica, né, do diagnóstico clínico da doença e sobretudo essa questão da cardiopatia. Você... quer dizer, nesse trabalho de campo vocês utilizavam...

AP - Ah, sim!

SK - ...a metodologia que o laranja tinha aplicado...?

AP - Ah, sim! Não...! Ah, sim! Eletrocardiograma, estudar eletrocardiograma.

SK - Quer dizer, toda essa parte da evolução da doença, isso tinha...

AP - Ah, eu já sabia mais ou menos o que é que acontecia com a doença. Agora eu queria era ver é... esclarecer alguns aspectos e ver a percentagem de doentes que evoluía, comparar com os crônicos. Essa é que era a idéia de estudar. Mas a gente já sabia como é que a doença se comportava. Mas eu queria era ver esse bloqueio de ramo, qual era a percentagem que tinha em chagásico, qual era a percentagem que tinha no chagásico... Essa era o ... era o que nós pensamos em fazer em São Felipe. Bom, aí esse projeto que prossegue até hoje.

NA - Em São Felipe?

AP - Tem a tese até hoje, sai tese em São Felipe. Então esses projetos nossos nunca acabam. Porque sempre vai...

NA - E a ... Bom, fala.

LO - Nesse período que o sr. começou a fazer essa pesquisa em chagas com o patrocínio da OMS, como é que estava a organização brasileira dos pesquisadores de chagas. Isso foi mais ou menos na época do curso de Belo Horizonte... aquele famoso curso de Belo Horizonte...

AP - Qual curso de Belo Horizonte?

NA - O sr. tava naquele período... Do Cansado.

AP - O curso de Belo Horizonte foi em 64.

NA - Exatamente.

AP - Já tinha havido a reunião de 64. O curso do Cansado... já tinha havido esse curso do Cansado.

SK - Romeu Cansado.

AP - Foi logo em seguida que nós começamos. Já tinha havido a reunião do Rio de Janeiro comemorando o Carlos Chagas. Já tínhamos criado o grupo clínico cooperativo pra tratamento. Que criamos no Rio de Janeiro em 1960 e... 1, 62...

SK - Que grupo era esse?

AP - Esse é um grupo que se resolveu é... trabalhar em conjunto. Porque não havia nada sobre o tratamento de doença de Chagas, ninguém mexia com doença de Chagas. Numa reunião que nós tivemos no Rio de Janeiro, patrocinada pelo Laboratório Eaton...

NA - Brasileiro?

AP - Não. É lá dos Estados Unidos. Esse Laboratório Eaton apareceu aqui com uma droga, o nitrofurazona, que dizia que curava doença de chagas. E queria que nós trabalhássemos com ele. E tinha um Dr. ... Arthur... – um sujeito até muito bom – a parte científica dele. Mas havia uma outra reunião, não sei se essa... havia uma outra reunião no Rio de Janeiro. Ela está até no... até publicado...

LO - Pra onde? Algum volume que tem...?

AP - Num volume.

LO - Espaço Portinari?

SK - Não. Aquilo era, aquilo era...

AP - Não, essa reunião... nós tivemos essa reunião, eu tô querendo me lembrar aqui...

NA - Daqui a pouco o sr. lembra.

AP - ...a parte, até que parte... qual é a parte do Eaton que tava envolvido nisso e eu acho que ele financiou, levou as pessoas. Mas eu não sei... o Rodrigues é que convocou a reunião.

NA - Rodrigues da Silva.

AP - Convocou a reunião. E nós fomos nessa reunião. Cada um de nós falou umas coisas... Sim! Pra essa reunião eu me lembro bem que eu preparei uma avaliação sobre o que existia sobre a doença de Chagas aqui no Brasil.

NA - Até então.

AP - Até lá, até então. Fiz um apanhado do que é que existia. Fiz um retrospecto da literatura, do *esquisotepano*... do... do... cruzon que é uma droga, *imperial*... Da primaquina que diziam que dava resultado... Então eu fiz um apanhado e vi que ainda tinha campo pra se pesquisar. E tinha essas drogas do Eaton: o nitra... o levofuraltadona...

SK - Como é que é? Leva...

AP - Levofuraltadona. Que tava aparecendo. Então eu achei... e aí nós vimos lá que nós... e eu lembrava de uma... eu... eu... estudei muito num livro de sífilis, um sujeito chamado Kampmeier, e que ele citava muito um grupo clínico cooperativo sobre sífilis nos Estados Unidos. Então eu vendo que como é que aquilo rendeu um estudo cooperativo. Então eu achei que pra nós trabalharmos em doença de Chagas aqui, que isolado, nós nunca íamos chegar à conclusão nenhuma se nós não tivéssemos uma maneira de trabalhar em conjunto. E nessa reunião propus que nós fizéssemos um grupo chamado: 'Clínica comparativa pra tratamento da doença de chagas.' O que é que ia fazer esse grupo? Esse grupo ia trabalhar em conjunto. E o que é que significa trabalhar em conjunto? Ele ia... "Bom, vou trabalhar com tal esquema." "E eu também... e você também... E vamos periodicamente nos reunir e publicar... e vamos avaliar da mesma maneira." Nessa época havia dificuldade pra se avaliar a eficácia do tratamento da doença de chagas. Primeiro do tratamento da doença de Chagas. Mas o Brener tinha feito uma... uma tese, em que ele mostrou, experimentalmente, que se prolongasse o tratamento da doença de Chagas durante 50 dias, que você podia obter melhores resultados. Então nós achamos que nós deveríamos trabalhar nesse esquema assim. E nós iríamos ver como é que nós íamos fazer o controle de cura. E resolvemos fazer o controle de cura parasitológico através... E tinha aparecido também o xenodiagnóstico do Schenone que eu chamava de 'Schenão'. Que era...

NA - Por que a diferença?

NA - ...com quarenta ou cinqüenta barbeiros...

NA - Barbeiros.

AP - Porque a gente fazia o xenodiagnóstico com 5 barbeiros, 10 barbeiros...

NA - Ah, bem pouquinho!

AP - Aí começou a fazer daquele dos Schenone, do Hugo Schenone, com 40, 50 barbeiros e dava um resultado muito melhor. E repetia uns dois ou três. E aí vimos também que havia, nessa época já se sabia, que havia uma história da parasitemia alta e baixa. Que o doente quando tinha o parasita circulante, quando você fazia o xenodiagnóstico, freqüentemente dava positivo. Portanto tinha uns doentes que era fácil você ver o controle porque ele tinha *xeno* sempre positivo. Então se você escolhesse esses doentes pra tratar, você ia ter uma maneira de avaliar que era através da parasitemia. E a sorologia que nós não sabíamos o que é que acontecia com ela, parecia que não negativava, mas não tínhamos certeza. E esse

grupo começou a trabalhar junto e nas primeiras publicações aparece no rodapé dela: “Grupo clínico cooperativo e os participantes” desse grupo.

LO - Quem eram os participantes desse grupo?

AP - Coura, Humberto Ferreira aqui de Uberaba, Anis Rassi, Amato Neto... eu...

NA - Köberle?

AP - Não.

NA - Köberle tá fora.

AP - Não, o Köberle tá fora...

NA - Eu queria que o sr. falasse sobre ele depois.

AP - O Köberle é outra coisa.

LO - O Brener.

NA - Brener!

AP - Brener acho que sim.

NA - Rodrigues?

AP - Qual Rodrigues?

NA - Da Silva. ... O Rodrigues entrou.

AP - Não...! O Rodrigues eu acho que não entrou nisso.

NA - Ah, não?!

AP - Não. Ele estava na reunião...

NA - Pois é, pois foi ele que convocou a reunião!

AP - Não, ele convocou a reunião não pra isso! Ele convocou a reunião pra... pra ver a evolução... Eu tô querendo ver o que mais que tinha nessa reunião. Por isso que eu vacilei um pouco, porque eu não me lembro. Se eu vir a publicação eu lembro exatamente o que, por que houve essa reunião. Se era só no Rio... foi no Hotel Glória.

NA - No Rio. Aí vocês combinaram...

AP - Aí eu me lembro que fora da reunião, no fim disso aí, se você olhar ali...

NA - Tá lá.

AP - Você vai ver ali a criação desse...

NA - Grupo cooperativo.

AP - ...grupo cooperativo.

NA - Que começam a trabalhar na mesma direção.

AP - Começam e até há pouco tempo ainda trabalhavam!

NA - Ah, é?!

AP - E isso deu fruto porque a gente viu logo que a sorologia não negativava... Esse foi um grupo que começou um pouco essa união dos pesquisadores. Eu tenho convicção que esse grupo começou um pouco...

NA - A uma forma de organização que não existia.

AP - Não. Começou um pouco a trabalhar em conjunto, mais um pouco. Eu tenho a impressão que esse...

NA - Sei. Porque até então cada um tava lá, dando suas aulas... na faculdade...

AP - É. E era difícil a comunicação também, né?

LO - Mas não tinha também um pouco de regionalismo não, Dr. Aluizio? Só em São Paulo...Só no Rio...

AP - Existia um pouco de regionalismo, mas isso era... essa reunião de São Paulo, do Rio, aquela de 59, foi um início de acordar pra Chagas. Um início de acordar.

SK - E aquela... aquela reunião foi organizada, quer dizer, o simpósio de 59, né, ...

AP - É. Carlos Chagas.

SK - ... foi organizada pelo Carlos Chagas Filho.

AP - É. Ele trouxe muita gente. E chamou a atenção...

SK - Por iniciativa é... dele, pessoal, digamos assim?

AP - Não, eu acho que foi do Carlos Chagas. A impressão que eu tenho é que foi do Carlos Chagas, que organizou aquilo e fez em Manguinhos.

SK - É, foi lá no IOC. É.

AP - Aquela reunião. Agora, depois tem uma outra reunião feita, uma outra reunião feita, em 63. mas eu acho que é só um congresso do Rodrigues, tem uma parte grande sobre doença de chagas.

SK - Como é que era a participação dos pesquisadores de Manguinhos nesse... na pesquisa em Chagas nesse período? De anos 50... anos 60... quer dizer, tudo bem, a gente falou de Bambuí, mas Bambuí era um posto, né? Eu tô falando mais do Rio.

AP - Olha, tinha lá... Manguinhos, eu não tinha muito contato com eles porque o Emmanuel tinha assim algum contato, mas... eu não sei mesmo quem era mais de Manguinhos. O Amílcar era do DENERu, né, mas não era de Manguinhos. Amílcar era do DENERu depois foi dirigir.

NA - É, dura um pouquinho só. Mas ele dirigiu nos anos 51, 52, depois foi embora. Voltou pra Manguinhos.

SK - Júlio Muniz...

AP - O Hermann Lent era um homem que cuidava mais dos barbeiros lá...

NA - Barbeiros.

AP - ... mas não trabalhava em conjunto assim.

NA - Não.

AP - É... o Coura não estava lá.

NA - Não. Felipe Néri Guimarães!

AP - O Felipe Néri, eu lembro dele, ele me... ele me descreveu aquela epidemia lá de Teotônio...

NA - Mas o sr. não tinha muito contato com ele.

AP - Tinha pouco. Ele atritou um pouquinho com o Rodrigues na reunião do Congresso de Medicina Tropical... ele quis mexer mais...

NA - Ele tinha uma personalidade difícil. Todo mundo fala.

AP - ...mexer lá. Tinha uma personalidade difícil. É. Mas era um homem trabalhador, estudou boubá... Eu me lembro dele ainda, do Néri, mas não... Ele era ativo um pouco em saúde pública, mas não tinha uma ligação. O Pedreira de Freitas não era, era do grupo de São Paulo. O grupo de São Paulo era forte de nessa época: o Mauro, o Pedreira de Freitas, o Samuel... que trabalhou muito sobre doença de chagas no interior é... fazendo trabalho...

SK - E os trabalhos do Júlio Muniz em imunologia?

AP - O Júlio Muniz com o Margarinós Torres, eles faziam. Mas não tinham esse relacionamento com os clínicos. E brigavam também.

SK - Por quê? Era o quê? Que tipo de trabalho o Júlio Muniz fazia?

AP - O Júlio brigava, o Margarinos não. Mas o Júlio era difícil, ele brigava muito...

SK - Ele fazia o quê?

NA - O sr. conheceu ele?

AP - Conheci! Me lembro dessa reunião de 59, ele tava lá, bravo! Mas era um bom pesquisador! (*risos*)

SK - Mas o que é que ele fazia? Qual era o tipo? Era mais parte de imunologia...

AP - Imunologia.

SK - Mas era a parte mais básica? Era uma coisa ...

AP - É. Era imunologia... reação de precipitina... É... ele fazia imunologia. É... eu tô aqui me lembrando...

NA - Mas isso não era...

AP - ...Astolfo Ferraz! Era outro que trabalhava com o Samuel Pessoa. Astolfo Ferraz, que acabou vindo aqui pra... pra Ribeirão Preto. Mas Manguinhos, eu tô querendo lembrar... eu tinha gente boa, mas não... na parte clínica assim, não tinha mais. O Evandro e o Coura não eram de lá...

NA - O Evandro tinha morrido.

AP - É. O Evandro tinha morrido. O Evandro morreu em 37, 36.

NA - É, 36.

AP - Caiu ali no...

SK - 1940.

AP - 40?!

SK - Foi 40. ... O sr. tava lá já!

AP - Tava. Eu lembro quando ele morreu. Foi em 40, é?

SK - Foi em 1940.

NA - É. Ela sabe ao certo as datas.

AP - Em 35 foi o Chagas, né?

LO - Isso.

SK e NA - 34!

AP - 34!

NA - O Chagas foi 34. O Oswaldo...

AP - 40 foi o Evandro. Caiu ali naquele colégio Juruena. O corpo dele caiu ali. O corpo dele caiu ali. E...

SK - Colégio Juruena?!

AP - Colégio Juruena na Praia... Juruena, na Praia de Botafogo.

NA - Botafogo, é. Botafogo.

AP - Colégio Juruena. Ele tinha passado uma noitada com um companheiro da Vasp e o companheiro da Vasp era piloto de... civil. E quando o Evandro... O Evandro Chagas também pilotava. Na época da guerra ele pilotou avião com os filhos do Mussolini. O Mussolini teve aqui com os 'ratos verdes' e eu me lembro que o Evandro inclusive, é... o Evandro encontrou-se com ele... eu me lembro qualquer coisa assim. Mas é... eu acho que ele pilotava, o Evandro.

SK - É. Eu já ouvi falar disso também.

AP - Bom. Mas ele morreu assim: ele saía ...

NA - Mas era amador! Era uma coisa amadora.

AP - ...ele ficou lá com esse amigo e aí resolveu pegar um avião pra ir pra São Paulo, da Vasp. Foi ali pro Santos Dumont e pegou um avião da Vasp. O amigo dele correu no Iate Clube, tinha um aeroclube ali no Iate Clube. Ali tinha avião, levantava vô ali naquele Iate clube! O amigo dele saiu do avião ali e quando ele ia indo, o amigo resolveu fazer um *looping* na frente do avião da Vasp, pra saudar ele. E fez, mas no fazer, calculou mal e o avião da Vasp pegou. E o Evandro que tava dentro morreu. E caiu o corpo no colégio Juruena ali na Praia de Botafogo. (*batendo na madeira*) No desastre de avião.

SK - Que coisa!

NA - Que coisa... não, que história terrível!

AP - Morreu mais gente.

NA - Mas enfim...

AP - Bom, mas isso era uma conversa que eu ouvia falar, né? Essa conversa... (*ri*)

NA - É, o sr. falou. Mas olha só, vamos...

AP - É melhor falar sobre coisa que a gente participa.

SK - Mas o sr. estava falando então que Manguinhos não tinha um grupo forte que trabalhasse com Chagas no Rio de Janeiro...

AP - Pelo que eu tô procurando ver aqui assim... eu não me lembro.

NA - Clínica.

AP - É, em clínica eu não me lembro. Em Manguinhos não me lembro.

NA - É. Agora me diga aqui uma coisa, é... e o Köberle? O sr. falou que foi com o Köberle para onde?

AP - Eu fui... eu fui... com o Köberle...

NA - Pra OMS?

AP - ... na reunião de Nova Déli...

NA - Ah, é.

LO - E na África, né?

AP - Eu fui com o Köberle...

NA - Na África, Uganda. Ele tava em Uganda.

AP - Em Uganda eu acho que ele não foi não. Ele apareceu em Jerusalém e em Nova Déli. Duas vezes eu...

SK - O sr. conheceu o Köberle aonde, aqui?

AP - Eu conheci o Köberle... nessa reunião de 59 no Rio. Porque eles fizeram um cerco no Köberle. O Köberle começou a falar nessa atividade... e eles começaram a criticar muito ele.

NA - Em função de quê? Qual era a polêmica?

AP - Em função de eles não... não aceitarem as coisas que ele falava. Porque o Köberle dizia que a doença de Chagas atacava o sistema nervoso. E os... outras pessoas achavam que ele não tinha prova – era o negócio do megalofagia – que ele não tinha prova daquilo. E ele... achavam que ele é... inventava os resultados. É... não era verdade, ele não inventava, mas diziam que ele inventava. Porque ele falava que viu não sei quantas mil lâminas e fazia não sei quê. Eu não sei bem o Köberle... o Köberle era muito inteligente, fez uma contribuição muito grande, mas numa viagem dessas com ele, ele me disse uma coisa que me calou fundo. Ele me disse: “Olha Prata, você não precisa ver mesmo as coisas não. Você percebe assim e você deduz!” E eu pensei, falei: “Não, eu acho o contrário. Tem que ver. Tem que ter cautela.” Então ele tinha um temperamento assim o Köberle. Mas ele...

NA - Ele era... Deixa eu fazer uma pergunta, pode ser que o sr. não queira me responder...

AP - ...era um austríaco que veio da Alemanha...

NA - Ham. Mas ele era desacreditado?

AP - Não! Ele era um homem de ciência, um homem de valor...

NA - Ele era respeitado, ele lá na Europa era respeitado?

AP - Ele era respeitado. Ele tinha esse temperamento assim é... Por exemplo: quando eu apresentei o primeiro resultado se São Felipe, que eu dizia que muitos doentes não tinham, ele achou ruim. Não falou assim comigo, mas eu lembro de ele falar com as pessoas: “O Prata tá ficando doido e tal!...” Porque eu dizia que uns casos de Doença de Chagas não tinha nada, vivia e morria de velho. Porque eu tava vendo lá!

NA - Claro!

AP - Mas ele... ele era um homem que veio, fez um trabalho bom em Ribeirão Preto... fez, é um patologista de renome, fez uma contribuição importante na doença de Chagas. Na verdade, já se tinha visto aqui no Brasil que a doença de Chagas destruía o sistema nervoso. Isso foi visto pelo... pelo Ódria e Ramos, 1941, que disse que havia lesão do simpático no coração do pessoal chagásico.

SK - Ódria...?

AP - Odria e Ramos. E mais... e mais importante que isso, o Etzel que tá vivo aí! O Eduardo Etzel, tá vivo aí. Publicou... Bom, também o Alípio Corrêa Neto e uma outra pessoa que eu não me lembro agora quem é exato...

NA - Antes do Köberle.

AP - Não! Não exista Köberle. Tinha dito que a doença, que no megaesôfago e no megacólon, havia destruição do sistema neurovegetativo do *plasmodium*. E o ... o ... o Etzel chegou mesmo a fazer um artigo baseado no estudo de 5 doentes, dizendo que o megaesôfago era uma neuropatologia. Chamando o megaesôfago de neuropatologia.

NA - O Köberle vai dizer depois.

AP - Só que ele achava que isso era devido à vitamina. Avitaminose B. Ele andou perto, perto, perto. Que era avitaminose B. E os médicos do interior, daqui, já dizia que era devido à doença de Chagas. E o Dr. Laranja num trabalho que eu não consigo achar esse trabalho, que ele apresentou no México...

NA - Esse tal que o sr. falou.

AP - ...do Marsden. Só a ... eu já falei com o João, ele... eu só conheço o resumo. Ele botava que havia muitas alterações eletrocardiográficas. E havia, o próprio Chagas havia falado que o mega poderia ser

uma manifestação do trypanossoma cruzi, mas que isso só o futuro ia falar, etc e tal. E eu peguei essa polêmica no auge, nessa reunião de São Paulo. Do Rio de Janeiro, quando eles encurraram o Köberle. E o tema que eles pediram pra me apresentar era: é... etiologia do megaesôfago. E eu faço uma análise desse problema no fogo. Não tava ainda decidido. Eu faço ainda uma análise desse problema da etiologia do megaesôfago que tá publicado na *Revista Brasileira de Medicina*, 1971. Lá nessa reunião... eu... dizia que... duas coisas: que uma coisa era a etiologia, que outra coisa a patogenia. E que eu achava que a patogenia era uma coisa que a gente se podia discutir, mas a etiologia não, era devido à doença de Chagas mesmo. Que a coincidência era muito grande nessa... nesse achado. Pois muito bem, nessa reunião, Köberle defendeu essa idéia de que a doença de Chagas produzia alteração de células neurovegetativas. Uma grande... aí é que ele generalizou e ele teve essa intuição. O Chagas percebia que a doença de Chagas tinha uma coisa mais geral um pouco. Tanto que ele achava que era o comprometimento das glândulas endócrinas. Porque o estudo das glândulas endócrinas estava na moda. Qual era a doença que podia afetar todo o organismo assim? Ele achava que era a doença... Então ele fala que dava várias glândulas, porque ele percebia que tinha uma, que a doença de Chagas – era um homem de uma intuição fantástica! – que tinha uma coisa mais geral. O Köberle pegou isso, repetiu as palavras do Chagas, dizia que o Chagas falava que havia um mundo novo na patologia. E que esse mundo novo da patologia era a destruição do sistema neurovegetativo. Aí a contribuição, por exemplo, do Köberle. Aí nós fomos entender realmente que é importante a contribuição dele por isso, por essa concepção. Mas os outros nunca tinham visto isso, que tinha essa destruição.

NA - Mas por que é que tinha tanta prevenção com relação a ele? O sr. tem idéia...? Encurraram ele.

AP - Por causa da mania... primeiro: estrangeiro, primeiro: estrangeiro. O estrangeiro chega... você vê...

NA - Por que é que ele veio pro Brasil? O sr. sabe?

AP - Ele veio pro Brasil por causa da guerra. Ele saiu da guerra. Bom. Aí uma história de... ele era aposentado, mas outras pessoas podem contar sobre ele. Ele era aposentado pelo... pelo Brasil. E contou o tempo de guerra que ele tem, inclusive fora daqui. Contou a guerra que ele teve lá e foi a contada a que ele teve aqui.

NA - Mas essa prevenção contra ele era porque ele era estrangeiro?

AP - Mas a prevenção ao Köberle era devido – eu é que penso isso – devido a prevenção um pouco do jeito dele, ele falava com uma certa... arrogância um pouco. Um jeito assim dele, um pouco dogmático. Ele era um homem entusiasta. Tudo que ele falava ele era um homem entusiasmado, era exuberante. Eu tenho impressão que isso é... E as pessoas também chega uma pessoa de fora, falando assim sobre Chagas, há quantos anos nós estudávamos isso aqui, o Brasil sempre acostumado a fazer contribuições...

LO - Um cara da Áustria...

AP - Eu não sei, eu não sei! Agora sou eu que digo, eu não sei o que foi que somou. Não sei se algumas pessoas que trabalharam com ele também ou pessoas que não tinham boa impressão dele... Não sei. Enfim, de qualquer maneira ele fez uma boa contribuição, ele era um bom camarada...

NA - Quem eram os principais contendores dele?

AP - Não, eu me lembro lá era o ...

NA - Em 59.

AP - ...eu me lembro lá o ... não, tinha muita gente que falava, eu não me lembro. Mas é só consultar.

NA - O Brener.

AP - Não, o Brener até que não! É só consultar. Os...

NA - Samuel?

AP - Samuel não. Não mexia muito com ele não. É só consultar os anais que vai ver lá. Olha lá que vê lá quais pessoas. Eu... eu me lembro alguém falou com ele: “Como é que o sr. teve tempo? O sr. tá no Brasil, de examinar tanta lâmina assim? Eu fiz a conta...” (*risos*) E o ... o Mangarinos que era um cientista muito seguro...

NA - Mangarinos Torres.

AP - É.

NA - Era um grande patologista.

AP - Um grande patologista. E o Mangarinos que era contra o Köeberle disse, mas disse assim: “Mas eu tive um macaco infectado que fez megaesôfago.” Contou nessa reunião. Então essa coisa. Contribuição do Mangarinos... “Eu tive um macaco que teve megaesôfago.” É. Macaco infectado. Bom, aí... nós estávamos aonde? Na...

NA - Nós estamos... não estamos perdidas não. A gente...

AP - Por isso que voltamos ao estudo de campo.

NA - Isso! Nós estamos aí.

AP - Então, devido a essa coisa toda do Fejfar, nós começamos esse estudo de campo na Bahia. E continuamos esse estudo lá até hoje, depois quando viemos pra Brasília, abrimos outras áreas e aqui mexemos com Água Comprida. Até hoje. É que a gente aprende a fazer isso e depois não sabe fazer outras coisas, então tende a repetir, né? (*ri*)

NA - Não, mas na verdade é o que o sr. falou: essa era a retomada de uma...

AP - Eu acho que é uma retomada do Chagas...

NA - ...de uma forma, né, ou de uma metodologia...

AP - ...de uma que rendeu muita...

NA - Não é isso?

AP - ...muita informação aqui no Brasil é uma escola que nós tínhamos aqui do Oswaldo, do... do Lutz, que andava pelo interior... do Chagas... que serviu muito de modelo pra todo mundo.

NA - Quando é que o sr. entrou em contato com essa turma de Chagas?

AP - Turma de Chagas? Bom, nessa reunião como eu lhe disse...

NA - Em 59.

AP - 59...

NA - Foi a primeira vez?

AP - Hem?

NA - Foi a primeira vez? Que o sr. participou de uma reunião de Chagas?

AP - Não, eu já tinha... Não, de Chagas eu não me lembro assim...

NA - Eu acho que não tinha reunião de Chagas não!

SK - Em 59 foi a primeira reunião que teve.

AP - Não, mas já tinha alguma coisa sobre Chagas ...

NA - Mas a primeira vez que o sr. entrou em contato com eles foi aí?

AP - Foi... Mais um pouco foi.

NA - Aparecendo.

AP - É. Mas o Brener já conheci, o Peregrino... dois pesquisadores muito bons... e eu já conhecia os trabalhos... O Rassi começou a aparecer aí com o Brener... com o Jofre...

NA - Aparecia o quê? Lá na Bahia.

AP - Não! Em Goiânia, mas ele começou a aparecer nessas reuniões... o Chagas falou nele lá eu me lembro, fez referência, eles começaram... E dois pesquisadores, que tinha aqui no interior de Minas Gerais... que eram também na época tão falados como o Jofre e o Brener, mas pararam, não se falou mais neles. O Mesquita... Mesquita... O nome do outro eu até esqueci. Eram pesquisadores daqui, de uma cidade aqui... – não me lembro dela também – aqui, perto de Bambuí. Se eu fizer um pouquinho de esforço eu me lembro. Um deles eu me lembro: era o Mesquita. Mesquita estudava megasôfagos.

NA - Hum. Quer dizer, que na verdade o sr. entra nesse grupo em 59.

AP - Eu entrei nesse grupo...

NA - Foi por aí, foi pela reunião...

AP - Como eu lhe disse, nessa reunião de... de... Ah, no grupo, né?!

NA - É!

AP - Não, o grupo já...

NA - Essa gente tava trabalhando desde o final dos anos 40, né? O Brener, o Peregrino... esse grupo mais daqui, de Bambuí, o pessoal de Minas... de BH...

AP - Mas eles trabalhavam com esquistossomose, né?

NA - É. O ... É!

AP - Não havia tanto contato assim não. O Pedreira de Freitas a gente já conhecia, ele...

NA - Quando ele veio pra cá.

AP - ...tinha uns trabalhos dele importantes... Não, eu tinha um trabalho, a tese dele, eu tinha aí sobre... sobre... fixação de complemento.

SK - A criação aqui da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, né, que a gente tava conversando antes.

AP - 53.

SK - 53. Quer dizer, como é que Chagas era um tema importante.

AP - Na região aqui, antes da faculdade, existia uns congressos aqui de Brasil Central...

SK - É, pois é, a gente podia falar um pouco deles.

AP - ...que eles sempre era importante Chagas. E aqui surgia sempre contribuições.

SK - Esses congressos eram congressos que reuniam o quê? Médico, clínicos...

AP - Reuniam..., mas pouca gente tinha documentação disso. Todo ano eles faziam um congresso desse. Uberaba, Uberlândia, Araxá...

NA - Eles é quem?

AP - Aqui, os médicos da região, do Brasil Central.

NA - Os médicos da região?

AP - Era Congresso do Brasil Central e Triângulo Mineiro. Era feito aqui periodicamente.

SK - Senão me engano desde de 47, por aí. Eu tenho isso aí.

AP - Eu me lembro do de 50.

NA - O sr. esteve nele?

AP - Senão me engano era de Igarapava, fizeram em Igarapava, que é uma cidade que tem perto daqui. Eu me lembro desses congressos que eles faziam cada ano... Araguari, cada ano numa cidade. Eu participei de um ou dois. Mas assim por coincidência.

SK - E o Chagas era um tema importante.

AP - Ah, obrigatoriamente! Porque aqui em Uberaba já tinha uma pessoa que... o ... já tinha uma pessoa o Rubem Jácomo e o Humberto Ferreira, eles se dedicavam ao tratamento. O Rubem Jácomo já tinha feito diagnóstico de uns casos agudos aqui. Um homem que veio pra cá de Manguinhos, foi professor dessa escola, o César Pinto. Veio para cá o César Pinto! Foi professor aqui! (*batendo na mesa*)

Fita 5 - Lado A

AP - ...a relação do congresso com...

SK - Não, porque o sr. tava falando que Chagas...

AP - ...a faculdade não. O congresso era antes da faculdade.

SK - Sei, mas o sr. tava falando que Chagas era um ponto importante dos congressos.

AP - Chagas sempre foi um tema importante aqui porque...

SK - E da criação da faculdade? Quer dizer, a faculdade quando se cria, a Faculdade do Triângulo Mineiro. Chagas era um...

AP - Ah, já Chagas era... Já.

SK - Quer dizer, já era um tema. Quem eram as pessoas que estavam envolvidas com a criação da faculdade aqui?

AP - Da faculdade só esses que estão lá em cima.

SK - Mas o sr. ... é... os fundadores. Mas alguém, algum nome...?

AP - Os fundadores são aqueles ali: Mário Palmério como eu falei... esses todos que estão vendo ali em cima (*mostrando o retrato das pessoas*), que eram pessoas que criaram a faculdade. São os... alguns foram professores daqui.

NA - Mas quer dizer, não tinha ninguém nenhum grupo de pessoas trabalhando, estudando Chagas aqui, tinha?

AP - Tinha!

NA - Quem era?

AP - Aqui tinha... Ah, bom, vou lhe falar...

NA - ...ou esquistossomose que... é o seu campo.

AP - Aqui tinha o seguinte: aqui na criação dessa faculdade, essa faculdade – veja só que coisa interessante – essa faculdade foi criada como foram criadas várias faculdades do interior, né? um grupo de médicos se reuniu e... algumas pessoas fizeram a faculdade. Mas acontece que logo que foi... uma pessoa que esteve aqui, que era o Mozart Furtado – veja o que é – tinha sido, tinha uma admiração muito grande pelo Álvaro Ozório lá de Manguinhos. E os Ozórios, e tinha convivido com eles um pouco. Então eu tenho a impressão de que ele guardava um pouco essa admiração, essa coisa. E quando ele era diretor daqui ele fez muita força para a... aqui. Primeiro trouxe a Rockefeller, pra começar a ajudar. A Rockefeller chegou a participar, depois não foi avante. Nessas tentativas de trazer pessoas pra cá, inclusive ele queria que eu viesse, me procurou, ele procurou o Bogliolo em Minas Gerais. E o Bogliolo achou que devia cooperar nessas escolas do interior porque se não tivesse ajuda, eles iam fazer a escola de qualquer maneira e que então tinha. E mandou pra cá uma pessoa dele, foi o (*inaudível*). Essa foi a sementezinha...

NA - Ah, o (*inaudível*).

AP - ...da pesquisa...

NA - De Chagas aqui.

AP - Não só de Chagas, mas de ciência. Porque o Chapadeiro é da escola do Bogliolo. O Bogliolo foi um grande pesquisador. Então essa escola, ao lado da clínica, da assistência, ela foi criada sob a égide do assistencialismo, o médico só valia quando prestava assistência médica, ela teve esse grupozinho que dizia: “Não, mas olha, além disso tem outras coisas. Tem a pesquisa...”. Foi esse grupozinho do Chapadeiro que começou a desenvolver e que organizou um serviço de anatomia patológica que está aí até hoje, que foi o núcleo da pesquisa, depois foi o início da pós-graduação aqui nessa escola. Então essa escola teve essa felicidade de ter esse grupinho que sabia o que era ciência, sabia o que era uma universidade. Outros se dedicaram a isso, por exemplo: ali tá o Fausto que era professor é... obstetrícia que fez a tese dele sobre *ciclo grávido puerperal da doença de chagas*. A tese dele sobre a doença de Chagas. Tem o Humberto Ferreira que trabalha, que fez trabalho sobre doença de Chagas. Gostava muito de fazer pesquisa sobre o tratamento da doença de Chagas, fez publicação. Tem o Rubem Jácomo, como eu falei, que descreveu o caso agudo da doença de Chagas. Teve o Chapadeiro com o Etzel, depois...

que vieram depois o Etzel... e fizeram vários trabalhos sobre morte súbita principalmente. Morte acidental. E essa escola ficou conhecida de chagas por causa desses trabalhos iniciais.

NA - E desse grupo de pessoas.

AP - É.

NA - Quer dizer, isso tudo começa nos anos 50.

AP - Tudo começa nos anos 50, por aí. Na década de 50.

NA - E o sr. não tava aqui, né, tava na Bahia.

AP - Não, eu estava na Bahia! Vinha aqui de vez em quando, fazia uma palestra... O Mozart que era diretor, falava que eu precisava vir pra cá, mas eu estava completamente desligado dele. A minha primeira é... minha primeira ligação maior deles aqui foi quando eu comecei a ... esse programa, não, esse grupo de doença e tratamento, eu fiz inclusive fiz uma publicação com o Humberto aqui, sobre o tratamento da doença de chagas, 1962, ao que me parece... Depois quando eu estava lá no PIDE, eu entusiasmei eles pra fazer o projeto de Água Comprida aqui. E lá através do PIDE, facilitaram os recursos, pra eles começarem o projeto lá... Que nós estamos continuando agora. Acompanhando. O meu envolvimento com eles foi de início, esse só, de procurar encaminhar, procurar é... encaminhar assim que eu digo, é projeto deles no sentido de... É claro que o projeto era bom, então... dizia: "Olha, esse é um grupo bom, eu sei quem é. Pode se dar auxílio que vão trabalhar direito."

NA - Bom, mas aí? E o tal grupo cooperativo? Qual era...?

AP - O grupo cooperativo trabalhou...

NA - funcionou anos, anos e anos!

AP - Funcionou. Até hoje ainda guarda um resquiciozinho. Depois os trabalhos não começam a aparecer mais com esse nome é... Era... como eu disse, continuam os trabalhos que trabalham dentro dessa linha. E eu acho que isso foi um início de... de... união desse grupo. Que depois foi consolidado mais um pouco por outras coisas, como PIDE, como a ... a ... Sociedade de Medicina Tropical... que ajudou muito, entendeu?

NA - Eu... eu ia parar aqui pra gente falar disso... (ri)

AP - Então tem uma porção de coisa que foi fazendo com que esse grupo mantivesse uma união... um trabalho em conjunto, depois de algum tempo.

NA - Vamos dar uma paradinha aqui?

AP - Vamos!

NA - Pra perguntar pro sr. o seguinte... Não, pra continuar falando. Só que agora vamos dar só uma paradinha. O sr. quer um cafezinho, uma água? Tá com sono?

AP - Quer que eu fale com eles?

NA - Não! O sr. não quer um cafezinho...?

AP - Não.

NA - ...uma aguinha...?

SK - Vamos dar uma parada... (*pausa na gravação*)

NA - ...de Medicina Tropical. Esse é um assunto que tá interessando muito a gente agora. É... Posso gravar, Simone?

SK - Tá gravando.

NA - É. Então vamos falar um pouquinho: como é que foi criada a Sociedade de Medicina Tropical? Quer dizer, a Medicina Tropical tem uma grande tradição no Brasil, não é? Começa lá, digamos assim, no século passado, onde o sr. estava, na Bahia, né?

A

AP - Começa...

NA - Na Escola Tropicalista Baiana.

AP - Começa antes, começa em Recife.

NA - Começa em Recife?! Ah, então como é que é a sua versão sobre essa história?

AP - Ela começa em Recife com os holandeses, né? Com o Piso. É... William Piso ou Guilherme Piso...

NA - Isso no século XVIII?

LO - Não. XVII.

NA - Século XVII! Século XVII.

AP - XVII. Começou com o Piso, o McGreevy, que vieram com o Nassau... Também... os locais lá: o João Ferreira da Rosa que escreveu um livro sobre febre amarela, o primeiro livro na literatura, né? “*O Tratado da Constituição Pestilencial de Pernambuco*”. João Pereira da Rosa, depois tem o Mourão e Pimenta, que fizeram um livro sobre sarampo... bicho, doença do bicho, achaque do bicho...

SK - Achaque do bicho?!

AP - Achaque... achaque do bicho. Doença do bicho. É... você vai encontrar depois... Bom, se quiser ver mais atrás ainda, eu volto à Bahia. Lá tem o Gabriel Soares que é um senhor de engenho, que fez muito boas descrições sobre doenças que havia aqui. Mas na verdade, cientificamente organizado, foi

Pernambuco. Um pouco. Depois foi embora, isso foi escrito em latim, ficou por lá... Mas na verdade a Bahia começou com o Wücherer, o Paterson, o Silva Lima... em 1900 e...

NA - Em 1800.

AP - Em 1800 e... 65, mais ou menos.

NA - É. Isso, isso.

AP - Com a Gazeta Médica da Bahia.

NA - Isso. Com a revista.

AP - Que era uma organização, que era uma revista quinzenal e com as contribuições grandes, algumas delas originais... – Tem mais alguma xícara? Por favor. (risos)

?? - Mais uma?

NA - É. Nós somos quatro!

?? - Ah, pediram três.

AP - É... então com o ... com a grande descoberta do Wücherer, né, sobre a filária, né?...

NA - Filária.

AP - De importância mundial, né? E depois o Silva Lima... Bom, depois..., mas aí foi uma medicina já científica... uma medicina boa essa aqui.

NA - O Wücherer tinha vindo pro Brasil, né, ele era alemão senão me engano...

AP - O Wücherer era. Ele tinha vindo... vindo tinham pais... alguns tinham nascido aqui, tinham ido embora, né?

LO - O Paterson.

NA - Paterson.

AP - O Paterson... tinha um outro também, o Haele, esse não teve tanto nome. Era o Paterson e o Haele: H, a, e, l, e. Na Bahia. Mas lá na Gazeta tem trabalho dele, né? Sobre a filária...

NA - Tem a esquistossomose também, que eles trabalharam lá.

AP - Esquistossomose. O Wücherer, o Wücherer identificou a clorose, a famosa clorose daqui, com a ... esquistossomose...

SK - Como é que é o nome?

AP - Clorose, né?

LO - Minas, né?...

AP - Ele identificou a doença daqui com o ancilóstomo que o Dubily tinha descrito lá em Milão no Túnel São Gotardo, né? Então ele chegou aqui, encontrou o ancilóstomo no intestino e também, disse: “Não, causa dessa coisa aqui, da clorose do indivíduo é a mesma dessa daqui.” né? É... então a Bahia se destacou nessa ocasião. Depois foi pra lá o Nina Rodrigues, nós vimos ali, que fez a grande escola de lá, né, valorizou o...

NA - Medicina legal.

AP - Medicina Legal. Pois é, Escola de Antropologia do Nina Rodrigues...

NA - É, antropologia física.

AP - Bom, eu... e depois veio...

LO - O Pirajá, né?

NA - Pirajá.

AP - É, o Pirajá, mas nessa altura já tinha vindo o Oswaldo Cruz, né, lá o surto do Rio de Janeiro, não é. Aí nós tivemos no fim do século... retrasado... (*risos*) São Paulo e Rio de Janeiro ao mesmo tempo, né? Com os Institutos Bacteriológicos, não é? Com o Instituto Vacinogênico... que depois viraram o Butantã... viraram... o Lutz... viraram Manguinhos, né? E aí o grupo de Manguinhos, vocês estão cansados de saber, tem muito mais informação do que qualquer um de nós, né?

NA - É. Aí é que o Chagas pega o fio da meada, né?

AP - Oswaldo Cruz, né?

NA - Chagas, né?

AP - Oswaldo Cruz foi o ...

NA - Não, não! Oswaldo cruz é o ...

AP - É o cérebro daquilo.

NA - É. O administrador científico. Vamos fazer uma escola...

AP - É, porque se não tivesse o Oswaldo Cruz...

NA - O Lutz tava lá também, já.

AP - O Lutz veio depois.

NA - É, o Lutz apareceu ali em...

AP - Não, eles convidaram o Lutz. O Oswaldo Cruz convidou o Lutz.

NA - ...acho que em 1906. 6 ou 7.

AP - É, mas ali já estava instalado. Aquilo foi o Oswaldo Cruz. O cérebro daquilo foi...

NA - É. Exatamente. Agora, eu digo assim, na linha de trabalho mesmo de medicina tropical, o Chagas é que pega esse fio, né?

AP - Mas já tinha lá o Torres Homem, que era um homem muito...

NA - Mas era da faculdade!

AP - Faculdade. O Torres Homem fazia necropsia... era um homem que fazia medicina, depois o Miguel Couto, que era...

NA - Mas essa não era a parte de experimentação.

AP - Fajardo...!

NA - Fajardo, é.

AP - ...que eram pessoas que vinham trabalhando bem ali. Mas o Oswaldo Cruz chegou e começou com o instituto dele lá, né? Como Vacinogênico, com soro antitéstoso, né?

NA - Começou assim.

AP - Começou com o soro antitéstoso..., com o controle da febre amarela, né? Ribas já havia controlado a febre amarela em São Paulo antes do Oswaldo Cruz!

NA - Foi. É verdade.

AP - É verdade. E depois então... Aí o Oswaldo Cruz resolveu fazer o instituto, com o prestígio dele foi fazendo o instituto e foi com aquele instituto pronto, quando viram tava o instituto feito. E ele tinha trabalhado com gente muito boa. Com o Pasteur, etc. E sabia a forma de até hoje trazer gente, assinar revista, né? Arranjar pessoa capaz e com isso você deixa que vai... eles vão trazendo, vão formando gente e criou essa grande instituição nossa. Que eu acho que não acabou, por causa daquele prédio que ele fez ali! (*risos*) Porque eu tenho essa convicção – eu já falei isso mais de uma vez – se não fosse – nunca vi isso escrito – mas se não fosse aquele prédio, eu tenho a impressão de que quando Manguinhos entrou numa fase de dificuldade...

NA - Por que é que o sr. acha que ele entrou numa fase de dificuldade? O sr. tem alguma... o sr. já pensou sobre isso?

AP - Olha, diz_o Lobato, conversa com ele, diz que o pessoal de Manguinhos se reunia pra caçar dos outros. É, conversa com o Lobato que me disse isso. Que o pessoal de Manguinhos se reunia pra contar que... que o pessoal, o fulano errou... o fulano... Eu tenho a impressão que chegou uma fase que Manguinhos achou que era, que não precisava ...

SK - Que época... em que época isso, Dr. Aluízio?

AP - Eu acho que foi... isso foi... 40, uma coisa assim...

NA - Depois da morte do Chagas?

AP - É. O Lobato é que me falou isso! Que reuniam de lá...

NA - Sim, mas ele quer dizer o que com isso?

AP - Ele quer dizer que Manguinhos ficou é... auto-suficiente. E é muito ruim isso em pesquisa. Se você pensa que você chegou num ponto, então quanto mais tá desenvolvido, mais tá vendo o que o outro tá fazendo, mais tá visitando, mais tá lendo revista, mais tá... Então pesquisa você não pode ficar...

NA - Fechado.

AP - ...fechado. Você pensa que vai fertilizar e não vai fertilizar. Você precisa de ver o que o outro tá fazendo, quando você vê o outro tem uma outra idéia, você resolveu... é contra o que você tá fazendo, você tem que voltar a fazer pra provar ou ver que você tá errado... Então isso é fundamental na pesquisa. Eu acho que foi um pouco isso que aconteceu ali em Manguinhos. Penso eu. Embora tenha... tenha pessoas muito boas ali, mas na verdade Manguinhos foi perdendo muito a importância que tinha. Não sei, não sei... Nunca entrei assim... nunca tive a oportunidade de ver detalhes por que é que aconteceu. Mas na verdade Manguinhos, passou um período sem ser muito importante aqui no Brasil. Não é verdade?

LO - Isso estava acontecendo num período da criação da Sociedade.

AP - Exatamente. Foi nesse período que tava acontecendo isso. Na década de... de 40, quando eu estudei, eu ouvia falar em Manguinhos..., mas não...

NA - De longe.

AP - De longe. E algumas pessoas falavam, o ... o ... eu já falei pra ela que o Olímpio da Fonseca Filho, foi meu professor, falava sobre Manguinhos e tal... Mas já...

NA - O sr. nunca se interessou inclusive em fazer qualquer coisa lá?

AP - Não, não. Mas eu não tinha também essa vocação experimental. Mas lá estava os Ozórios de Almeida, que esse Mozart falava aqui que era pessoa... Lá estava o Lutz, que viveu muito tempo... Lá estava Travassos... Tinha gente muito boa lá! Em Manguinhos, né? Não sei também até que ponto as verbas, essa parte, eu não sei direito.

NA - Se isso... É uma coisa que a gente vai fazer agora.

AP - É. Isso é importante vocês verem por que é que foi acontecendo isso, né? Porque é que Manguinhos...

NA - Mas o ...

AP - Agora, eu tenho a impressão de que foi seguindo uma coisa e eu não sei, como outras que eu vi forte aqui assim e foi desaparecendo. Eu não sei se não fosse aquele prédio grande ali, se ela teria...

NA - Pode ter faltado alguma liderança científica também.

AP - É... Não sei.

NA - De conseguir se aglutinar... Não, porque lá o Travassos era uma liderança, certamente! O Miguel...

AP - O Lutz que viveu ali muito tempo...

NA - O Lutz, mas alguém que coordenasse...

AP - Mas não era pessoa... o Lutz por exemplo, eu não creio que fosse pessoa....

NA - Pra coordenar.

AP - Pra ir buscar assim gente pra... Ele fazia parte dele, né, mas eu não creio que tivesse possibilidade de agregar. O poder de agregar que teve...

NA - Alunos e pessoas, né?

AP - ...que teve o Oswaldo e que tinha o Chagas também, né? Eu acho que ele não tinha essa... Já estava lá o Muniz, continuava, o Mangarinos... continuou gente boa em Manguinhos, né! Impressionante é que continuou com gente boa...

NA - Mas o sr. acha que faltou alguém que articulasse...

AP - Faltou qualquer coisa ali em Manguinhos, né? Que fez com que Manguinhos ficasse nessa época...

NA - Quando vocês pensaram a criação da Sociedade, tinha alguém de Manguinhos?

AP - Não. Não, tinha o ... Amílcar, mas não era de Manguinhos.

NA - Não, não era, já tava aqui de volta.

AP - O Samuel tinha andado por lá, mas não era de Manguinhos... Não se cogitou.

NA - Vamos falar um pouquinho então disso. Como é que foi a história?

AP - Já não tinha o Evandro. O Evandro que parece que era o grande líder. Dizem também que parece que isso foi uma coisa, um baque muito grande, não só pra lá, mas para medicina tropical, a perda do Evandro, né? Realmente com o Evandro vivo, talvez as coisas tivessem tomado... Porque esse parece que era um líder, né? O Evandro vivo talvez tivesse...

NA - Mudado o curso dessa história, né?

AP - ...tomado um outro curso, né?

NA - Mas como é que foi a proposta de criar a Sociedade de Medicina Tropical? Qual foi a idéia... inicial?

AP - A idéia... porque como nós vimos de baixo tava lá hoje, hoje, né, a idéia, ela foi, nasceu mais ou menos assim... talvez de mais de uma cabeça um pouco. Eu, da minha parte eu lembro que a primeira vez que eu falei nisso com o Rodrigues da Silva, eu me lembro que o Rodrigues é... me disse: “Não, isso é uma coisa importante. Nós... o Rui Marques já tinha falado isso. Nós já tínhamos conversado com o Rui João Marques. Portanto, no momento em que eu disse a ele, eu vi que ele já tinha... com o Rui João Marques que era professor em Pernambuco, já tinha falado alguma coisa nesse sentido. E daí foi, ficou, demorou... e ficou-se dependendo um pouco do Rodrigues porque o Rodrigues, o Rio de Janeiro centrava muito o país e era o único lugar que tinha condições de é... era em torno do Rodrigues. Que era o único que tinha uma liderança. Havia o Meira, forte, em São Paulo, mas o Meira não era um espírito assim de chamar as pessoas. Ele fazia muito bem feito, teve uma importância muito grande na medicina tropical brasileira, mas eu não creio que fosse uma pessoa... Cuidou muito bem do grupo da escola dele, de formar..., mas não sei se ele aparentemente não era uma pessoa assim...

LO - Rubião Meira.

AP - Não. É o filho dele. O João Alves Meira. O Rubião foi senador, foi professor de clínica médica aqui de São Paulo. Um outro que tinha, que era o Oscar Versiani, de Belo Horizonte, que era uma pessoa muito importante também. É um homem muito capaz... tinha, tinha uma liderança boa. Mas também não creio que tivesse... que eu saiba, ele não... não cogitava de uma medicina tropical.

NA - Mas a idéia era assim: “Vamos fortalecer a medicina tropical! Vamos...” Qual era...

AP - A idéia que se conversava com o Rodrigues, quando conversava com o Rodrigues era exatamente que a medicina tropical tava... tava, tinha descambado muito pra estudar formiga, mordida de bicho, peixe elétrico...

NA - (ri) Peixe elétrico?!

AP - Que realmente nós não estamos... e havia um livro do Prager Fróes que era sobre formigas, sobre contorces, uma porção de coisas e não cuidava tanto assim dessas doenças que a gente achava que era importante, que a medicina tropical deveria girar em torno dela. Falava-se nisso, né? Nós comentávamos e conversávamos sobre isso. Conversávamos também que Manguinhos não tava fazendo muita coisa, que a gente tinha que fazer. Nessa época o Rodrigues não era professor ainda no Rio de Janeiro, o Meira

era professor em São Paulo. Bom, aí então, aquele espaço ali que abriu, resolvemos fazer uma reunião na Bahia, como nós havíamos feito a de esquistossomose, aí resolvemos fazer uma de calazar, em 1960, como viu, né? E aí fizemos uma reunião sobre calazar na Bahia. E combinou-se de que nessa época deveria se formar a Sociedade de Medicina Tropical. Na Bahia. E lá realmente fizemos aquela ata que viu, fundando a Sociedade. Depois cada um foi pro seu lugar e a Sociedade não foi muito pra frente, né? Aí marcou-se de que tinha que fazer uma reunião em Brasília. Com o negócio da Belém-Brasília, já começava Brasília... então a idéia era fazer uma reunião dessa em Brasília. Chegou-se até a organizar essa reunião em Brasília, mas não me lembro o porquê – naquelas cartas aínós podemos até ver o motivo, porquê – não houve essa reunião em Brasília. Decidiu-se então de que nós deveríamos fazer uma reunião em Ribeirão Preto. Essa reunião foi feita com o objetivo de recriar a Sociedade de Medicina Tropical. E nessa reunião de Ribeirão Preto, né, novembro de 63, fizemos uma ata, mas lá não faz menção de nenhuma outra anterior, que nós já tínhamos assinado também. Aí fez a reunião de Ribeirão Preto, depois a idéia de... é... *(breve pausa)* ... a idéia da revista... ..

NA - Pode deixar aqui? *(falando com a pessoa que está servindo água)*

??- Pode, pode.

AP - A idéia da revista...

NA - Logo em seguida.

AP - Logo quando começou, começou pensando na revista, né? E a revista eh... o Rodrigues entrou em contato com o Kerginaldo Cavalcanti que era tio, me parece, da mulher dele.

SK - Kerginaldo?!

NA - Reginaldo.

AP - Acho que era Kerginaldo...

NA - “Q”?

AP - Ou Reginaldo. Reginaldo. Eu teria que com... ver direito.

NA - Agora... Ham, tá pensando.

AP - Eu teria que ver direito... Eu tô pensando onde é que eu posso ver isso. Eu tenho a impressão que eu tenho em casa esse trabalho dele. Eu posso ver. Posso ver o nome certinho dele.

NA - Ham. Agora, o sr. falou uma coisa hoje de manhã, quando nós estávamos vendo a exposição que o sr. tem sobre a Sociedade... né, é... que a idéia também de criar a Sociedade é porque até então... quem tratava desses assuntos, na verdade o fórum que tratava...

AP - Ah, sim! Faculdade de Higiene. Sociedade Brasileira de Higiene!

NA - ...é que aglutinava todos os tropicalistas, não é isso?

AP - É. Porque o Pinotti, naquele momento, era um líder muito grande. Mas o Pinotti teve também um problema, porque o Pinotti se candidatou a vice-presidente na chapa de Adhemar de Barros, com o Juscelino naquela ocasião. E houve então uma... uma..., como acontece sempre quando é uma política assim, eles vão em cima da pessoa pra dizer que tem isso, tem aquilo... então apareceu uma porção de denúncias contra o Pinotti, o Pinotti foi pra rua da amargura. E a Medicina tropical que tinha ganhado força com o Pinotti no controle das doenças endêmicas, ela ficou muito... e o Rodrigues faz referência a isso, o desastre do Pinotti, numa daquelas cartas dele. Então que havia uma necessidade criar uma sociedade pra ter reuniões e conversar anualmente, pra então...

NA - É, mas a Brasileira de Higiene...

AP - A Sociedade Brasileira de Higiene não estava... estava com muita briga!

NA - É, tava descambando pra política.

AP - Muita briga! Havia muita briga. Nessa época havia o ... os sanitaristas do Brasil, muitos deles, tinham uma tendência muito grande de esquerda. Não só de esquerda, mas comunista mesmo. Então nessas reuniões da Sociedade de Higiene, eles queriam impor muito esse ponto de vista. Queriam fazer manifestos e coisas com base...

NA - Na Sociedade.

AP - Não, com base de que a idéia... você percebia que era uma coisa política. Por exemplo: eles começavam a propagar a idéia de que não adiantava nada você fazer controle.

NA - Ah, era essa história!

AP - Você tinha era que melhorar as condições de vida.

NA - Entendi.

AP - E com isso você ia caminhar pra outra história. Porque pra melhorar as condições de vida. Você tinha que acabar com os Estados Unidos, (*risos*) que estava sugando a gente! Pra você acabar com os Estados Unidos você tinha que...

LO - Com a união Soviética. (*risos*)

AP - E aí a União Soviética... É um negócio comprido!

SK - Ao invés de matar o barbeiro vamos fazer a revolução, não é isso?

AP - Exatamente. Então a pessoa... eu não digo que eles estejam certos ou errados, eu sei que muitos amigos que eu tinha, são pessoas muito bem intencionadas. E eles faziam isso na melhor das intenções. Eles achavam que a solução era essa. Embora você argumentasse com ele, às vezes dizendo: “Mas vem cá, olha... você pode acabar com algumas doenças, mesmo agora recentemente, com o argumento da varíola... olha, acabou a varíola e você não mudou nada.

NA - Não mudou o mundo.

AP -É claro que precisa mudar o mundo! Nós não estamos dizendo que não precisa mudar. Você vai cruzar os braços...”. Mas eles não admitiam isso, diziam que não e não... e ficavam polêmicas enormes com o ... o ... tinha um deles, o Azevedo, Mário Azevedo...

NA - Não, Mário... famoso!

AP - Famoso! Ele era...

NA - Mário. Ele dava aula na Escola de Saúde Pública!

AP - Ele é!

NA - Ah, me fugiu o nome dele!

AP - É ele mesmo.

NA - Eu vou lembrar. Depois...

AP - É. Então havia, a gente ia numa reunião dessas e ficava enredado...

NA - O Maneco não freqüentava?

AP - Não. O Maneco não era desse curso.

NA - Não, mas o Maneco freqüentava!

AP - Freqüentava. Maneco era um líder! Quando eles não conseguiam harmonizar, eles falavam com o Maneco, o Maneco acabava sendo presidente da Sociedade...

NA - O Samuel freqüentava? Samuel.

AP - O Samuel... Todos freqüentavam um pouco a sociedade de Higiene.

SK - Como é que o Pinotti era visto por esse pessoal?

AP - Não, o Pinotti não era dessa...

SK - Não, eu sei. Mas como é que era... quer dizer, ele era um homem como o sr. mesmo falou... ele foi personagem importante sobre o controle das endemias.

AP - É. Pinotti era um homem realizador. Pinotti era um homem de trabalho.

NA - Como é que esses sanitaristas viam o Pinotti?

AP - Eu não sei exatamente como eles viam o Pinotti. Não ele não era... não era inimigo do grupo. Por exemplo um desse grupo era o Joaquim Eduardo de Alencar. Por exemplo, o Alencar...

NA - Mário Sayegui

AP - Mário?

NA - Sayegui.

AP - É. Então o Alencar, o Alencar era um homem de esquerda também. Mas era muito amigo do Pinotti! O Pinotti era uma pessoa... não cogitava muito disso não. Mas ele não tinha essa idéia, mas ele não hostilizava quem trabalhava com ele. O Pinotti era um homem que gostava de trabalho. Era homem que... que queria realizar. Me dizia o Olímpio da Silva, que trabalhava com ele, que o Pinotti muitas vezes, quando a pessoa não fazia aquilo, não realizava, que ele abria a gaveta tirava a mensagem a Garcia e entregava ao sujeito pra ler. (*risos*) Disse que quando entregava aquilo, já sabia que era uma maneira de...

NA - De ir embora.

AP - Não, uma maneira de... é... de reclamar um pouco do indivíduo. “Você não faz por quê?”

NA - Mas na verdade, o Pinotti tinha reestruturado o Ministério da Saúde...

AP - Tinha. Porque havia... o que o Pinotti fez foi o seguinte: as endemias, o combate delas era isolado. Havia o Serviço de Peste, o Serviço de Lepra... o Serviço... Lepra não, tava fora! Serviço de Peste...

NA - Malária...

AP - ...Malária, Serviço de Esquistossomose, Serviço de Leishmaniose... Boubá...

NA - Quer dizer, criado lá pelo Chagas em 1920.

SK - Não!

NA - Isso tudo foi criado por Chagas em 1920.

SK - Esses serviços?!

NA - Não, não, não...! Eram campanhas, a origem disso é lá atrás. Vai mudando e tal, né?

AP - Isso um pouco foi o Belizário que começou o negócio da profilaxia rural...

NA - Isso. Começa aí.

AP - E aí o Wenceslau Brás em 1914, 17... visita ali num subúrbio do Rio, um posto desse e resolve criar mais uns postos desses.

NA - Exatamente. Depois o Chagas estrutura isso no Departamento Nacional de Saúde Pública.

AP - É. Pra ver o controle, a profilaxia e tudo... Depois criar, mais o Serviço de Febre Amarela, existia o estimular...

NA - Rockefeller.

AP - Ham?

NA - Era da Rockefeller.

AP - É. Pois é, estimulado pela Rockefeller... Serviço de Malária existia, independente. Cada um deles tinha sede própria, tinha coordenador próprio, tinha verba própria, tinha grupo próprio. Pra lidar com isso. Foi o Pinotti...

SK - E não tinha Chagas, né? Não tinha Serviço Nacional de Chagas. ... Isso é uma coisa interessante também. Quer dizer, justamente é a briga do Emanuel pra...

AP - Não sei se tinha Chagas não.

SK - É, não tinha não. A briga do Emanuel... quer dizer, a campanha do Emanuel muito grande pra conseguir com o Pinotti que ele consegue, senão me engano em 49 ou 50, que ele consegue incluir Chagas dentro do Serviço Nacional de Malária. Que é quando eles fazem o controle aqui em Minas e São Paulo.

AP - 50. O controle foi em 50.

SK - 50. Foi, inclusive tenho até... a gente tem, enfim, um trabalho mostrando que foi justamente num desses congressos médicos do Brasil Central, que o Emanuel faz uma moção é... endereçada ao Pinotti pedindo a inclusão da doença de Chagas... *(interrupção da fita)*

Fita 5 - Lado B

AP - ...era um homem que trabalhava. Ele sabia que o Pinotti era um homem realizador, conseguia verba, tinha prestígio!

NA - Hum. Era político.

AP - O Pinotti tinha um prestígio enorme, a Saúde era ouvida, ninguém queria mexer com o Pinotti era um homem que tinha grande projeção. Até que o Pinotti ficou nessa campanha. Aí começaram a falar que desviou verba, que fez não sei quê, que foi não sei quê... Nunca creio que se provou nada disso, mas sabe como é que é, foi desgastando o Pinotti e o Pinotti ficou na rua da amargura. No fim o Pinotti não tinha nenhum amigo. Como ele é... como eu sempre tive um relacionamento muito bom com ele, eu me lembro, passava no Rio, telefonava pra ele, sempre. Fazia uma visita. E eu me lembro de eu telefonar pro Pinotti e ele falar comigo, agradecer o telefonema e dizer: “Ninguém se lembra mais de mim.”

SK - Em que ano foi isso, que ele teve esse...?

AP - Que o quê?

NA - O Adhemar. Adhemar!

AP - Ele concorreu com o Juscelino.

NA - Era o Adhemar.

AP - Não, ele concorreu com o Juscelino?

NA - Não, não!

AP - Não, ele não foi com o Juscelino não. Ele foi... ministro do Juscelino.

NA - Da saúde, é!

AP - Ele concorreu com o Adhemar, né? Junto com o Adhemar. Eu acho...

NA - Mais na frente, mais pra frente!

AP - Eu acho que concorreu com o Juarez, ou qualquer... brigadeiro.... não sei. Eu se que ele era um dos candidatos... vice-presidente da república. Na chapa do Adhemar!

LO - Eu acho que ele fez uma chapa que se opôs a chapa do Janjan.

NA - Ao Jango e o Jam. Não porque Janjam um é vice e o outro é presidente.

LO - Não, a outra chapa era...

NA - Era Adhemar de Barros.

AP - É! Era qualquer... era Adhemar de Barros e Pinotti.

NA - Isso é campanha pré 60. campanha presidencial.

AP - Eu acho que foi isso: Adhemar e Pinotti. Mas nessa altura...

NA - O sr. conheceu o Pinotti aonde?

AP - Olha, o Pinotti, eu conhecia ele... era um homem eh... de evidência. Eu me lembro dele, eu não me lembro...

NA - Lá na Bahia o sr. conheceu ele?

AP - Não, eu me lembro... eu lhe falei dele num congresso de Higiene em que eu fui em... 56

NA - Hum, ele tinha acabado de ser nomeado então.

AP - Eu me lembro dele, que eu lhe contei a história de que ele falava... de que o Juscelino disse que ia acabar...

NA - Ah, aquilo que o sr. falou só pra mim, sem gravar! (*ri*) Como é que é a história?

AP - Ah, a história, eu me lembro dele num congresso de higiene em 1956. O Dr. Alencar é quem estava encarregado de fazer esse congresso lá em Fortaleza e eu me lembro do Juscelino, foi parece que na sessão de encerramento, em que o Juscelino falava sobre coisas que ele pretendia fazer. Pretendia eh... fazer controle da doença de Chagas, o controle da esquistossomose, da Lepra... e o Pinotti acenava com a cabeça...

NA - Afirmativamente.

AP - ...afirmativa... Embora muitas pessoas que estivessem ali ficassem preocupadas em como é que o Brasil ia conseguir. Mas o Juscelino era otimista, ao mesmo tempo em que falava em Brasília, falava em controlar. Nessa época ele tava no auge do prestígio dele, o Pinotti. E foi... foi nessa época que ele unificou o serviço que nós estávamos falando. Nessa época ele criou o Departamento Nacional de Endemias Rurais. E tirou esse serviço de cada coisa dessa, com a idéia de que o grupo de pessoas pra combater era o mesmo, que os recursos, que faria melhor se fizesse uma unificação desse serviço. E aí eram doze endemias que eles acabaram fazendo o controle pra ver se é... combatia essas doze endemias. Nessa época ele tava no auge da força dele, no auge do prestígio político. Conseguiu verba. E depois disso a Saúde ficou muito sem recurso e viveu um período de muita dificuldade. Só foi recuperar um pouco, começou a recuperar, na época já do... Geisel com o Almeida Machado que...

NA - Paulo de Almeida Machado.

AP - Paulo. ...tinha um prestígio grande, direto...

NA - É verdade.

AP - ...com o presidente, com o Geisel e conseguiu realmente...

NA - Recursos.

AP - ...algum recurso pra Saúde. Mas fora isso a Saúde ficou é... muito marginalizada, porque o grande indivíduo Pinotti, o grande líder Pinotti... E todo mundo dizia: “Ah, atrapalhou-se todo e tal – que era o Pinotti – esses outros aí não vão nos dar muito recursos.” E não tinha nenhuma voz ativa pra reclamar...

NA - É e aquela primeira etapa dos governos militares, na verdade a Saúde não tinha. É o Ministério da Saúde que a gente tá falando, não é? E não teve, não tinha recursos mesmo, né?! Não teve. O sr. tá falando só o Paulo de Almeida Machado em 70 e poucos é que consegue...

AP - É. O Paulo de Almeida consegue e faz o programa de esquistossomose, não é isso?

NA - É.

AP - Aquele programa grande...

NA - Agora, se bem que tem uma coisa, o sr. tá lembrado da erradicação da varíola? No Brasil? Erradicou a varíola. A campanha começou em 67, 68. O senhor está lembrado disso?

AP - Erradicou. É, mas a varíola não era uma doença chamada tropical assim...

NA - Não, não era. Mas, quer dizer, na verdade o Ministério nesse momento, desse governo, nesses governos... é uma coisa complicada.

AP - Eu acho que é aí um pouco também de... combinação com outros países...

NA - É...

LO - Da OMS.

NA - É. Da Organização Mundial da Saúde.

AP - É, exatamente. Já ficou uma coisa já um pouco combinada que devia fazer e o Brasil participou, né?

NA - É, mas quanto às doenças tropicais o sr. tem razão. Aí parou, realmente, com o Pinotti só veio voltar lá na frente.

AP - É. Ficou um pouco... depois é... realmente ficou esse período todo. A campanha, recurso assim objetivo, nós fizemos pra isso e depois Manguinhos, né? Pra poder levantar. Manguinhos também, começou...

NA - Foi com o Geisel e o Paulo de Almeida Machado.

AP - É. Aí começou a cuidar um pouco de... de Manguinhos, né? E depois o controle da doença de Chagas, foi já com Figueiredo. Também foi uma inversão grande que se fez também pra doença de Chagas.

NA - Não, mas aí vocês já estavam a todo vapor, né?

AP - Nessa aí nós estávamos bem unidos, bem... sintonizados... trabalhando em conjunto... Nessa época a comunidade científica teve uma importância muito grande! Eu estou convencido...

NA - Se organizou.

AP - ...que teve uma importância muito grande! No controle dessa... da doença de Chagas no Brasil.

NA - Mas isso é depois. Vamos lá. Vamos voltar pra sua trajetória. OMB. Saiu lá da Marinha, saiu... abandonou a cátedra lá, se demitiu lá da Bahia e foi pra OMB.

AP - Não, eu fui pra OMB, depois é que eu saí da cátedra, né?

NA - É. Foi pra OMB, mas saiu...

AP - Fui pra OMB, depois que estava lá uns dois anos, aí eu saí...

NA - Se instalou na OMB.

AP - Mas nessa época eu estava pensando em fazer as coisas na... na Bahia, em Brasília.

NA - Em Brasília.

AP - Eu olhava Brasília como o centro das decisões, como... como lugar de ter repercussão muito do grande do que se fizesse... com capacidade de influenciar em muitos locais do... do... Brasil, podia se fazer uma boa coisa ali. E nós fizemos ali aquele Núcleo de Medicina Tropical.

NA - Esse período é aquele período que é chamado do... quer dizer, na verdade a universidade tinha... já tava em dificuldades... Porque a universidade teve problemas políticos com o governo, foi quando tentava-se reerguer a faculdade, chamar pessoas...

AP - Foi, foi. Porque acontece o seguinte...

NA - Muita gente tinha saído, né?

AP - Houve... houve um início da universidade...

NA - Com o Darcy Ribeiro.

AP - Com Darcy Ribeiro é...

NA - Foi em 65 eu acho.

AP - Depois a faculdade é... começou depois fez uma tentativa com o Laerte, depois foi para lá o Zeferino...

NA - Zeferino Vaz.

AP - ...que não, acabou, parece, não sei o que houve, não repetiu lá o que tinha sido feito em Campinas. Não sei se não teve possibilidade ou tempo curto, não sei.

NA - Ele foi muito criticado.

AP - E aí veio o regime militar. Bom, e aí... Brasília tava realmente muito politizada. Veio o regime – aí eu só ouço falar – veio o regime militar e eles fizeram, enfrentaram o Castelo numa decisão lá que eu

não sei qual, não me lembro qual foi. E o Castelo firmou e pediu demissão de um grande número de professores da Universidade de Brasília. Pediu demissão. Eu fui conhecer Brasília mesmo, a universidade, só em 70. Eu estive lá em 60... Mas não... A universidade eu fui conhecer em 70. Que é o regime que eles tinham de curso integral, do que eles chamavam... tinham um entusiasmo muito grande por aquele curso integrado, que eu já tinha inclusive visto em Harvard, que não funcionou muito. E o curso lá, tinha uma porção de coisas na Universidade de Brasília. A idéia podia ser boa assim, mas talvez não tivesse o número de professores suficiente. A Universidade de Brasília contratou professores que tinham grande prática da profissão, mas não eram acadêmicos. Eles foram no Rio de Janeiro e consultaram tudo, levaram grandes clínicos pra lá. E começaram a fazer a Universidade de Brasília. Esses clínicos, eles não se sentiram muito realizados, a maioria deles. Porque eles... eles estavam sempre de olho em clínica, mas não podia, era dedicação exclusiva. E acabaram entrando um pouco em choque com... com os médicos da cidade. A Universidade de Brasília tinha sempre um pouco... e criaram esses cursos integrados, que eram... eles não tinham por exemplo, uma anatomia assim... gabinete de anatomia, fazer... Eles não tinham uma... uma... é... uma histologia organizada. Eles não tinham uma farmacologia. Eles achavam que isso podia se fazer nos blocos. Eles achavam que o próprio clínico que conhecia o organismo humano, que podia dar a parte de anatomia. Eles achavam que a parte de fisiologia também o clínico podia dar, o cirurgião podia fazer ...

LO - Pegar o básico ao...

AP - É. Pegar o básico acadêmico. Então aquela concepção original que eles tinham, logo do início eles chocaram com a realidade porque atender os doentes e a medicina integral como eles falavam, eles foram pra Sobradinho – isso o Deane que me contou – que no primeiro dia a doente com clínica médica, ele era um ortopedista: “Ah, isso eu não posso atender! Porque eu não tenho condições de atender!” E assim foi e eu peguei Brasília nessa fase. E inclusive participei de algumas coisas em Brasília. Por quê que eu participei lá? Eu participei da unificação um pouco da clínica médica porque era toda separada. Então combinei com eles, unificamos a clínica médica. Eu fiquei tomando conta da clínica médica. Nós é... também nessa época chegou lá o Cury que pensava que tinha que organizar, que tinha que ter um gabinete de anatomia, é... que não podia... como é? Você tem que inclusive formar professores, formar anatomistas, se você não tem um gabinete, como é que você vai formar professores?

NA - Especialistas, né?

AP - Especialistas. E aí ajudou a montar mais a parte de microbiologia. A farmacologia eu mesmo ainda participei, fomos buscar o Ubatuba, que era lá de Manguinhos...

NA - Fernando Ubatuba.

AP - É. Fui eu que trouxe lá da...

NA - Ah é?!

AP - Fui a Londres...

NA - Fiz uma entrevista com ele.

AP - Fui a Londres... Ele não contou essa história? Você não perguntou.

NA - Eu não lembro! Faz muitos anos. Foi em 87.

AP - Não, eu fui a Londres e marquei um contato com ele...

NA - Ele deve ter contado.

AP - ... e convidei pra vir pro Brasil. Não tem importância isso. Ele veio pra Universidade de Brasília...

NA - Não, ele deve ter contado! Eu é que não lembro mais, eu fiz essa entrevista em 87.

AP - Lá ele trabalhou na Universidade de Brasília durante algum tempo, depois foi embora pro Rio. Então eu participei lá na Universidade de Brasília. Também não tinha um curso, não tinha um currículo reconhecido pelo MEC. Eu com o Bosco, elaboramos um currículo pra que a universidade fosse reconhecida. E começamos a parte de doenças infecciosas lá, na Universidade de Brasília...

NA - O sr. tá falando da Faculdade de Medicina, não é?

AP - Tô falando da Faculdade de Medicina que era chamada de Faculdade de Ciências e Saúde. Que agora separou-se.

NA - Ah, é?! Agora é independente?

AP - Agora é Faculdade de Medicina, separada das outras faculdades.

NA - Chamava-se Faculdade da Ciência da Saúde?

AP - Chamava Faculdade da Ciência da saúde, com modelo de integrado que eles chamavam, matrícula por disciplina, que dava uma confusão muito grande porque o aluno eh... Hem?

NA - O aluno não sabia o que era.

AP - Não sabia não só o que era, mas ele ia fazer matrícula por disciplina, ele... cada disciplina oferecia 5, 6 turmas e ele quando ia matricular na turma A daqui com a turma C dali, ele fazia o organismo dele. Mas na hora de matricular não tinha número de vagas em cada turma, cada turma tinha um limite de vagas. E ele não podia matricular naquela turma, então o computador atendia conforma as notas dele. Se ele tinha boas notas dava prioridade. Então tinha muito horário em conflito! Quer dizer, então aquilo era uma coisa incrível que tinha. E eles tinham coisas em princípio boas assim, que tinha que ter um orientador, mas o orientador não sabia direito e os alunos viviam no corredor pedindo que ensinasse pra mudar pra turma... enfim. (*risos*) A Faculdade de Brasília, embora tivesse umas coisas interessantes, ela tinha uma porção de coisas assim...

LO - Havia muito idealismo também.

AP - Havia também um idealismo grande. Havia estudante achando que aquele programa era muito bom... E interessante, com isso tudo eu tenho a impressão de que a época do Sobradinho ali foi uma época boa, aquilo ali dava um bom ensino. Aquele hospital de sobradinho. Apesar desses problemas

todos, dava um bom ensino. Mas aí muitas pessoas foram saindo de lá e... e realmente até que depois ela abandonou o hospital de Sobradinho, veio cá pra baixo, tá lá a universidade, dá um bom ensino hoje a universidade.

NA - Por que o sr. foi então seduzido pra ir pra lá se tinha tantos problemas?

AP - Porque tava mais... Não, eu não fui pelos problemas. Um pouco porque tava mais perto daqui.

NA - Era isso?! Mas fazer uma volta assim...

AP - Eu tenho impressão. É mais parecido com aqui. Eu estava já com... com... Isso é em 1970, eu estava com 50 anos. E meus filhos acabando o ginásio. E eu pensei: “Olha, vou matricular aqui, vão ficar aqui e vão casar por aqui e eu vou ficar aqui na Bahia.” Eu gosto demais da Bahia, mas eu vou ficar longe das minhas coisas assim, do meio onde eu sempre fui criado... do que eu sou. Embora eu tenha muita amizade, muita pessoa, estimo a Bahia... eu achei que... olha, ficar lá mais pra... achei Brasília mais do meu jeito assim de, mais essa seca aqui, esse ambiente... (*risos*). Mais parecido um pouco. Além disso acontecia o seguinte na Bahia: eu tentei também na Bahia é... juntar a Gonçalo Moniz com a universidade, um pouco.

NA - Hum! E deu certo?

AP - Não, não deu! O Roberto...

NA - Por quê?

AP - O Roberto era o reitor, o Roberto não...

NA - Que Roberto?

AP - Roberto Santos.

NA - O que foi governador?

AP - É. Filho do companheiro da congregação. Filho do reitor Edgar Santos. E...

NA - Ele foi ministro também.

AP - Foi ministro! Um homem ilustre, um homem muito bem preparado. E eu tentei é... fazer isso, ver se conseguia com a universidade, até já tinha tentado...

NA - O que é que aconteceu?

AP - Ele não tinha interesse naquilo, queria que a pessoa quando estivesse trabalhando na universidade tivesse, pudesse ter trânsito. Ele não concordou e começou a reforma universitária em Brasília, na Bahia. Então eles desfizeram as coisas e acharam que é... começou que não, separar, que o médico devia só ensinar, que a assistência devia ser diferente, que o médico que fazia a assistência não ensinava e que o que ensinava não podia fazer assistência... Começaram a mexer nas enfermarias e reservaram um

pavilhão só pra cada um ter uma sala lá... E eu comecei a ver a universidade da Bahia, o hospital, sofrer uma mudança muito grande e eu pensei: “Olha, isso... essa crise universitária vai se agravar aqui. Eu vou ter uma perda de tempo muito grande de... aqui na Bahia com essa... eu vou começar a enfrentar muito problema aqui e com essa dificuldade também da Fundação... E coincidiu com o convite do Carlos pra vir, essas coisas juntaram... embora com muita ligação, muita amizade, eu vim um pouco para Brasília. Depois vi lá a possibilidade de fazer outras coisas e nessa época eu tinha, continuava com as áreas, eu tinha outro campo de ação pra trabalhar...

NA - O sr. continuou com o campo lá mesmo na UNB?

AP - Continuei! Até hoje ainda vou pra aqueles lados de lá!

NA - É. O sr. falou.

AP - Continuei de lá da UNB, eu trouxe pra lá uma porção de pessoas que trabalhavam comigo lá na Bahia. os que quiseram vir, eu trouxe. Eu trouxe o Armênio, que é um bom cardiologista, que voltou depois. Eu trouxe a Vanize, trouxe o Barberina, trouxe o Air... trouxe o Kloetzel, trouxe o Marsden da Inglaterra... Trouxe uma turma grande de lá, formando um núcleo lá, em Brasília. E... era uma escola nova, com boa possibilidade, eu achei que lá eu podia progredir.

NA - O sr. teve condições de trabalho logo em seguida?

AP - Lá eu tinha...

NA - Lhe deram recurso pro senhor montar lá o que o senhor precisava?

AP - Aconteceu que depois que eu estava lá um pouco, aí surgiu uma possibilidade muito grande de fazer um... um... um prédio bom, e fazer um trabalho bom entre medicina tropical e nutrição. Então juntamente com o Busky, com o Frederico que nós – estava em Genebra e nós trouxemos para lá também – nós fizemos um núcleo que está lá em Brasília. Um núcleo de Medicina Trpocal.. Esse núcleo nós construímos uma primeira parte, havia uma verba boa para isso do BID – que na época tinha recurso.

NA - BID?

AP - BID. E aí é... fizemos depois uma outra parte. Construímos depois uma outra parte e ficou aquele núcleo que tá lá em Brasília. Lá começamos a pós-graduação...

NA - Nessa época começou a pós-graduação?

AP - Começamos a pós-graduação lá em 70 e... 74, por aí assim.

NA - Mestrado e doutorado?

AP - 75. Não! Só mestrado.

NA - Mestrado primeiro.

AP - Só!

NA - Em medicina tropical.

AP - É. Só fizemos mestrado durante muito tempo. Não fizemos doutorado. Doutorado foi feito agora, há uns três anos só. (*batendo na mesa*)

NA - Ah, é?!

AP - É. Até prejudicou um pouco lá. Não ter feito antes. Então... aí...

NA - As primeiras turmas do mestrado saíram quando?

AP - Saiu em 70 e...

NA - As teses.

AP - As teses, isso eu não vi, precisa ver. Talvez em... capaz de 77, 78... Ela não começou logo no começo não. Ela começou depois que as outras já estavam, algumas estavam sendo criadas. Que nós começamos lá o mestrado.

NA - Mas esses recursos pra montar o Núcleo de Medicina tropical vieram da universidade. BID universidade, né? ... Ou o sr. conseguiu direto do BID?

AP - É... o BID, eu tinha um convênio muito grande com o Walter Reed.

NA - Walter?

AP - Walter Reed. Do Instituto de Pesquisa Walter Reed. Norte-americano.

NA - Mas quando é que o sr. tinha feito esse contato?

AP - Esse eu fiz em 70 e... Esse em 73, mais ou menos. Em 1973 eu tive um primeiro contato com eles. Aliás, fui procurado por ele, um indivíduo que eu conhecia lá que mexia com esquistossomose, chamado Elvio Sadun.

NA - Elvio?

AP - Elvio Sadun. Ele tinha prestígio lá e o Sadun me disse que eles tinham um laboratório de... testes de drogas pra esquistossomose. E que eles, eles iam desativar esse laboratório pelo custo. Que se eu tivesse interesse, que eles podiam transferir esse laboratório lá para Brasília, entregar isso lá e ajudar a manter.

NA - Mas esse Elvio era de onde?

AP - Esse Elvio era do... Estados Unidos. Era um desses descendentes de italiano, mas dos Estados Unidos. E que eles queriam fazer um convênio com... com o Brasil, porque lá no Brasil nós tínhamos

um problema, tínhamos uma doença e que eles ficavam lá achando que estavam fazendo pesquisa muito boa e tal, mas que um belo dia descobriram que aquilo não tinha utilidade, que era só em animal, que aquilo não tinha... E que se tivesse um entrosamento com a clínica, era sempre um estímulo maior que valia a pena. E que esse convênio começaria com esse laboratório pra teste de drogas, que nós montamos lá. Eu mexia com esquistossomose, achei uma boa oportunidade ter lá criação de caramujo... e animais infectados, com a tecnologia deles... e achei que valia a pena fazer um convênio desses.

NA - E através deles que veio o dinheiro do BID?

AP - Não. O dinheiro... isso já tava criado o Núcleo.

NA - Ah, já tinha sido criado o Núcleo!

AP - O dinheiro do BID, apareceu uma verba grande que eles resolveram dar para a nutrição. Essa verba grande para a nutrição era para desenvolver esse, lá em Brasília. Eu comecei então, articulado com o Bosco, João Salomão Bosco, de começar a desenvolver essa parte de nutrição e medicina tropical. Até que chegou o Cury lá na Universidade de Brasília. Amadeu Cury. Vindo do Rio de Janeiro. O Amadeu Cury quando chegou, viu o projeto e achou que aquele projeto era dinheiro demais, que tinha... era quatro milhões de dólares e que tinha que ter uma contrapartida da universidade, que o BID é que arranjou pra universidade. E que pra ter essa contrapartida da universidade, ele achava que tinha que haver uma inversão, tinha que ser medicina tropical mais importante do que nutrição, porque inclusive, quem tava mexendo ali, o Bosco e eu. O Bosco tinha menos atividade, menos publicação, então ele achava que precisava da medicina tropical mais na frente um pouco. E aí fizemos então medicina tropical e nutrição. E fizemos uma parte na construção inicial é... essa parte do Núcleo e aí é que... já depois daquilo feito, veio o convênio com o Walter Reed que ocupou uma parte...

NA - Desse prédio.

AP - Desse prédio que estava sendo construído, depois nós montamos a pós-graduação. (*batendo na mesa*). Numa primeira etapa, construiu depois, fez uma outra parte, completou. Que é um prédio que tá lá e a Vanize agora completou uma terceira parte. Tá... é um prédio grande. Esse era o Núcleo que tinha lá em Brasília, nós ficamos com esse convênio com o Walter reed durante muitos anos. Até que eles se transferiram lá para o Rio de Janeiro, para o Instituto de Biologia e convênio terminou. Mas depois de uns... 73...

NA - Mas eles passavam recursos?

AP - Muitos recursos. Tinha bastante recursos. Nós tínhamos recursos... esse projeto das áreas foi facilitado muito...

NA - Por esses recursos.

AP - Por esses recursos. Esses recursos facilitavam muito. Já tinha... acabou o PIDE, esses recursos continuaram durante algum tempo. Então foi uma ajuda grande nessa fase lá, pra Universidade de Brasília.

NA - Eu queria é... perguntar ao sr. o seguinte, dar uma outra paradinha aqui... faz parte da sua trajetória. A gente tava, a gente foi almoçar e vinha falando da sua viagem aos Estados Unidos. Eu queria saber um pouco dessa sua, do seu percurso internacional. Quer dizer, onde é que o sr. ou fez visitas a universidades ou mesmo se o sr. teve algum cargo na OMS ou na OPS...

AP - Não, cargo... eu fui... Não, eu era...

NA - Consultor...

AP - Consultor durante muitos anos.

NA - É. Vamos falar um pouquinho disso então.

AP - Consultor durante muitos anos.

NA - Como é que o sr. foi chamado pra ser consultor?

AP - Fui chamado ... quando criaram o TDR, me chamaram pra... pra consultor de Chagas e depois de esquistossomose, de chagas primeiro, me parece, depois de esquistossomose. E eu fiquei nesses dois comitês. E presidia um e depois presidi o outro. Durante muitos anos eu presidi o comitê do TDR.

NA - O TDR de 73, né? Não, 75!

AP - 75 mais ou menos. Logo em seguida eu presidi um comitê desses e aí presidi durante muitos anos. Depois fiquei mais no outro e cheguei também a presidir o outro comitê também. Eu ... presidi o comitê.

NA - Não, mas e lá o que é que o sr. fez?

AP - Lá era... Tinha reunião duas vezes por ano e a gente ia lá e tinha os projetos da OMS que a gente tinha aprovava.

NA - Teriam que avaliar.

AP - Tinha que avaliar. Isso é o que eu fazia. E também dava a idéia um pouco do controle da doença de Chagas, eu tive a oportunidade de juntamente lá nessa ocasião, de influenciar muito no que devia ser feito. De fazer estudo de campo em vários países da América...

NA - América Latina.

AP - América Latina. De fazer é... inquérito de prevalência de doença de Chagas. Influenciei muito nisso no sentido de fazer esses inquéritos em vários países da América latina. É... uniformização das ... dos métodos de pesquisa, de diagnóstico... Não, de trabalho de campo. Nós fizemos inclusive uma... uma reunião e eu ficava, e quando eu via, participava de uma dessas reuniões, eu via sair um... um relatório ou *report* como eles faziam, eu ficava entusiasmado de ver como é que durante a reunião conseguia sair um relatório daqueles. Eu achava: "Será que nós faremos um relatório assim? Nós temos que fazer um relatório sim." E aí nós fizemos uma reunião em que nós fizemos um relatório assim, sobre o que é que

padronizou os estudos de campo aqui no Brasil sobre doença de chagas. Tá impresso pelo Conselho de Pesquisa, esse relatório.

NA - Quem fazia parte desse comitê junto com o sr.? O sr. presidia, né? Mas quem é que...?

AP - Presidia.

NA - Mas quem tava junto?

AP - Depois desse comitê... ..

NA - O comitê: o presidente e algumas pessoas, né? Outras... os pesquisadores.

AP - Eram as pessoas, depois indicavam o presidente. Eu... fora daqui do Brasil ou não, de outros...?

NA - Não, de qualquer lugar. Quem que fazia parte do comitê.

AP - Olha, me lembro do Zeledon...

NA - Ah, Rodrigo Zeledon.

AP - ...fazia parte desse comitê. O ... você vai... *(breve pausa para responder)*

NA - Do Brasil quem era, além do sr.?

AP - Do Brasil... do Brasil, o Brener fazia parte. Mas eu acho que o Brener depois criaram um outro comitê. Ele fazia parte de um outro comitê.

NA - De medicina Tropical, não é não?

AP - Não era de medicina tropical. Um era de chagas e o outro de esquistossomose. Eu tenho a datas disso tudo assim, mas de cabeça... eu tenho que ver...

NA - Os que trabalharam com o sr., quem eram então? O Zeledon...

AP - O Zeledon, o Moncayo era da organização, ele trabalhava lá... O Souza...

NA - Que Souza?

AP - Do Panamá... O Souza do Panamá... É.... *(batendo na mesa)*

NA - No Brasil é o sr. e o Brener, não é não?

AP - O Brener esteve lá.

NA - O Brener, na primeira fase.

AP - O Brener que teve lá. Depois o Coura. O Coura teve na esquistossomose que eu me lembro.

NA - Eu acho que sim. É. Eu acho que ele falou isso pra gente.

AP - Hem?

NA - Ele falou isso pra gente. Eu acho que sim.

AP - O Coura falou, né?

NA - É, eu acho que sim.

AP - Eu já estava lá quando tivemos, convidamos o Coura pra trabalhar nesse comitê eh... Quem mais de esquistossomose tem?... Eu tô vendo a época de...

NA - Naftale nunca teve lá?

AP - Não.

SK - Zilton teve?

AP - Veio depois, me parece. No comitê lá de doença de Chagas, eu tô lembrado desse do... (*batendo na mesa*)

NA - Um pouco mais tarde já, agora tá lá o Morel, o Elói...

AP - Não, esses são de agora!

NA - De agora. Eu tô falando dos anos 70. ...

AP - O Elói... Ah, o Elói faz parte do comitê!

NA - O Elói faz parte.

SK - Eu acho que o Zilton...

LO - Eu acho que mudou o perfil desse comitê... Mudou bastante o perfil desse comitê.

AP - Hem?

LO - Mudou bastante o perfil desses comitês, não é?

NA - Isso que a gente quer saber. Por isso que eu...

SK - Eu acho que o Zilton falou pra gente que ele teve num... TDR...

NA - Se o sr. não tá lembrando é porque não teve muita gente do Brasil não.

AP - Não. Do Brasil não... não tem muita gente.

NA - Não tem muita gente! É.

AP - Do Brasil não tem muita gente não. Essa turma foi... foi mais recente. Eu tô querendo lembrar é os outros estrangeiros.

NA - É. Como é que o sr. foi convidado? Por quem?

AP - Fui convidado por... Bom, nessa época já tinha aquela... eu fazia parte do... do... desse comitê que eu lhe falei do... das doenças cardiovasculares.

NA - Sim. O ... Como é o nome dele?

AP - Fejfar.

NA - Fejfar.

AP - Pois é, eu fazia parte desse... ele tinha um outro... tinha outro... outra denominação... – como é que chamava isso? – se eu vir o currículo assim uma hora, eu...

NA - É. Através dele e desse tema de discussão, o sr. entrou na OMS... (*interrupção da fita*)

Fita 6 - Lado A

NA - Quer dizer, na verdade o sr. entrou na OMS via o Comitê de Cardiopatias, não é isso?

AP - É, foi no Comitê de Cardiopatias sim, que eu comecei a freqüentar.

NA - Bom. É e aquelas reuniões que o sr. falou que foi em Uganda, em Déli e tal, não é isso?

AP - Isso eu ia pra... isso foi na época de 67, 68. Não tinha é... Jamaica, não tinha o TDR.

NA - É, não tinha o TDR. Tá. Isso é anterior. Mas o que eu quero dizer é o seguinte, quando o sr. foi convidado, quando o TDR se organizou, o sr. participou da organização? Como é que foi a organização do TDR? Teve alguém no Brasil que participou da organização do TDR?

AP - Que eu saiba não. O TDR...

NA - O sr. nunca nem foi consultado.

AP - Não. Eu sei que eles começaram... nós tínhamos o PIDE que era forte e quando eles criaram, um dia falaram: Olha, nós fizemos isso inspirado no PIDE. Isso eu me lembro...

NA - Pois é, mas alguém cantou a pedra pra eles. Quem foi?

AP - Porque essa reunião, o PIDE era conhecido, né? Quer dizer, era uma reunião... o PID tinha força, né? O PIDE nessa época, já tinha pessoas que vinham aqui, tinha...

NA - Não foi o Brener? ... Porque o Brener também era consultor num certo momento lá. Antes... antes do TDR.

AP - Não. Acho que cantar pedra não. Acho que eles mesmos que resolveram...

NA - Fazer o TDR.

AP - Fazer o TDR. Porque pra obter recurso, fazer um esforço... fizeram parecido. Escolheram, nós escolhemos uma doença depois duas, depois três, né? E eles escolheram logo...

NA - Um elenco de seis doenças, eu acho.

AP - Seis doenças. Três dessas...

NA - Brucelose, malária, né...?

AP - ...e mais outras doenças nossas.

NA - Chagas...

AP - Escolheram e faziam reunião do TDR.

NA - Aí o sr. foi chamado pro TDR por quem? O sr. não tá lembrando.

AP - Aí eu fui chamado pro TDR pelo...

NA - Comitê.

AP - É, eu não me lembro. Quem chamava era geralmente o grupo da organização, não me lembro qual era a pessoa que...

NA - Mas o que a gente tá lembrando, do Brasil na verdade, não tinha quase ninguém. O sr. foi eleito pra presidir o comitê por um grupo de estrangeiros.

AP - O Rodrigues participava de um comitê lá de esquistossomose. O Rodrigues da Silva.

NA - Ah, então tem um caminho!

AP - O Rodrigues participava de um comitê de esquistossomose (*batendo na mesa*). Ele tinha reunião periódica, uma vez por ano, duas vezes por ano, com o Ansari, na época do Ansari. O Ansari era o diretor das doenças parasitárias. Era... era um iraniano. E fazia uma reunião anual. Eu me lembro do Rodrigues...

NA - Indo pra essa reunião.

AP - É. O Rodrigues me falava que tinha ido lá, ia nessa reunião... Eu me lembro. E uma vez ele trouxe até o Ansari da Bahia, quando nós fizemos uma reunião sobre o Wücherer, eu me lembro do Ansari ter vindo lá da Bahia. Eu... conversei com ele, me lembro do Ansari. O Rodrigues... a primeira pessoa... antes tinha o Candau, né? Que era o diretor da OMS, né?

NA - É. Tinha o Candau. Marcolino Candau.

AP - Marcolino Candau era o diretor da OMS, né? Marcolino Candau.

NA - Mas engraçado que o sr. foi chamado pra Chagas, né, não pra esquistossomose! *(ri)* O sr. presidiu o comitê de chagas primeiro...

AP - Eu acho que o de chagas eu presidi primeiro. Por causa dessa... desse contato com eles lá. Eu não me lembro se o Fejfar eu acho que já tinha inclusive falecido. *(pausa na gravação- entra uma pessoa na sala)*

NA - A gente tava falando na sua participação no comitê de chagas, do Rodrigues da Silva que tava lá...

AP - O Rodrigues foi antes, não tinha o TDR.

NA - É, não tinha o TDR.

AP - Não tinha TDR na época do Rodrigues.

NA - O sr. sabe por que eu tô insistindo com o sr. sobre esse assunto? Porque olha, imagina, a gente sabe que é muito difícil a participação de pesquisadores de países do chamado mundo subdesenvolvido nesse circuito internacional, não é, da ciência. Não é isso? Isso é difícil em qualquer momento, sempre, em qualquer momento da história, né? É... então é interessante...

AP - Medicina tropical é... tem um pouco de espaço, né? O pessoal tem um pouco de espaço.

NA - O sr. acha que é diferente.

AP - Eu acho que tem mais espaço do que hipertensão, câncer... penso eu, né? Porque é uma coisa que tem muito aqui pra nós e eles lá...

NA - Mas por exemplo, os alemães, têm uma grande tradição nisso, né?

AP - É. Os alemães... não, eles têm tradição disso, mas eu acho que os brasileiros têm contribuição nesse sentido. Têm doença descoberta, não é verdade? Qual é o outro setor que nós temos descoberto como a doença de chagas, como uma blastomicose... como uma é... leishmaniose...?

NA - É. Essa é a contribuição brasileira.

AP - ...como uma pneumociscarine, pneumocistose?... como o tratamento do tártaro emético, não é verdade? Qual é a doença que nós temos...?

NA - Semelhante, que tenha esse impacto...

AP - Esse impacto assim... Uma wuchereria uma descoberta de filaria de impacto mundial...!

SK - Agora, sobre isso que o sr. tá falando, eu tô me lembrando agora de uma coisa que o Dr. Zilton contou pra gente na entrevista que a gente fez recentemente pra ele, que ele disse justamente, quer dizer, numa reunião que ele estava... na OMS, no TDR e tava se discutindo justamente as doenças que seriam é... cobertas pelo programa. E aí me parece que um inglês, senão me engano, senão me falha a memória, a pessoa que tava conduzindo a reunião, estava falando malária, esquistossomose não sei o quê... e falou da tripanossomíase... africana. E aí ele pediu a palavra e falou: “Bom, mas nós temos também a tripanossomíase americana.” E falou algum tempo sobre isso e ele falou que ficou perplexo porque o sr. que tava falando não deu a menor importância pro que ele tinha dito, desconsiderou e continuou falando e parece que um alemão pediu a palavra e falou: “Não, realmente a doença de chagas descoberta no Brasil e tal e que ... quer dizer, o Dr. Zilton colocou o seguinte: a não... eles não tava contemplando a doença de chagas a princípio, como uma doença a ser incluída no programa. E foi justamente numa lembrança, quer dizer, nessa situação em... com o alemão inclusive, reforçando isso. Senão me engano era um alemão daquele instituto de Hamburgo, né, de Medicina Tropical de Hamburgo que é uma instituição importante, que reforçou: ‘Não realmente não tem só tripanossomíase africana, tem americana, recordou e tal. E justamente a interpretação do Dr. Zilton era essa. Quer dizer, era uma doença com conhecimento, ela tinha sido produzida no Brasil. Quer dizer, era uma doença nossa digamos assim, né? E que pra isso eles não estavam a princípio tão interessados. O sr. acha que faz sentido isso, essa orientação?’

AP - É verdade. Você vê agora uma apresentação que foi feita... lá na Oswaldo Cruz, em que o Moncayo mostra um dia positivo no final, mostrando que dessas doenças é... que a que teve contribuição menor pra organização foi a doença de chagas e a lepra. Foram os dois maiores sucessos de controle.

NA - De controle das doenças.

AP - De controle. É, as duas doenças. Que teve menos recursos.

NA - Menos recurso e maior sucesso.

AP - Maiores sucessos. Fez um depoimento muito interessante, mostrando os recursos do TDR.

NA - Mas na verdade isso se deve então a que? A a tradição de pesquisa que tem no país, né?

AP - Ah, sim! A tradição da pesquisa. Não, isso tem! Sobre doença de chagas, tem uma tradição em pesquisa. Não, doenças tropicais têm uma tradição de pesquisa grande aqui no Brasil! Graças em boa parte, à Fundação Oswaldo Cruz realmente. E se nós formos olhar, isso é de uma importância muito grande na história do Brasil, é ali a criação da Fundação Oswaldo Cruz. Extremamente importante!

NA - Agora, essa coisa da Organização Mundial da Saúde, o sr. vai pro comitê de chagas, depois pra esquistossomose...

AP - Eu acho que estava até nos dois, um pouco.

NA - Ham. E aí os sr. conseguiu mandar recursos pros pesquisadores brasileiros? Como é que essa... é uma disputa de recursos lá...?

AP - Não. Não teve tanta... importância assim de mandar recurso aqui, pra cá, né? porque isso é um...

NA - Tinha demanda brasileira? Da OMS?

AP - Não tinha demanda brasileira. Porque isso é uma coisa em que vários opinam sobre isso, né? Se o projeto não é bom, você não pode às vezes...

NA - Mas é só mérito que funciona nesse momento?

AP - Ah, é mérito! Quer dizer, é mérito...

NA - Não tem uma avaliação política, quer dizer, “Vamos reforçar esse grupo aqui porque é importante...”

AP - Aqui no PIDE nós tínhamos.

NA - Na OMS não. Não é assim que funciona.

AP - A OMS... não é assim que funciona, menos um pouco. O brasileiro na pesquisa, sempre que você investe um pouco, compra a pólis num cavalo que você não tem certeza...

NA - Exatamente. É isso.

AP - Não é? Você parece que pode ganhar, né? Então você..., mas eles lá não, eles querem mais garantia um pouco, né?

NA - Quer dizer, grupos consolidados.

AP - Grupo consolidado, grupo com bom projeto... eles... ele não, um pouco de chagas a gente tinha intenção de motivar o estudo de incentivar grupos aqui, né? Lá da OMS. Porque o comitê de chagas era um comitê muito...

NA - Heterogêneo.

AP - ...muito ligado à América aqui, né? Doença de chagas...

NA - Os latino-americanos.

AP - É. Era um comitê muito... muito ligado... aqui, né? Então você podia opinar que tal país é importante fazer isso, que naquilo...

NA - E tinha assim um objetivo: o controle ou clínica, ou... O que é que...? Ou não.

AP - No início a gente procurou padronizar os estudos pra poder comparar. Fazer estudo de prevalência de doença. E depois fazer estudo pra conhecer a doença em várias regiões. Diferenças regionais, estimulando estudos em vários lugares. E também no controle. Nós, a Organização fez também um curso que nós dávamos em é... aí pela OPAS, nós dávamos em Mambai. E nós recebíamos estudantes de vários lugares daqui da América, pra ficar um mês mais ou menos a dois vendo como se fazia um estudo de campo (*batendo na mesa*). Lá em Mambai. Exatamente com esse intuito de é... padronizar e ver como é que se podia comparar a coisa feita num lugar com coisa feita no outro.

NA - Isso tudo a gente tá falando dos anos 70, né?

AP - Nos anos...

NA - O sr. esteve lá, nesses comitês, até quando?

AP - Peraí que eu não posso lhe garantir certinho isso. Tive lá uns tempos! Até... deixa eu ver... até... ... (*demora um pouco para responder*). Olha, no... no... naquele ministro da Bahia do... que teve lá, o ... Mário Castro Lima. Mário Castro Lima, que foi no Figueiredo... Figueiredo foi quando?

NA - 78.

LO - Ele foi indicado pelo Antônio Carlos. Ele era médico do Antônio Carlos, né?

AP - Quem, o Castro Lima?

LO - É.

AP - É. O Castro Lima, quando ele teve no Ministério... Foi isso mesmo.

NA - 78, o Figueiredo.

AP - 78?

NA - É.

AP - Eu fui indicado pro *Joint Comitee* da OMS. Além do...

NA - Além do Comitê de Chagas...

AP - ...do comitê, eu era do *Joint Comitee*. E eu fui presidente, vice-presidente do *Joint Comitee*. O *Joint Comitee* é o ...

NA - O Comitê científico.

AP - ...comitê científico geral. E nesse *Joint Comitee*, eu no tempo que tive lá, eu falei com eles que valia a pena estudar a possibilidade (*ri*) de não ficar em Genebra, esse TDR.

NA - Ah, é?! Não aceitaram.

AP - Não... não gostaram.

NA - Claro, né?! (*risos*)

AP - Não gostaram... é... realmente ficou de resolver no outro ano... no outro ano eles insistiram que eu tirasse a ...

NA - Proposta.

AP - ...a proposta. Eu disse: “Não, eu vou tirar essa proposta...” “Mas a proposta não vai passar.” Eu disse: “Não.” Eu falei. “Não passa, mas é bom que fique uma proposta dessa, porque eu não sei por que um comitê desse funciona aqui.” E nessa época o Brasil é... teve qualquer problema com cubanos que vinham aqui, o Brasil não deixou entrar. E eles acharam, me falaram, citaram isso, né, o Lucas me falou: “Olha aí, não pode ter países do terceiro mundo porque olha como eles fazem!” Nos Estados Unidos não é qualquer que pra... Então o Brasil não deixou o cubano entrar pra uma reunião que ia ter aqui. Ele me lembrou isso, contou isso.

NA - Essa foi a sua última participação no *Joint Comitee*?

AP - Não, nessa época eu estava lá ainda no comitê assessor. Fiquei um pouco no Comitê assessor, eu tô procurando ver aqui... eu tenho a impressão que até 80... e poucos eu fiquei...

NA - O sr. esteve lá.

AP - É. Depois... até 81, 82... eu tenho a impressão que eu..., mas eu voltei lá algumas vezes. Voltei lá... voltei lá pra uma reunião importante deles, aí não pertencia mais ao comitê assessor. Eu acho que em 83... 84, eu não sei, essa o Katz estava numa reunião, num comitê, numa reunião sobre quimioterapia. Sobre controle da doença de... de...

NA - Chagas.

AP - Não! De esquistossomose. Uma reunião que havia 30 membros dessa... dessa...

SK - Quem é que o sr. falou que estava?

AP - Aqui estava o Naftale Katz (*batendo na mesa*).

SK - Ah, o Katz.

AP - É. E essa reunião eu lembro bem porque era o Ken Mott que tinha trabalhado comigo aqui no Brasil que começou a fazer estudo de campo comigo aqui no Brasil (*batendo na mesa*). Que disse lá que tinha... que esse estudo de campo que ele estava implantando em Filipinas (*batendo na mesa*) outro lugar, tinha começado aqui no Brasil. Ele disse isso porque o indivíduo falou com ele: “Como é que faz estudo de campo assim?! Isso não dá certo!”, começou a falar com ele. Então ele disse que não, que fazia certo,

que isso ele tinha visto aqui, trabalhava aqui comigo, fazia estudo de campo... podia ser feito esses estudos de campo. E estava também o Davis... o ... o ... Davis presidia, que era do grupo da Organização Mundial, que foi com quem, eu me lembro que ele me disse o seguinte; “Olha, eu... não, eu gostaria...” – antes da reunião, eles fazem antes – “...eu gostaria que você presidisse a reunião.” Uns dois ou três dias. Fosse o *schermam* da reunião. “E eu lhe digo porquê. Porque você confia, você... acredita na quimioterapia como importância no controle. E as outras pessoas... você tem convicção disso. Então é importante você...”. Porque ele tava convencido, era um sujeito inteligente, que era muito importante o tratamento no controle. E que precisava mudar a concepção de que o tratamento não era pra controlar a transmissão e sim pra controlar a morbidade. Então ele que... e eu presidi essa reunião que estava lá o Katz, eu me lembro do Katz, participou dessa reunião. E éramos umas trinta pessoas. Era uma reunião muito grande essa. Bom, e agora pertencço ainda a um outro comitê lá, agora, mas é um comitê de uma doença que está em extinção.

NA - Qual é?

AP - Dracunculose.

NA - Nunca ouvi falar. Dracun...?!

AP - É... acabou essa doença. É dracunculose é uma doença que... é um verme grande que tem quase um metro de comprimento, que penetra na pele...

NA - Ai! Desse tamanho?!

AP - É. Que vai saindo pela pele assim...

NA - Jesus Cristo!

AP - É! No linfático, eles vão puxando ele e cada dia eles dão uma enroladinha nele assim, porque se puxar muito ele arrebenta. Então eles vão enrolando num pauzinho, feito um carretel e no outro dia mais um pauzinho...

NA - Mas pega isso aonde?

AP - Isso pega quando a pessoa bebe água mal tratada, em lagoas e coisas assim... Tem os ciclopes que é um caramujozinho muito pequeno, que a pessoa engole isso com essa larva e isso se desenvolve no corpo e vai pro linfático.

SK - É o quê? Um ciclo...?

AP - Ciclopes.

NA - Ciclopes. Um caramujo.

AP - Um caramujo do gênero ciclopes. E... e essa doença teve aqui, no século... em 1800 e tanto ainda tinha essa doença aqui em Feira de Santana ali na Bahia, numa lagoa das...

LO - Tem trabalho na Gazeta falando...

AP - Tem trabalho na Gazeta! Exatamente! Na Gazeta tem trabalho do Silva Lima e outros sobre essa doença. Sobre a filária de Medina. *Dracunculus medinensis*. Dracunculose. Dracuntíase que era o nome da doença. Pois bem, eu hoje faço de um comitê desses e eu vou anualmente em Genebra, esse ano eu estive lá em fevereiro, e esse próximo ano eu vou no Sudão, a reunião vai ser no Sudão. Porque essa doença, pra dar o certificado de...

NA - Erradicação.

AP - É. Então eu participo desse grupo com mais umas oito pessoas, mais o Coollei que é lá do NIH, mais o ...

NA - Coollei se escreve como?

AP - C, o, o, l, e, i. Que é um dos diretores de lá que faz parte também... que é o diretor também da eh... da London, não, daquela... da outra que é... a outra escola britânica... É, tô ficando cansado nisso.

NA - Tá, né?

AP - Que é... como é que chama ela? Liverpool!

NA - Liverpool. Ah! Agora, essas...

AP - Essa escola que faz parte desse comitê também e... e essa doença está sendo extinta, mas ainda tem no Sudão, aonde tem mais, e no... Quênia... Nigéria...

NA - Mas está sendo extinta por quê? Por causa da mudança da água, controle da água...?

AP - Porque eles controlando a água, água encanada...!

NA - Água? É mesmo?!

AP - Essa doença está sendo extinta. A Índia fez um esforço enorme pra nos últimos cinco anos controlar essa doença! E o Sudão tem problemas por causa da guerra deles, eles não fazem isso direito. Então o Carter, o Jimmy Carter, tem intervindo lá para ver se eles fazem o controle! A Fundação Jimmy Carter. No Sudão. Onde ele é muito bem quisto. Eu sei por causa desse...

NA - Desse grupo.

AP - ...desse grupo que tem. Então achamos... Hoje representa 80% da doença no mundo no Sudão. Então...

NA - A próxima reunião será lá.

AP - ...vai ter uma reunião dessa o ano que vem lá. Molynoau, diretor da Liverpool. Então ele faz parte.

NA - Vamos encerrar?!

AP - É. Porque eu...

LO - Tá bom, né?

NA - É... Não, mas o sr. tá falando sabe o quê? Há três horas!

SK - Mais! Sem contar de manhã, né?

NA - Não! Só à tarde tá falando há três horas! É muito tempo!

AP - É. É engraçado, a pessoa vai ficando mais...

NA - Vai ficando...

SK - Eu vou desligar aqui.

NA - *Pode desligar.* (pausa na gravação)

LO - ... do sr. com relação ao tratamento terapêutico, né, na doença de chagas. A importância que isso tem, que outras pessoas acham que deve fazer isso de outra maneira...

NA - A terapia do controle.

LO - É. Eu queria que o sr. falasse depois como é que é essa atribuição no Brasil. Como é que se posicionam também o Brasil com relação a essa opção: entre a terapêutica ou controle... a morbidade da doença...

AP - Não sei se você quer um resumo ou quer...?

NA - Não. Amanhã a gente fala nisso. Eu tô deixando gravado.... Amanhã a gente ouve...

AP - Começa com aquela história do Bezerra Coutinho que o tratamento fazia mal, etc.

NA - É isso. Mas vamos ver amanhã, amanhã a gente fala. Eu só gravei porque é pra gente lembrar.

AP - É eu posso lhe dar essa informação e como foi e... posso ver também... posso ver também dois relatórios importantes. Que estão... é... um relatório onde se decidiu que devia fazer o controle da doença de chagas, o relatório é pouquíssimo divulgado. O relatório do Ministério. Ele é pequeno...

SK - De quando? O sr. lembra mais ou menos a ...

NA - 70? Década de 70.

AP - Ele é depois que nós fizemos o inquérito...

NA - 70.

AP - ...epidemiológico... Não! Ele é mais de 70! É 80!

NA - 83.

AP - 82... por aí assim. Esse relatório vale a pena. Eu vou ver se pego ele...

NA - Tá ótimo. Tá combinado então.

Data: 05/07/2000

Fita 6 - Lado A
(Continuação)

NA - Hoje é dia 5, né, 5 de julho de 2000. É a segunda entrevista com o Dr. Prata, nós estamos em Uberaba e... agora no antigo prédio da faculdade, né?

AP - Santa Casa.

NA - Santa casa, que era a faculdade, funcionava a faculdade também. Não é isso?

AP - É.

NA - Bom, Dr. Prata, eu tava... a gente tava aqui aguardando o sr. e ficamos ouvindo o sr. falar no telefone. Aí me ocorreu uma pergunta que eu não tinha pensado não, mas eu vou fazer. Que é sobre, eu queria que o sr. falasse um pouco desse... que me impressionou aqui, a ênfase que o sr. tá dando a esse trabalho de campo, que o sr. tava falando com alguém no telefone... Que tem um tratamento trezentas pessoas do grupo do Chile, eu vi que o sr. falou: “Olha, isso vale ouro!” É um remédio, uma droga? O que é que é esse pouco?

AP - É porque tem pouco.

NA - Tem o René Rachou?

AP - É porque glucantime nós temos falta. Vale ouro porque o único medicamento que nós temos eficiente contra a leishmaniose. Tem doentes lá com ferida com leishmaniose, então às vezes é difícil de conseguir. E esse remédio não se encontra à venda, só o Ministério da Saúde tem. Por isso é que eu disse que vale ouro porque...

NA - E o sr. não recebe esse remédio assim... O sr. pede... Como é que é que o sr. consegue?

AP - Quando eu preciso eu peço. Quando eu preciso, eu telefono, como eu fiz agora, pro dr. Jaime...

NA - Ah, esse Jaime é do Ministério da Saúde!

AP - Jaime do Ministério da Saúde de Belo Horizonte. E eu pedi a ele que me arrumasse a glucantime. Ele me arrumou. Essa conversa que estava aqui é pra um projeto nosso sobre leishmaniose tegumentar na região de... Montes Claros, num lugar chamado ‘Brejo de Mutambal’. Esse é um projeto bastante integral... nós temos dois projetos: temos um projeto em Porteirinha, que nós estamos estudando calazar assintomático e nós temos um projeto no Brejo de Mutambal em que um estudo muito completo, muito amplo que nós estamos fazendo, onde nós devemos... estamos com o Dr. Mayrink... onde nós devemos testar essa vacina do professor Mayrink. E lá está o grupo de Belo Horizonte, que ouviu também falar: o dr. Rodrigues Correa com o Gazinelli... E nós estamos então fazendo estudos...

NA - Giovani Gazinelli.

AP - ...Giovani Gazinelli. Fazendo estudo da leishmaniose. Um estudo amplo, inclusive com grupo de genética pra vermos realmente, se nós conseguimos estabelecer relação entre é... fator genético e as formas clínicas da doença. Pra fazer um estudo desses nós temos que examinar a população. E nós estávamos... e tratar o doente. Então essa glucantime é pra tratar esses doentes. E o mebendazol que eu mandei é porque a população se nós chegarmos numa área... porque quando eu chego na área eu digo à população que eu estou ali fazendo pesquisa. Eu não digo que eu estou fazendo benefício pra população... que eu fui lá... “Eu vim cá pra fazer pesquisa. Eu vivo disso.” (ri)

NA - E eles entendem isso?

AP - Entendem. Entendem e percebem logo os benefícios. Eu não anuncio nada, não prometo nada pra eles, mas eles percebem logo a vantagem. Então por exemplo, nessa região a primeira coisa que eu fiz foi fazer exame de fezes neles todos. E tô mandando um dentista, tô mandando um oftalmologista, pra fazer a pesquisa... Tô mandando uma pessoa pra fazer o inquérito alimentar... Então eles percebem o entusiasmo! Então eu fico até às vezes com pena, porque quando... lá na Bahia, na Caatinga do Moura, eu recebia comissão às vezes de pessoas de fora que vinham me pedir pra fazer pesquisa lá. Então vinha: “Dr., o sr. não quer fazer uma pesquisa lá?” Disse: “Mas...” Aí eles exageravam as doenças que tinha! E aí eu até ia ver, não tinha aquilo.

NA - Pra ter o atendimento médico.

AP - Pra ter o atendimento, pra ter o grupo lá... porque eu fico permanentemente, com casa, com tudo na região! E quando eles têm problema a gente resolve lá! E às vezes trago pro hospital, interno... Quer dizer, então pra eles é uma... como se diz, uma mão na roda. (risos)

NA - A gente até nem falou desses aspectos. Eu tô achando ótimo o sr. tá falando nisso...

AP - Ah, não! Isso aí é...

NA - Ontem o sr. contou que ficou anos lá na Bahia, com aquele...

NA - Eu fico até hoje anos. Essas áreas, elas são ...

NA - Eu queria que o sr. falasse mais desses aspectos mais... Isso que o sr. falou do contato com a população...

AP - Mas esses aspectos... tem uma porção de coisa interessante nisso. Pela escolha da área, né? A escolha da área dá uma...

NA - Pois é, como é?

AP - A escolha da área, por exemplo, eu... agora não tem as áreas mais assim daquele jeito, mas eu escolhia a área, área... primeiro: difícil acesso. Por quê? Porque as pessoas não saem nunca de lá, elas estão lá e lá você vai encontrar a doença, não tem assistência médica quase. Então geralmente é área longe, é área que não tem médico...

SK - O sr. falou no telefone, que nesse lugar não tem telefone, é um lugar super isolado, né?

AP - Não tem! Não tem nada. E Caatinga do Moura, esses outros lugares por exemplo, pra ir até lá era uma dificuldade! São regiões é... bastante distantes e nós então implantamos um projeto desses agora, Caatinga do Moura era incrível, não tinha é... água encanada, não tinha...

NA - Isso lá na Bahia, né?

AP - Na Bahia. e muitas áreas dessas que nós trabalhamos é dessa maneira. Porque lá a pessoa quebra um braço... encana sozinho. Agora não, porque isso ..., mas quando eu comecei...

NA - Nos anos 50?

AP - ...nessas áreas, era assim.

NA - Não tinha assistência médica nenhuma?!

AP - Não! As pessoas moravam ali, nunca visitaram a cidade a 20 quilômetros de distância. Ficavam ali...

NA - Completamente isolados.

AP - Completamente isolados.

NA - E aí as pessoas não tinham medo quando o sr. chegava lá e... Tinha resistência?

AP - Ih! Tem uma porção de história! Tem. Tem muita resistência. Eles eram...

NA - Ainda mais naquele período ainda, né?! Logo que o sr. chega.

AP - Tem muita resistência, tem muita resistência. Lá na região de São Felipe por exemplo, quando nós instalamos o projeto de doença de chagas, aquele primeiro, eu tive extrema dificuldade. Porque eu... eles confundiam, eu pedia o doente pra... “Chama a pessoa.” “Não, ele disse que vai se o sr. mandar... sapato, se o sr. mandar roupa...”. Porque pensa que é relacionado com política. (ri) Eles achavam que eu... “Não...”

NA - Vender voto!

AP - Vender... Vai se eu mandar isso, mandar aquilo. Depois, numa ocasião, eles começaram... pra nós era tudo difícil. Mesmo pra nós irmos fazer compras, tudo era mais caro pra nós. (risos) E eu fiquei preocupado com aquilo e achei que era muito... Aí começaram a inventar história. Quando eu tirava sangue, fazia exame de fezes. E começou um boato de que nós estávamos vendendo sangue. Que estávamos vendendo sangue... e eu estava meio desanimado com aquilo lá. Falei com o padre que nos ajudasse, padre Messias.

NA - Não tinha médico nenhum na cidade?

AP - Não! Nada! O padre Messias falava do púlpito. Ajudava e falava. Aí uma vez que eu fui lá, eu falei: “Mas padre, o sr. ...” Aí ele me contou, ele riu, falou: “Olha, você vê seguinte, tem uma velhinha... Fulana, aí eu fui lá outro dia e falei com ela: “Você já foi no médico?” Ela disse: “Não, não fui.” Eu insisti com ela e ela tava retrucando. Mas como eu fui falando, ela calou e ficou me ouvindo. E eu falando pra ela: “Vai lá nos médicos...” Ela aí, depois que eu fiz uma pausa – o padre me contando – ela disse: “Bem diz as escrituras que... que no fim do mundo o anticristo... até os padres iam ser enganados.” (*risos*). O padre me disse que tava pensando que tinha convencido ela, ela falou que pelas escrituras até o padre era enganado. Aí eu vi que tava difícil trabalhar no lugar, né? Aí resolvi realmente vou deixar esse lugar porque eu não consigo mais. Primeiro eu até me irritei. Era mais jovem um pouco.

NA - Não tinha escola, nada na região? Professor... Muito rudimentar...

AP - Muito rude! Eu fui lá pra reunir os vereadores, o prefeito, o que tinha de autoridade lá, e eu falei: “Bom, eu...”, cheguei lá na área e falei com eles: “Olha, eu vou falar pra vocês uma coisa. Eu tenho esse projeto aqui, vim pra cá...”. Aí contei tudo o que tava acontecendo. Disse: “Eu vou embora daqui! E agora eu vou falar pra vocês aqui uma coisa que eu nunca falei. Eu vim pra cá porque vocês como em todas as regiões que eu pesquisei aqui nessa região do Recôncavo, essa é a cidade mais pobre e mais atrasada que eu encontrei! E depois que eu estou aqui, convivendo com vocês, eu entendi agora porque é que essa cidade é assim!” E me levantei na sala e fui embora. Foi uma coisa danada, aquele cidadão de São Felipe lá, foi ao meu retorno, (*ri*) que era colorido lá...

NA - Sei, sei!

AP - ...Aí me convidaram pra voltar, pra... Aí eu cheguei lá tinha o meu nome numa rua... (*risos*)

NA - É mesmo?!

AP - Tive até uma sensação muito desagradável porque eles puseram com mármore, eu falei: “Ih, mármore!” lembrei de cemitério! (*risos*) A placa com meu nome na rua. Mas enfim, então veja a dificuldade...

Fita 6 - Lado B

AP - ...me encontrando. Quer dizer, as pessoas criando dificuldades pra atender ao meu chamado... Ah, sim! Nessa reunião da prefeitura, aí eu contei pra eles, falei o seguinte: “Eu estou tirando sangue daqui uma quantidade pequena de sangue que eu preciso pra fazer a reação, estão dizendo que eu tô vendendo sangue. E as fezes que eu estou colhendo?! Eu vendo também essas fezes?! (*risos*)

NA - Isso foi na década de 60, né? Só pra deixar registrado.

AP - Década de 60. Mas é... tem muita coisa realmente numa ... numa área dessa tem uma porção de história. Mas eu acho que...

NA - São Felipe era esquistossomose?

AP - São Felipe era doença de chagas. Tinha esquistossomose também, mas era doença de chagas.

NA - Chagas. Ham.

AP - Muito bem...

NA - O sr. chegou a voltar lá e conseguiu fazer o trabalho depois?

AP - Depois eu consegui. Ah, sim, estamos lá até hoje! Consegui o trabalho e estamos lá até hoje.

NA - Que tipo de... que tipo de coisa o sr. tava fazendo lá com eles?

AP - Lá é uma pesquisa sobre doença de chagas. Da onde saiu a tese da Vanize...

NA - O senhor falou ontem, é.

AP - ...onde saiu a tese da Glória... muita informação saiu de São Felipe. *(fica uma conversa entre o dr. Aluizio e outra pessoa que entra na sala) (pausa na gravação).*

NA - É... e o sr. tem assim, encontrou em algum outro lugar... Por exemplo, o sr. fazia uma coisa que o sr. tava falando da sua tese ali, por exemplo, essas biópsias, essas coisas o sr. fazia como? As pessoas...

AP - Biópsia de reto? A biópsia de reto...

NA - Quer dizer, no hospital isso.

AP - ...era para o diagnóstico da esquistossomose.

NA - O sr. fazia no hospital. Mas não tinha dificuldade?

AP - Fazia no hospital...

NA - Com eles, com as pessoas?

AP - Olha, tinha dificuldade um pouco, da biópsia de reto. Porque quando eles faziam a biópsia de reto, antigamente, eles faziam a retosigmoidoscopia. E a retosigmoidoscopia realmente era incômoda pro paciente. Porque introduzia no reto um retosigmoidoscópio. Mas depois nós vimos que para o diagnóstico da esquistossomose bastava fazer a biópsia de reto. E não precisava fazer a retosigmoidoscopia, não tinha informação adicional. Então nós simplificamos – era uma das coisas dessa tese, eu chamando a atenção – depois de mostrar que não trazia nenhuma contribuição a sigmoidoscopia, limitando-se só à biópsia de reto. Então a biópsia de reto não era uma coisa que incomodava, só tinha o aspecto da pessoa...

NA - Incômodo.

AP - É... não querer às vezes fazer...!

NA - Mas isso sr. fazia isso no hospital.

AP - Sempre no hospital.

NA - Não na... área.

AP - Não, na área não.

NA - Porque aí sim seria uma situação...

AP - Sempre no hospital. Mas depois de um certo tempo vimos que esse método, de biópsia de reto, se a gente fizer exame de fezes até podia dispensar. E acabamos hoje...

NA - Não se usa mais.

AP - É, porque ele não deixa de ser incomodativo. É sempre um exame...

NA - Difícil, né?

AP - ...embora não tivesse problema maior assim de risco, de complicação... Mas se nós repetíssemos o exame de fezes, nós víamos que acabava dando praticamente o mesmo resultado e portanto não precisava desse exame.

NA - E com relação ao tratamento, por exemplo, da esquistossomose?

AP - O tratamento da esquistossomose...

NA - Porque ontem o sr. falou uma coisa, que depois eu fiquei pensando, o sr. falou... porque o sr. estava testando drogas, né? Tava testando. Lá nos anos 50, no início...

AP - Drogas eu testei muita. Mas a ... testar droga...

NA - E se dá reação o que acontece com a pessoa? Reclamavam com o sr.?

AP - Pois é... Não, mas a droga...

NA - ...no uso de vacina...

AP - A droga a gente, de um modo geral é... é feita no hospital, né? E aí depende da etapa...

NA - É controlada.

AP - ...é controlada.

NA - Como que é que o sr. faz? O sr. dava pra uma população e pra outra não.

AP - Não. Não é população. A droga pra ela ser testada, primeiro tem que dar em... conhecer a droga, depois tem que dar em animais, né? E não somos nós que fazemos, são outras pessoas.

NA - Ah, é?! O sr. não fazia isso.

AP - Pra isso é preciso ter grupo bem controlado pra fazer isso. É a fase 1, a fase inicial...

NA - Pois é. Essas fases que o sr. ... como é que é um pouco essa coisa de ensaio?

AP - A primeira é essa: primeiro a sra. testa em animais. Então testa em camundongo, testa em coelho, testa em rato, testa em... até conforme às vezes, em macaco, quando tem possibilidade. Bom, depois disso, geral... aí a senhora faz em voluntários.

NA - Não me chama de senhora.

AP - Então você faz involuntária... (*risos*). Então, essa fase involuntária não é uma fase que a gente fazemos muito aqui também. Geralmente fazem fora.

NA - No Brasil não faz?

AP - Não costuma fazer muito com voluntário não. Porque... faziam com prisioneiro nos Estados Unidos. Faziam com dinheiro, eles davam dinheiro. Prisioneiro, eles reduziam a pena, né? E depois viram que isso era uma coação. Acharam também que não... não tava certo fazer.

NA - Mas o sr. vê por exemplo, a população de Aids, aidéticos...

AP - Bom, isso é outra agora, né?

NA - ...eles se oferecem hoje, né? O sr. viu.

AP - Se oferecem hoje pra isso. Então isso, geralmente, dá em voluntário. Pra que é que dá em voluntário? Pra ver qual é a absorção da droga, pra ver como é que...

NA - Em humanos, né?

AP - Aí já é em humano. Quando vem pra nós uma droga dessas, se a senhora é uma... se você é um pesquisador cuidadoso, a primeira coisa que você faz – porque é um laboratório é que traz isso, vem contando que tem uma droga – então você pede: “Bom, quero ver a documentação.”

NA - Desses testes que passou por antes.

AP - Tem que ter tudo. “Quero ver a documentação, quero ver que droga é essa. Onde é que está a experimentação animal. Isso não é cancerígeno? Isso não é... não tem problema pra é... pro feto? Isso não é tóxico? Qual é o órgão que... que sofre mais com essa droga?” Aí então eles me dão aquilo. “E o que é que aconteceu com o voluntário? Qual é a eliminação...? Então estuda do protocolo...”

NA - Tem toda uma documentação.

AP - Tem uma documentação. Eu tenho essa documentação. Pelo menos das drogas que eu usei, eu posso... tenho a documentação, é interesse nosso. Agora, aí você estuda... conforme a droga você diz: “Olha, eu não ... não interessa porque essa droga não vale a pena e tal.” E aí...

NA - E aí como é que o sr. faz? Aí isso chega na sua mão, digamos que tá tudo certo, o sr. escolhe um grupo...? Como é que é isso?

AP - Aí depende da fase. Por exemplo, porque apesar disso tudo que ele traz, nunca tem certeza. Só quando se começa a dar a droga em quantidade que você verifica. Eu até gostava de comentar com ele que isso é feito automovel novo. Quando eles fazem, quando a fábrica faz o automovel, ela já fez todos os testes nesse automovel. Mas na verdade, você só vai ver se o carro é bom mesmo...

SK - Quando põe na rua.

AP - ...quando põe na rua! Porque aí vai logo dizer: “Ah, tem um problema de amortecedor, tem um problema...!” A droga é a mesma coisa: eles, quando você entrega aos pesquisadores, que eles começam a usar... aí começa a surgir: “Ah, essa droga é tóxica pro fígado..., essa droga...”

NA - Pergunta pro sr., assim de leiga, tá? É... a quantidade que o sr. tá falando é várias pessoas ou uma pessoa ou poucas pessoas durante muito tempo? Como é que é?

AP - Geralmente...

NA - Vários grupos de diversos lugares...

AP - ...grupos pequenos.

NA - Grupos pequenos durante muito tempo.

AP - Grupos pequenos suficiente pra uma decisão. Geralmente de vinte a trinta pessoas.

NA - Em quanto tempo?

AP - Depende do medicamento, depende do critério de cura, depende de que objetivo a gente pensa ter. Então nós damos aquela droga durante aquele dia, no hospital, cercado de cuidados, a gente faz uma porção de exames que você precisa...

NA - O sujeito tem que ser internado.

AP - É melhor que seja internado. É sempre assim, assim é que nós fizemos os testes pra o ambilhar, assim que fizemos pra o hycanthone, assim que nós fizemos os testes pra o oxamniquine, assim é que nós fizemos os testes para... para o unifutimox, assim que nós fizemos os testes pra o ... pra o ...

NA - Mas a pessoa tá internada.

AP - É. Pra o ...

NA - Porque aí o sr. comprova, né, a situação?

AP - ...o benzonidazol... Geralmente a gente controla. Interna o doente é... às vezes pode ser feito no ambulatório conforme já depois de ter tratado alguns doentes, pode-se fazer no ambulatório. E aí é que começa então depois de outros pesquisadores também começarem a fazer o ensaio e tal... um belo dia descobre-se que aquela droga produz uma certa coisa, produz uma cardiopatia, é tóxica pro fígado... e aí a gente tem cuidado e às vezes a droga não vai pra diante. Porque se descobriu que ela não é boa. Mas...

NA - A população, as pessoas reagem a isso? Não né? A esse tratamento.

AP - Olha... de um modo geral, a pessoa que... hoje em dia isso tá muito, existe uma metodologia... problema de ética... tem que submeter isso a um comitê de ética...

NA - É?!

AP - Ah, sim!

NA - O sr. tem que submeter isso?

AP - Ah, sim! Hoje em dia não podemos fazer isso. Nem um estudo como esse de campo que ouviram falar no telefone ali, não, tem um parecer do comitê...

NA - De quem?

AP - Ah, isso tá regulamentado hoje! Cada instituição hoje...

NA - Por um conselho ou...?

AP - Um conselho de ética, né?

NA - Aqui, na faculdade?

AP - Aqui tem um comitê de ética da faculdade composto por leigos...

NA - Ah, é?!

AP - É. Composto por leigos, composto por é... padres, advogados...

SK - E a partir de quando é essa regulamentação?

AP - Essa regulamentação, essas coisas foram nascendo um pouco depois da guerra, com Nuremberg de... né? Aqueles ensaios da guerra e foi, houve então Helsinque, Tóquio, houve uma série...

NA - É uma coisa da legislação internacional.

AP - Houve uma legislação... A Organização Mundial... E agora... e o Brasil também tomou posição através do Conselho Nacional de Saúde e editou normas, portarias e que nós temos que seguir. Nós não podemos hoje ir pra uma área mais, nós não podemos mais submeter um paciente a um ensaio de droga como esse que eu estava lhe falando sem que antes é... um comitê de ética aprove.

SK - Mas então nessa época que o sr. fazia essa exigência não havia.

AP - Nessa época não havia, nós é que fazíamos. Eu me mexia, evidentemente...

SK - Não, sim, mas não havia a exigência de se fazer...

AP - Não. Não havia a necessidade de você tomar por escrito, uma autorização do doente. Que hoje ele toma. Hoje...

NA - Ele escreve?

AP - Ah, sim!

NA - Ele tem que fazer uma...

AP - Não! Nós temos que submeter... – isso é interesse de todos nós, como eu lhe falei – Temos que submeter ao doente um protocolo pra ele ver, um termo de responsabilidade. Consentimento, como se chama. Em que nós explicamos a ele que aquilo é uma experiência, que aquilo pode ter tais e tais consequências... que ele pode começar e parar a hora que ele quiser... que nós não vamos discriminá-lo por isso e que se ele parar nós não vamos negar outro tipo de assistência... Que se tiver qualquer problema com aquilo, que nós vamos cuidar dele e etc. E se ele quer. Aí o sujeito assina e você faz o tratamento. Mesmo esses de Aids que estão fazendo, é a mesma coisa! Hoje... hoje isso tá muito regulamentado...

NA - Essa população aidética, eu já vi no jornal...

AP - E quer saber de uma coisa? Tá muito certo isso. Porque nós não podemos julgar só pela nossa... pela nossa idéia. Às vezes nós achamos que estamos fazendo um benefício, mas outras pessoas...

SK - Na época que o sr. ... na época que o sr. fazia, por exemplo, teve algum problema de algum paciente que tava se submetendo, depois reclamava, mudava de idéia, reclamar com vocês... teve algum caso assim?

AP - Ah, mas isso tem! Ah, mas todos nós que fazemos isso tem algum doente que quer parar, o doente que começou e aí você mesmo pára... quando você vê alguma droga que não tá dando certo, você pára, né? Você vê que tá dando uma reação que pode correr risco pro paciente, pára, né? E o médico fica num dilema porque ele tem doença de chagas... como é que você faz? Você não tem... tem que experimentar uma droga. Começou a experimentar, de uma maneira geral ela é tóxica. Era a mesma coisa na época da sulfa...

SK - Que o sr. falou.

AP - ...que eu estava lhe mostrando ali. Em 1914. De vez em quando um doente falecia. De vez em quando um doente falecia. Então a gente fazia tratamento de esquistossomose, internava no hospital, todos que fizeram tratamento em grande número de doentes, tinha uma coisa dessas desagradável. Um dia um doente daqueles começava a ter um problema e você acabava tendo um acidente e você desanimava de continuar tratando daquele tipo de doença. Mas os doentes tinham que ser tratados, você tem que... fazer um ensaio. Isso hoje tá muito bem regulamentado.

LO - Só pra deixar registrado aqui. Dr. Aluízio, hoje as doenças que o sr. trabalha, tem terapêutica boa ou qual é o estado da arte com relação à chagas, leishmânia, etc?

AP - Olha, foi uma grande satisfação ter lutado boa parte da vida, ter mexido com esquistossomose e ter concorrido para que nós acabemos dispondo de uma droga boa pra tratamento de esquistossomose. Grande parte dos ensaios feitos pra isso em outros países, mas aqui no Brasil o Naftale Katz, o Amaury Coutinho, o Coura, nós mesmos, ensaiamos muitas dessas drogas foram realmente estabelecida a dose, a eficácia terapêutica aqui. Com relação específica a sua pergunta, eu lhe falei isso: nós esquistossomose, nós saímos da fase do tártaro emético do Heraldo Maciel na Marinha, que eu mesmo tratei muito doente com tártaro emético... é... caminhamos e depois obtivemos uma droga que podia ser dada por dose única. Isso foi verificado aqui porque quando nós recebemos a droga pela primeira vez a idéia era tratar cinco dias. E nós então, pesquisadores brasileiros, nós... Pinotti também, viu, fomos reduzindo a dose pra três dias. No fim disso podia tratar com dose única que é o que foi estabelecido aqui, no Brasil. Uma única dose. Mas depois vimos que essa droga era tóxica, e que em um ou outro doente dava hepatite tóxica...

SK - Qual era a droga, Dr. Aluízio?

AP - É o Hycantone. E era uma droga do Laboratório Winthrop... Winthrop. E essa droga apesar de todas as reclamações dos laboratórios e tal (*ri*), os pesquisadores acabaram achando que essa droga não servia porque é... embora a gente tivesse tratado muitos doentes, de vez em quando algum doente tinha problema, tinha uma hepatite tóxica. E às vezes não tinha jeito. Bem, aí foi uma satisfação quando surgiu uma outra: a oxamniquine.

SK - Oxamniquine?!

AP - Oxamniquine. O - x - a - m - n - i - q - u - i - n - e. Oxamniquina se quiser. Essa oxamniquine - respondendo a sua pergunta - você trata hoje com dose única. Muito bem tolerada. Depois veio uma outra droga que é praziquantel que também pode ser dado em dose única...

NA - Praziquantel.

AP - Praziquantel. Duas drogas que permitem tratar a esquistossomose com dose única. Foi uma satisfação verificar que inclusive as formas graves da esquistossomose, algumas podiam regredir. Trabalhos feitos aqui no Brasil também. Começou com o Dr. Kloetzel, depois conosco, com o (*inaudível*), mostrando que podia desaparecer as lesões graves da esquistossomose. E também com uma outra observação importante feita aqui, que o tratamento feito a um doente mesmo que não curasse, permitia prevenir o aparecimento de forma grave. Isso com relação à esquistossomose. Dose boa, né? Droga boa, dose única, cura a esquistossomose.

NA - E a imunização?

AP - Imunização não tem nenhuma, não. Até agora não... Tem esses antígenos aí, tem vários que estão sendo testados... isso é outra conversa. Mas na esquistossomose não tem...

NA - O sr. não acredita nisso? Na essência disso.

AP - Por hora nenhuma droga dessa que... valha, uma vacina. Vacina não. Eu não chamo essas de... eu chamo de substâncias. *(ri)* Às vezes os pesquisadores acham ruim. Eu acho que nós só podemos chamar de vacina quando ela, comprovamos que ela atua como uma vacina. Eu acho que por hora a gente deve chamar de substância.

NA - Não imuniza a ...

AP - É uma substância que nós queremos que seja uma vacina.

NA - O que é que ela faz exatamente essa imuni...? Eu tô me referindo aqui a da Miriam Tendler e Naftale Katz.

AP - Essa... É então. É uma delas que... essa deles, no meu entender, ela tem uma potencialidade muito grande, muito boa para a fascíola, a fascíola hepática. Nem tanto em homem aqui no Brasil – que em alguns países é importante, nós temos fascíola aqui, mas tem pouca – mas para animal. Então essa... essa... e dá uma proteção, aparentemente, de 100% pelas observações. Então essa é uma vacina...

NA - Mas 100% em quem? Em animal.

AP - Em animal.

NA - E em humano?

AP - ... Humano nós não temos... não, não temos.

NA - 60%. Não é isso? Eu ouvi falar que era isso.

AP - Algo disso: 50, 60% mas não tem... Isso é uma coisa que ainda tem de ser devidamente comprovado. Está sendo usada em animal, né? Desses 50, 60% em animal, camundongo.

NA - Camundongo?

AP - É. Agora, passando pra...

LO - E doença de chagas?

AP - ...é outra. Esse é um problema. A doença de chagas é... nós não temos uma boa droga. Dessas drogas que eu falei, desse esforço todo que foi feito é... acabou sobrando uma droga que é o mebendazol, comercializada pelo Laboratório Roche. Não

SK - É o Rochagan?

AP - É o Rochagan. Que é... que realmente...

NA - É o único?

AP - No Brasil é o que nós usamos. No Uruguai, na Argentina tem o outro que é o Lampit. Que é a nitrofurazona. Que é daquela linha daquele do Eaton, que acabou saindo como nitrofurazona pela Bayer. Mas essa não... essa droga nós não temos aqui no Brasil. Só temos o mebendazol. Mas não... não dá uma percentagem de cura boa não. É... pior ainda do que percentagem de cura sem avaliar em reação sorológica em reação em... negatificação da parasitologia. Mas agora nós tivemos a possibilidade de avaliar os doentes tratados há muitos anos e nós podemos verificar que os doentes que tomaram placebo na época ao invés de tomar a droga... que os que tomaram a droga, praticamente evoluíram da mesma maneira do que os que tomaram placebo.

NA - Não me diga!

AP - É. Não, não dá grande resultado. A percentagem de cura de mais... vamos dizer aí, de mais de 100 doentes, nós obtivemos aí uma cura – que nós achamos cura – 9 ou 10 doentes.

NA - O que o sr. está chamando de cura?

AP - Chamei de cura quando negativou a sorologia, negativou a parasitologia através do xenodiagnóstico do PCR e a evolução desses 20 e tantos anos, mostrou que eles não... que evoluíram pra cardiopatia ou mega. E nem alterações por reflexo, patelar. O reflexo... Então esses casos...

NA - O sr. considera cura.

AP - ...nós achamos que curou! Porque... agora, nós vimos que a droga pode baixar a parasitemia, o que aparentemente não sabemos se tem alguma importância, ela ilusoriamente baixa o tipo de anti-corpos e dá a sensação de que vai negatificar a reação sorológica, mas o ... a prova definitiva que é o que aconteceu... – porque nós tratamos não é pra ver, nós tratamos pra ver se o doente não desenvolve as manifestações. E essa prova definitiva...

NA - Não tem.

AP - Não. São muitos poucos que não evoluíram para o que é que realmente encontra estatisticamente significativo em comparação com os controles. E outra droga, outra medicação, outra doença é essa leishmânia. Tanto a visceral como a cutânea. Essa doença tem esse tratamento do... Gaspar Vianna. Desde aquele tratamento, nós mudamos o antimonial, passamos pra glucantime, passamos pro Pentostan...

NA - Coisas evoluídas, mas...

AP - ... mas não deixa de ser o mesmo antimonial..., não é? Tóxico, que nós sabemos. Os doentes não... que é a droga que nós temos, né? Porque as outras, os derivados da pentamidina, é... derivado da... da... eh... mais recente. Antigamente havia uma droga era o omantina...

NA - Omantina?!

AP - Aminoimidina! Aminoimidina. Que antigamente era a paramomicina, que vinha com o nome de omantina, mas agora é aminoimidina. Esse aminoimidina dá também, mas é cara, também não é uma droga tão boa. E a anfotericina que é uma droga muito tóxica, que continua sendo para alguns, a droga mais importante ainda pro tratamento e... e essa... essa droga, a anfotericina, ela hoje pode ser aplicada sob a forma lipossomal, mas é muito cara! Extremamente cara!

NA - O Ministério da Saúde tem isso?

AP - Não. Por causa do preço.

NA - Isso é importado?

AP - É... tem que fazer...

NA - No Brasil ninguém faz.

AP - Não. No Brasil é uma droga..., mas é o preço dessa droga, né?! Droga de 500 dólares... Quer dizer, é impossível um doente tomar...

NA - Quer dizer o quê? Que a leishmânia então...

AP - É, pois é... é uma doença extremamente importante porque ela está... urbanizando...

NA - É mesmo?!

AP - É está vindo pras cidades. Belo Horizonte, pessoas de apartamento pegar... calazar aparecendo! Subúrbio do Rio de Janeiro, São Paulo... cidades como Teresina... Santarém, São Luís, Natal, ...

NA - Devido à migração.

AP - O calazar... Exatamente. Migração, migração de cães... esses cães da polícia, esses cães ensinados, esses cães pastores da polícia de Minas, um inquérito de outro dia mostrou vários deles com calazar. Então é uma doença que está... Também a leishmaniose não transmite só daquele jeito do Gaspar Vianna, que precisava da derrubada de mata, úlcera de baurú, não. Ela hoje, mudou a epidemiologia. Tem leishmaniose, se adquire dentro da cidade! Então há uma...

NA - Mas porque meio?

AP - Mesmo transmissor, um flebotomo. Mesmo transmissor. Então é... nós não conseguimos. E a idéia nossa de que é... essas doenças tropicais nós íamos ficar livres delas facilmente, não é verdade. Nós temos que prestar mais atenção nessas doenças. Realmente em alguns locais, nós tivemos uma melhoria muito grande. Mas...

NA - De algumas doenças.

AP - De algumas doenças. Mas outras... inclusive, volta, né? Nós estamos vendo aí emergindo outra vez. E terminando a sua pergunta, esse tratamento que nós temos pra essas duas doenças não é um tratamento satisfatório. Porque ele tem de ser dado durante vários dias, com o mesmo antimonial... dá reações... E infelizmente nós não temos uma droga boa. Você diz: “Mas como é que nós não fazemos um esforço?!” Não é fácil fazer um esforço desses. Primeiro os laboratórios não têm muito interesse! O laboratório, é muito melhor fazer uma droga pra, um calmante, um antidepressivo, que o mundo inteiro usa, milhões de pessoas vão usar aquilo em vez de fazer uma droga pra uma pessoa...

NA - Mas a leishmânia não usa antimoniais?

AP - A leishmânia é em pessoa pobre, que não tem dinheiro pra comprar, o governo é que tem que comprar medicamento! Então o laboratório não sente atração pra fazer pesquisa, investir longamente. Veja só, nesses últimos anos por incrível que pareça, as drogas que surgiram, que nós incorporamos ao arsenal terapêutico no tratamento dos casos humanos, como a oxamniquine, o praziquantel, essas drogas todas... mebendazol... elas não foram descobertas pra tratar doença humana, foi descoberta pra tratar pra tratar doença de animal. Que valia a pena a inversão... não vê a fasciola agora?! Com essa vacina poderá render uma coisa... é mas pra tratar coelho na Austrália...

SK - Pode render milhões de dólares.

AP - Na Austrália... Não é verdade?! Mas ele não... o tratamento pras pessoas, o humano, não tem.

NA - O sr. acha que tem alguma esperança é... na engenharia genética, na biologia molecular pra essas coisas que o sr. tá falando. Quer dizer, coisas que até hoje a gente não consegue...

AP - Sim! Provavelmente, né?

NA - ... mas mesmo nesse campo da parasitologia?

AP - Provavelmente! Até agora não tiveram, não deram fruto muito grande não.

NA - Tem gente investindo nisso em pesquisa, né?

AP - É, tem gente investindo. Mas evidentemente quanto mais você vai conhecendo, você vai esmiuçando, você vai entrando nos detalhes, você vai descobrindo maneiras de...

NA - Tripanossomos...

AP - ...É, e vai acabar chegando à uma conclusão. E aí fica então... às vezes: “Ah, esse laboratório vai ganhar dinheiro!” Olha, não me interessa que o laboratório vá ganhar dinheiro. Acho que pode ganhar dinheiro desde que faça uma droga que possa melhorar o sofrimento de pessoas que não têm condições... Não é verdade?! E até a Organização Mundial faz isso às vezes: dar dinheiro para o laboratório pesquisar! O que às vezes as pessoas: “Ah, mas isso é um absurdo! Você tá dando dinheiro pro laboratório que já é rico!” Sim, o cara é rico, mas e daí?! Ele vive dessa parte de lucro. Se você não arranja... ele não vai pesquisar. Ele não vai pesquisar. E você não... não é fácil você pesquisar, eles têm uma estrutura, uma tradição, de mexer com isso, não é verdade?!

NA - E o custo do desenvolvimento de um negócio desses é absurdo.

AP - É um custo grande! E como eu disse, eles preferem investir numa outra coisa que vai dar lucro, né?

NA - Os laboratórios públicos brasileiros não teriam condições de fazer isso? Butantã, Biológico... FIOCRUZ

AP - Tem, né?! Tem condições de fazer isso, tem condições de fazer isso. Mas olha, é...

NA - Principalmente do ponto de vista da pesquisa, né?

AP - Eu acho... é uma possibilidade... Há alguns esforços nesse sentido. Mas isso eu posso dizer pra você, posso dizer o seguinte: escuta, por que é que eles estão comprando café? Será que eles não podiam fazer o café lá Europa ou Estados Unidos? Faziam o café numa estufa, punham lá uma plantação... Não convém! É muito melhor comprar o café...

NA - É mais barato.

AP - ...aqui mais barato, aqui no Brasil que tem uma tradição de fazer isso, não é verdade?! Olha, nós... esse glucantime por exemplo, nós tivemos uma experiência é... amarga com isso. Nós compramos uma vez um glucantime... porque a Rhodia não queria fazer mais. Não interessou, não interessou!

NA - Aí fecha a linha e pronto.

AP - É. Foi preciso do Brasil dizer... o que eu soube – dizer: ‘Olha, então nós vamos fazer o seguinte, também o éter que o Brasil consome muito, nós não vamos comprar mais! Vamos arranjar uma outra maneira...’. Aí eles: “Não, então deixa que eu vou fazer essa glucantime e dêo pra vocês o glucantime.”

NA - Nos doa?!

AP - Doava. Eu soube que durante algum tempo – não sei até que ponto é exato – mas a informação que eu tenho é que o laboratório fazia e dava ao Ministério. Agora não, eu sei que eles compram. Mas durante um certo tempo fazia e dava ao Ministério, porque não tinha interesse de fazer isso. Mas agora, mas aí nós fizemos o glucantime aqui.

NA - Quem faz?

AP - Eu não me lembro quem fez. E deu problema, eu me lembro que esse glucantime deu problema. E nós achamos que ele não tinha a quantidade de antimônio...

NA - Não tinha qualidade.

AP - ... mas tinha! E... é... foi, é uma coisa que, agora por exemplo, nós compramos por questão de preço, compramos um chinês aqui e morreram várias pessoas...

NA - Nossa!

AP - ... morreram pessoas e o Ministério perdeu uma quantidade enorme...! Então isso, olha, numa certa ocasião eu... houve uma polêmica aqui sobre esse... o Mebendazol. O Mebendazol que era...

SK - Mebendazol?

AP - Mebendazol. Uma droga...

SK - Mebem...?

LO - Meben.

AP - Mebendazol. Uma droga que era feita por vários laboratórios. E dizia um laboratório que a droga deles era melhor que a dos outros. Então nós fizemos uma pesquisa. Fizemos uma pesquisa. Eu, o ... o dr. Baranski e um colega do Rio Grande do Norte, agora me fugiu o nome.

NA - Vamos testar.

AP - “Vamos pegar três drogas dessas. E uma... eu me lembro que a ... a ...melhor dela era... bom, as três drogas, nós aí pegamos, fomos na farmácia, pegamos as drogas e não quisemos interferência dos laboratórios. “Deixa, nós fazemos como quiser.” Fizemos exame de fezes e tal e demos as drogas, as três drogas... o que serve pra uma doente...

NA - Não serve...

AP - O mesmo tipo de medicamento!

NA - O mesmo, pro mesmo doente.

AP - Há uma diferença grande! Havia uma diferença grande de uma é.... produzida pelo Jonshon, Laboratório Jonhson. Era a melhor dessas, essa... essa droga.

NA - Melhor que o sr. diz é que dava menos reação.

AP - Não! Ela dava mais cura!

NA - Ah, dava mais cura!

AP - Dava mais percentagem de cura. Eu aí... quando nós fizemos isso ficou uma dúvida: “Como é que nós fazemos essa publicação? Nós...” O laboratório queria... eu falei: “Não, vamos publicar.” E publicamos.

NA - Isso é delicado, né? Não é delicado?

AP - Mas publicamos assim: “Droga A, B e C.” E no rodapé nós dissemos: “Olha, A droga A é tal, a droga B é tal... “E o laboratório quis, perguntou... “Vamos tirar 30 mil cópias e dar pelo final.” “Isso eu não quero. Vai sair numa revista científica, mas não autorizo tirar cópia...”

Fita 7 - Lado A

NA - Mas vamos lá.

AP - Aí a sua pergunta, aí eu falei com o laboratório: “Escuta, mas vem cá... por que é que a sua... qual é a idéia que você tem da sua... por que é que você acha que essa sua droga – que eu tô convencido de que ela é melhor mesmo – mas por quê? É a mesma droga! Qual é a idéia que você tem? Você acha que há diferença nisso? “Não. É a preparação. A nossa é sonicada, não sei o quê!

SK - Sonicada?! O que é isso?

NA - É uma tecnologia que eles usam.

AP - É uma técnica... Eu não sei o que ele falou! Ele me disse na hora que...

NA - Tecnologia.

AP - ...ele fazia de maneira diferente. Aí você vê. Não é fácil você investir! Um Roche desse, uma Bayer dessas... eles desde o século passado vêm mexendo com isso! É mais fácil surgir uma droga ligada a um laboratório desses do que você montar no Brasil uma estrutura de...

NA - É. Farmacêutica.

AP - ...farmacêutica pra fazer isso.

NA - Mas a gente já teve, né, Dr. Prata! A gente teve.

AP - É tem que investir mais em bioquímica, se quiser fazer isso, em química! Química analítica é importante, pra você depois chegar a uma coisa dessa. Não é verdade?

NA - Gente informada.

AP - Gente informada... então, tem gente... não quer dizer que não se possa fazer! Pode fazer qualquer coisa dessa, mas no momento, é mais fácil você...

NA - Comprar.

AP - ...comprar isso ou deixar, ou ajudar até um laboratório. Você falar isso, todo mundo vai dizer: “É um absurdo dar dinheiro!” Mas como é que você faz? Pior absurdo é não dar!

LO - A gente fez a volta toda, Dr. Aluizio, pra chegar à pergunta de ontem. Nós fizemos essa volta toda pra chegar à pergunta de ontem sobre é... como é que a comunidade brasileira, o sr. falou, deu o exemplo internacional com a experiência lá na OMS, né, que o sr. foi colocado numa posição de destaque justamente porque o sr. é um defensor disso, de se buscar sempre uma alternativa terapêutica, né, pro

doente. E aí a pergunta que eu tinha deixado no ar ontem é como é que isso é discutido aqui no Brasil. Os pesquisadores dessas grandes áreas de doenças tropicais... enfim.

SK - Em relação ao controle, né, que a gente tava falando ontem

NA - O senhor lembra da pergunta de ontem?

AP - Lembro perfeitamente o que ele tá fazendo, falando...

NA - É a terapêutica no controle. O sr. era da OMS e o sr. presidia a reunião por causa dessa sua posição. E que lá tinha gente que... Né? Aí ele lhe perguntou: “Como é que é no Brasil?”

AP - É, eu talvez não tenha... talvez tenha ficado... Quando eles fizeram a reunião, voltando a esse mesmo assunto, eles é... esse indivíduo, o Davis que era secretário geral da Organização, ele é um homem, era um homem extremamente inteligente. Ele estava é... certo de que realmente tinha que mudar a orientação do tratamento. Porque o tratamento não devia, não era importante pra controlar a transmissão da doença. Mas que o tratamento era importante pra controlar a morbidade. E ele pela, pelos trabalhos que eu estava vendo, ele tinha essa idéia. E quando ele teve a reunião pra discutir isso, é claro que ele não podia impor um ponto de vista desse, mas ele, ao fazer o convite, ele procurou colocar uma pessoa lá que ele achava que tinha esse ponto de vista. Por quê? Porque conhecia os trabalhos e sabia que você na hora, se você tem o trabalho você não vai chegar lá na hora e dizer uma coisa diferente do trabalho. Não é verdade? Então essa, esse assunto que você tocou, ele... ele, o estrangeiro muitas vezes dúvida um pouco das coisas que não são feitas por ele. Isso é uma coisa que sempre aconteceu. Não é verdade? Nós temos que valorizar. Então a primeira pessoa que disse aqui no Brasil que o tratamento poderia mudar, prevenir o aparecimento de formas graves foi o Dr. Kloetzel...

NA - Esquistossomose.

AP - É. Lá em, estudando lá em Pernambuco. Em é... (*inaudível*), me parece, ou (*inaudível*), uma coisa... Bom. E eu estive uma ocasião em uma reunião... bom, basicamente... o Kloetzel foi a primeira pessoa que falou isso. Inclusive na tese dele ele colocou isso lá, fala. E publicou esse trabalho numa revista de divulgação.

NA - Em que época foi isso?

AP - Em 1960 e... 1, 62, por aí. E eu tenho a tese que o Dr. Samuel Pessoa arguiu, ele, na tese que ele fez de docência, em que o Dr. Samuel Pessoa escreveu de lá... – eu tenho essa tese por aí! – Ele é muito bonito, mas muito aprovado, esclareceu muita coisa... Então o kloetzel, o Kloetzel era um homem extremamente inteligente. Ele tá vivo, trabalha lá em Pelotas. Então tem idéias muito boas, mas é... não tava aqui e precisava de uma documentação melhor. Quando nós começamos a trabalhar em Caatinga do Moura, uma coisa que nós fizemos em Caatinga do Moura foi exatamente tentar... achamos que aquilo podia realmente ter um significado, tratar alguns doentes jovens de Caatinga do Moura com as drogas que nós dispúnhamos com o cuidado que podíamos ter na época, que era o antimonial. E nós tratamos alguns doentes lá na área, uns cento e tantos doentes... tratamos até alguns com o ambilhar, mas aí começava, o ambilhar dava convulsão... então teve que parar. E esses doentes ficaram tratados na área. Quando o Dr. Bina foi fazer a tese, o Dr. Bina era um residente, nós o encaminhamos pra lá e ele foi fazer o trabalho dele depois, quando foi fazer a tese. Ele pegou esse material que nós tínhamos

tratado em Caatinga do Moura e *a posteriori* pareceu os doentes. Quer dizer, pegou um doente que tinha recebido tratamento nessa época nossa e pegou um doente com mesma idade, morando... que não tinha sido tratado. Fez um pareamento *posteriori*. E foi olhar. E quando ele olhou... ele viu que realmente o doente que tinha sido tratado, não apareceu com forma. E o outro apareceu com forma grave. Então ele fez a tese dele, tese dele que foi divulgada aqui, que nós sabíamos disso, mas que fora... não teve uma aceitação assim dessa maneira. E o Dr. Kloetzel numa ocasião eu estava numa reunião no Cairo, da OMS, em que o Dr. Kloetzel, convidado, falou isso lá! Eu me lembro a reação que ouve! E naquela conversa, todo mundo achando aquilo era um absurdo. Eu me lembro que uma pessoa se aproximou e me perguntou: “O que é que você pensa disso?” Eu disse: “Olha, eu tenho a impressão de que ele está certo.” Ele pensou que eu ia dizer: “Não, é um absurdo! Tá tudo errado!” Eu disse: “Não, eu tenho a impressão de que ele está certo.” Dr. Davis sabia dessas coisas. Quando ele organizou a reunião dele em Genebra, ele sabia que... que o tratamento não era bom pra controlar a transmissão da doença. Que o doente reinfectava outra vez. Ele sabia que os trabalhos do Dr. Almeida Machado aqui, que fez no Brasil... Então, mas ele sabia por conhecer esses trabalhos, que para a morbidade valia a pena fazer isso. Então esse trabalho do Dr. Bina foi... depois importante nessa ocasião. Depois tem outros trabalhos feitos mostrando que realmente com o tratamento nós podíamos controlar a forma grave da doença. E depois disso, depois mudou até a orientação aqui no Brasil – tá aí a sua resposta – e o Brasil passou a aceitar essa idéia e a campanha nacional passou a mudar. Ao invés de ser orientada no sentido de acabar com a transmissão, foi no sentido de acabar com a morbidade. Com a doença. Isso eu não sei se era a sua pergunta, eu entrei em detalhe agora porque... Agora eu vou dizer a vocês o que é a perspicácia do Dr. Davis, Rick Davis. Tá aposentado hoje. Dr. Davis... – vale a pena assinalar isso. É muito oportuno – Numa dessas reuniões, eu não me lembro até se foi essa que eu presidi ou quaisquer coisas... numa dessas da OMS, numa reunião dessas eu estava ... – não tenho certeza se é essa, eu não me lembro – eu sei que na... no... que aquela reunião ficava três dias. É mais cansativo do que isso aqui, você presidir uma reunião dessas, porque você tem que estar com atenção absoluta pra cassar a palavra, pra dar a palavra, pra não deixar de responder, pra um assunto... Então quer dizer, é uma ... é uma coisa impressionante. Se você se distrai um pouquinho numa reunião dessas, você perde o controle. Porque a pessoa fica aguardando o que você vai fazer. Se ela mudar de assunto você vai prosseguir?! Então você tem que ficar...

NA - É uma questão política!

AP - Ah, e você não pode deixar de atender! E às vezes você propõe uma coisa que não é, você não pode também dizer a ele que... então você...

NA - Mas mineiro sabe fazer isso muito bem.

AP - ...estabelecer pra ver como é que é... Hem?

NA - Mineiro sabe fazer isso muito bem. (ri)

AP - É difícil uma reunião dessas, você controlar. Não é fácil. Pode parecer que é fácil, mas não é fácil. Por causa das maneira, as opiniões que surgem, as coisas radicais... Bom, mas o que eu queria falar, é muito importante isso, esse... esse Dr. Davis tava quieto, ouvindo as discussões e eu me lembro bem que falava-se no êxito do Brasil. Aí um médico, Dr. Oediran de Gana, jovem ainda, falou assim: “Ah,mas então isso é uma coisa que pode ser feita porque se o Brasil faz então pode ser feito!” Aí o ele falou: “Um momento!” disse: “Olha, não é bem assim. Eu sei que essas coisas não se pode deixar, é claro. Mas

não se pode se dizer que se o Brasil faz... pelo seguinte...” – nessa época eu tinha dificuldade de comprar droga por causa de negócio de divisa no mundo inteiro – ele disse: “Olha, o Brasil tem lá uma fábrica da Pfizer fazendo oxamniquine, portanto não tem problema de importação...” Já dando uma primeira resposta, porque como quem diz: “Vocês têm que comprar a droga ou os outros têm que comprar.”

NA - É. Cadê os dólares pra isso?

AP - E agora veja o importante, e mais do que isso, o Brasil tem um exército de saúde pública de 25 mil pessoas, que é a Fundação Nacional da Saúde, que nenhum país do mundo tem igual!

NA - O outro calou a boca.

AP - É. Não, ele falou isso... Mas eu tô mostrando a você o que é um homem que sabia da importância da SUCAM. Então é uma pena ver hoje o Brasil por questões de fiscalização, de não sei quê... de coisa, desmontando uma estrutura dessa. E eu receio, que você vai chegar uma hora em que nós vamos perder a maneira de manusear essas doenças. Porque antigamente nós sabíamos, nós tínhamos gente mexendo com isso, agora nós estamos demolindo isso! Nós estamos tirando essa... acabando com essa, acabando com essa estrutura.

NA - Mas isso em função do SUS, né?

AP - Pois é, mas nós cometemos um engano! O ... é... o problema da assistência médica...

NA - É diferente.

AP - ...é regional. Porque se tem uma apendicite ou se tem dói a barriga, Brasília não tem nada a ver com isso!

NA - Claro.

AP - Tem que resolver no local, ali. Agora o controle das doenças... o controle...

NA - Pois é. Mas isso foi de roldão.

AP - ...isso foi de roldão. Misturou uma coisa com a outra e foi ruim pro Brasil. Porque nós estamos pelejando pra demolir uma máquina montada, que esse homem disse, na época, que nenhum país tem igual! Eu nunca me esqueci dessa palavra dele.

NA - E ao longo de um século, né?

AP - Hem?

NA - Uma máquina montada ao longo de um século.

AP - E essa turma do século passado, que sabiam mexer com isso... de Lauro Travassos, Lutz... eles sedimentaram. Esses guardas sanitários que trabalharam com... com... Até hoje ainda tem guardas que trabalharam com o Amílcar, que trabalharam com o Samuel, que sabem fazer isso. Velhos, né? Nós não

estamos renovando. Então foi uma pena nós fazermos isso. Porque você não vai conseguir em cada Estado, em cada município, manter uma estrutura dessa. E você não sabe, é como, o bombeiro, você não sabe aonde é que vai aparecer o fogo! O bombeiro não pode ter um em cada rua, em cada Bairro! Você tem que um bombeiro central, aparelhado pra correr! Então nós devíamos manter uma estrutura forte...

NA - Central.

AP - Central. ...Se o estado é forte como São Paulo e pode fazer, deixa ele fazer, como ele já fazia! Se também o Rio Grande do Sul achou, Minas Gerais... deixa fazer! Agora, vamos manter a estrutura pra suprir aquilo lá. Diferente dos dois...

NA - Federal.

AP - Nós misturamos uma coisa com a outra. Assistência médica não tem razão de você...

NA - O sr. acha que tá correta essa centralização.

AP - Ah, completamente! Pois se... Tem que ser nos bairros! Nem nos hospitais grandes. Tem que ensinar o médico de família do bairro. Você tem que atendê-lo na hora, a pessoa que tem um problema de saúde você tem que atender na hora, ali! Não precisa ter o governo federal estar envolvido nessa parte! Não precisa. Pode ter sim, algum hospital central pra onde você possa...

LO - Ter uma referência.

AP - ...uma referência e tal. Mas a ... a assistência, completamente correta. Mas agora, incluir... incluir o controle das doenças endêmicas nesse bojo...

NA - Nesse princípio da centralização ...

AP - ...nesse princípio da centralização, eu acho que nós vamos sofrer um pouco as consequências disso. E estamos agora mesmo a malária! 600 e tantos mil casos nesse ano passado. E essas doenças emergentes que estão aí. Então o que é que vai acontecer? O que é que vai acontecer? Eu não quero que isso aconteça. Claro que não tenho vontade que aconteça! Mas vai aparecer uma epidemia grande dessa, de uma dessas doenças e nessa hora acaba essa história e o sujeito vai atrás disso e vai fazer isso aí. Porque foi assim no passado. A saúde pública nossa foi feita devido às necessidades. Então quando nós tivemos a febre amarela, ...

NA - Grande epidemia.

AP - ...Antes era a varíola no... fizemos a saúde dos portos. Então as grandes epidemias. Depois foi a peste, depois foi a febre amarela! A saúde pública nossa foi feita às custas dessas, desses problemas.

LO - A custas desses problemas de incêndio, né?

AP - ...é... problema de incêndio. E... e naturalmente nós é...

NA - Uma saúde pública com uma idéia de prevenção, né?

AP - É...

NA - Ela é feita em cima dos acidentes. Não é isso?

AP - Dos acidentes. Ela sempre foi feita. É.

NA - Mas ao longo desse século foi se construindo uma estrutura, como o sr. tava dizendo...

AP - Construiu, construiu! Uma estrutura muito boa.

NA - De prevenção!

AP - De prevenção. Que depois nós tivemos esse contato com... com a Rockefeller, tivemos contato com os Estados Unidos, eles...

NA - Aprendemos com eles.

AP - Eles lá foram diferentes. Eles lá quando foram pro Oeste... aquela ilha... foi a saúde pública. Porque eu tive, quando você vê aqui no jornal... o anúncio dizendo que o general aconselha a não fumar... aquele general ele pensava que era geral. Não é não! É general, é militar! Eu fiquei admirado de ver que a saúde pública nos Estados Unidos era militarizada: Exército, Marinha e Saúde Pública. Militarizada!

NA - Questão de segurança nacional.

AP - É. Então eles ficaram com essa idéia de que ela ficou militarizada. E você pega organizações como essa SUCAM nossa, o SESP... Organização militarizada!

NA - Mas o modelo da Rockefeller!

AP - No Rockefeller não tinha a história de: “Não posso hoje porque eu tenho um emprego...” “Não! Você vai hoje pra Xerém que tem lá uma epidemia de malária!” E o Carlos Chagas foi embora pra lá, né? “Você vai seguir hoje pra não sei o quê...!” Então a saúde pública...

NA - Mas é isso que está sendo desmontado, né?

AP - Tá sendo desmontada. Tá sendo desmontada e no meu entender é... baseada em coisas políticas, porque eu acho que a idéia disso partiu daquele: “Comunidade... aquela coisa... discussão, e todo mundo votar e não sei o quê...!” E começou fazendo isso com essa idéia de que tinha também fazer a saúde. Porque você via que eram os elementos políticos que estavam mais influenciados pra fazer isso. Não era tecnicamente. As discussões das que eu participei, daquelas...

NA - Ah, o sr. participou?!

AP - Participei daquela Fundação, da... da... política mesmo, que era... participei da... daquela... fazia política nacional, lá não tinha aquela, aquele... reuniões anuais... *(batendo na mesa)*

SK - Conferências, né?

AP - Conferências.

NA - Conferência Nacional da Saúde. Vai ter uma esse ano agora.

AP - E naquelas conferências é que a gente via a influência política das pessoas. Que a gente sabia que tinha tal bandeira política e aflitos pra impor essas coisas todas.

LO - Foi a grande vitória da esquerda, no de uma parte da esquerda, uma Nova república.

AP - Pois é. Foi a grande vitória. Agora...

NA - A 7ª e 8ª conferência.

AP - Será que tava certo isso? Assim dessa maneira?

NA - Vai ter uma esse ano lá.

AP - Pois é. Não, depois teve outras. Não tô dizendo que todas foram assim, que tudo correu assim. Mas eu tenho a impressão que isso saiu assim um pouco, viu?

NA - Fora... fora, quer dizer, esquecendo esse passado, dos esforços todos que foram feitos ao longo do século, né?

AP - Exatamente.

NA - Vamos almoçar? (*pausa na gravação*)

AP - ... Eu queria falar de um editalzinho...

SK - Pode falar.

AP - ...eu intitulei 'Apendular Regionalização do Serviço de Saúde'. Então eu disse que a organização do serviço da saúde pública no Brasil teve início em 1808. Olha a importância da história mostrando os erros que eu lhe falei.

NA - Isso!

AP - "Quando um alvará do príncipe Don João restabeleceu no país o cargo de físico-mor do reino, passando para o governo central o que era de responsabilidade dos municípios. Portanto centralizou, em 1808. Em 1828 um decreto aboliu a fisicatura mor, novamente municipalizando a saúde pública."

NA - O tempo todo. O tempo todo assim.

AP - 1808. 1828. "Somente a vacinação anti-variólica e a inspeção de saúde dos portos continuava sob o controle do governo central. Pelo decreto de 1843, voltou-se a desmunicipalização. O reaparecimento

da febre amarela em 1849 forçou a nomeação da Comissão Central da Saúde Pública, incorporada em 1851 pela Junta Central de Higiene pública a qual estava subordinada à comissão provinciais. Era a organização sanitária mais importante que até então teve o Brasil. Além da febre amarela havia o cólera e era importante as febres, principalmente: a malária, a tuberculose e ancilostomose. O poder central não tinha decisão de empreender campanhas de envergadura. A reforma sanitária de 1886 criou a Inspetoria Geral de Higiene em substituição à Junta Central de Saúde Pública. Com a proclamação do regime republicano, federativo, em 1889, mais uma vez o Serviços de Higiene foram desligados da administração central e passaram ao domínio de cada estado.” Descobriram a pólvora! Isso sempre foi assim! Apresentou-se como sendo uma grande novidade. Isso vem desde o tempo do império! Desde o Brasil... “Esses não tinham condições de combate com eles para doenças endêmicas, apesar da descentralização foi criado em 1897 a Diretoria Geral de Saúde Pública. Mas a União somente prestaria socorro quando solicitada pelos estados.”

NA - Com acordos. É, solicitados. Depois...

AP - “O governo central tinha o controle sobre a prevenção da entrada de doenças episódicas. Através das inspeções dos portos e das quarentenas a bordo de navios. A gravidade da febre amarela forçou a criação, em 1903 do serviço de Profilaxia da Febre amarela. Esta foi nossa primeira experiência na mobilização de recursos de tecnologia em larga escala no combate a uma das nossas grandes doenças endêmicas. Era época de Lutz, Emílio Ribas, Vital Brasil, Oswaldo Cruz. Aliás, foi devido a peste e a febre amarela, que os sanitaristas brasileiros puderam organizar a saúde pública para atuar em âmbito nacional. A Diretoria Geral de Saúde Pública foi reorganizada por Oswaldo Cruz em 1904 com autoridades sobre o Rio de Janeiro e os portos em várias partes do país. Esta organização persistiu até 1920 quando Carlos Chagas deu nova estrutura ao Departamento Nacional de Saúde Pública. Os relatórios sobre viagens ao interior do Brasil entre outras: a de Oswaldo Cruz ao Madeira, a de Carlos Chagas à Bacia Amazônica, de Lutz e Machado ao rio São Francisco e a turnê de Belizário Pena aos sertões da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás, e o livro “Saneamento do Brasil” e a descoberta da doença de Chagas, os escritos de Monteiro Lobato sobre Jeca tatu e a famosa frase de Miguel Pereira “fora do Rio e São Paulo, capitais mais ou menos saneadas e de outras cidades em que a providência superintende a higiene, o Brasil ainda é um imenso hospital”. Essas coisas todas reavivaram o drama das populações rurais. Muitos insistiram na necessidade do governo, da União, organizar nos estados serviços de Higiene em desacordo com os preceitos constitucionais, que mandava municipalizar. Nunca se contestou a doutrina e sim a sua exequibilidade. Argumentava-se que, salvo exceções como por exemplo São Paulo, os demais estados e municípios não estariam em condições de se desempenharem das funções sanitárias. O Departamento Nacional de Saúde Pública foi remodelado em 1934, sob o título de ‘Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-social. Em 1919 criou-se o serviço de profilaxia rural que foi extinto em 1930. Em 1937 foi instituído o Departamento Nacional de Saúde com critério de autonomia municipal, mas reservando ao DNS a supervisão geral do Serviço de Saúde no país, mediante ação nacional de combate às grandes endemias. Entre outros podem ser citados: Barros Barreto, Evandro Chagas, Candau, Manoel Ferreira, Pelon, César Pinto, Samuel Líbano, Souza Araújo, Agrícola, Orestes de Lins, Toledo Pizza e Antunes. Em 1939 foi feito um convênio com a Fundação Rockefeller, que já participava da luta da febre amarela para a erradicação do Anófeles Gambia, reintroduzido no país. Foi criado o Serviço Especial de Saúde Pública, o Serviço Nacional de Leprosia e o Serviço Nacional de Malária e também o de Febre Amarela e o de Peste. Havia conhecimento, disciplina mística e decisão, requisitos para a eficiência. Em 1956, com vistas à polivalência foi formado o Departamento Nacional de Endemias Rurais, DENERu. Pela fusão dos Serviços Nacionais de malária, febre amarela, peste e parte da Divisão da Organização Sanitária. No DENERu havia coordenadorias

para chefiar a campanha cada uma das seguintes doenças: – tão elas aqui, as doze que eu falei – foi a época de Pinotti, Bustamante, Rachou, Olímpio da Silva Pinto, Emmanuel Dias, Nery Guimarães, Peregrino, Viana Martins, Rodrigues da Silva, Pedreira de Freitas, Homem de Melo, Hermano Farias, Fonseca e outros, para continuar citando somente alguns nomes conhecidos. O cenário estava montado para realização de outras grandes campanhas. O advento dos inseticidas residuais e novos quimioterápicos e antibióticos, tornaram possíveis os êxitos obtidos. As perspectivas de erradicação da varíola e da malária em nível internacional justificaram a criação de campanhas especiais: CEV, CEM. Em 1970 a fusão com o DENERu resultou na superintendência da campanha: SUCAM. Agora o pêndulo oscila novamente e a regionalização se impõe como preceito e meta. Desta vez, certamente de modo definitivo, pois o país pode almejá-la. Pelo menos algumas áreas que já atingiram grau de desenvolvimento e educação necessário para suportá-la. Contudo não esqueçamos a experiência do passado, troquemos os nomes, pois essa parece ser uma tradição sanitária. Mas preservemos os conhecimentos e a estrutura, no momento representados pela SUCAM, que nenhum país do mundo possui igual. – lembrei do Davis quando escrevi isso – para ser vencido o desafio do futuro que é a ocupação da Amazônia.”. Então ...

AP - O sr. falou tudo. (*risos*)

SK - Dá a referência, Dr. Aluizio, pra gente. Não! Deixa registrado...

AP - Ah, sim. Leva pra você!

SK - Não, eu digo pra deixar registrado aqui... Ele acabou de ler o editorial que foi publicado na revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical de... janeiro, março de 1990. É pra gente deixar registrado.

AP - ... Então eu estou sintetizando as idéias que eu posso ter apresentado aqui e ali. Então eu tô dizendo que isso não surgiu da conversa aqui não. Eu tenho essa... essa idéia...

NA - Certamente o sr. tem é... vivido, pensado, experimentado, vivido a vida toda nisso, né?! O sr. sabe dessas coisas, pensa sobre isso! Sem dúvida. Vamos almoçar? Depois a gente retoma? Vamos retomar...

AP - Tô me entusiasmando demais, né? Ontem foi...

NA - Que nada! (*risos*)

AP - ...pessoal e agora... (*ri*) escopo dos entrevistadores...

NA - Não! Eu não sabia que o sr. era um historiador... (*pausa na gravação*)

SK - Continuando.

NA - Está com você agora, a bola.

SK - Bom, continuando então... Dr. Aluizio, a gente queria agora conversar sobre um assunto é... específico, que é muito importante, né, a gente sabe que é muito importante na sua trajetória, não só na sua trajetória mas enfim pra... questão das doenças endêmicas no Brasil, eh... que é o PIDE, né? O Programa Integrado de Doenças Endêmicas do CNPq. A gente queria que o sr. contasse a história desse

programa pra gente. Desde o comecinho. Como é que surgiu a idéia desse programa... de que grupo de pessoas surgiu isso... como é que ele foi implementado... Um pouco da história desse programa pra gente.

AP - Olha, o PIDE... eu posso lhe dar aqui, talvez valesse a pena eu... eu dar o ... o que é que aconteceu, como é que eu vi o PIDE pela primeira vez.

SK - Claro.

AP - A primeira vez que eu ouvi falar do PIDE, já estava alguma coisa imaginada.

SK - Sim, quando foi isso?

AP - Porque... Isso foi...

SK - Porque o programa teve início em 73.

AP - Deve ter sido em 72 isso que eu... eu fui um dia contatado pra uma reunião na Academia de ciências. E pela... as pessoas que estavam...

SK - Quem lhe chamou pra essa reunião?

AP - Pois é, as pessoas com quem eu tava falando nessa reunião era... era o Frota Moreira do Conselho de Pesquisa, o ... Baltista Vidal...

SK - Que era da SEPLAN se não me engano, não era?

AP - Não... eu vou chegar lá. E o ... e o ...

SK - Firmino?

AP - ...Firmino! Tava junto e... creio que o Oliveira Lima... o Brener... e... Gilbert... e o Pelúcio. Bom...

SK - Lobato já tava nessa época? Não. ... O Lobato participou...

AP - Eu não sei se o lobato estava... Não posso te dar certeza...

SK - Depois a gente vê os nomes.

AP - Eu tenho isso escrito em algum lugar. Essa história toda. Mas até quando eu vir isso que ele escreveu eu conferirei lá, pra vê-lo lá. Bom. E quando eu vi o nome do Baltista... eu, eu mais ou menos entendi o que deveria ser. O Baltista Vidal era secretário de Ciência e Tecnologia da Bahia, quando numa ocasião eu tive um contato com o Batista... no... numa... perto ali da Avenida 7 de Setembro, no Cabeça, um lugar chamado Cabeça ali. Lá era o gabinete dele. E o Baltista me disse o seguinte: "Olha, nós precisamos... investir alguns anos... *(interrupção da fita)*"

Fita 7 - Lado B

AP - ...Nessa época, então o Baltista, pelo que o Baltista me falou naquela ocasião, eu vi que o Batista falou na possibilidade. Quando eu vi que o Baltista estava ligado a uma reunião dessa, eu imaginei que era alguma coisa. Nessa época o Baltista trabalhava ali com o Severo.

SK - Severo quem?

AP - Severo... ministro Severo... aquele paulista, o...

NA - Ministro do quê?

AP - Era...

LO - Severo Gomes.

NA - Severo Gomes!

AP - Severo...?

NA - Gomes.

AP - Gomes?!

NA - É, foi ministro!

AP - É. Ele era... ele era chefe de gabinete ou ele era secretário geral do Severo. Então o Baltista tinha me falado isso na ocasião. Que precisava, que o Brasil precisava investir em doença endêmica, lá na Bahia...

SK - Isso foi um pouco antes...

AP - Não! Um pouco antes não, muito antes!

SK - Bem antes dessa reunião que o sr. participou.

AP - Ah, isso foi em 1900 é... eu era professor lá na Bahia...

SK - Eu vi um depoimento dele, parece que é 69, ele fala. Pode ser? Pode ser isso? 70...?

AP - Menos, antes de 70!

SK - Ah, então deve ser isso.

AP - Antes de 70. 60 e tantos. O Baltista me falou. Bom. Aí o Baltista, eu vi o Baltista lá. E nessa reunião, na academia, não tinha nome do programa, não tinha nada. O que se cogitava... era de que o

laboratório do Pelegrino que existia em Belo Horizonte, tinha um convênio parece, com o Walter Reed ou qualquer coisa. Que depois tinha parado de ter os recursos... E esse laboratório é aquele GIDE que tem lá, um laboratório de estudo de esquistossomose, né, e eles diziam que o laboratório ia parar. Que teria que salvar esse laboratório, arranjar verba...

NA - O Pelegrino tava vivo ainda?

AP - Hum... Deixa eu ver se o Pelegrino tava vivo... Não, acho que não. O Pelegrino não estava vivo. Ou... a idéia era...

NA - Ele morreu em 70.

AP - Hem? Pois é. Mas a idéia... Não tava vivo. A idéia era... é que não tinha mais recurso e que esse laboratório ia perder essa estrutura toda e que precisava de ser mantida uma estrutura dessa que era importante. Esse foi o primeiro contato que eu tive com o PIDE, com o que veio a se chamar PIDE. E tivemos essa reunião na academia. Para esquistossomose. Bom, a reunião inicial foi para esquistossomose.

NA - Quer dizer que quem lhe convidou foi o ...?

AP - Foi um ... eu não me lembro se o Frota ou...

SK - Não foi alguém, alguém ligado ao CNPq...?

AP - O Frota era do CNPq. Mas o programa não era do CNPq.

SK - Sim, mas a pessoa que lhe fez o com..., quer dizer, ...

AP - Não, ele falou que ia aparecer na academia lá pra nós conversarmos uma coisa, a história era essa. Com verba lá pro PIDE. Mas eu, quando eu vi que o Baltista estava, eu imaginei, eu falei: “Ah, eu já sabia o que o Baltista pensava.” E lá nesse programa, nessa ocasião, conversou-se então, sobre a necessidade de um programa de pesquisa pra...

SK - Esquistossomose.

AP - ...esquistossomose. Logo de... eu não me lembro se... eu acho que não chegou a funcionar. Nós aí sugerimos que deveria incluir também, por que não, Chagas. E aí foi posto Chagas também no Programa. Então ficou: chagas e esquistossomose. Aí começamos a ... aí nessa ocasião, o Peluchio que era um homem muito bem orientado, muito é... correto, com a cabeça muito boa. O Peluchio me parece que era o presidente da Finep. E o Peluchio falou: Olha, um programa desse tem que durar pelo menos uns dez anos pra produzir efeito. E por dez anos ele produziu efeito. E aí então começamos a conversar e... começamos a conversar. Eu disse: “Bom, como é que é o programa, como vai ser chamado?” Aí disse: “Não, Programa Integrado. Tem que ser um programa integrado.” Não se sabia bem integrado como, integrado de quê? (*risos*) Se era integrado aos pesquisadores ou como é que era... Mas de qualquer maneira ficou com o nome de Programa Integrado, que era de Esquistossomose, depois ficou então Doença Endêmica. Ele recebeu esse nome.

SK - E como é que era o ... pessoal que participou daquela reunião...

AP - Eu vou chegar lá.

SK - ... tava animado? Quer dizer, como é que era...?

AP - Não, tava... tava se conversando e se conversou muito como é que ia ser feito e como é que era um programa desse, como é que foram... Bom, eu... eu é... me lembro, que... aí nós... Bom, “Onde vamos botar um programa desses?” O programa não era do Conselho não. “Onde vamos colocar um programa desses? Bom, vamos colocar um programa desses... O melhor lugar de ficar o programa deles?” Se decidiu que o melhor era colocar no Conselho de pesquisa. Por quê? Porque o Conselho de Pesquisa, ele, nós estávamos com a experiência muito boa com o Conselho... me parece que era a Dion que estava lá e havia uma idéia muito favorável das comunidades e o julgamento dos processos... a comunidade estava participando do julgamento dos processos. E nós tínhamos experiência já de participar do comitê assessor do Conselho de Pesquisa para...

SK - O CNPq.

AP - ...o CNPq. Para julgamento e tal. E aí então resolveu-se que o projeto deveria ir para o Conselho de Pesquisa, sobre a ... Mas um programa independente, com recurso próprio. Quem é que ia fazer parte desse comitê? Aí então veio a idéia de quem é que ia fazer parte desse comitê. Foram essas pessoas que eu lhe falei é: o Firmino, o Oliveira Lima, trouxemos o Guilherme – não sei se já estava na primeira reunião ou se foi convidado depois...

NA - Guilherme de quê?

AP - Guilherme Rodrigues da Silva. Tem dois Rodrigues da Silva. Tem o José Rodrigues da Silva, mas é o Guilherme, professor da... da... preventiva da USP. É... Firmino, Oliveira Lima, Guilherme...

NA - Gilbert.

AP - Gilbert. O Gilbert muito entusiasmado com isso, o Brener... e... e eu.

NA - Esse Gilbert é o quê? Aquele Gilbert lá da Fiocruz?

AP - É. Aquele da Bioquímica, da... da...

SK - Benjamim Gilbert.

AP - Benjamim Gilbert. Aquele inglês...

NA - Que trabalha com plantas medicinais hoje.

AP - Que trabalha com plantas medicinais. Eu até me lembro que a primeira verba que saiu, o Gilbert queria distribuir a verba. Pra... pra vários pesquisadores. “Não, isso nós não podemos fazer! Vamos distribuir isso amanhã, nós temos que julgar sob a forma de projeto... receber... constituir comitê...” E

ai ficou constituído esse comitê. Não me lembro se o Lobato fazia parte dele inicialmente... Não me lembro.

NA - Mas é... Só uma pergunta: ele foi inspirado em quê? ... Na OMS?

AP - Eu tenho a impressão... Não, não tinha OMS não! A OMS não tinha o programa do TDR.

NA - Não tinha?

AP - Não tinha. Ele foi ins... ele foi a idéia de que tinha que gastar um pouco em pesquisa. E eu fiquei com a idéia, eu não conversei com ele...

NA - Eu Não sei... – só um minutinho, Dr., deixa eu me explicar, os meus colegas aqui estão reclamando como se eu não soubesse – é... eu sei que não tinha TDR. Mas é o seguinte: essa idéia de programa integrado que vai alocar recurso dentro de uma área, só pra uma área lá, isso é uma coisa nova no CNPq.

AP - Era.

NA - Não tinha.

AP - Não era do CNPq!

NA - Ele está inspirado em algum lugar...

AP - Não era do CNPq! Não era o programa do CNPq. Nós levamos o programa do CNPq...

NA - Pois é, mas então...

AP - Mas não era do CNPq.

NA - Vocês não se inspiraram em nenhuma coisa de fora...

AP - Não.

SK - Mas no CNPq já não havia aqueles programas integrados, acho que Trópico Úmido, tinha alguma coisa assim...

AP - Não, isso veio depois.

NA - Não! Veio muito depois!

SK - Isso veio depois, né?

AP - Como a genética se inspirou nesse nosso e veio muito depois também, né? Não tinha isso. Eu fiquei com a impressão de que isso foi idéia ou embate do Baltista porque o Baltista tinha me falado nisso há muitos anos. Então eu... foi a pessoa que me falou isso então eu fiquei com a idéia de ver o Baltista ali, de que o Baltista tinha alguma coisa a ver com isso.

SK - E ele que articulou isso, né?

AP - O Baltista me falou isso uma vez na Bahia antes de ele ir pro Ministério! Ele era secretário...

NA - Ele era o quê? Ele era médico... o que é que ele era?

AP - Não. Ele é...

NA - O que ele era?

AP - Acho que engenheiro...

NA - Engenheiro?!

AP - Eu acho que o Baltista é qualquer coisa assim.

NA - É mesmo?!

AP - Não, ele não era médico! Mas é um homem bem informado... Agora eles vão convidá-lo para vir cá. Ele vem fazer uma palestra aqui...

SK - A gente podia entrevista-lo.

AP -... eu vou conversar mais com ele sobre isso.

NA - Pergunte a ele.

AP - Eu até vou conversar com ele sobre essa...

NA - Mas vem cá, onde é que está aquela sua idéia...?

AP - Eu não sei se é idéia dele, mas eu fiquei com a idéia...

NA - De que era ele.

AP - ...porque o Baltista é que tinha falado isso comigo uma vez. Há muitos anos antes! Então eu falei, quando eu vi o Baltista eu digo: “Bom, isso tem relação com o que ele me falou. Ele tá conseguindo fazer uma coisa que ele tinha interesse.” Ele falou convencido de que isso era importante.

LO - Deixa eu fazer uma perguntinha: e antes, como eram as formas de financiamento pra pesquisa? O CNPq ajudava...?

AP - Não. O CNPq nessa altura já tinha os projetos de pesquisa. Tanto que eu lhe disse que eu já fazia parte de um comitê assessor do Conselho de Pesquisa. Foi julgado o problema da área médica. O Conselho de Pesquisa de início, ele só dava quase pra pesquisa básica. E era só uma meia dúzia de pessoas que tinha acesso ao Conselho de Pesquisa naquela área básica. Esse programa de fazer estudo

de campo, de clínica, isso não era pesquisa que prestasse. A idéia deles era só o ... era o Conselho que tava lá que era pessoa da área básica... O Frota que era pessoa da área básica...

NA - Frota Moreira.

AP - Frota Moreira. E eles achavam que pesquisa era pesquisa feita pelo Chagas...

NA - Travassos.

AP - ...feita pelo Travassos... feita pelo... Travassos tava lá também...

NA - Lauro Travassos. Ou é o Travassos da Rosa? O sr. conheceu o Travassos da Rosa?

AP - Conheci o Travassos da Rosa. Não é o Lauro Travassos não, é o Travassos da Rosa. Esse...

NA - Que fazia parte.

AP - Fazia parte do Conselho! Bom na época em que o Conselho funcionava ali na, defronte à Santa Casa, na...

NA - Não tinha uma nova rua ali, Santa Luzia, né?

AP - Não... sai de santa Luzia! Eu sei...

NA - É... é ali na cidade.

AP - É. Vai dos Santos Dumont, atrás do General Bruce, atrás da General Bruce, aquela rua que sai ali na... na Santa Casa... Ela vem ali... você vem da Beira Mar ali assim, faz a curva assim, deixando ainda uma fileira de edifícios à direita, por trás da Academia de Medicina...

SK - Presidente Antônio Carlos ou presidente Wilson?

NA - Não, não! É depois da Antônio Carlos...

AP - Não! Não é Presidente Wilson! Antônio Carlos e Wilson é lá pra frente.

NA - Pra frente. É pra cá, antes.

AP - Essa é uma outra rua ali que eu não...

NA - CNPq funcionava ali, né?

AP - Funcionava ali no quinto andar, sexto andar... Era pouca gente que tinha ali. Conselho, Frota... era por ali que funcionava. E lá estava também o ... o ... o filho, o Peluchio, o Peluchio...

NA - Lá aonde o sr. tá dizendo?

AP - Nessa reunião no PIDE.

NA - Ah, do PIDE!

AP - O Peluchio... o Peluchio também... eu, ele, me lembro dele falar: “Não, um programa desses pra dar certo tem que... durante uns 10 anos!”. Me agradou ver o Peluchio falar isso. E o Peluchio tinha recursos da Finep...

NA - Mas antes, só um pouquinho, isso que o Luiz Otávio está perguntando ao senhor: no CNPq, isso que eu tô dizendo, o sr. fazia parte do Comitê.

AP - Do Comitê Assessor de... de... pra julgar projeto.

NA - Quando começou isso? O sr. tem lembrança de quando foi chamado? Porque é o que eu tô dizendo, que o CNPq no início não tinha pesquisa básica. Pesquisa clínica e aplicada não tinha vez. Certo? Então como é que o sr. foi chamado? O sr. tem idéia? O seu currículo...

SK - Tá aqui. O sr. quer seu currículo?

AP - Se você não quiser... pára um pouquinho pra não gravar... *(pausa na gravação)*

NA - O sr. vai achar algum documento e vai lembrar. Depois o sr. nos passa. Tá? Então, nós estamos falando aqui da... sua participação, né?

AP - Bom. Havia... havia... eu me lembro que eu tinha já é... participado dessa, de reunião assim do Conselho de Pesquisa.

NA - Pra financiar projetos...?

AP - Projetos é...

NA - Nada de infraestrutura.

AP - Não, não era de infraestrutura.

.NA - Era só auxílio à pesquisa que eles chamavam. É isso?

AP - É, auxílio à pesquisa.

NA - Você podia ser bolsista... O que é que cobria?

AP - Eu tô querendo me lembrar mais o que disse como era auxílio à pesquisa. Bom. Também não tô me lembrando bem. Não tô recordando muito bem isso como era. Bom, de qualquer maneira o PIDE... Aí nós então, com esses órgãos que estão vendo aqui, resolveu-se o melhor lugar de ficar isso era entregue ao Conselho de Pesquisa. E...

SK - Os próprios cientistas resolveram isso.

AP - Os que estavam...

SK - Os participantes da reunião.

AP - ... nós do comitê. Achamos que era melhor.

NA - Por quê?

AP - Porque a gente achava que isso deveria ter duração e que deveria ser gerido. A Academia de Ciências, onde estava sendo feita a reunião, não tinha tradição pra ajudar, pra fazer isso assim. Então qual é o outro órgão que tem?

NA - A Finep também não ia aceitar.

AP - A Finep era: grandes programas. Nós funcionávamos na Finep!

NA - No prédio, né?

AP - Essa reunião funcionava no prédio da Finep ali na Praia do Flamengo.

SK - Porque a Finep era que repassava os recursos.

AP - Financiadora... isso é, ela funcionava ali na Praia do Flamengo. É...

NA - Até hoje.

AP - Com o irmão do... do Aristides Pacheco Leão como assessor, assessor técnico.

LO - Do Programa.

AP - Do Programa nosso, tinha um coordenador lá...

NA - Na Finep.

AP - Não, o que era...

SK - Um representante da Finep. Não é isso?

AP - Eu não sei se ele era representante da Finep. Era ele e uma mulher que conhecia muito_bem esse programa lá. Eu não me lembro do nome dela...

SK - Dalva pode ser?

AP - Não. Uma senhora muito dedicada, todo mundo tinha muita consideração com ela. Ela tinha de cabeça aqueles projetos. E aí montamos uma estrutura lá dessa maneira. Porque é... entregar, o projeto chegava, nós entregávamos um relatório, o relatório distribuindo assim por sorteio e depois na sessão

seguinte o relator relatava por escrito, dava a opinião dele, nós aprovávamos ou não aprovávamos e então entregava o recurso pra ele.

SK - E os recursos vinham... quer dizer, a ...

AP - Os recursos entregavam ao pesquisador.

SK - Sim, mas eles eram, a Finep repassava esses recursos ao CNPq e vocês, quer dizer, os recursos... O sr. falou, né, que se criou um grupo coordenador...

AP - Um grupo especial.

SK - Né? Vamos dizer assim que o sr. coordenou, esse grupo.

AP - É. Coordenamos. Coordenamos.

SK - Quer dizer, os recursos chegavam a esse grupo e aí vocês, como é que vocês distribuíam isso?

AP - Nós sabíamos que tinha recursos. Então nós combinávamos: “Nós temos que fazer... ter um tanto pra... pra o comitê assessor, pra fazer reuniões e um tanto para auxiliar os projetos.”

NA - Agora, esse recurso foi determinado em que teto? Quem determinava o teto?

AP - A quantia? Foi posta uma quantia que eu não me lembro no momento.

NA - Não foram vocês, não foram vocês quem determinavam a quantia, o dinheiro.

AP - Mais ou menos. Nós determinávamos quanto é que nós queríamos, quanto é que precisava...

NA - Ah, é?! Falava pro Peluchio: “Olha, nós queremos tanto.”

AP - Falamos que precisamos de uma importância de tanto, foi posta essa importância.

NA - Eu já ouvi falar, alguém me contou que foi assim: vocês propuseram uma quantia: “Ah, uns vinte e tal...” e aí o Peluchio: “Não, só isso não! Vamos dobrar!” Não tem uma coisa assim? Não teve? O sr. não lembra?

AP - O Peluchio era um homem...

NA - De muita força!

AP - ...Não, era um homem muito é... cabeça muito aberta. Ele não...

NA - A idéia que vocês tinham é que tinham pedido por baixo, podiam pedir muito mais.

AP - Não, a gente pediu um recurso, eu me lembro, conversou com ele... ficou a importância estabelecida. Não me lembro assim, agora não me lembro bem.

SK - Mas era um volume bom de recurso.

AP - Eu tenho isso tudo...

NA - Sei, o valor... Tá.

AP - Eu tenho isso tudo. Nós chegamos a fazer... inclusive eu tenho um ... uma história de como começou isso e... e as quantias que foram dadas. E eu não posso agora...

NA - Sei! Não tem importância...

AP - ...dizer quanto é que dava pra um projeto... Nada disso eu lembro de cabeça...

NA - Não tem importância. Depois a gente vê.

LO - Como que a comunidade recebeu, assim de um modo geral?

AP - Bom, aí tem aquela história: “Como é que nós vamos entrar em contato assim?” Então a gente: “Não, vamos fazer o seguinte: vamos fazer edital?” “Não, não vamos fazer edital. Vamos é... oficial pra direção de escola... pra... organismos e para as pessoas que você sabe que têm interesse nisso e que eles podem apresentar projeto.” Isso foi encaminhado assim dessa maneira.

LO - Não teve nenhuma mobilização da... da comunidade, da Sociedade Científica, do SBPC... pra discutir.

AP - Não, não, não! Nem se conversou! Nada! Nem dessa SBPC... Sociedade Brasileira. Não! Isso funcionou inteiramente é... comunicando às pessoas e fazendo fichas, direção, escolas, entidades, comunicando que havia possibilidade de auxílio pra pesquisa.

SK - Quer dizer vocês buscavam as instituições que eram mais importantes...

AP - Falou-se no início... No fim não!

SK - Claro. Aí a coisa foi ficando conhecida.

AP - Foi ficando conhecida. Mas no início fez-se isso, comunicou-se assim.

NA - E era só esquistossomose e chagas.

AP - No início era só esquistossomose e chagas. No início, no início, só se começava esquistossomose, né? Depois eu me lembro que depois de uma ou duas reuniões, disse: “Olha, vamos também colocar chagas, são os dois problemas mais importantes.” E aí colocou-se chagas. E ficou assim, eu acho que durante um projeto, um ano... um projeto... Um ano não. Aquela verba era dada parece que pra dois anos.

SK - Era bienal.

AP - É. E aí daquele primeiro funcionou só assim. Incluímos malária e leishmaniose. Que tinha pouco... muito pouco... Ah, Marcelo também! Marcelo Coelho Vasconcelos. Fazia parte.

NA - Hum. Tava lá. Do comitê.

AP - É. Marcelo Coelho Vasconcelos.

NA - Agora me diga uma coisa...

AP - Que tinha sido reitor da Universidade de Minas Gerais.

NA - Agora me diga uma coisa: vocês chegaram a conversar assim, “Olha, vamos contemplar os projetos... – claro, imagino que mérito procurar um critério, né? – mas vamos contemplar os projetos que tenham uma certa linha de estudos.” Havia alguma prioridade de vocês?

AP - Houve. Houve duas coisas, nós combinamos também fazer auxílio institucional. E saiu, eu creio que um auxílio institucional só, aqui pra Uberaba! Eles fizeram um projeto e nós demos um auxílio aqui institucional. Depois não funcionou isso mais. Era um auxílio que não era é... não tinha destino assim de você dizer: “É para esse projeto de pesquisa”. Era auxílio para instituição. E aqui pode-se ver quando saiu esse auxílio aqui. Eles fizeram um projeto e deram um auxílio aqui embaixo. Foi a primeira coisa... auxílio que eles receberam aqui! Se você olhar ali embaixo deve ter uma placa com meu nome, ali na época... (*risos*)

SK - Quer dizer, o tal auxílio...

NA - Ele tá dizendo que tem uma placa com o nome dele exatamente porque o dinheiro veio pra cá! (*ri*)

AP - Eles acharam...

NA - Que o sr. ...

AP - ...posso ter. Mas não era. O projeto era bom. Mas – só um pouquinho Simone – mas assim, e do ponto de vista da pesquisa mesmo? Do conhecimento?

SK - Deixa eu só pegar essa informação, essa coisa que ele falou do auxílio institucional. Porque era, você tinha auxílio aos pesquisadores individualmente ou...

AP - À pesquisa. Não, auxílio à pesquisa.

SK - ...à instituição?

AP - Não. Auxílio à... Não, não era instituição.

SK - Isso que eu tô... Porque o sr. falou assim...

AP - Era à pesquisa.

SK - Mas eu digo assim, o projeto era feito em nome... o pesquisador encaminhava o projeto...

AP - Era o pesquisador. Só o pesquisador. É.

SK - ...ou era um grupo... isso que eu tô querendo.

AP - Não. Não. Era o pesquisador.

SK - Quer dizer, claro, tinha um grupo por trás, mas...

AP - Agora, agora... eles chamavam de integrado porque você... eu sempre entendi esse integrado dele porque era a básica aplicada, etc. então... e também tinha várias doenças, então por isso que eu achava que ele era um programa integrado. Mas nós não definíamos o assunto que queríamos que pesquisasse não.

SK - Isso que eu tava lhe perguntando.

AP - Não. Com exceção...

SK - De quê?

AP - De... quatro... com a sessão de três ou quatro assuntos parece. Três assuntos. Eu me lembro muito bem que eu conversei um dia, falei: Olha, esse programa... nós temos é... ao lado disso, nós temos que seguir esses recursos e o PIDE, o PIDE dava recurso aos pesquisadores e investia um pouco também no que nós chamávamos de 'grupo emergente'. O grupo emergente quando tinha pessoas num lugar que não era, não tinha uma tradição, mas que a gente via que poderia dali se formar um grupo, nós dávamos auxílio mesmo sem uma garantia do retorno científico seguro, mas porque era um grupo que nós achávamos que era um grupo emergente. Isso era uma coisa que fazíamos. Mas outra coisa que fazíamos, nós... – eu me lembro muito bem - ...nós vamos fazer o seguinte, se nós é... esse programa não der muito certo, nós vamos ter alguns programas nossos aqui. Esse programa nosso nós fazemos. Quais forma os programas nossos? O programa nosso foi... o Inquérito Nacional de Chagas, o Inquérito Triatomínico Nacional e a Bibliografia Brasileira sobre a doença de chagas. Então esses três. Eu tava querendo lembrar...

SK - Tá aí atrás do sr. ... Não é?

AP - Eu estava querendo lembrar... ... Bibliografia Brasileira. CNPq. Ele saiu com o auxílio do CNPq.

SK - Publicado pela UNB, não é?

AP - É. Ele saiu com auxílio do CNPq. *(procura nas páginas de um livro e começa a ler a introdução da Bibliografia Brasileira sobre a Doença de chagas)* Apresentação: “Em uma reunião do comitê assessor do programa Integrado de doenças endêmicas do Cnpq, PIDE, foi carecida a necessidade de se editar nova e mais ampla bibliografia brasileira sobre a doença de chagas. Entramos em contato com a professora Eurídice, há anos dedicada ao levantamento bibliográfico das nossas grandes endemias e daí

surgiu a presente publicação”. Isso foi encomendado. Nós demos recurso a ela pra fazer, entendeu? Tá aqui dito inclusive... como nasceu, essa bibliografia. Bom...

SK - O sr. tinha falado quatro. Eram três ou quatro...

AP - Pois é, a outra eu vacilei. Eu não tenho certeza. A outra foi essa aqui.

SK - Ah foi a coletânea! Coletânea de trabalhos do Carlos Chagas.

AP - Eu não me lembro se esse... se esse foi... eu acho que não. Foi o auxílio só. Só o auxílio.

SK - Foi só o auxílio.

AP - “Desejando homenagear Carlos Chagas por ocasião do centenário do seu nascimento, a Biblioteca de Brasília, com o auxílio do Conselho, resolveu reimprimir”. Mas esse conselho aqui foi o PIDE, viu? Foi o conselho, mas foi... foi alguma ajuda que saiu...

SK - Quer dizer, o sr. tá dizendo que à exceção desses projetos...

AP - Bom. Esse... Aí vamos ver como é que saiu esse projeto. Aí como é que nós vamos fazer esse projeto de inquérito nacional sobre esquistossomose? Então...

SK - Chagas, né?

AP - Chagas. Aí nós resolvemos que nós iríamos fazer isso... nós resolvemos isso lá, vamos fazer isso e o dr. Camargo pode fazer as reações sorológicas.

SK - Mário, né? Mário Camargo.

AP - Mário Camargo. De São Paulo.

NA - Era o primeiro do Brasil?

AP - Primeiro inquérito nacional sim! Nós só tínhamos inquérito nacional Barca e Pelón sobre doença de, sobre ...

SK - Barca?

AP - Barca e Pelón fez o inquérito Nacional sobre... ovos de *schistosoma* e outros vermes. Tá certo. Só tinha esse inquérito nacional. E esse agora era o inquérito nacional. Aí resolveu-se que o Camargo iria fazer as reações sorológicas. Entramos em contato com o Camargo. O Camargo realmente viu o papel que era bom, que era o papel whatman nº 3. Conseguiu uma...

SK - O que é que é isso que o sr. falou?

AP - Era uma marca de papel. Porque não era qualquer papel de filtro que servia pra absorver o sangue e depois pra fazer a ilusão, nem todos serviam. Então...

SK - Como era o nome do papel?

AP - Whatman: W – A -... W – H – A – T – M – A – N. Do Whatman ele diz que era o nº 3 que era bom pra isso e tal. E... olhamos direitinho e também qual era a reação sorológica e o Camargo optou pela imunofluorescência. Achou que era o teste melhor que nós podíamos fazer isso em grande escala. Fez, pensamos em colher o soro, não sei quê... Depois trouxe pra esse papel do filtro. E também uma maneira de poder proteger, nós víamos quantos dias podíamos ficar... Tinha que proteger num papelzinho, pra não deixar um papel grudar no outro e tal... é um bloquinho que você tinha de papel celofane, um separava do outro. Bom, e pra colher, nós achamos que a única quantidade que podia colher isso era a Fundação Nacional de Saúde. E aí procuramos a Fundação Nacional de Saúde em nome do... do Conselho Nacional, do PIDE, e eu falei com o Ernani Mota sobre a necessidade de fazer inquérito nacional. Que isso era muito importante. E que nós podíamos inclusive dar algum recurso. O Conselho de Pesquisa ajudava o Ministério com algum recurso. Bom, o Ernani gostou muito da idéia. O Ernani era um executivo entusiasmado. Começou isso e depois não deu mais... nenhuma resposta, nenhum contato mais com o CNPq. O Ernani tomou isso como um programa do próprio Ministério da Saúde, o que o CNPq, o que o PIDE não... não se molestou com isso porque o PIDE queria que fosse feito o programa, funcionava como catalizador. E o Minis... e ele pegou o Antônio Carlos da Silveira que era homem também muito dinâmico e o Antônio Carlos conduziu isso por determinação dele e isso foi um projeto que ficou quase, que sumiu no PIDE nesse... nesse andamento das coisas...

NA - Não reconheceram crédito ao PIDE.

AP - Não falou-se mais nisso, ficou esse inquérito assim! Mas quando saiu a publicação, apareceu o ... o Camargo, o Guilherme e o Antônio Carlos da Silveira.

SK - O Guilherme Rodrigues da Silva?

AP - Guilherme porque o Guilherme é que tratava os dados. O tratamento dos dados foi com o Guilherme Rodrigues da Silva.

SK - Em que ano foi feito esse inquérito, Dr. Aluizio?

AP - Esse inquérito...

SK - Foi logo no começo, foi... foi... primeira metade dos anos 70 ainda, não foi? ... 70 e...

AP - Esse inquérito foi feito... (*pausa na gravação*). Então, eu não tenho aqui a data certinha, mas esse trabalho foi publicado...

SK - Os dados do inquérito foram publicados.

AP - Foram. Os dados do inquérito foram publicados. Foram publicados na revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Esses dados foram publicados, o do inquérito nacional, os dados triatomínicos também foram publicados.

SK - Foi concomitante?

AP - Foi concomitante. O ... o inquérito sorológico nós chegamos a transferir algum dinheiro. Mas o inquérito triatomínico, nós falamos com o Ministério e tal, e praticamente quase que o Ministério fez esse inquérito...

SK - Com recursos do Ministério.

AP - O próprio... o próprio, o inquérito nacional, o Ministério começou. Houve algum recurso.

SK - Algum recurso do PIDE, mas...

AP - Isso só! Mas depois...

SK - Depois o Ministério assumiu.

AP - Depois o Ministério começou a fazer, não tocou, não falou nisso mais com o PIDE. E nem pediu recurso e nem falou com...

SK - E vocês acompanharam esse...?

AP - Nós sabíamos que estava sendo feito. E o que nós queríamos era que fizesse.

SK - E isso foi feito a contento. Quer dizer, vocês... vocês...

AP - Foi feito a contento. Foi feito a contento.

SK - Ficaram satisfeitos com o encaminhamento.

AP - Nós ficamos muito contentes, foi posto isso sempre nos relatórios como realização do PIDE. Embora o Ministério não falasse mais em PIDE, mas nós sempre...

Fita 8 - Lado A

AP - ...que era bom de fazer o inquérito, nós daríamos uma parte do auxílio. O Ernani gostou, o Ernani era um executivo forte, o Ernani Mota.

NA - Eu ia lhe perguntar o seguinte: qual é a relação, o que é que o sr. acha dessa minha pergunta – entre a decisão do Ministério, qual é a relação entre a decisão do Ministério em assumir uma proposta que vem dos pesquisadores, né? Assumir isso como uma política do governo é... com as devidas pressões que o sr. soube muito bem fazer, né, como o sr. tava lendo no documento ali, é... dos riscos enfim que se tinha no país é... e os planos nacionais de desenvolvimento? Chamado... os chamados PNDs e...

AP - Nessa época se falava no PND...

NA - O que é sr. acha? Não tem nada a ver uma coisa com a outra?

AP - Não tava relacionado assim com isso. Eu tenho a impressão que o Ministério... Eu tinha boa relação com o Ernani também. Muito.

NA - Porque esse Plano Nacional de Desenvolvimento...

AP - O Ernani... tinha bom relacionamento com o Ernani...

NA - Era uma coisa mais pessoal sua com ele.

AP - Não. O Ernani, várias vezes eu tive contato assim com o Ernani e o Ernani sabia que eu não ia fazer uma proposta simples, que não fosse uma coisa que valesse a pena. E ele... logo ao ver a proposta, o Ernani era um homem vivo, ela sabia disso. Ele endossou na mesma hora.

NA - Que eu queria a ... Então deixa eu fazer a pergunta de outro jeito. É... o sr. acha que a questão, o PIDE na verdade é... e a questão da saúde pública e das doenças endêmicas eh... não tá relacionado, não estão relacionadas a essas propostas que vocês fizeram no PIDE e esses inquéritos que o Ministério assumiu com ah... não é uma prioridade na verdade, do governo militar, é? (*ruído*) O sr. acha... que a questão nuclear eu tenho a certeza que é, todo mundo sabe. Mas a questão da saúde pública era uma questão...

AP - Não, isso... Não! Eu tenho a impressão de que o militar, alguns militares...

NA - Do governo militar.

AP - ...O Figueiredo não era muito sensível. Depois eu lhe conto um episódio do Figueiredo com esses inquéritos da doença de chagas. Ele não era de início muito não. Mas o outro, o ... Geisel, por exemplo, o Geisel quis fazer alguma coisa. Tanto que ele, eu não creio que... o Almeida Machado quando fez o Programa Nacional de Controle de Esquistossomose encontrou amplo apoio do Geisel. Amplo apoio do Geisel!

NA - E nessa época que vocês propuseram o PIDE? É antes.

AP - O que é que tem?

NA - Não tem nada a ver com o governo isso que eu estou lhe perguntando. O governo dá, confere alguma importância...? Essa decisão do Ministério é uma decisão isolada ou que o sr. conhece a pessoa, o Henrique, ou porque isso...

AP - Não! Programa de controle de doença chagas, sempre se falava que a gente tinha que mexer mais com doença de chagas... a comunidade mencionava isso... Sabia-se que era um programa que devia ter que ser dado alguma...

NA - Um crédito.

AP - Enquanto se conversou com... É... um tempo, algum tempo depois, o Geisel, presidente Geisel, fez uma visita ao Conselho Nacional de Pesquisa. E nessa visita ao Conselho Nacional de Pesquisa, o

Conselho Nacional de Pesquisa elegeu dois programas pra apresentar ao presidente. Um programa foi energia é... programa espacial... Outro foi o PIDE. O outro foi o PIDE. Então eu apresentei o programa pra ele é... parece que 20 minutos, 20 minutos que tinha pra apresentar e eu fiz essa apresentação pro presidente. Alguém fez a apresentação do... o Conselho escolheu o PIDE. E eu falei para o presidente. Portanto, eles deviam ter achado, não só o Conselho, mas ele também deve ter achado que era um programa de interesse senão ele não ia querer fazer, né? E até me lembro ainda que nessa ocasião que eu fui ao Dion, e falei com o Dion.

NA - Teles. Dion Teles.

AP - E falei com o Dion: “Olha Dion, eu vou fazer uma apresentação do presidente. Agora, eu quero falar uma coisa: o presidente pode fazer pergunta e o presidente pode me fazer uma pergunta que é o seguinte: o que eu acho desse programa de controle da esquistossomose que ele implementou. Se ele me fizer no programa uma pergunta dessa eu vou dizer a ele que não era favorável e que acho que o programa não foi bem lançado. Se você achar que é melhor outra pessoa fazer a apresentação, você não se incomode, você ponha outra pessoa pra apresentar no meu lugar. Porque se ele me perguntar eu falarei isso.” O Dion me falou o seguinte: “Não. Você fala o que você quiser.” As pessoas são boas, às vezes a gente pensa que não falam, mas... “...você fala o que você quiser. Você não vai provocar. Eu espero que você não vá puxar isso não.” Eu disse: “Não. Eu não vou buscar nisso, se ele não falar nada, eu não vou mexer nisso!”

LO - E ele perguntou?

AP - Não. Ele só ouviu e não fez pergunta nenhuma.

NA - É. Também não tinha interesse em entender.

AP - É. Mas eu tive muito boa impressão dele. Quando nós ficamos conversando depois, a impressão que eu tinha dele era um homem afável, um homem bom de trato... um homem que você pode conversar com ele... Eu tive essa impressão dele, muito favorável a ele, na reunião que se fez de umas vinte pessoas com ele, na roda.

NA - Pra falar sobre que assunto?

AP - ...Conversando com ele! Ele almoçou conosco e nós fizemos uma roda conversando com ele. Eu me lembro de ele falar sobre São Paulo, dizendo que todas as pessoas achavam que ele não sei o quê... que ele tinha feito qualquer coisa... Que ele não era contra São Paulo! Como é que ele ia ser contra São Paulo?! “Um presidente não pode ser contra São Paulo! São Paulo é... – ele falando - ... é o estado mais importante do país! São Paulo é a segunda economia na América Latina. Depois do Brasil, em conjunto, é São Paulo! É mais forte do que a Argentina!” Ele falando. Eu ouvi ele falando isso. “Então como é que nós vamos ser contra?! Agora, o que eu tenho que fazer – ele falando – é redistribuir. Não posso deixar concentrar.” Ele falando com um interlocutor de São Paulo, um ou dois estavam nessa hora. Depois lembro de ele falar sobre a imprensa, dele falando que a imprensa... o jornal cuidava dele o jornal, do interesse dele. Que muitas vezes não era interesse do país. Veja por exemplo... – ele falando: “Veja por exemplo, eu assinei ontem não sei... isso é extremamente importante para o Brasil! Mas o jornal não se preocupou com isso, ele deu a notícia de que um cachorro mordeu não sei quem...” isso

ele põe na primeira página aquilo. Então a imprensa, o dono do jornal, cuida dos interesses do jornal dele. Me lembro dele falando.

NA - Desculpe... (*pausa na gravação*) Só o que eu queria perguntar era isso. Essa relação entre a saúde e os governos.

AP - Olhe, veja só... veja só, ... havia em alguns governos... a gente tinha uma sensação desagradável, porque nós achávamos – principalmente na época do Delfin – que os economistas estavam muito... achando que a coisa era de dinheiro, se não desse certo que morresse não sei quantos, milhares... a gente ficava com essa impressão de que havia muita... muita é...

LO - Insensibilidade.

AP - ... muita insensibilidade para o que nós achávamos que deveria ser. Eu me lembro disso. Mas o presidente apoiou esse programa de que...

NA - E o Figueiredo que o sr. falou? O episódio com o Figueiredo.

AP - Houve é... Então nós já estamos lá na frente.

NA - Não... Vamos só um pouquinho. Depois a gente volta pra trás. Vamos falar desse primeiro.

AP - Pois é, vamos acabar o Figueiredo, mas não é... já tava lá.

NA - Não tem importância não, depois a gente volta.

AP - Quer que fale sobre o Figueiredo?

NA - É! Porque a gente tá falando sobre governo.

AP - O Figueiredo foi o seguinte: o Mário Augusto de Castro Lima foi para ministro da Saúde. O Mário Augusto de Castro Lima era muito chegado ao Antônio Carlos Magalhães. E o Antônio Carlos Magalhães me chamou na época, porque ele me conhecia da Bahia e falou: “Olha, eu quero que você esteja com o Mário, o Mário não está bem afeito... eu quero que você esteja com o Mário lá. Você faça as coisas e fale com o Mário, chegar a um ponto desses.” Mas de qualquer maneira ele, ministro, falou isso. E o ... o ... Mário é... eu tinha muita intimidade porque o Mário, eu fiz concurso na Bahia e o Mário torcia pra uma outra pessoa com quem eu fiz concurso. Mas ele era compadre do que chegou, o Rodolfo que chegou... Então havia um entendimento muito grande apesar disso. Logo que foi encaminhado pra ministro, ele chegou... – agora algumas coisas que vão interessar, vai puxar muito assunto – ele chegou em Brasília, me procurou imediatamente. “Eu quero e o governador Antônio Carlos também topou... “Eu quero que você faça parte do meu gabinete. Eu queria que você fosse o secretário geral.” Eu disse: “Não, Mário. Eu não vou mexer nisso porque eu tenho minha vida aqui.” Ele: “Não, então você vai, você fica como é... Endemias ou SUCAM... enfim, você...” Eu disse: “Não, Mário, eu não vou. Eu tô junto com você, eu estarei aqui, mas não vou.” “Não, mas eu quero que você faça parte de uma coisa. Então você vai fazer parte do Conselho Federal do... Conselho Nacional de Saúde. Você vai ser o vice-

presidente do Conselho Nacional de Saúde. Porque o presidente tem que ser eu, o ministro, eu vou lá te dar a posse e nunca mais apareço lá. Você vai tomar conta do Conselho Nacional da Saúde.” Então eu tomei conta do Conselho Nacional de Saúde no governo dele, no período dele. E... “Vo... mas eu quero que você faça parte. E quanto ao secretário e pedindo conselho às pessoas.” Eu disse: “Bom, você convida o secretário nacional o ... é... aquele professor de clínica médica que estava na Pan-americana... do Rio Grande do Sul, famoso... professor de clínica médica que tem lá. Vou lembrar o nome... Rubem Maciel! O ... provável, eu não sei se o Rubem Maciel... Ele: “Mas ele não vai aceitar!” Eu digo: ‘Olha, pode até não aceitar, mas você marca logo a sua intenção. Você vai convidar uma pessoa de primeira categoria.’ “Então tá certo. Telefona!” Telefonamos pro Rubem Maciel, o Rubem Maciel não pôde aceitar, mas delicadamente veio ao Rio só pra agradecer ao Mário que não podia ficar como secretário geral. Nessa ocasião... surgiu Manguinhos e ele: “Quem põe em Manguinhos.” Eu digo: “Põe o Coura. Vamos levar o Dr. Coura para diretor de Manguinhos.” E acertamos que era o Coura que ia ser diretor de Manguinhos. Acontece que é... aparece na Fundação lá o Guilardo. E através do Antônio Carlos com quem ele tinha ligação lá na Bahia e do Novis, o Guilardo é... o Antônio Carlos aí falou com o Mário sobre o Guilardo. E o Mário me falou: “Tem um Guilardo que o Antônio Carlos quer...” Eu: “Então você... se o Antônio Carlos tá querendo então você deixa o Guilardo como presidente e vai o Coura, então vamos colocar o Coura no cargo de diretor.” Foi assim que o Coura foi...

NA - Saiu da UFRJ e foi pra lá.

AP - Foi assim que o Coura... o Mário Castro Lima convidou o Coura. Bom, eu estava sempre no Ministério. Nessa noite o Mário organizou o gabinete. A primeira indicação que ele deu foi do presidente, do vice-presidente do Conselho Nacional de Saúde. Foi aí que eu vi que o Mário precisava publicar. Ele falou: “Não, eu quero publicar que você faz parte do gabinete.” Certamente pelo... pelo Antônio Carlos que deve ter falado com ele que devia ficar com ele, participando do gabinete no Ministério.

NA - Por que essa ligação com o Antônio Carlos?

AP - Porque o Antônio Carlos me conhecia da Bahia. O Antônio Carlos, o pai do Antônio Carlos, era conselheiro da Fundação Gonçalo Moniz. O ... o ... é... o Magalhães Neto. Que tinha sido deputado, um homem extremamente inteligente! Quando eu lhe falei hoje das pessoas inteligentes ali, uma delas é o Magalhães, eu lembrei dele, que era um homem dessa maneira. Magalhães Neto eu levava ele para as sessões, ele não tinha automóvel, eu passava lá pra pegar ele e levar para as sessões da Fundação e ele apoiava muito e era companheiro da congregação. Certamente falava muito com o filho a meu respeito. E o filho – mas olha só uma coisa – o filho falava comigo: “Olha, o dia que eu tiver alguma coisa você vai ser o primeiro a saber.”

NA - Ele disse pro sr.?

AP - Claro! E aí...

NA - o sr. tem uma relação próxima com o Antônio Carlos?

AP - Porque o Antônio Carlos é médico e era o professor da faculdade. E eu era professor catedrático da faculdade...

NA - E o sr. conheceu ele lá.

AP - E colega do pai dele. E ele vivia falando do pai dele. Então...

NA - Hum, hum. A sua relação com o Antônio Carlos veio nesse período.

AP - Vem daí dessa ocasião... Depois ele foi governador... ele sabia... eu tinha muito bom relacionamento com ele. Eu conheço ele. Então ele é uma pessoa muito eficiente, muito bem intencionada. Tive uma excelente impressão do Antônio Carlos.

NA - Hum, hum. Vamos voltar...

AP - Bom, agora... aí, mas a ... a outra parte do Figueiredo, vamos acabar essa então, foi o seguinte. O Mário ficou lá. E o Mário no gabinete... o Mário, o Mário também não era um homem... era um homem inteligente, mas tinha muita saudade da Bahia, tinha vontade de voltar pra Bahia. Era um homem que é... ficou uns tempos lá no gabinete e eu conversava muito com o Mário. E o Mário uma vez me chamou: “Olha, - ele era muito católico, religioso – o Golbery quer que eu institua o controle da natalidade. Ele quer que eu faça, que o ministro faça controle de natalidade. Quando tomava posse o ministro no governo militar, ele dava as instruções todas para o ministro, como é que devia fazer. Eu vi, parece que eles deram para fazer isso, fazer isso, fazer isso... as instruções todas como devia ser feito. Não tinha esse controle da natalidade! Mas aí é... apertou o Mário pra fazer o controle da natalidade. E o Mário até conversando comigo, eu disse: “Olha, Mário, você peça por escrito isso.” Mas ele... eu falei: “Ó Mário, ele quer que você faça o controle de natalidade, se não der certo é você que vai a igreja... – porque na época a igreja tinha uma influência muito grande sobre isso – e uma das outras coisas que se falou... E o Mário se desgastou, começou a se desgastar um pouco com essas coisas. Ele era muito religioso ele não quis fazer o que o Golbery tinha falado do controle da natalidade. E uma das coisas é... que nós começamos a falar com o Mário era da necessidade do controle da doença de Chagas. Fomos a uma comissão com o Mário. Brenner, eu acho que Coura e eu. Mas eu acho que esses três e falamos com o Mário: “Olha, temos que fazer o controle da doença de chagas. Você... Fizemos através do Joaquim, do Ministério. Joaquim que era, que substituiu o Ernani depois. Um custo de quanto custava o controle da doença de chagas. Fomos ao Mário para que o Mário falasse isso com o presidente. O Mário falou com o presidente. O presidente não quis fazer. O presidente Figueiredo. O presidente não quis fazer. Uma estimativa feita pelo grupo mostra que essa campanha realizada a nível nacional, exigiria um investimento inicial que não excederia 900 milhões.

NA - De cruzeiros.

AP - É. Com uma redução significativa – era pouca coisa – nos anos subsequentes. Voltamos ao Mário e eu me lembro bem que eu falei com o Mário, eu tinha intimidade com ele, “Mário, não adianta ficar ministro se você não consegue um apoio para doença.... com negócio de doença de chagas. Volta...” “Eu vou falar com ele.” Era uma terça-feira a reunião. O Mário foi e eu fui lá pra saber o que ele falou. O presidente falou comigo: “Eu já falei com o sr. que não, que não é pra fazer isso. Que não é pra tocar nisso.” Eu aí pensei cá comigo: “Vai sair do ministério. Para o presidente falar assim!” Uns dois ou três dias depois, o presidente saiu. O Mário saiu. Outro dia com o Mário na Bahia, toquei nisso, lembrei isso a ele. “Não, Prata, não foi por isso não. Foi por outros motivos que eu saí. Mas não foi por isso.” Mas eu fiquei com essa impressão de que isso pode ter influenciado.

NA - E aí o senhor saiu do Conselho Nacional da Saúde?

AP - Aí sim. O Mário saiu, eu saído Conselho e...

LO - Mas o sr. continuou nesse Conselho?

AP - Não, eu saí do Conselho.

AP - Sim...

NA - Não, aí ...

AP - Aí é outra conversa e tal, que nós fizemos uma avaliação de antes que ela pediu...

NA - Só por causa do governo. Vamos voltar pro governo. *(falam ao mesmo tempo)*

AP - Foi *(inaudível)*, foi o Coura... foi uma porção de coisa.

SK - Vamos voltar um pouquinho, retomar àquele... ao que a gente tava conversando sobre o PIDE, Dr. Aluízio. A Nara tinha perguntado ao sr., eu queria continuar um pouco nessa linha. Quer dizer, quais eram... o sr. falou do mérito que, obviamente, é um critério fundamental pra aprovação dos projetos...

AP - Aprovação! Isso eu posso lhe dizer...

SK - Mas eu digo o seguinte... Deixa eu só fazer...

AP - Não, aprovação nós fizemos uma norma de como aprovar o projeto...

SK - Sim. Aí eu ia...

AP - ...Uma coisa que nós valorizávamos muito era quem pediu. Porque nós achávamos que um pesquisador bem qualificado já era meio caminho andado. Quer dizer, se o pesquisador você sabe que está publicando que tem condições de fazer um projeto, solicita o projeto, o mérito é do pesquisador. Então o nosso tinha sempre, você dizia como era o pesquisador. Se estava publicando, se tinha mérito e tal. Outra coisa era a importância científica do projeto.

SK - E como é que vocês avaliavam essa importância?

AP - Se avaliava a importância sabendo se a contribuição científica era importante!

SK - Não, deixa eu...

AP - Se a resposta que ele ia dar, era uma resposta que valia a pena pagar aquele dinheiro para se obter aquela resposta.

SK - Independente de ser é... um projeto...

AP - Básico ou aplicado.

SK - ...de natureza básica ou aplicada?

AP - Ou aplicado. Bom, eu vou chegar aonde você tá querendo. E havia um outro, uma outra coisa, mas que não era mais importante qual era a importância social que teria aí. Havia... Mas não era predominava. Também se poderia dizer: “Olha, mas isso é um projeto tem muita importância, você vai salvar vida? Tá bem, então...”

SK - Sim, mas...

AP - Mas você olhava o pesquisador. “Quem é que você vai empregar isso?” “Fulano.” “Quem é Fulano?” “Olha, Fulano tá o currículo aqui. Até publicou isso, publiquei...” “Então isso é como um banco.

SK - Qualificação acadêmica.

AP - Acadêmica não, científica.

SK - Científica!

AP - É como um banco, você vai emprestar dinheiro ao indivíduo, você empresta a quem tem dinheiro, não é a quem tá precisando de dinheiro não. Você empresta a quem tem dinheiro. Porque quem, o banco vive de receber o lucro de volta.

NA - Quem não tem...

AP - Não tem, não adianta você pagar. A pesquisa, a organização de pesquisa, vive de informações importantes científicas. Se você não tem condições de dar um retorno daquela informação científica, não pode botar muito dinheiro na mão porque não vai ter essa informação. O que nós queríamos era... o pagamento nosso era uma boa informação científica e publicada. Num jornal de importância e etc, né? Então, quem é que tá pedindo, qual é o valor da contribuição da hipótese trabalho, da contribuição científica do que o indivíduo pretende, o que ele pretende vale a pena esse custo? A informação que ele vai me dar, o que ele está pedindo de dinheiro tem proporção? Isso quer dizer, você acha que vale a pena comprar essa informação por esse preço que ele vai dar? E tinha também esse aspecto da... Bom, o programa que ele escolher vai ser muito importante... E tinha também este também do grupo emergente.

SK - De valorizar os grupos emergentes...

AP - É você às vezes... tinha sempre um crédito a esses grupos. Esse pessoal de Alagoas, do Rio Grande do Norte... realmente, olha, Fulano fez tal coisa... Não tinha quase mestrado. Tava começando o mestrado e doutorado. Mas nós é... estávamos já percebendo que muitas dessas áreas estavam sendo usadas pra fazer teses... Mas você via se tinha condição científica.

SK - Agora, o sr. falou a respeito dessa questão do básico aplicado. O que é que aparecia mais pra vocês de projeto...?

AP - Eu tenho... nós não olhávamos isso. Mas eu tenho essa... essa...

LO - Estatística.

AP - ...Essa estatística.

SK - Mas quer dizer, não importava se fosse básico ou aplicado.

AP - Não. Não. Nós...

SK - Porque a gente é...

AP - Nós queríamos que fosse bom.

SK - Porque... porque eu vi, quer dizer, a gente teve acesso a alguns dados, a uma série de coisas do CNPq que mencionam o PIDE... quer dizer, a própria classificação dos projetos em cada área temática, né, era feito em pesquisa básica, pesquisa aplicada. Quer dizer, existia uma classificação.

AP - Nós sabíamos o que era básico.... É. Mas isso não pesava em nada.

SK - Isso, quer dizer, vocês direcionavam...

AP - Não, não! Nunca eu me lembro de ter falado: “Estamos aplicando muito em básica.” Não. Era o projeto, você analisava o projeto cientificamente. É um projeto importante, entendeu, você...

SK - E vocês tiveram muita demanda? ... Como é que foi a demanda?

AP - O problema é o seguinte: nós temos... – hoje eu não sei – mas nós tínhamos muito poucas condições de absorver recursos. E eu... a minha experiência no país é essa, que nós temos... meia dúzia de... você tapa a boca de todos esses cidadãos. Não tem demanda pra gastar muito dinheiro com isso.

SK - Por quê? Dr. Aluizio.

AP - Porque você precisa de uma comunidade grande demais e não dá pra você. Então, agora por exemplo, eu ouvi a FAPESP dizer: “Olha, todo projeto em São Paulo é aprovado.”

NA - É isso mesmo.

AP - Eu vi num... Todo projeto é aprovado. Não tem falta de aprovação por recursos. Então é meia dúzia de recursos. Então o PIDE nós olhamos isso, eu me lembro, eu tive essa experiência. Quer dizer, não tinha nenhum projeto que deixasse de ser aprovado.

NA - Tinha mais recurso do que demanda.

AP - Projetos bons.

SK - Claro.

NA - Tinha mais recurso do que demanda?

AP - Exatamente. Então ele já tinha essa experiência da Fundação Gonçalo Moniz. Eu era diretor da Fundação Gonçalo Moniz e tinha sempre pesquisadores: “Não faço porque não tem recursos...” Um dia o Juraci me conseguiu uns bônus pra Fundação. Eu cheguei na Fundação (*bate na mesa*): “Façam o pedido!”

SK - Tá aqui o dinheiro.

AP - “Tem dinheiro aqui!” Olha, o que sumiu, o que não se fala nisso mais! (*risos*) não tem mais essa conversa! E eu vi que sobrou dinheiro. Então, projeto bom, não tem condições de fazer muito. Por exemplo, eu tenho aqui uma estrutura minha, por isso que eu não reclamo disso. Se me atende um ou dois ou três projetos, o que mais eu vou fazer?! Eu vou fazer outro? Como? Se quer relatório, você quer publicação em revista, você quer...

LO - Participação em congresso.

AP - ...em congresso... Como é que eu vou... não vou pedir mais. Eu vou engasgar, eu não tenho jeito de pedir mais recurso! Vai me criar problema! Porque amanhã você não entrega o dinheiro e esquece. Você vai querer que eu...

NA - Relatório, né?

LO - Deixa eu lhe fazer uma pergunta: não houve nenhum projeto que tenha sido recusado por mérito, com qualidade? O sr. tava dizendo que a demanda era menor do que a oferta de recursos e, portanto, em tese, todo bom projeto era acolhido.

AP - Era.

LO - Não houve nenhum projeto que: “Não, esse aqui realmente mesmo levando em conta tudo isso, esse não dá!”

AP - Não dá por quê? Porque não gostamos do sujeito...

LO - Não. Porque ele é ruim cientificamente falando.

AP - Ah, não! Isso foi.

LO - Foram.

AP - Foram.

SK - Não, porque o que o Luís tá colocando é o seguinte:...

NA - E essa questão pessoal?

SK - ...o sr. falou que no início...

AP - Olha, isso...não creio que tivesse não. Da minha parte, como coordenador você pode estar absolutamente certa que eu não...

NA - Sim. Disputas...

AP - Não. Você... é como até hoje eu percebo isso. Eu sou aqui o editor da revista. Eu mando um trabalho pra uma pessoa. Pela maneira de ele responder ali eu vejo que ele não gosta do outro. Entendeu? Então você procura mandar pra um outro... você procura não fazer isso. Então lá no PIDE as pessoas que estavam lá não eram pessoas assim. Era: o Brenner, era... era o Marcelo, era o Oliveira Lima, era o Firmino... Tem sempre um que gosta mais de um, do que gosta de outro, você percebe. Então contrabalançava muito. Você...

NA - Mas tinha a instituição também, né, dr.?

AP - Tinha muito disso: “Você vai botar tanto na mão do fulano?...”

NA - É exatamente.

AP - ...Não vai dar pra fazer isso! Olha, ele não tem publicação, tem pouca!” “Não, mas olha, então vamos...” Você sempre... tinha muito disso, viu?

NA - Tinha uma discussão de vocês sobre a com...

AP - Muito!

NA - Sobre a competição também que existe, né?

AP - Muito, muito! Eu... Por exemplo, era sorteado. Era sorteado. Eu é que fazia isso!

NA - Sorteio.

AP - Eu sorteava. Eu pegava um monte de projeto e fazia assim ó...

SK - Distribuía entre os membros da...

AP - É. Acontecia muito que logo depois que eu fazia essa distribuição, o sujeito falava: “Olha, esse aqui eu não tô bom pra julgar isso...! Troca aqui pra mim.” Outro dizia: “Então fica com esse aqui, me dá esse. É sobre fenomenologia, então eu tô melhor do que você.” Havia muita troca assim. Eu digo: Olha, eu também prefiro não mexer com esse pessoal aqui não... Eu já tenho uma certa... Julga isso pra lá, dá pra um outro!” Então havia muito disso assim na distribuição do projeto, entendeu? Feito isso, cada um ia com o seu... Geralmente nós ficávamos lá dois ou três dias, nós ficávamos muito lá, cada um numa sala, numa coisa...

SK - Avaliando.

AP - ...avaliando lá. Pra não levar pra casa. Porque às vezes quando levava pra casa, o sujeito não trazia. Então a gente julgava ali mesmo. Então ficava um dia, dois dias, só lendo... fazendo o seu parecer. Depois a sessão conjunta. Aí você lia o seu... como é que tá...?

NA - O seu parecer.

AP - ... “Mas quanto é que você acha que deve dar?” “Não, realmente eu tô achando que é muito isso aqui. O que ele tá pedindo eu acho que não justifica.” “Então quanto é que você acha?” “Não, eu acho tanto.” “Tanto? Então tá aprovado.”

SK - Vocês recusavam... recusavam...

AP - “Passa pra outro troço.” Passa pro outro, passa pro outro... cada um ia relatando o seu, entendeu?

SK - É que o que o Luís perguntou, quer dizer, no começo... como é que era, tinha muito projeto que era recusado?

AP - Recusado. Tinha coisas recusada pelo custo. Tinha projeto que era recusado...

SK - Porque não era bom!

AP - ...porque não era bom... Quer dizer, então você procurava dizer ao sujeito que aquilo que aquele aspecto não era... que aquilo que ele estava propondo não era exequível... Isso se deteriorou.

SK - Agora deixa eu fazer uma outra pergunta. Quer dizer, o sr. falou que então que não havia, digamos assim, é... prioridade no sentido de qual... o projeto tinha que ser bom...

AP - Tinha que ser bom.

SK - ...eles avaliavam a importância, enfim... Como é que isso era visto pelo CNPq ou pela Finep? Quer dizer, eles tinham uma expectativa de que vocês priorizassem algumas áreas ou priorizassem a questão mais aplicada? Quer dizer, como é que era essa relação?

AP - Esse projeto quando começou a funcionar, começou a funcionar sem ninguém se preocupar com ele. Como ele se tornou um projeto vitorioso...

SK - Sem ninguém que o sr. tá falando, sem ninguém da agência, digamos assim.

AP - Sem ninguém... Depois num certo ponto esse projeto foi, começou a ser motivo de... de...

SK - De todo mundo ficar de olho, né?

AP - ...Primeiro vieram as queixas de que o projeto era é... só distribuía pra coisa. Mas aí...

SK - Só distribuía pra quê?

AP - Só distribuía pra meia dúzia de pessoas. Mas aí era fácil você ver que não era porque você via a quantidade de gente que recebia recurso. Então não era... não era ...dessa maneira, não é? Segundo que devia de se dar pra outras áreas: amebíase por exemplo. Aí você ia... também havia a estatística, dizia: “Olha, a verba que nós destacamos aqui...” Aí você fazia de um modo geral, dava uma porcentagem, você fazia, olhava e dizia: Olha, pra malária não gasta nada. Não têm gente pesquisando malária na época!” Então sobrou esse dinheiro da malária, você tem que deslocar pra outra coisa. Então você vê que não adiantava colocar outra doença que não tinha demanda de pesquisadores pra aquela doença. Bom. E começaram a haver também problemas, dentro do CNPq. O Dr. É... – isso é opinião minha, que eu tenho que dizer pra vocês o que eu penso, pode até não ser... – mas o Dr. Linaldo, que era o presidente do Conselho de Pesquisa...

NA - Cavalcanti.

AP - ...Cavalcanti. ...um dia, nós íamos lá e obtínhamos recurso. Recurso de... Íamos direto ao gabinete do Ministro da Fazenda e obtínhamos recurso. Eu o Brener, eu, o Coura...

Fita 8 - Lado B

AP - ...no final já tava sem recurso. E nós fomos... e não tinha recurso no Conselho. Falamos com ele uma vez...

SK - Que época era isso, era anos 80 já?

AP - No final do projeto. Já tinha...

NA - Final de 74... 75...

AP - Não. No final do projeto, já no fim, foi o que acabou com o PIDE, como ele era. Aí fomos ao Linaldo e...: “Não tem recurso. O Ministro não tem recurso.” “Mas...!” “Não tem, não tem.” “Diretor, o sr. ficaria... acha que nós podemos tentar esse recurso? O sr. acha que eu falando com ele juntamente com... não sei se o Brenner” – Agora não me lembro quem tava comigo. – falar, o sr. se importa se nós formos atrás desses recursos? Prejudica a sua, o seu programa se nós formos arrancar esse recurso lá?”, falei pra ele, “Não, pode ir!” Mas ele nunca pensou que o dinheiro ia sair. Então, penso eu, porque pela reação que ele teve, eu soube de pessoas lá de dentro depois, que ele achou muito ruim quando nós fomos ao PIDE e falamos que era um programa e que (*tosse ao fundo*) pedimos...

SK - Foram direto ao ministro.

AP - Íamos ao... era o Delfin, íamos ao assistente do Delfin. Era um até que fazia parte do Conselho lá da Fiocruz e coisa... tinha um desses que até fez parte do Conselho da Fiocruz. Frederico!...

NA - Que era...

AP - Se chamava Frederico. Trabalhava no gabinete do Delfin. Foi com ele... ele era assessor!

NA - Tá ali naquele quadro?

AP - Não. Ele entrou pouco tempo depois. Ele entrou ali, olha.

NA - Deve ter sido o quê? 84, por aí?

AP - Por aí assim. O Chagas é que o levou...

NA - Chagas Filho.

AP - ...com o Guilardo e tal. E nós fomos a ele, falamos do programa, arranjamos o dinheiro e o programa saiu. Soube que o Guilardo achou ruim...

NA - O Guilardo não, Linaldo!

AP - O Linaldo... Quê?

NA - Quicou. (*ri*)

AP - Já soube disso, né? (*ri*) Soube que o Linaldo ficou aborrecido, na época me falaram. Acontece o seguinte: um deles – eu sou amigo, não tem problema, mas vou falar também – um deles foi o Amato que tinha um bom relacionamento com...

NA - Amato Neto.

AP - O Amato Neto tinha um bom relacionamento com o Delfin lá em São Paulo, não sei o que... e o Amato, aparentemente teria também intervindo lá pra o PIDE, pra mexer no PIDE, pra alterar o PIDE... E... e também o Frederico Simões Barbosa, que nessa época tava muito magoado com lutas lá da Universidade de Brasília...

NA - Com quem?!

AP - Com brigas na Universidade de Brasília...

NA - Ah, brigas!

AP - ...porque embora o Frederico estivesse na Universidade de Brasília, fui eu que trouxe também de Genebra, fui lá e trouxe ele de Genebra pra UNB... Mas o Frederico se desgastou muito com o reitor. Porque o Frederico participava de... ele era muito contra o ... no final, no início não.

NA - Azevedo?

AP - É. No final ele era contra. E o Frederico ficou aborrecido porque talvez... eu gostava muito do Azevedo, achava o Azevedo boa pessoa. E... o Frederico apertou muito com o Azevedo. E o Frederico ressentiu um pouco eu não ter tomado uma ... um apoio... ter apoiado ele, Frederico. Mas eu não... não tomei. E o Frederico trouxe esse assunto pra sessão da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, com uma moção contra o Azevedo numa sessão plenária e eu levantei, fui o único, e o Coura, os dois juntos

que não apoiaram aquela moção. E mandou a moção... ele sabia que isso não ia dar nada! Um belo dia o Azevedo me encontra: “O que é isso que eu recebi?” “Ah, Azevedo, não se preocupe, isso não tem importância.” “Mas isso não tem que resolver?” “Não. Deixa porque você vai se aborrecer... Moção na sua idade, você larga para lá que não vai... ficou. Mas o Frederico se ressentia muito com isso. Embora mantivesse... eu via que o Frederico se ressentia porque ele tinha vontade que eu tomasse um apoio decisivo. Eu não era contra, pelo contrário. Tendo oportunidade de conversar com o Azevedo, o Azevedo era mais... ele falaria: “Não, o Frederico é um homem respeitável, um cientista e tal...” Mas ficou esse ambiente assim. O Frederico eu tenho a impressão que também, a idéia ficou para todos nós, porque depois o Coura escreveu cartas... Aquilo também achei que já tinha dez anos, que era hora de deixar. Deixamos então! E aí então puseram outro grupo pra tomar conta. E aí acabou o PIDE.

SK - Pois é, eu...

AP - Aí veio um outro grupo, parece que era o Deane, o Zilton... depois...

SK - O próprio Amato.

AP - O Amato!... E aí encontrei com o Zilton uma vez, e ele falou: “Não, na época de vocês era diferente.” Aí eu: “Era diferente não! Era a mesma coisa que é agora.”

SK - Pois é, eu ia lhe perguntar isso. Como assim?

AP - Uma questão de... Era fácil...

NA - o dinheiro caía do céu...

SK - Eu ia lhe perguntar isso Dr. Aluizio. O sr. tá dizendo, que dizer, houve, a gente sabe, ...

AP - Eles achavam que era fácil. Isso é sempre difícil! Essas coisas assim que são... nem sei se valia a pena...

NA - Vale. Vale a pena! ... *(falam todos juntos)*

AP - Mas aí foi isso que foi. Esse programa acabou nessa ocasião assim. Eles não tocaram, não acharam, não tiveram recursos, não conseguiram renovar o PIDE. E nem a ... a ... Eles não deixaram nem ficar alguém da sessão anterior pra manter a memória. Eu me lembro que foi proposto: “Mas vamos deixar uma pessoa pra manter a memória do Programa.” Ele disse: “Não, é melhor trocar todo mundo.”

SK - Linaldo que falou isso?

AP - Não, não foi o Linaldo não. Isso foi eles mesmos que fizeram, o comitê. Comitê que se seguiu a esse. E não ficou nenhum...

SK - Do grupo anterior.

AP - ...do grupo anterior pra manter a memória, só que era pra lembrar das coisas!

NA - Quer dizer, que o que o sr. está dizendo pra gente... Simone, peraí...

AP - Fala.

NA - O sr. tá dizendo pra gente que o PIDE na verdade pode ter sido até que tenha faltado recursos, mas também teve uma questão política, uma certa...

AP - Uma questão política...

NA - ...uma certa ciumeira...

AP - ...você fala assim, mais humana.

NA - Isso!

AP - Teve. No final teve, no final teve.

NA - Uma ciumeira dos outros...

AP - No final teve uma... uma... um pouco de questão pessoal, que perderam toda relação humana, essas coisas existem mesmo, né? Então essas coisas teve. Por isso outros companheiros ficaram mais aborrecidos. E... tomaram a defesa e tal e coisa...

NA - Houve um mal-estar generalizado.

AP - Houve, houve. Pelos outros, alguns até chegaram a escrever. Mas eu achei melhor não... Eu achei dez anos já tava bem porque o PIDE já tinha... Mas hoje é reconhecido sempre ouço falar das sessões, lembrar que tudo foi o PIDE, que começou com o PIDE, que esse desenvolvimento extraordinário começou com o PIDE.

SK - Mas peraí, o sr. tá falando, quer dizer, esse momento de reformulação do PIDE, né, que se dá mais ou menos pelos anos 84, por aí...

AP - Último, finalzinho.

SK - É. Mas esse momento em que sai o grupo que tinha ficado...

AP - Um outro grupo entrou lá...

SK - Pois é. O sr. mencionou vários fatores de diversas naturezas pra...

AP - A explicação que eu tive pra entender.

SK - ...tentar entender um pouco disso. Quer dizer, o sr. falou de problemas políticos...

AP - Como eu entendi...

SK - Pois é.

AP - ...como eu entendi. Porque o Linaldo – por que eu digo isso – porque me disseram lá dentro: “O diretor ficou zangadíssimo. Se aborreceu porque se sentiu desprestigiado. Porque ele não consegue a verba e vai um grupo lá e consegue a verba!

SK - Mas por que é que... a minha pergunta é o seguinte: se esse grupo...

AP - Nunca estive com ele mais depois disso, nunca mais soube da reação dele. Só ouvi falar!

SK - Mas, por exemplo, Dr. Aluizio, se esse grupo tinha até então mantido uma relação eh... razoavelmente, quer dizer, bem sucedida com o CNPq... com os burocratas, vamos usar esse termo assim. Com os representantes das agências, né? CNPq, Finep... assim, o pessoal que tava envolvido nisso. Até então, quer dizer, pelo o que o sr. fala vocês tinham autonomia pra julgar, vocês tinham autonomia pra negociar os recursos. Quer dizer, era uma relação tranqüila, digamos assim. Por que, a que é que o sr. atribui esse comportamento do Linaldo? Quer dizer...

AP - Não, o comportamento do Linaldo...

SK - ...a Nara levantou a seguinte situação: vocês efetivamente estavam até num momento em que os recursos começaram a minguar um pouco, mas a que é que o sr. atribui essa tensão na relação com o CNPq?

AP - Não, eu acho que a relação com o CNPq... esse era um programa, era um cisto lá no CNPq, não obedecia...

SK - Mas isso que eu tô perguntando... isso criava problemas com o CNPq? Como é que era a relação de vocês com o CNPq?

AP - Não, cordial! Uma relação boa, o recurso tava lá, nós usávamos. Usávamos, fazíamos as coisas lá no CNPq, procurávamos usar as estruturas do CNPq sem que interferisse com...

SK - Então o sr. acha que foi uma coisa mais pessoal do Linaldo?

AP - Olha, eu tenho a impressão de que o Linaldo se aborreceu um pouco. Mas não creio que tenha sido... não sei até que ponto o Linaldo tendo se aborrecido, procurou trocar o comitê. Eu não sei. Porque...

SK - E como é... o sr., por exemplo, falou, tem essa tensão com o Linaldo e teve uma tensão também com outros cientistas...

AP - Dois membros que existiam lá. Que era o Amato, que a gente sabia que tava na época, e aumentou as críticas ao PIDE...

SK - Quais eram as críticas dele?

AP - Que era isso. Que era um programa que não contemplava todo mundo.

SK - Fechado.

AP - Um programa fechado... Que eram só alguns que obtinham... Essas críticas que a pessoa procura fazer, né? E o Frederico...

SK - É, o sr. falou.

AP - ...como era pessoal, eu não sei até que ponto o Frederico, ele, havia outras manifestações dele também na época mostrando que estava constrangido com a situação na Universidade de Brasília, então se interpretou isso na época assim. Mas passou, ficou pra lá e a gente nunca fica... Só tô falando agora porque eu tô prestando um depoimento, a gente tem que falar as coisas...

SK - A gente tem.... a gente tem...

AP - *(ri)* Porque senão eu sou... Não é?

SK - A gente tem um texto, Dr. Aluízio...

AP - Nunca me queixei disso não, mas eu acho que...

NA - Mas é bom deixar registrado!

SK - Ah, claro!

AP - ...num depoimento assim, a gente deve ser sincero. Só vale um depoimento desse pela sinceridade que ele tem. Eu acho que se você começa a querer fazer coisa...

NA - É. O dr. Coura falou pra gente sobre isso.

SK - É. A gente tem também um documento...

AP - Isso! Ele ficou aborrecido! O Coura escreveu uma carta a ele. Eu não li não. O Coura escreveu uma carta a ele.

NA - Reclamando.

AP - Eu tenho a impressão que um pouco pela minha pessoa que o Coura ficou um pouco aborrecido.
(ri)

NA - É. O sr. ...

AP - Pela minha...ele achou que... eu acho que foi.

NA - O sr. acha que foi isso. O sr. nunca falou isso com ele não?

AP - Com o Coura? Não! As coisas ficaram...

NA - Não voltaram mais a falar.

AP - Não! Na época eu vi que ele falou isso, escreveu uma carta aborrecido, mas não... ele não falou comigo: “Eu fiz isso por causa de você.” Mas eu tenho a impressão de que um pouco foi. Porque eu presidia e ele achou isso. Mas eu achei que já tinha dez anos, já tinha...

NA - O sr. ficou mal com esses homens todos? O sr. se sentiu mal?

AP - Mal? Não. O Amato era meu amigo. Falei isso com ele na época, um pouco. O Zilton é meu amigo também, mas o Zilton... com entusiasmo foi pra sessão, achou que precisava renovar o comitê. E o Zilton me falou, eu um dia mexi com ele e eu falei isso, e o Zilton me disse e eu falei: “Não, Zilton, não é diferente não! (ri) Vocês é que nunca lutaram pra obter recurso!” (ri)

NA - Como é que o sr. cavou pra obter recurso?

AP - Porque nós íamos... é... nós íamos... Questão de temperamento! A gente pega uma coisa pra fazer. Então era o Coura, que também é uma pessoa... era o Brener que também era decidido pra fazer, o ... o Marcelo que na época tinha sido reitor em Belo Horizonte, era um companheiro muito bom e tinha no regime militar um... uma costa quente que era genro ou cunhado daquele Muricy, general Muricy. Não tinha um general Muricy?

NA - Tinha!

AP - Fortíssimo! Ele era cunhado ou genro do Marcelo. Mas fora disso...

SK - Como é que era? Eu não entendi.

NA - Ele era quem?

AP - Ele era cunhado... eu acho que era cunhado do Muricy, casado com a irmã...

SK - O Marcelo Coelho era cunhado do...

AP - Desse general!

SK - Do general.

AP - Tinha um general que ele era muito chegado. Que na época era importante. Na época militar.

NA - Mas aí..., mas aí...

AP - (ri) Ter um general amigo...!

SK - Mas vem cá, como é que eram essas ligações, Dr. Aluizio, nessa época que o sr. tá falando?

AP - Com quem?

SK - Não, no caso, o sr. falou... o sr. até tá brincando. Quer dizer, tem uma costa quente...

AP - Eu tô dizendo que o Marcelo era uma pessoa que ajudava a obter um recurso assim, pela atuação dele e pela decisão. Eu tô dizendo que ele inclusive tinha força política. Ele foi inclusive reitor da universidade!

NA - Sim. Mas aí chegava lá na Finep e dizia lá:...

AP - Ah, sim!

NA - Como é que é...

AP - Não, na Finep a ... fluiu... fluía na época do Pelúcio, geralmente o dinheiro saía, não tinha muita dificuldade não.

NA - Com o Pelúcio. Mas o Pelúcio é mais lá pra frente, eu acho. Não é logo no início.

AP - Não. O Pelúcio era desde o começo.

NA - Logo no início?

AP - Não!

SK - Quer dizer, a interlocução de vocês era com o Pelúcio.

AP - No início era com o Pelúcio. O Pelúcio participou das decisões iniciais...

NA - É. O sr. falou da Academia...

AP - ...E ele era entusiasmado o Pelúcio, ele era entusiasmado com o programa... Às vezes nós dávamos uma satisfação a ele, e ele dizia que tava muito bem, tava muito contente... Mas depois eu não sei a origem desse dinheiro, eu acho que era do BID, eu não sei como saía né? Mas no fim foi centralizando o regime militar, acabava saindo do Ministério da Fazenda. Eu me lembro que ... os últimos recursos nós tivemos que tirar do Ministério da Fazenda. Então isso... você sabe como é. Você vai em Brasília... até hoje é a mesma coisa, não é verdade? É a mesma coisa! A verba lá é a mesma coisa! o diretor: "Vai lá e...!"

SK - Eram vocês... eram vocês que negociavam diretamente. Quer dizer, não era o CNPq, quer dizer, não eram os técnicos do CNPq. Eram vocês que negociavam.

AP - Não! Não! Nesse programa ninguém mexia nele. Havia isso também.

SK - Hum, hum. E nessa segunda fase, quer dizer, nessa fase final não foi mais assim.

AP - Não. Esse programa ninguém mexia, ninguém interferia, nunca houve uma pessoa dizendo o que tinha que aprovar o que não tinha que aprovar. Nunca houve uma decisão do Conselho pra interferir no programa. Nunca houve.

NA - Por isso ele que causou essa ciúmeira toda.

AP - Não...! Não sei assim...!

NA - Não é não?

AP - ...Eu tenho a impressão de que o programa ficava lá no Conselho, como eu lhe disse quando o presidente foi... escolheram esse programa com mais uns dois programas... O ... eu não sei quem era, mas eu acho que tinha uma pessoa lá, eu acho que era o Lindolfo, que foi presidente que até dizia: “Esse não é...” – acho que era ele que falava – “...é “O” programa do serviço, não é um...

NA - É “O” programa.

AP – “É. “...é “O” programa. Não é... um dos melhores não, é “O” programa.” Um deles brincava assim. O programa era bem visto pelo... Porque era um programa que você tinha retorno. Tinha retorno o programa!

SK - E quando é que acabou oficialmente esse programa?

AP - Aí começou aí, funcionou dez anos, depois dessa última renovação nós deixamos ele com dinheiro pra ser renovado, pra ser distribuído, expedido. Nessa distribuição, eles fizeram a distribuição e não renovaram mais.

SK - Porque a gente tem um texto que inclusive o sr. é... publica... – quer dizer, não tá publicado, a gente tem ele mimeografado – o sr., o Brener... Foi o Dr. Brener que passou isso pra gente, é um documento...

AP - É isso mesmo, mas falta uma parte.

SK - Falta uma página. (*ri*)

AP - Não. Falta uma parte.

SK - Não, não! Inclusive o sr. falou: “Falta uma parte”, eu lembrei que no nosso, falta uma página, eu depois eu até vou corrigir isso, pegando com o sr.

AP - Eu tenho esse documento e falta uma parte minha, que não foi enxertada nele.

SK - Ah, então, exatamente! Aí... Mas lá, quer dizer, não tem data.

AP - Aí o Brener, fez uma parte...

SK - Exatamente. Mas é um texto sem data e a gente não sabe quando é que terminou isso.

AP - Foi no final. Foi no final.

SK - Foi em 87, 88... que terminou esse programa?

AP - Olha, esse documento eu tenho em casa que eu tenho todo os relatórios. Depois eu pego. Porque nós tínhamos relatórios parciais. Nós pedíamos aos pesquisadores relatórios parciais. Cada projeto de pesquisa deles tinha relatório parcial. E nós emitíamos um documento em que nós fazíamos... Esse eu tenho todos lá em Brasília.

NA - Tá em Brasília.

AP - É. E que nós emitíamos uma... uma... um parecer sobre aqueles, sobre os projetos naquela altura. Então tem isso. Fulano de tal, projeto...

LO - Todo o andamento.

AP - Tem um andamento! E depois um relatório final. E onde publicou as teses que gerou... Tem tudo isso! As teses que gerou aquele documento. Então esse documento existe, de cá... não passava um período sem isso, não tava embolado! Cada vez que acabava um recurso desses, você fazia uma prestação de conta com documento, mandava isso depois pro órgão que tava financiando. Funcionava assim.

NA - Pra Finep?

AP - Finep. Eu acho que era Finep. Eu não sei se era Finep mais. Não sei se era o Banco....

SK - Agora me diz uma coisa, Dr. Aluizio, qual a sua avaliação dos resultados que o PIDE trouxe por exemplo, pra é... pra essa área de pesquisa em geral em doenças endêmicas...

AP - Eu acho que...

SK - O que é que, quais foram as áreas que foram mais beneficiadas? Por exemplo, nesse texto vocês falam muito, por exemplo, da importância do PIDE pra incorporação de novas áreas como: imunologia, biologia molecular... Vocês mesmos enfatizam isso na área de pesquisa básica, sobretudo na doença de chagas... Como é que é a sua avaliação, qual é a contribuição disso pra pesquisa?

AP - Olha, a contribuição dessa é a seguinte: quando você quer, o pesquisador deve ter liberdade pra pesquisar. Você não deve impor ao pesquisador o que ele deve pesquisar. Por que é que você não deve impor? Porque a pesquisa, ela é uma coisa muito individual. É uma coisa que você tem que fazer aquilo com muita vontade. Você tem que fazer aquilo... tá em casa, tá pensando... Você tem que... aquilo não pode ser uma dor. Se ele não tem gosto de fazer aquilo, se ele não está com vontade de fazer aquilo, por isso que ele deve, o pesquisador deve ter liberdade. Porque só ele tendo liberdade é que ele produz, porque aquilo ele faz porque não é por ganha-pão, ele gosta daquilo. Agora, é claro que você como órgão público, ou qualquer coisa, você tem que direcionar um pouco os seus recursos. Ao direcionar um pouco os seus recursos, você atrai pessoas quando têm recursos. Porque o pesquisador sabe que precisa de recursos. Se tem recurso, ele começa a vir pra aquele setor e começa a achar bom e começa a descobrir

e começa por ele mesmo. Então o que é que aconteceu? O PIDE trouxe muita gente da área básica. Da imunologia, da... Walter Colli, Bianca, é...

LO - Morel.

AP - Morel! Esse pessoal todo Isack Roitman! Eu citarei aqui uma porção deles que começaram – que não mexiam com chagas – mas que começaram a ver que chagas era um bom modelo! Que o *tripanossomo* era um bichinho muito mais interessante do que eles pensavam! E ele tinha que... ajudava a explicar não sei quê! E foi então atraindo esse pessoal da básica pra isso. E uma outra coisa que foi fruto disso: a reunião de Caxambu. O PIDE é que bancava a reunião de Caxambu. E a reunião de Caxambu foi criada sob os auspícios do PIDE. E que depois veio aqui, aplicar um outro aqui, todo ano, em Uberaba. Tem uma de Caxambu e tem outra aqui.

SK - É, a gente depois vai falar dessa reunião. Mas o sr. acha que em termos de resultados globais assim, houve um... quer dizer, a pesquisa básica teve mais impacto do que...

AP - Teve um avanço.

SK - ...Como é que o sr. avalia? Assim, usando as duas categorias.

AP - Eu acho que as duas coisas andaram.

SK - As duas categorias. As duas áreas...

AP - As pesquisas de campo tiveram um progresso enorme. Porque pela primeira vez pesquisa em campo. Não tinha?! Não tinha?! Não tinha... quer dizer, não tinha, é claro que cabia a Fundação ajudava e tudo, mas não tinha um recurso que você podia dizer: “Olha, eu tenho tanto pra desenvolver esse projeto que tá lá e tal.” E nós é... tivemos recursos pra fazer isso. Pra poder fazer essa reunião.

NA - E esquistossomose, na sua opinião, foi tão contemplada nesse sentido que ela está falando em pesquisa básica aplicada, de atrair pessoas que estavam trabalhando ou biologia molecular, imunologia molecular, genética...

AP - Menos que chagas.

NA - Chagas foi mais privilegiada.

AP - Muito mais privilegiada.

NA - Por que isso? O sr. faz alguma idéia?

SK - Por quê?

AP - Não sei bem por quê. Porque talvez o bichinho fosse mais...

LO - É o que eles dizem!

AP - ...mais atrativo. Porque talvez era muito pequeno, as técnicas de microbiologia, de imunologia são mais aplicadas do que a imunologia da esquistossomose... um bicho grande... Eu tenho a impressão. Mas a parte da anatomia patológica não. Essa desenvolveu bem na esquistossomose. Muita gente recebeu auxílio pra isso.

SK - Me diz uma coisa Dr. Aluízio, qual foi também é... a participação...

LO - *(falando distante do microfone)* o CNPq, eu acho que está relacionado com o PIDE. Era isso que eu... *(pausa na gravação)*

AP - ...a imunologia na doença de chagas, objetivos e metodologias dos estudos longitudinais.

SK - Hum! Aquilo que a gente tava vendo no seu currículo, a gente tava vendo referência pra lhe pedir. *(ri)* Pra ver se a gente teria como...

LO - Isso foi muito importante. Esse estudo aí, ele já se beneficiou do PIDE?

AP - É...

SK - E é em 74. É bem no comecinho, né?

AP - Porque era pra poder padronizar os estudos de campo.

SK - Claro! Pra poder fazer os estudos de campo.

AP - Pra fazer igual a nós.

SK - Interessante isso. Ele tá mostrando aqui um relatório do CNPq, né?...Em 1974.

AP - “Em consequência do convênio estabelecido entre o Conselho Nacional de Pesquisa e a Financeira de Estudos e Projetos, Finep, estão sendo realizados estudos longitudinais sobre doença de chagas e esquistossomose, constituintes em modalidades de ação utilizada pelo Conselho para o desenvolvimento de planos integradas em determinados campos da pesquisa científica e tecnológica. Com a finalidade de estabelecer conceitos e normas de trabalho que facilitem a avaliação e a comparação dos resultados das pesquisas realizadas, o CNPq promoveu reuniões entre os principais peritos em cada área, sendo elaborados posteriormente relatórios das mesmas. Com a impressão do primeiro deles sobre doença de chagas, o CNPq inicia um novo aspecto de suas atividades: a publicação dos relatórios técnicos.” Ficou nesse só.

LO - Esse foi o primeiro.

AP - Porque o segundo eu não achei muito bom. O segundo foi sobre esquistossomose.

LO - Isso é um aspecto interessante. Vamos ligar de novo o gravador, eu queria que você falasse...

SK - Não, já tá ligado.

LO - A gente tá avaliando aqui o PIDE, que dizer, a gente tá fazendo uma análise em sociologia da ciência, trabalha assim: internalista, externalista. Então gente tá fazendo uma análise externalista do PIDE. A gente tá falando do arranjo institucional, da política... do vai-e-vem, dos conflitos e etc. E agora a gente começou a falar do PIDE internamente, vamos dizer. Vamos à ciência do PIDE. Ciência... que ciência foi produzida assim com o auspício desse programa. E sob esse aspecto, né, da renovação, né... houve uma renovação metodológica e tal..., de ter atraído os pesquisadores da área básica que trabalhavam também com bichos que não tinham nenhuma aplicação, né, que eles falam bicho aplicado, né?...

AP - Isso mesmo. Bicho bobo, como dizia o Samuel Pessoa...

LO - É. Isso, isso.

AP - O Samuel dividia em três: (*ri*) bicho bobo, bicho bom... bicho bom é *tripanossomo cruzi*, né? Bicho bobo, né?

LO - Agora uma coisa que o sr. me chamou atenção com esse relatório é que... o PIDE teve um terceiro papel também, que seria o papel de você... organizar, vamos dizer assim, paradigmaticamente, determinados campos de ação, os estudos longitudinais. O PIDE foi quem deu a ferramenta e organizou...

AP - Eu trouxe isso pela pergunta dela, quando ela me perguntou se o PIDE foi meramente um distribuidor de recursos ou se o PIDE... Então eu estou mostrando a ela as coisas que eu falei com ela que tinha, que o PIDE havia promovido.

SK - Quer dizer, promovido já com um objetivo... já claro, né?

AP - Você tá vendo aí. Eu lhe mostrei o Programa Brasileiro, lhe mostrei o Inquérito Sorológico Nacional, lhe mostrei o Inquérito Triatomíneo, lhe mostrei a ... a reunião de Caxambu que eu falei rapidamente e lhe mostrei agora isso aqui que é a Epidemiologia na Doença de Chagas, esse relatório técnico dizendo como você deve fazer um trabalho de campo... Conhecia ele?

LO - Não. Não conhecia...

AP - Ah, sim! Projeto de campo. Objetivo, morbidade... Como é que você deve fazer um projeto de pesquisa pra trabalhar no campo.

LO - Disse também que criou um certo paradigma de como fazer imunologia.

AP - Tá aqui.

LO - Isso é importante.

AP - Viu esse aqui?

SK - É. Isso é importante, depois a gente procura...

NA - Deixa eu fazer uma pergunta pro sr. nessa linha aí...

AP - Então o PIDE...

NA - ...O que é que isso é... eu tô curiosa inclusive, porque o sr. fala da bibliografia sobre doença de Chagas, a coletânea dos trabalhos do Chagas, o sr. publicou é... especialmente esses dois trabalhos e... acho que diferentemente do inquérito... – eu acho que inquérito tem a ver com isso também, mas a minha pergunta é a seguinte: esses dois trabalhos, essa bibliografia e a coletânea de trabalhos de Chagas me parece que tem algo a ver com uma questão que a gente viu preterida num documento do CNPq de 78, se eu não estou enganada, 75 tem um documento... Não, 73! No primeiro documento é 73. Chama-se 'Avaliação de Perspectiva no CNPq'. E lá nesse documento senão é... ele diz... há uma referência... Não, não é 78. É... isso me confunde... enfim, é um documento de avaliação da perspectiva no CNPq...

LO - 74, 78, 82.

AP - ...que diz o seguinte: que na verdade... a comunidade trabalhava, os cientistas brasileiros que trabalhavam com parasitologia, os parasitologistas brasileiros estariam preocupados com o destino da parasitologia no Brasil. E que havia ali, nesse diagnóstico, uma... vocês percebiam é...

LO - Desaceleração da área.

NA - É. Uma certa estagnação da área, o diagnóstico...

AP - Entomologia...

NA - Que ela não interessava mais para parasitologia.

AP - Pois é, mas entomologia faz parte.

NA - É, eu sei faz parte, é. Mas não interessava mais o jovem...

AP - Queria estudar molécula, a biologia molecular... todas essas coisas.

SK - Já estava estagnada metodologicamente.

AP - Isso se discutiu isso. Taxonomia... essas coisas começaram a ficar para trás.

NA - É. Eu vejo aqui, me parece, eu fiz uma relação, não sei se um pouco fora de propósito, mas que inclusive essa idéia de publicar o Chagas, a bibliografia do Chagas e a coletânea do trabalho do Chagas, era um pouco pra lembrar, né, essa grande escola de trabalho, de estudos no Brasil. Que tem um pouco a ver com essa idéia de querer colocar a parasitologia 'up to date', assim, trazer a parasitologia para o futuro e não deixar a parasitologia lá no Chagas na protozoologia. É isso? O sr. concorda com isso? Isso tá num documento do CNPq. Eu só tô reproduzindo o que tá lá.

AP - É... eu tenho a impressão, eu não previ...

NA - O PIDE, o PIDE na verdade, teria uma função...

AP - O PIDE... o PIDE...

NA - ...que é a de reerguer a parasitologia.

AP - Não, ele não tinha isso em mente assim. O PIDE era um órgão que não era um simples agente de dar recursos. Era formado por pessoas que tinham interesse profundo, profundo, no desenvolvimento das coisas do país. Em termos da pesquisa que eles cuidavam, né? E isso mostra que essas pessoas mesmo acabou o PIDE, continuam fazendo as mesmas coisas e sempre fazendo, procurando é... seguir uma linha que não dependeu só da existência do PIDE. Eu acho que o PIDE, a diferença do PIDE para uma agência simples era: quem tomava conta eram pessoas que estavam com a mão na massa, comprometida com o desenvolvimento dessas áreas. Então o fato de se valorizar os trabalhos do Carlos Chagas é que isso representava um marco importante, não era essas coisas... os trabalhos do Carlos Chagas não se achavam. Você não encontrava. Eu corri atrás, na Academia mesmo, mas poder imprimir pra tornar acessível a qualquer pessoa! Se você for olhar na literatura a quantidade de trabalhos o Chagas passou a ser citado depois disso é muito grande, porque ficou fácil! Citar Chagas, o trabalho do Carlos Chagas.

SK - Agora, não tinha uma orientação... que a Nara tá perguntando uma coisa é... o interesse em estimular mais a pesquisa, no sentido disciplinar da parasitologia ou era mais geral?

AP - Não, não... Tinha o interesse de valorizar as coisas importantes, de valorizar a Fundação... Por quê? Por causa da Fundação é assim? Não, é porque representa uma etapa importante no Brasil, por exemplo: a Fundação, o que foi feito ali, Oswaldo Cruz... Se você analisar a pesquisa no Brasil, é extremamente importante! Então era preciso que aquilo passasse pra primeiro plano, pra que aquilo fosse chamado atenção! O controle das nossas doenças, nós não podíamos ficar estáticos olhando essas doenças nossas sem fazer nada, esperando que...! Não, procuramos arregaçar as mangas e ver como é que nós controlávamos essas doenças nossas! Procuramos obter os meios e as ferramentas para isso. Porque era isso que...

Fita 9 - Lado A

AP - ...pra orientar os ... trabalhos...

SK - Não, eu queria lhe perguntar, dr. Aluizio, também, é outro papel... o papel que o PIDE teve por exemplo, o sr. chegou a mencionar rapidamente, em destinar recursos por exemplo, pro pessoal que tava... porque a gente sabe, né, a pós-graduação estava sendo implantada nessa época, né?

AP - Tava.

SK - Quer dizer, como é que era a relação do PIDE com os cursos de pós-graduação?

AP - Ah! Nós procuramos, nós achamos bom que...

SK - Isso era uma orientação?

AP - ...quem queria fazer tese, às vezes nós víamos que o projeto era uma tese. Achamos bom que fosse. Nós sabíamos que estávamos desenvolvendo, ajudando a desenvolver a pós-graduação.

SK - Quer dizer...

AP - Isso é feito de pessoas que estavam, que estão comprometidas com as coisas aqui no país! Não é verdade? Pessoas que acompanham, que vêm... vêm vendo isso há tempo.

SK - Então muitas pessoas que submetiam projetos ao PIDE eram estudantes que estavam fazendo tese...

AP - Pois é, aí quando ele vinha assim era mais difícil pra ele. Porque ele não tinha uma bagagem... geralmente ele tinha que vir através de um orientador...

SK - Pois, porque o sr. falou...

AP - ...ele tinha, às vezes vinha conforme... né? Às vezes vinha, quando você vai ao banco que você não tem, você pede um dinheirinho pequeno e tal... Não é? E conforme o avalista que você tem ele dá o dinheiro, né?

NA - Aluno ele nunca financiou, né?

AP - Aluno assim, por simples aluno, que vinha pra fazer...

SK - Não, não... sim, mas...

AP - ...depende. O orientador quando vinha embolsar e você tava vendo que ia sair esse projeto. Mas geralmente se saía no nome...

SK - Do orientador.

AP - ...da pessoa mais forte.

NA - Eu vou voltar a insistir. Eu acho.... eu não entendi. Eu tô achando um pouco estranho que um documento como o do CNPq, que eu esqueci agora quem na verdade escreveu esse documento, tá assinado inclusive na área de parasitologia...

AP - Que ano?

NA - 78!

AP - 78?

SK - Foi o Brener. (*baixinho*)

NA - Eu acho que foi o Brener que escreveu isso.

AP - Deve ser isso mesmo....

NA - Ele disse quase o seguinte: “Na verdade o PIDE é uma alavanca... forte pra retomar a parasitologia em estudos, em pesquisa básica em parasitologia”.

AP - É. Tanto que agora de vez em quando se fala outra vez em “Quem sabe se acontece um outro PIDE?”.

NA - É! O sr. não acha... vocês não discutiam isso?...

AP - Que é a ... Não! Isso se discutia!

NA - ...Uma coisa deliberada!

AP - Ah, preocupava estar acabando a entomologia, não tinha gente mexendo... que todo mundo tava querendo só fazer... que não tinha taxonomista, que...! Isso prejudicava sim.

NA - Vocês discutiam isso no PIDE? Nesse comitê?

AP - Às vezes alguém discutia! Mas a reunião nossa era mais pra aprovar projeto.

NA - Operacional.

LO - Mas em outros fóruns isso era uma discussão.

AP - É! E a gente conversava.

NA - E na Medicina Tropical, discutia-se isso?

AP - Bom, isso a gente via que tava... que tava...

NA - Na sociedade?

AP - ...isso a Sociedade... no congresso... eram pessoas... Não, você vê que nós estávamos hoje, como eu lhe falei hoje aqui, que nós estávamos deixando as endemias de lado e que amanhã vamos ter que pedir gente pra vir ensinar a fazer as coisas que nós sabíamos fazer!

NA - Hoje o sr. tá dizendo isso. Hoje.

AP - Não, mas sempre a gente tava preocupado com isso.

NA - Nesse período também.

AP - Estava percebendo que o número de pessoas que sabia mexer com as coisas... nós tínhamos um curso de malária todo ano, preocupava-se por não ter pesquisador de malária, nós dizíamos: “Olha, eles erradicaram foram os pesquisadores, não foi a malária!” (*risos*) Porque não tem ninguém mexendo com

a malária. Agora é que começou a voltar. Aí voltou o Deane, voltou aquele aquela pessoa, aquele menino lá que trabalhou com o Deane lá em Manguinhos...

NA - Tá lá. Como é o nome dele?

AP - É o Rogério. Não. Tem um nome assim. Ele botou, tem mais gente mexendo um bocadinho com malária. Mas tem um grupo que tá lá, Hildebrando lá em cima! Então começou a vir mais coisa.

NA - Agora... agora... quando vocês abriram, é... tinha esquistossomose e chagas, eh... aí, mais pra frente, o sr. disse, abriu malária...

SK - Leishmaniose.

AP - Leishmaniose.

NA - ...leishmaniose, por pressão?

AP - Não.

NA - Por quê?

AP - Porque achamos que precisava também nessa área, né? Nós achamos que essa área precisava ser desenvolvida, que eram doenças importantes. E surgiam outras conversas. Surgia paracoccidiose, surgia amebíase, hepatite e coisa. E eu: Vamos fazer isso?" E ele: "Não." Discutia-se: "Não, por que fazer isso? Não vai dar certo e não sei quê!" E não fazia. Mas é... essas quatro doenças... por pressão assim: procura um método, né?

NA - Pois é, isso que eu queria saber! Como é que chegou...

AP - Não era ninguém que disse: "Abra isso. Só vou dar verba se abrir." Não. Era lá o PIDE mesmo que...

NA - Não, eu digo pesquisa dos pesquisadores!

AP - Olha!...

NA - Não é do CNPq!

AP - ...porque veja só, quem tava mexendo lá no PIDE eram pessoas muito envolvidas com essa parte de pesquisa...

NA - Não, exatamente disso que eu tô falando!

AP - ...eram pessoas que estavam muito interessadas no desenvolvimento.

NA - Sim!

AP - Então essas pessoas tinham ...

NA - Não, eu digo assim... por exemplo, o ... lá na Fundação Oswaldo Cruz até que, enfim... é, aí tão lá os pesquisadores de chagas no departamento 'x', do lado tá um sujeito que trabalha com malária. "Pomba, mas eles têm o PIDE e eu não tenho!" A pressão dos próprios pesquisadores, não é? Eh... há o PIDE que abrisse outras vagas. É isso que eu tô falando. O sr. tá entendendo? Dentro de um departamento...

AP - Não. É que pra as outras áreas haviam propostas sempre. A pessoa encontrava a gente e a gente dava.

NA - Pois é! (*ri*) isso é que é pressão que eu tô falando...!

AP - Ah, isso encontrava! Claro, a gente reage com a comunidade! Você tá ouvindo as coisas todas... Uma revista aqui... todo dia tem um sujeito reclamando...

NA - Viviam em cima do senhor.

AP - ...ou pedindo uma coisa qualquer, eu presto atenção, se for uma idéia boa ou se achar válido, ...

NA - O sr. era muito assediado como coordenador do PIDE? Isso que eu estou lhe perguntando.

AP - Não...! As pessoas falavam às vezes: "Olha, vocês precisam fazer isso, vocês precisam fazer aquilo..."

NA - Pra malária ou pra leishmaniose...?

AP - É. Você... Não, a leishmaniose e a malária, nós fizemos e não tinha muitos projetos. Incrível!

NA - Ah! Isso... Me fala um pouco disso...

AP - Não tinha muito projeto. Leishmaniose um pouco. E malária quase nada, quase nada!

NA - Por que isso?

AP - Porque nós achamos que tinha erradicado a malária... né? E nós é... e a malária, acabou a malária aqui embaixo, onde está a maioria dos pesquisadores, não é?

NA - Exatamente.

AP - E lá em cima não tem quase ninguém. Agora é que está se formando, um grupo tá indo pra lá, tá se dedicando mais à malária... não é? Então nesses relatórios nós temos o número de teses, até os tipos das teses...

NA - Que saíram com os recursos do PIDE.

AP - Tem lá, aparecia no... oferecimento...

SK - É... vou fazer mais uma pergunta, pra... pra... – o sr. já falou também um pouco disso, mas eu queria voltar – quer dizer, nesse texto que eu falei pro sr. que a gente tem, né, que vocês escreveram. Quer dizer, você, Dr. Brener, o Coura também...alguns membros desse grupo, né, coordenador, vocês comentam é... vocês colocam que entre as críticas que o programa recebia, o sr. já falou algumas delas, é... havia a de que ele teria contemplado mais a pesquisa básica e não teria promovido é... enfim, a questão da importância social digamos, do programa. Não teria promovido instrumentos de ação de controle das endemias e tal. O sr já mostrou aqui tudo que o programa propiciou pra trabalhos de campo e tal, não estou entrando no mérito se é verdade ou não, a questão é a seguinte: da... essas críticas que existiam, vocês recebiam... como é que vocês avaliam essas críticas?

AP - Existiam. ... Havia... havia no PIDE por exemplo é...

SK - Quem é que fazia essas críticas?

AP - Isso... isso eu me lembro que o Gilbert, o Gilbert já tinha, ele tinha uma preocupação muito grande porque ele queria às vezes que o PIDE intervisse no controle e nós dizíamos: “Não é função nossa fazer isso. Quer dizer, o PIDE é pra pesquisa! É um projeto de pesquisa!” E havia também no PIDE uma... uma preocupação muito grande com o que se chama ‘interface’. A interface. O que é que significa isso na época? Significava o seguinte: é... tinha-se a sensação de que não estava sendo aplicado aquele recurso que tava ali, que aquilo não tava sendo posto em prática... – agora chegando a sua pergunta – não era posto em prática. E havia essa idéia de que realmente é... não eram aproveitáveis as informações. Que aquilo terminava dizendo: “Olha, não cabe a nós fazer a pessoa é... adotar essas informações. Porque as informações ficam aí. O ... você fica, não é, aquela informação fica. O Fleming na verdade descobriu a penicilina só em 29! Só foi aplicar 40! Então a informação não perde, ela fica aí. Você não pode fazer o indivíduo... Então agora: “Mas então você não quer diminuir... essa *gafe*, essa distância entre gerar a ... entre a informação e a aplicação? Aí...”

SK - E quem é que fazia essa parte pra vocês? Era o pessoal da agência ou era justamente... colegas...

AP - Não, agência não! Era o grupo do PIDE mesmo e eu já disse que...

SK - Quem era o grupo?

AP - Lá dentro do PIDE, inclusive o Gilbert disse que ele era preocupado com isso. Me lembro pessoalmente do Gilbert e vai encontrar nos relatórios alguma referência a isso. Aí houve uma... uma... uma idéia de que nós só conseguiríamos fazer isso atraindo mais para a pesquisa... o pessoal da saúde pública, o pessoal do Ministério. Foi aí que surgiu a idéia de colocar o Fiúza como vice-presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Porque o grupo era o mesmo e o Fiúza foi posto como vice-presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. E uma idéia foi que eu obrigava o indivíduo a comparecer à sessão, a participar... é a maneira que se achou de ter uma...!

LO - De interagir, né?

NA - Interagir!

AP - ...de não ter briga do governo porque a comunidade se ressentiu um pouco com... com o negócio do Almeida que fez uma... que ficou aborrecido e fez uma declaração dos cardeais, né?!

NA - Aonde isso?

SK - Como assim?

AP - Porque quando ele lançou o projeto de controle da esquistossomose, o Almeida Machado...

NA - Ah! Paulo de Almeida Machado.

AP - Paulo de Almeida Machado. Ele lançou o projeto nos jornais. Quando eu vi o projeto, eu fui procurado pelo Estado de São Paulo para uma entrevista. E eu falei com o Estado de São Paulo que aquilo não tinha, que ele não tinha base pra fazer isso, que ele não devia fazer isso e tal. E pra surpresa minha o jornal não publicou a entrevista. Veio com retrato, uma porção de coisa. Eu tive a sensação de que eu ia dar um apoio grande como eu não dei o apoio, não publicou! Mas eu achei que precisava fazer chegar isso ao ministro. Aí fiz uma carta, pra ele, Ministro da Saúde, e troquei idéias, inclusive, é... com o Katz, com o Coura...

NA - Naftale.

AP - Naftale. E achamos que o Katz era melhor não assinar porque era funcionário. E o Coura não era. Então eu assinei e o Coura, e o Coura assinou também. Escrevemos uma carta ao Ministro da Saúde dizendo que ele – com todo o respeito – ele não tinha base pra fazer uma campanha daquela. Que era, em outras palavras, um absurdo ele lançar uma campanha. E o ministro reagiu violentamente. Não mencionou nome, mas numa declaração disse que os ‘cardeais’ – usou essa expressão – que os cardeais...

NA - De quê?

AP - ...os cardeais acharam ruim. (*risos*) Os cardeais acharam ruim.

NA - Não. Cardeais de quê? Da pesquisa, da ciência...?

AP - Os cardeais! Cardeal é uma pessoa que influencia qualquer coisa... Os cardeais. Então aqui você vai encontrar a crítica a essa coisa do Almeida Machado, eu vou lhe mostrar aqui, numa outra...num outro documento elaborado aqui que é bastante importante também, que ele vai... Quer ver? “Pedido de controle das doenças... Inquérito epidemiológico ...dificuldade de controle, novas técnicas, quadro de vacinação, controle das endemias, é... consideração... situação da leishmaniose...” São dois, são dois documentos aqui que vale a pena ver, viu?! Bom, Relatório do grupo de pesquisadores convidados pela SUCAM para opinar sobre o PECE. Que é o Programa do Almeida Machado. Então aqui está um grupo aqui... todo ligado uma coisa com a outra. Esse relatório nunca foi... “O grupo reconhece que o Ministério da Saúde vem desenvolvendo programa de controle de esquistossomose com entusiasmo, tenacidade e eficiência, julgando importante sua continuação com algumas adequações.” Aí faz aqui a análise toda é... e aí faz uma crítica: “Nas circunstâncias atuais o grupo limita suas recomendações, não estudando...tanto quanto possível o programa deve utilizar... Seria mais conveniente um programa... a avaliação do trabalho de maneira gradual o programa deverá... apesar do grupo só limitar à análise do programa do PECE, não deixaria de mencionar os cuidados, merecer as áreas de introdução...” Bom.

Então está aqui isso. E havia é... nessa época uma... uma... um pouco de distância entre o pessoal do Ministério e a comunidade científica. E ela fez esse programa de esquistossomose.

NA - Ministério da Saúde.

AP - Ministério da Saúde.

LO - Então – só pra esclarecer aqui – o que é que era a proposta do ministro e quais eram as críticas...?

AP - Ministro... ministro... eu não sei como o ministro tinha um grande prestígio com o presidente Geisel. O presidente Geisel foi no IMPA e ele era diretor do IMPA, ficou muito, muito impressionado o presidente, com ele lá, ele foi presidente e o trouxe pra ministro da Saúde. E ele foi lá, procurou fazer as coisas e tal e achou necessário fazer uma campanha importante. E a campanha que ele escolheu foi a esquistossomose. E resolveu, e lançou um programa em grande escala pra controle da esquistossomose. Tratamento em massa da esquistossomose no país todo.

LO - Como ele queria controlar?

AP - Hem?

LO - Ele queria controlar como?

AP - Esquistossomose

LO - Não, mas como?

AP - Só tratando.

LO - Só tratando.

AP - Ele tava fazendo outras coisas, mas basicamente tratando (?).

LO - Sem saneamento.

AP - Hem? Um pouco, mas o grosso era isso. Então ele lançou esse projeto de âmbito nacional pra fazer o controle. Então nessa ocasião, não estava ainda definido aquilo que eu lhe falei do Kloetzel que depois com o Bina nós mostramos que era verdade, que podia realmente... faltava ainda informações nessa ocasião...

NA - A sua crítica era essa?

AP - Era essa uma crítica que ele não podia fazer um programa desses porque nós não sabíamos qual era o... que vantagem, qual era o resultado... – isso tá lá na carta que foi entregue a ele. E é numa carta que entregamos a ele no gabinete, na véspera, pessoalmente eu passei lá e deixei pra entregar ao ministro a carta.

NA - A sua principal crítica era essa?

AP - A crítica era essa.

NA - Que ele não podia... era uma coisa leviana... lançar um projeto...?

AP - Não foi usado esse termo, mas foi usado dizendo que ele não tinha base...

NA - Científica.

AP - ...por sorte acabou valendo a pena porque... controlou a morbidade realmente. Mas na época não tinha...

NA - Foi feito!

AP - Foi feito. Ele lançou a campanha.

NA - E aí? Sem a participação de vocês.

LO - Ele não ouviu os cardeais. (*ri*)

AP - Não, ele falou que não... apesar dos cardeais...

NA - Ele fez.

AP - Então ele fez. Então foi isso que eu disse que quando o presidente Geisel foi lá e que havia, tava no auge disso, que... com o Dion que se ele me perguntasse... e que eu ia dizer que não achei bom. Mas isso é conversa só. Então... então havia essa coisa também. Então nessa altura a comunidade... aí já havia no Ministério o Arcoverde e já com o Fiúza, o ... Então o Fiúza ficou na direção da... Sociedade, pra trazer mais um pouco...

NA - Os sanitaristas.

AP - ...os sanitaristas, porque era a maneira que nós achamos que tinha que dar. O que havia na faculdade... na sessão de Higiene, havia um contato maior, mas na Medicina Tropical era só academia, o Ministério não tava aí! Então nós... e dali pra cá o Ministério realmente começou a entrosar muito o quadro. E hoje temos um entrosamento muito grande. E sempre...

NA - Entre?

AP - Entre a sociedade científica e essas reuniões aqui de chagas, tudo é o Ministério, o Ministério financia isso, o Ministério ajuda, o ministério faz grandes coisas. Bom, é... o ...

NA - Ah, tá procurando não sei o que aí. O que o sr. tá procurando? (*risos*)

AP - Procurando lhe mostrar uma outra coisa...

SK - Eu ia, até em função disso mesmo que o sr. tá falando, Dr. Aluizio, eu ia lhe perguntar, quer dizer, qual era... porque é...a relação, quer dizer, que vocês desse grupo do PIDE que o programa estabelecia com os órgãos do Ministério da Saúde. Porque isso era uma preocupação, né? Se dizia pelo menos no programa de ter uma interface, quer dizer, de ter uma atuação...

AP - A interface... se discutia isso.

SK - Mas isso era efetivo? Quer dizer, vocês tinham um contato, quer dizer, trabalhavam junto com... com representantes de órgãos do Ministério da Saúde: SUCAM, enfim... Como é que era essa relação com o Ministério da Saúde?

AP - Era cada um pra um lado, né? Mas eu procurei o Ministério da Saúde como eu lhe disse...

SK - Não, sim... em casos...

AP - Pra fazer o inquérito, né?

SK - Sim, em casos específicos, né? ... Mas por exemplo, eles não participavam das reuniões da coordenação do programa.

AP - Não.

SK - Só era o grupo coordenador.

AP - Mas não era deles o programa, tinham pessoas coordenando o programa.

SK - Sim, mas por exemplo, pessoalmente eram só os...

AP - Ninguém participava! Era só coordenadores.

SK - ...eram só os...

AP - Não! era só coordenadores. Não vai participar qualquer... Agora, o que acontece...

SK - Mas eles queriam participar?

AP - Não!

SK - Existiu alguma vez alguma demanda?

AP - Não, não tinha área pra isso não!

SK - Dizendo: “Ah, a gente quer participar...”

AP - Não, nem mencionava! Era outra coisa! O programa funcionava de um lado, eles cuidavam da vida deles do outro. Mas eu o procurei em nome do PIDE pra falar com eles sobre o inquérito funcional, então ele aceitou. Fui também no... o programa da vacina contra a leishmaniose do Mayrink, eu fui por

incumbência também do PIDE falar com um general na época, diretor de Saúde, sobre um programa de vacina contra a leishmaniose na Amazônia. Porque os militares pulavam, os paraquedistas, e adquiriam a leishmaniose grande número deles. Que é um projeto de inquérito sorológico, esse novo aí que o Ministério... tá aqui comigo. Então é... eu fui até lá com o Dr. Mayrink, falar com o general pra ver se o general facilitava a ... que o Dr. Mayrink vacinasse a metade dos militares que iam por lá e deixasse a metade sem vacinar. Agora você vê o que é a mentalidade científica, o general não achou... ele falou não: “Ou vocês vacinam todos ou vocês não vacinam nenhum!” “Mas general, não é uma vacina! Isso, se der certo nós vamos chamar de vacina! Mas por hora é uma substância que nós vamos aplicar e pode ser que ela venha a se chamar vacina em decorrência disso.” Ele: “Não! ou vocês vacinam todo mundo ou não vacinam nenhum.” Então não foi feito. (*risos*) Não foi feito. Então você vê...

SK - Isso é um caso...

AP - ...então você vê, havia essa preocupação... você vê que quando o Conselho é... o Mayrink queixou que essa vacina... Então antes de resultar isso, nós fomos com o Mayrink lá pra ver se conseguia aprovar o projeto e não conseguimos isso, esse projeto não foi aprovado, eu não me lembro o que aconteceu.

SK - Esse... esse episódio que o sr. contou, é engraçado, do general não compreender, quer dizer, cientificamente ...

AP - Ele tem os motivos dele, talvez, a crítica...! O sujeito amanhã ia falar que...

SK - Isso me reportou a uma outra coisa, quer dizer, como é que era por exemplo, vocês tinham que negociar, recursos pro PIDE, o sr. falou né? Vocês diretamente negociavam isso com os economistas, as pessoas responsáveis pelos recursos. Parece que era bienal, né? A cada dois anos vocês negociavam. Era fácil? Por exemplo, convencer eles da importância do programa? Vocês tinham que tentar ficar convencendo...

AP - Era! Não... não tinha... O programa era deles, na verdade nós fomos chamados por eles. Pelo...

SK - Sim, eles davam... eles davam...

AP - Não, nós fomos chamados por eles que já estavam com a coisa...

SK - Não, sim. Mas isso se manteve durante um período?

AP - Depois vai mudando! O Baltista saiu, sumiu... O Frota morreu, não sei quem morreu.....

SK - E aí? ...Pois é. E vocês continuaram tendo facilidade pra conseguir os recursos?

AP - Até um certo ponto. No último ele falou que nós não...

SK - Não, não... No último já...

AP - No penúltimo não saiu. Aí nós pedimos permissão ao Reginaldo pra tirar os recursos do Ministério. E tiramos. Então você vê que foi ficando mais... mais complicado.

SK - Mas a princípio, quer dizer, vocês não tinham que ficar tentando convencer...

AP - Não! A princípio ficamos muito satisfeitos com esse relatório... saiu o segundo... saiu um terceiro...

SK - Era um trânsito mais tranquilo, né?

AP - É, não tinha muito... Às vezes atrasava, às vezes eu pedia pra liberar, uma coisa qualquer... Mas nós sempre... eu sempre bati o telefone pra quem eu achava que devia me acompanhar: Brener, Coura... Geralmente era Coura, Brener, Marcelo, dependia da missão, eu chamava um deles, dois, três...

SK - Escalava um time.

AP - É. E ia junto.

SK - A relação então, quer dizer, só pra fechar isso, é... a relação com essas pessoas não eram... não tinha muitos problemas. Era uma relação... não era uma relação de tensão entre eles.

AP - Não, não tinha! Quando encontrava com eles: “Olha, o programa...” “Não, tô vendo! Tá muito bem, tá ótimo!”

SK - Sim, entendi.

AP - E nós fazíamos relatório, eu disse a você que nós...

SK - Não, não, claro, de acompanhamento!

AP - ...fazíamos relatório periodicamente. Esses relatórios estão lá. Cada um fazia um relatório. Tem todos uma pasta cor de rosa, cada relatório, o primeiro relatório... Olha, isso aqui é o novo Inquérito Nacional sobre doença de chagas de âmbito no país todo. *(vira as páginas do texto inquérito)*

NA - 2000, olha aqui!

SK - Ah, é!

NA - Epidemiologia... *(ficam lendo ao mesmo tempo)*

AP - ...Tá sendo... pra repetir o inquérito...

SK - Pra repetir.

AP - ...feito...

NA - O tal inquérito final. Não é isso?

AP - ...o inquérito nacional. Está aqui o projeto todo elaborado no ano 2000, feito eh... 20 e...

NA - 22 anos atrás.

AP - ...tantos anos depois, e agora nós vamos republicar o primeiro que não saiu direito, só saiu o resumo.

SK - Ah, não saiu?!

AP - Não, só saiu um resumo. Só um resumo.

LO - Aqui. Tá aqui.

AP - Esse aí na revista de São Paulo. Resumo só dele, só uma tabela com os estados.

SK - Qual revista?

AP - Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo. Porque depois a publicação foi feita mais pelo Camargo, pelo Guilherme e tal. Então aqui, ó, agora tá todo ele feito aqui... Tá vendo? Que vai agora, esse agora deve ser financiado só pelo Ministério da Saúde. Vou em busca dos recursos: 1.500.000 reais, que vai custar isso aqui. O recurso vem pra cá, pra Uberaba...

LO - E daqui o sr. vai...

AP - Daqui vai feito no país inteiro.

NA - Através de quê? Uma secretaria?

AP - Através da SUCAM, resquício da SUCAM.

NA - O que restou da SUCAM.

AP - ...pra colher que é a mesma máquina ainda que tem condições de colher. O grupo Camargo desta vez não quis fazer. Vai fazer o Luquetti. O Camargo vai supervisionar o ... o controle de qualidade. E vai repetir os positivos. Nós estamos esperando muito pouco positivo, o positivo nós vamos atrás pra confirmar, pra ver se têm transmissão congênita... Então... e o país tá dividido, dessa vez abrange o país inteiro. Inclusive São Paulo que não entrou da primeira vez e o Amazonas onde...

SK - Não entrou São Paulo?

AP - Não. Da primeira vez não. Tá aqui todo o cronograma com o custo, com...

NA - E do Amazonas foi o quê? Porque o sr. não completou. Não entrou o Amazonas por quê...?

AP - Porque o controle de chagas ...

SK - Ah, é, o Coura contou essa história!

AP - Então nós fomos, dessa vez nós vamos... E aqui... um que não teve na primeira, mas vai ter consentimento esclarecido pra ver se deixa fazer a coisa... que hoje é imprescindível.

AP - São Paulo tava fora da primeira vez por quê?

AP - Porque São Paulo não mexia... tinha totalmente... controlou a doença independente, né?

NA - Em que época?

AP - Em que época?! Ah, quando... foi o exemplo de São Paulo que seguiu pro resto da vida. Foi porque São Paulo controlou que a gente começou a insistir pro Brasil...

SK - Quando é que foi isso, Dr. Aluízio?

AP - O São Paulo acabou o controle da malária. Quando São Paulo acabou o controle da malária, ele ficou com uma mão de obra ociosa muito grande e qualificada. “O que vamos fazer com esses guardas sanitários?” Em vez de demitir, resolveu aplicá-los no controle da doença de chagas, o que já havia experiência de Água Comprida, aquela história... retomou – olha a importância- retomou aquilo! E pra surpresa deles, acabaram com a transmissão da doença de chagas em São Paulo. E...

SK - É Casca dos Coqueiros? É isso? Não.

AP - Não! O estado inteiro!

NA - Estado inteiro.

SK - Não, sim. Mas tem a experiência de Casca dos Coqueiros tem a ver com isso ou...

AP - Não! Experiência de Casca dos Coqueiros. Não! A experiência que havia é que tinha dado bom resultado aqui nesse quadrilátero. Aí eles fizeram isso no estado todo. Quando se pensou no controle nacional, tinha-se em mente o bom resultado de São Paulo!

NA - Tinha sido no final... no final dos anos 50. Na virada de 50 pra 60?

AP - Não. 70 e...

SK - Já era 70.

AP - ...5.

NA - Já era 75?

SK - Foi a erradicação de...

AP - Em 75 ele acabou com a erradicação do inseto. E aí então começou-se... já saiu o resultado do inquérito e se pressionou para a ... fazer o nacional. Bom, aqui agora, está aqui o previsto examinar 150.000 crianças. Este está muito bem elaborado esse inquérito! Com tratamento estatístico... pra examinar pessoas, crianças de pouca idade...

NA - Não, só crianças não, crianças e adultos!

AP - ...crianças... Não! esse aqui não. Nós só queremos saber quem nasceu depois...

NA - Ah, só criança?!

AP - É.

LO - Que nasceu depois do inquérito.

AP - Depois do inquérito. Vai ser muito bonito isso daqui. E com isso nós vamos saber se realmente nós controlamos e onde é que não controlou...

SK - Como é que é a sua avaliação da situação do controle da doença de chagas atualmente no Brasil, Dr. Aluízio?

AP - Ah, o inseto... não podemos acabar com ele, realmente.

SK - A perspectiva de erradicação do inseto...

AP - É. Porque o inseto só existe dentro de casa. Então nós é... colocamos o inseticida dentro de casa e acabamos com ele. Então nós temos a possibilidade de erradicar a doença de chagas onde tem o transmissor. Mas tem outros transmissores que vivem fora e qual é a situação em relação a eles? Como é que está a doença de chagas em relação a eles? Então nós vamos fazer no Brasil inteiro pra exatamente ver como ficou e como orientar o que fazer daqui pra diante.

SK - O sr. concorda com a ... fez uma declaração, eu acho que foi o Dr. Moncayo, que até gerou uma polêmica que ele disse que a doença de chagas é uma doença que tem os dias contados. Que algumas pessoas disseram: “Não, é perigoso colocar a coisa assim...”

AP - Não, eu acho que... eu acho que...

SK - ...porque isso pode...” O que é que o sr. acha disso?

AP - ...a transmissão pelo vetor, pelo infestans, realmente essa nós podemos... obter êxito grande. Esse é um programa hoje que está muito...

SK - Mas que não se pode já contar muita...

AP - Mas nesse tempo, já a doença de chagas perdeu a importância dela, grande parte. É uma das preocupações que a gente tá tendo que é porque ela perdeu a importância e não há mais motivo... Se já era uma doença que aparecia lá não sei aonde, agora não tendo o caso agudo pra estimular, o governo começa a cuidar do dengue, da Aids, etc e larga isso de lado e isso pode retomar em outras áreas como o Amazonas. É isso que nós estamos fazendo. Muito bem...

LO - Dr. Aluízio... vamos entrar na reta final...

NA - Isso aqui tem mais quem envolvido? Essa faculdade do Triângulo Mineiro é responsável, quem mais?

AP - Ah, essa pergunta...

NA - Isso é um grupo que tá apresentando...?

AP - É um grupo que tá apresentando...

NA - Mas de onde? Daqui?

AP - Um grupo é...

NA - Eu tô vendo uns *e-mails* aqui na frente...

AP - Hem?

NA - Tô vendo uns *e-mails* aqui... É o sr. quem tá propondo e quem mais?

AP - Aqui é o ... Antônio Carlos da Silveira, que participou e que juntamente com o Vinhais que é o ...

SK - Márcio Vinhais, né?

AP - Márcio Vinhais, que é o controlador da doença de chagas hoje, o Fabiano que é uma pessoa de muito interesse, de muita vontade lá de fazer as coisas... o João Carlos também participará disso, o Luquetti, entendeu? Tá aqui a estrutura organizacional, como foi feito – tá vendo? – com o Afonso Dinízio... todo mundo. Assessoria técnica... Então, o Euclides Denver... É junto com o Ministério, então, isso é uma... uma coisa importante, né?

NA - Foi aprovado pelo Ministério.

AP - Não. o Ministério... foi feito uma primeira, o Ministério fez críticas, aí com a ajuda do Ministério nós constituímos, pagamos um esteticista, um sujeito que...

NA - Amostra...

AP - Um sujeito que controla amostra... com o auxílio dele... (*interrupção da fita*)

Fita 9 - Lado B

AP - ...porque é o seguinte: o receio disso é porque isso é um projeto de dois anos, se você é... transferir, colocar o dinheiro na Fundação que tem aqui que uma Fundação ágil, que é pública, mas que é maleável, e se houver uma mudança no Ministério ou qualquer coisa, não influi, já tá feito aqui.

NA - Claro. Claro. Vamos seguir em frente?

AP - Vamos. Isso é um exemplo pra mostrar que têm uma seqüência as coisas que estão sendo feitas.

NA - Não, é verdade! Tá ótimo isso aí! Eu tô achando que na verdade o sr. tem uma grande experiência do que faz.

AP - Tem gente que... o país é isso. Aí fica esperando o governo. Não tem nada o governo! O governo não sabe disso! Eu vou esperar o governo fazer, isso é obrigação minha, uai! É obrigação sua, obrigação sua estar fazendo isso! Não é o governo que vai fazer isso aí! É o governo que vai isso? O governo sabe a importância que você tá tomando, fazendo a memória, guardando...? Ele nem... se você levar mastigadinho pra ele, ele sabe o que é, mas ele não vai cuidar disso! Então se cada pessoa fica achando que é o governo e não faz o que lhe compete, isso...

NA - Essa proposta é sua?

AP - Qual proposta?

NA - Essa! Do inquérito!

AP - De muita gente, né? Tem muita gente que tá interessada.

NA - Tem muita gente que acha que deve ser feito isso logo.

AP - É.

NA - Em função de quê?

AP - Em função de é... primeiro: não deixar o governo parar com essa campanha...

NA - Isso que a Simone tava falando.

AP - Segundo: você...

NA - Uma questão política.

AP - ... poder argumentar porque amanhã diz: “Não, já acabou seu trabalho!” Não é bem verdade! Olha aqui, ó! Não é bem verdade... Você tem... ainda tá... o ... tá aparecendo, na área do *Triatoma brasiliensis* não foi da mesma maneira, não é? Precisa reorientar!

NA - Junto com isso... é... PIDE, tem um assunto que ainda não se falou aqui que eu acho bom falar, a gente sabe por exemplo: o sr. saiu da OMB pra o Triângulo Mineiro, que é em Uberaba, é a reunião que vocês montaram. O sr. organizou essa reunião...

AP - Qual?

NA - De chagas! A reunião...

AP - É. A reunião foi sendo feita aqui. Começou pra fazer em Araxá. Araxá era um lugar melhor porque tinha estância...

NA - Essa reunião é posterior a Caxambu?

AP - É. Posterior a Caxambu. Essa reunião deve estar na 10ª ...

SK - Acho que é 84... senão me engano...

LO - Essa reunião de chagas...

NA - Ele é o máximo!

AP - Catorze!

NA - Há catorze anos.

SK - 86...

AP - Pois é. Por quê? Porque a reunião de Caxambu, ela cuida muito da básica! E a reunião de Caxambu foi um achado pra protozoologia, foi um achado pra parasitologia... revigorou! Então eles começaram a ir pra lá e a reunião de Caxambu ficou uma reunião que tem várias outras entidades participando. E a parte de participação que é muito importante, ela acabou não sendo muito cogitada em Caxambu. Então havia a necessidade de pegar esse grupo que cuida do controle, da clínica... pra fazer uma reunião à parte.

LO - Isso... isso...

AP - Hem?

LO - ...isso não tem uma tensão aí também? Porque de repente, lá pelo começo do PIDE isso era mais coeso, mais acomodado, de repente ficou mais tenso na situação...

AP - Não, não... Porque já começou com o PIDE isso aí.

LO - Não, eu sei! Mas a separação significou que...

AP - Não, não é a separação! Porque na verdade começa... começa... ficou uma reunião muito grande. Nós vamos lá. Provavelmente eu vou lá em Caxambu esse ano, falar sobre a bibliografia sobre Chagas...

NA - Mas tem espaço... pro sr. falar da questão da clínica e do controle?

AP - Tem. Um pouco. Tem uma bibliografia de Chagas...

NA - Mais ou menos. Mais ou menos.

AP - Tem pouco espaço. Tem pouco espaço. Porque não tem muita gente interessada. Então há no início uma conferência geralmente de um clínico, de uma pessoa, que dá uma idéia para a pessoa que faz imunologia, pessoa que não é da área... Então há um interesse assim se saber como é que vai o negócio. Mas não há o interesse em você mexer muito com o controle, saber o porquê que o infestans tá acontecendo... o marinheiro... Foge um pouco das coisas...

SK - Inclusive deve ter muita gente ali que não... não, quer dizer, não trabalha com a doença...

NA - Nem nunca viu um doente. Nem nunca viu um doente.

AP - Exatamente! Porque a reunião é chamada 'Básica', pesquisa básica.

SK - É. Conhece muito bem o bicho, né, o ... mas não sabe nada da doença.

AP - Isso, porque aquilo é básico! Então ele não vai interessar de ver como é que vai o eletrocardiograma...

SK - Não sabe nem o que é. É.

AP - Ele vai tumultuar. Então começou-se a fazer essa prática que é contrário! Que geralmente vem uma pessoa... que dá um idéia de como é que está a biologia molecular... pra explicar a taxonomia do barbeiro, não sei o quê... que é interessante você tomar conhecimento, mas não é o ... Agora o resto você vai pegar no chifre do boi ali pra ver como é que está o controle, como é que está... Viu?

LO - Essa expressão que o sr. usou agora é boa. O sr. acha que tem pouca ou muita gente pegando no chifre do boi hoje? Em relação às doenças.

AP - Olha, em doença de chagas tem muita gente. Não, tem muita gente. Tem muita gente que você vai vendo uma quantidade... Eu vejo tudo isso aqui...

NA - Na área clínica.

AP - ...a quantidade de trabalho...

NA - No controle.

AP - ...que chega de pessoas que eu não conheço! Trabalhos bem feitos, gente bem orientada... Olha, tá aumentando uma quantidade imensa de pessoas interessadas! Agora, tem setores que estão pouco privilegiados, como nós já falamos aqui: entomologia, taxonomia... bacteriologia não tem quase ninguém fazendo no país, não é? Chagas tá... tá ficando... precisa mais gente pra mexer com isso... Não é verdade? ...

SK - O que é que é isso, Dr. Aluizio?

AP - Essa é a Bibliografia Brasileira Atualizada.

SK - Ah, aquele trabalho!?

NA - Não diga! Onde é que compra isso?

AP - Eu lhe darei ela depois...

SK - O sr. já lançou isso, Dr. Aluísio?

AP - Eu já fiz o seguinte: eu estou montando também em livro...

SK - Ele está mostrando aqui um *CD rom*, né, com a *Bibliografia Brasileira da Doença de Chagas* atualizada, que ele publicou nos anos 80...

AP - É. ... Atualizada até agora. 17... Ali tinha 5 mil, agora tem 17 mil...

NA - Mas me diga, o sr. já lançou... o que é que o sr. fez?

AP - Foi feito, foi apresentado isso rapidamente assim numa reunião, né? Mas ela ainda não pôde ser distribuída porque eu não, não ficou pronta ainda a impressão em livro. Então vão sair três livros sobre isso.

SK - Três volumes?

AP - Três volumes. Vai sair um volume só de apresentação em congressos, vai sair um volume sobre os trabalhos e vai sair um volume...

SK - Nossa! Mas que trabalho gigantesco, isso!

AP - É.

NA - Agora, publicado por quem?

AP - Por aqui mesmo!

NA - O sr. tá fazendo isso?

AP - Perfeito.

SK - Nossa, mas que trabalho enorme!

AP - Com essas moças que vocês tão vendo aí. Mas eu não faço nada, eu só fico... (*risos*)

SK - Meu Deus do céu! (*risos*)

NA - Como que o senhor não faz nada. (*risos*)

AP - Você dá aula dá aula? Eu digo: “eu dou.” Eu tenho que falar o que eu tô fazendo, né? Você dá aula na graduação? Eu digo: “muito pouco.” ... Fico fazendo essas coisas. (*risos*)

SK - Mas é um trabalho de fôlego isso aqui!

NA - Gente, mas que maravilha!

AP - Tá pronta. Tá pronta.

LO - Só a biblioteca?

AP - Agora eu tô acabando... Bom, isso aqui é o índice que eu ainda tô acabando de fazer. Todo dia... já colocou tudo aqui nos índices. Cada trabalho desses, como é que ele vai entrar. Índice triatomíneo... Então eu já pedi a ela... Agora, eu estou pegando trabalho por trabalho e completando. Porque nem sempre o índice é assim. Tá vendo? (*mostrando o índice*) Só tá dependendo desse restinho aqui pra eu fazer... Mas é só um volume impresso. Um volume impresso. E vai sair o Carlos Chagas na capa... Leva pra vocês.

NA - Muito bom. Eu vou dar pra a biblioteca nossa!

AP - Não, mas espera sair o volume todo. Pode levar se quiser.

NA - Eu vou... Não, eu vou pedir a nossa bibliotecária...

AP - Mas é porque vai uma porção de gente começar a pedir isso!

SK - Não, a gente... a gente fica (*ri*)... Ele está dando pra gente. (*riso e vozes de todos*)

LO - Vamos garantir o nosso, gente! Pelo amor de Deus! (*risos*)

SK - A gente deixa na Biblioteca.

AP - ...então eu farei isso depois, porque eu vou distribuir com os livros. São três livros grandes...

NA - Isso vai lá pra biblioteca da gente.

SK - Não, mas aí já vai...

AP - Pois é. Mas vai sair um livro e os livros são grandes, viu? São três volumes grandes...

NA - É. Não precisa uma pessoa ter isso. Uma biblioteca pode ter isso.

AP - ...17 mil...

SK - Isso aqui vai ficar pra consulta na...

NA - Fica na biblioteca pra consulta.

AP - E tem os livros também pra consulta.

SK - Ah, sim! Depois a gente incorpora os livros.

AP - É a mesma coisa! Tem nos livros...

SK - É bom ter as duas formas, né, se a pessoa quiser...

AP - É. Eles se ...

SK - É. A gente por enquanto fica quietinho.

AP - Porque a pessoa começa a pedir e eu não tenho ainda pra... Mas eu já tenho aqui. Eu tenho aqui 2 mil e tantas dessas.

NA - O sr. não sabe que sacrifício foi a gente encontrar, a gente conseguir aquilo ali.

AP - Qual?

NA - O primeiro!

SK - Pois é! A Coletânea de Trabalhos do Chagas a gente conseguiu só em Brasília isso.

AP - Qual?

NA - É muito difícil!

SK - A Coletânea de Trabalhos Científicos do Carlos Chagas.

NA - A gente penou até conseguir!

SK - A gente tem. Não, muito obrigada! A gente tem a gente conseguiu!

AP - Não quer levar a outra?

SK - Não sei. Quer levar outro exemplar para a biblioteca?

NA - Eu quero.

SK - Muito obrigada. Isso é muito usado, Dr. Aluizio.

NA - Isso é muito usado mesmo!

SK - A gente tentou conseguir no Rio de Janeiro e não...

AP - E essa é a primeira, né?

SK - Eu não sei se o sr. se lembra... se lembra daquele simpósio do Hotel Glória, que a gente se conheceu, a gente fez o lançamento da biblioteca virtual Carlos Chagas, que a gente usou muito o seu trabalho.

Dessa coletânea inclusive, todos os trabalhos que estão aqui, eles estão disponíveis na Internet agora para as pessoas. E a gente fez agora a produção intelectual...

AP - Quais os trabalhos?

SK - Todos que estão aqui. A gente fez o seguinte:...

AP - Quais os trabalhos de Chagas? (*pausa na gravação*)

NA - Vamos. ... Alô, alô! Tá. Tá falando. Pode contar, Dr. Aluizio. É... bom, a reunião foi criada em 1986 como a gente tava vendo, né, em Uberaba. Ela existe até hoje. É anual. E tem um esquema lá de Caxambu que é que apresentação de do trabalho...

AP - É parecida com aquela de Caxambu.

NA - É daquele esquema.

AP - Daquele jeito. Geralmente a gente faz pra não coincidir. Pra... um pouquinho antes de Caxambu, pra as pessoas saírem daqui e ir pra lá.

NA - Claro! Doenças que tiver interesse.

AP - Nunca deixamos de montar. Estamos esperando marcar, aí a gente marca aqui. E eu...

NA - O sr. tem anais dela e tal. A gente tem isso.

AP - Tem. Todos.

NA - Eu já vi.

AP - Já viu isso tudo? Todo ano tem os anais.

NA - Eu vi na Fiocruz a ... uma parte dos anais.

AP - Todo ano tem os anais.

NA - Agora, isso que eu queria voltar, uma coisa que a gente tava falando ontem, na verdade era o seguinte: que é... a sua estada na OMB, o sr. começou a contar... Vamos voltar um pouco à sua trajetória, não é? Profissional. O sr. tava falando da OMB, que o sr. foi convidado pra ir pra OMB e da OMB o sr. veio pra Uberaba. Não é isso? Eu queria falar um pouco sobre essa passagem...

AP - De lá pra cá?

NA - É. Para a gente chegar...

AP - Acontece o seguinte: em 87...

NA - O que é que o sr. tá fazendo hoje... pra gente finalizar.

AP - ...em 87, aqui em Uberaba, resolveu fazer uma pós-graduação em patologia e o grupo da pós-graduação, que já tinha sido beneficiado com auxílio do PIDE, que instalou aqui o programa de é... esse auxílio institucional, resolveu fazer essa pós-graduação. E é... realmente me fizeram um convite pra que eu viesse ajudar a montar essa pós-graduação de patologia aqui. E eu é... vim pra cá, nessa ocasião e procurei trazer pessoas e é... instalei aqui um serviço de doenças parasitárias e infecciosas. E trouxe pessoas que eu já havia formado em outro lugar pra criar aqui um Núcleo de Medicina Tropical. E aqui nós aqui... começamos aqui a disciplina... começamos pesquisa de campo, algumas daqui... iniciamos outra, havia conversa de manhã... Tem um grupo aqui hoje de medicina tropical. Que agora nós estamos evoluindo um pouco pra transformar num Centro de Medicina Tropical. Centro de Medicina Tropical. Que nós devemos ou construir um novo prédio ou usar esse aqui. Até agora nós começamos o mestrado e o doutorado em medicina tropical, estamos fazendo aqui...

NA - Uma área de concentração...

AP - Concentração em clínica, em imunologia e parasitologia aplicada.

NA - O centro teria que... que diferença...

AP - O centro, a idéia é...

NA - ...o que é que é a idéia?

AP - Pois é. A idéia é nós pedimos uma assessoria a ... ao OPAS e eles nos aconselharam a que nós nos dedicássemos um pouco a essa parte de ecologia... não fazer, repetir uma medicina tropical que já tem tantos bons, como já tem lá em Manguinhos é...

NA - É uma novidade. É uma novidade.

AP - Brasília... É. Que fazia uma ... uma medicina tropical, mas envolvida um pouco com essa parte ecológica. Enfim, começar a fazer um pouco aqui, vamos dizer, como se fosse uma saúde pública com... envolvendo controle de vetores, etc. Então tá em estudo aqui como seria, como seria a vocação desse Centro. Nós vamos fazer isso. Então nós devemos aumentar aqui um pouco a ... a medicina tropical aqui. Inclusive esse inquérito tá vindo pra cá...

NA - O quê?

AP - Esse inquérito nacional, deve fazer por aqui...

NA - Ham. Por aqui.

AP - Por aqui. Então nós estamos procurando fazer é... realmente um núcleo aqui mais ativo sobre medicina tropical.

NA - Agora a gente já vai voltar. Vamos lá olhar. Depois a gente volta aqui, que eu quero terminar esse assunto. *(pausa na gravação)* ... Pra gente tentar encerrar é... eu só queria que o sr. falasse um pouquinho,

o sr. pegou a reta da... da transição de...UNB pra Uberaba. E já falou que veio pra cá e que veio fazer e tal, tal. é... mas eu queria saber o seguinte: por que é que o sr. decidiu sair da UNB? Quer dizer, essa já era sua 3ª ... era a 3ª vez na sua vida que o sr. montava, né, tudo de novo.

AP - Eu lhe dei isso porque pela sua pergunta...

NA - Está aqui escrito, né?

AP - ...dessa saída de um lugar pra outro.

NA - Mas eu queria... eu queria gravar isso aqui.

AP - Olha, quando vai ficando num lugar, você vai... vai entrando uma rotina, vai...

NA - O sr. é inquieto, né?

AP - Eu não sou tão inquieto assim não. Eu pareço inquieto?! Não.

AP - Não, não! Pelo que parece é, mas o sr....

AP - Então... Mas também no fundo, no fundo, eu desejo ir voltando feito um elefante pra onde eu nasci, né? Então foi isso. Eu fui voltando de Salvador, Brasília, depois de Brasília pra cá. Então foi uma volta um pouco, já que aqui tem condições pra trabalhar, tem uma faculdade, eu voltar aqui onde eu vivia, é mais fácil você envelhecer num lugar desses, você ficar no meio dos seus... no ambiente onde você nasceu... onde morreram seus pais, onde todos viveram... Você pode dar um giro grande desses... Eu sei que eu não tenho muita coisa a fazer mais, as coisas que eu conseguir fazer ainda... também vou no Brasil. Tanto faz estar num lugar, você tem condições de trabalhar em qualquer lugar. Eu não podia ficar aqui tempos atrás porque não tinha condições. Mas hoje tem condições de qualquer lugar que fique, com vocês aqui conversando comigo, controlando...

NA - É verdade. Agora, me diz uma coisa que eu tô curiosa. Quer dizer, a gente tá falando aqui da sua trajetória profissional, das... e não só da sua, mas também de disciplina diária de conhecimento do Brasil, né, de tradições de pesquisa... E lembra, falávamos hoje na hora do almoço dos sanitaristas é... que durante esse século tentaram construir um sistema estatal de controle das doenças, né, infecciosas no país e tal... E me parece... o sr. aqui, qual a sua avaliação, que o sr. faz, é... o que é que o sr. conseguiu hoje aqui, no Triângulo Mineiro, na faculdade? Há seguidores seus? Pessoas preocupadas com é... essas questões suas do controle das doenças...essa questão, tem isso?

AP - O problema... problema da gente falar assim...

NA - Os jovens hoje se interessam...?

AP - ...fica muito preocupado, fica falando muita coisa a seu respeito, né? Mas eu acrescento...

NA - Muitos jovens se interessam...?

AP - Tenho. Eu tenho pessoas aqui muito selecionadas e com muita capacidade.

NA - Jovens que se interessaram por esse assunto.

AP - Tenho.

NA - Quer dizer, que vão seguir o seu trabalho. É isso?

AP - Eu espero que sim. Eu espero que tenha um bom... E eu tenho... eu tenho a sensação de que a escola...eu ajudei um pouco a mudar um pouco a escola. Era uma escola um pouco assistencialista. E eu tenho a impressão que ajudei a mostrar um pouco que...que tem outro aspecto também dentro da profissão que é tão importante como cuidar do doente, esse da parte científica, da parte da pesquisa... E essa parte, pode ser presunção, mas eu tenho a impressão que nessa época que eu vim pra cá, revitalizou um pouco isso aqui. Pode ser que seja só presunção ou que seja uma coisa que ia acontecer de qualquer maneira. Mas pelo menos eu estou participando de uma... de uma etapa como essa.

NA - Eu tô fazendo essa pergunta até porque a gente fez uma entrevista com o Dr. Brener, há alguns anos atrás, e uma das coisas que ele me dizia é que ele tinha que de vez em quando fazer lá em Caxambu, umas reuniões, umas conferências, inclusive uma nós assistimos é... de contar um pouco da história, né, e falar da história da doença de chagas, falar da clínica, falar dos doentes... biólogos moleculares que trabalham com tripanossomo nunca viram um doente, né, segundo ele. Então não sabe nem o que é um doente, o que é esse contato. E ele dizia que se preocupava com o futuro da... de certos temas e de certos assuntos de chagas, né? que é o trabalho dele. Especificamente mais em chagas. É por isso que eu tô fazendo essa pergunta, quer dizer, qual é o futuro é... do trabalho é... dessas preocupações que vocês têm e que vocês articulam muito bem que é todas as questões relacionadas à ciência básica, à ciência aplicada, mas é ciência, é pesquisa e o tema da saúde pública, não é? Quer dizer, na verdade quando o sr. contou hoje aqui, amplamente, pra gente essa fase, o PIDE o que é que é? O PIDE é a organização política dessa comunidade pra pleitear junto ao governo verbas pra continuar pesquisas, fazer pesquisas no Brasil. Ter conhecimento, autóctone produzido aqui, né? Quer dizer, qual é o futuro desta articulação entre a pesquisa e o tema da saúde pública no Brasil?

AP - Eu acho importante ter uma comunidade científica forte. Porque a comunidade científica forte, ela ajuda a pensar. É... ela ajuda a tomar as decisões. No Brasil hoje, é muito difícil uma tomada de decisão em alguma coisa, por exemplo, sobre doença de chagas, que você não leve em conta a comunidade científica. Porque criou uma idéia de que ela pode assessorar. Não acho que ela deve estar intervindo e querendo fazer o que o governo..., mas ela tomou um espaço. Ela assessora, ela ajuda a pensar, ela ajuda a encaminhar as coisas. E eu acho que a comunidade científica tem essa importância. E o Brasil amadureceu bastante. Nós vemos hoje que o Ministério com frequência reúne pessoas, qualquer assunto tem um grupo lá sempre conversando. É a política certa! Esse pessoal tá aqui! Então não é empregado do Ministério, não ... não gasta com ele. Ele pode selecionar um uma vez, chama outro de outra vez... quem ele acha que tá mais em condições de servir. E a pessoa deve concorrer, deve ajudar, deve comparecer pra ajudar que seja feita a coisa da melhor maneira possível. Eu acho que a comunidade é muito importante. A comunidade é... os trabalhos das instituições, os trabalhos através das revistas, através da sociedade, através da universidade, tem uma... pra aquela hora que vai tomar uma decisão que não seja correta, vá lá e se manifesta! Não politicamente contra A ou B. Cada um tem lá a sua atividade. Mas eu acho que essas decisões não devem depender de política, não deve aproveitar isso pra tirar uma casquinha! Eu acho que não. É científico aquilo, né?! Uma hora é um partido, outra hora é outro partido, eu acho que você deve atuar fora desse... desse âmbito. Eu acho que não deve vincular

isso a partido político que tem outra esfera de ação, que tem outra finalidade extremamente importante também! Mas a pessoa tem essa outra finalidade. Eu acho que ele deve continuar atuando. E além disso, apesar dessas coisas todas que você faz, é uma satisfação muito grande você fazer uma coisa que você gosta e que você sempre fez. Ali no Mourisco no Rio de Janeiro, tinha ali aquele... – lembra dele? – “Sou útil ainda brincando!” (*risos*) Lembra dele?

NA - É, é!

AP - Ela sabe o que é. Um menininho, uma estatuazinha...

NA - Manequinho!

AP - Manequinho, que tem lá em Bruxelas, né? Veio de lá. Tem lá em Bruxelas. Então...

NA - Roubaram aquele ali. O sr. sabe, né?

AP - Não sei não.

NA - Roubaram ele, imagina!

AP - Então eu acho que você faz e... e faz uma coisa dessa, você pode aplicar a sua vida muito bem numa coisa dessa que você gosta de fazer também, né? Porque essas coisas que eu conversei todas consigo, tenho imensa satisfação de fazer isso! Nada que eu falei aqui hoje, nada disso pra mim é cansativo, nem nada! Eu gosto de fazer isso, acho bom! Fazer isso. Então eu acho que eh... foi numa época em que o que eu já tinha que fazer eu já fiz, agora ajudar os outros e procurar completar ainda uma ou outra coisa que puder.

SK - (*rindo*) Completar uma ou outra coisa, fazendo esse trabalho enorme que o sr. está fazendo de atualização da bibliografia entre outras coisas!

AP - Espero que a gente volte a conversar mais um pouco, eu até vou até dizer pra você outra vez que quiser vir cá conversar é um prazer muito grande.

NA - Certamente.

AP - Vamos ver como é que a gente articula a viagem lá em Bambuí...

NA - Ah, é! É... Não! Ah, é! Vamos lá Bambuí... se o sr. aceitar três historiadores lá em Bambuí...

AP - Não, vamos ver... vamos ver... Completa aí alguma coisa de vocês. Deixa eu ver a organização do curso, aí eu entro em contato.

SK - A gente se comunica.

NA - Agora, eu preciso que uma pessoa que faça uma coisa pra gente que é o seguinte:...

AP - Vamos. Sem saber o que é...

NA - É o seguinte: desliga aí Simone. (*pausa na gravação*) Pode falar.

AP - Eu... eu... terminando aqui, queria dizer que eu dôo à Fundação Oswaldo Cruz, qualquer direito autoral ou qualquer...

NA - Sobre essa entrevista...

AP - ... sobre essa entrevista que eu...

SK - Para fins de pesquisa...

AP - ...para fins de pesquisa e para fins culturais.

NA - É isso. Muito obrigada, Dr. Aluizio. Nós temos que agradecer muito a sua entrevista...

AP - Se quiser fazer depois...